

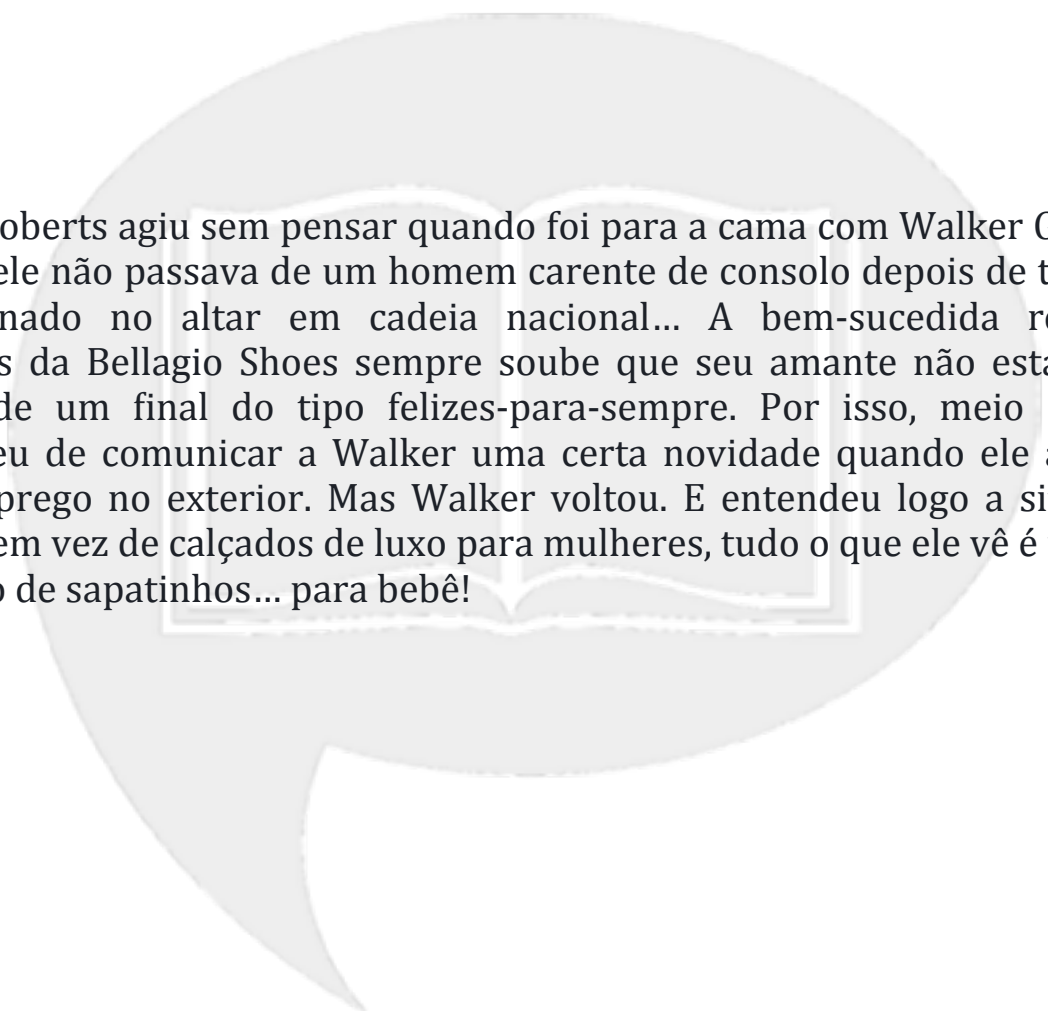
A full-page background image showing a woman's legs from the knees down, wearing black high-heeled sandals. Two small pink socks are hanging from the straps of the sandals. The background is a soft gradient of pink and white, with numerous red rose petals falling around the legs.

PAR PERFEITO

Leanne Banks

Autora Bestseller
do *USA TODAY*





Trina Roberts agiu sem pensar quando foi para a cama com Walker Gordon. Afinal, ele não passava de um homem carente de consolo depois de ter sido abandonado no altar em cadeia nacional... A bem-sucedida relações públicas da Bellagio Shoes sempre soube que seu amante não estava em busca de um final do tipo felizes-para-sempre. Por isso, meio que se esqueceu de comunicar a Walker uma certa novidade quando ele aceitou um emprego no exterior. Mas Walker voltou. E entendeu logo a situação. Agora, em vez de calçados de luxo para mulheres, tudo o que ele vê é um par perfeito de sapatinhos... para bebê!

Querida leitora,

Algumas das coisas mais prazerosas são pura perdição: sexo, sundae com bastante calda, cachorrinhos e bebês. E certas perdições nem sempre são planejadas.

Você já esteve em uma situação na qual acreditou ter tudo sob controle?

Em geral, nesses casos, fala algo ingênuo usando as palavras “nunca” e “sempre”. Até que uma situação completamente caótica acontece e vira sua vida de cabeça para baixo. Depois de algum tempo, você percebe que seus planos não eram assim tão bons... E aprende que coragem não se aplica apenas às batalhas físicas. É preciso ser muito corajoso para encarar os erros, sentir medo e, ainda assim, não desistir do sucesso.

Espero que goste das confusões divertidas, sensuais e apaixonantes de *Par perfeito!*

**Aproveite,
Leanne**

CAPÍTULO 1

Se decidir caminhar pela vereda dos prazeres, certifique-se de estar calçando um belo par de sapatos.

ERA TARDE quando ela se sentou no banco do bar. Ainda deslumbrante em seu vestido smoking sexy, Trina Roberts atraiu a atenção imediata do balconista.

– Noite excitante, certo? – perguntou ele. – O que posso lhe servir?

“Excitante” não era o termo adequado para definir aquela noite. Até mesmo “catastrófica” ou “explosiva” seriam eufemismos.

– Um *mojito*, por favor.

– É para já – respondeu o balconista.

Enquanto aguardava a bebida, Trina inspirou fundo e olhou ao redor. A clientela havia escasseado. Deteve-se em um homem sentado na outra extremidade do balcão, com a cabeça inclinada sobre um copo bojudado com um líquido de cor âmbar.

O nó da gravata do smoking estava desatado e os primeiros botões da camisa abertos. Trina conhecia aquele perfil. A mandíbula bem-marcada, o nariz reto e o cabelo escuro sempre impecável, que agora lhe caía sobre a testa, desgrenhado.

Walker Gordon.

Trina experimentou um aperto no coração. Aquele homem parecia arrasado, desolado, destruído. Não podia culpá-lo. Afinal, havia acabado de ser abandonado no altar por Brooke Tarantino, a bisneta do fundador da

Bellagio Shoes. E como se isso não bastasse, aquele fiasco havia sido televisionado para milhões de espectadores.

A presença de Trina no casamento se devia ao fato de ela trabalhar no Departamento de Relações Públicas da Bellagio. Na verdade, havia trabalhado com Walker, o dono de uma empresa de publicidade que a Bellagio contratara alguns anos atrás. Desde o início, Trina apreciara a combinação de raciocínio rápido e senso de humor do empresário. E o fato de ele possuir um corpo espetacular e olhar sexy servia apenas para torná-lo ainda mais agradável.

O balconista retornou com a bebida e ela pagou a conta, antes de tomar um gole do *mojito*, tentando não olhar na direção de Walker. Mas os olhos insistiam em se voltar, inexoráveis, ao noivo abandonado. Trina nunca o vira deixar transparecer sequer um resquício de insegurança. Aquele homem exalava autoconfiança e, embora nunca tivesse entendido o relacionamento dele com Brooke Tarantino, certa vez Walker deixara escapar parte do que o atraía na noiva. Brooke era demasiado egocêntrica para algum dia desejar ter filhos, o que lhe era conveniente, porque também não queria ser pai. Segundo ele lhe confessara, a paternidade seria a rota certa para o fracasso. Chegara até mesmo a fazer uma daquelas brincadeiras, que no fundo revelam verdades, dizendo que era produto de uma longa linhagem de péssimos pais e não desejava perpetuar aquela espécie.

Os ombros largos de Walker se encontravam curvados para a frente. Ele se recostou contra o balcão, com o olhar perdido.

A raiva veio se juntar à compaixão no coração de Trina. Por que Brooke fizera aquilo? Ainda mais daquela forma. Com um suspiro, pegou o *mojito* e foi se sentar ao lado dele.

Os olhos de Walker pousaram nela, antes de se fecharem, mas ele anuiu com um gesto de reconhecimento.

– Sinto muito – Trina disse. – Não queria estar no seu lugar.

Os lábios sensuais se curvaram de leve, enquanto ele descerrava as pálpebras e tomava um gole da bebida.

– Posso entender.

– Vi um repórter abordá-lo. Mais alguém conseguiu...

– Não fui rápido o suficiente. Mais dois me alcançaram, antes de eu deixar a igreja.

As feições de Trina se contraíram em uma expressão desgostosa.

– Sinto muito.

– Podemos mudar de assunto?

Trina anuiu, invadida por outra onda de compaixão...

– Claro – disse ela, vasculhando a mente à procura de um tema neutro, enquanto tomava vários goles até consumir todo o *mojito*.

– Qual seu programa de TV favorito?

– *Jeopardy* – respondeu ele, antes de tomar outro gole. – E o seu?

– *Wheel of Fortune*.

– Vejo que prefere o universo vocabular – Walker disse.

– E você, o factual – retrucou ela.

– Sem sombra de dúvida.

Um silêncio incômodo se seguiu e Trina se apressou em quebrá-lo.

– Havia outro programa muito interessante, mas eu só assistia às reprises. *Name That Tune*.

– Oh, sim. Acho que o assisti algumas vezes, quando ficava doente e não podia ir à escola. – Walker esvaziou o conteúdo do copo e ergueu dois dedos, indicando ao balconista que desejava mais um par de drinques. – Que tipo de música prefere?

– Um pouco de cada estilo. Naquela época, eu gostava de tudo que minha mãe detestasse – Trina respondeu com um sorriso.

Mais uma vez os lábios de Walker se curvaram em um meio-sorriso.

– Foi uma adolescente rebelde?

– Um pouco. Não me conformava em ter de entrar no esquema debutante perfeita. Recusava-me a fazer esse papel e enlouquecia minha mãe. E quanto a você?

– Meu pai me usurpou todas as oportunidades de rebeldia. Deixou minha mãe e se mudou para as Ilhas Cayman, onde fundou uma empresa de serviços financeiros e se casou com outra mulher.

Trina não conseguiu disfarçar o desgosto.

– O que não deve ter sido nada divertido para a mulher e a criança que ele abandonou. Costuma visitá-lo?

– Crianças, no plural. Visitei-o uma única vez. – Ele fez uma pausa. – Descendo de uma longa linhagem de pais desnaturados. Alguns homens simplesmente não deveriam se reproduzir. Pensei que essa fosse uma vantagem em me casar com Brooke, já que ela dizia não querer filhos e era tão egocêntrica que eu sabia... – Walker se calou e tomou um grande gole do drinque que o balconista colocara diante dele.

Trina não pôde deixar de refletir sobre as diferenças entre Walker e Brooke. Ele sempre fora estudioso, responsável e sensato até a medula dos ossos. Brooke, por sua vez, era rebelde, ousada e divertida. Mas o fato de ser linda e ter um pai rico deve ter sido um atrativo.

Que noite!, pensou ela, tomando um gole do *mojito* e sentindo a bebida ajudá-la a relaxar.

– Sem querer insistir no assunto, mas você perdeu um outro drama. Uma das apresentadoras do *reality show* questionou Jenny Prillaman, durante uma entrevista ao vivo, sobre a formação em design de moda que ela não possui.

Walker desviou o olhar do copo e a encarou.

– Oh, não! Está brincando!

Trina negou com a cabeça e deu de ombros.

– E a situação ficou ainda pior. Quando ela confessou não ser formada, Alfredo Bellagio ficou furioso e a demitiu no ar.

Deixando escapar um xingamento baixo, Walker passou uma das mãos pelo cabelo.

– Oh, que confusão! Pobre menina.

– Fiquei triste por ela. Jenny é legal. E possui um talento incrível, com ou sem formação acadêmica. – Trina conferiu a hora no relógio de pulso, imaginando se não seria melhor deixá-lo sozinho com a própria tristeza. – Hora de ir para casa.

– Seria ótimo poder fazer isso – disse ele. – Com certeza não voltarei para o meu apartamento. Posso apostar que há dezenas de repórteres acampados do lado de fora. Mesmo que eu conseguisse entrar, o toque incessante do telefone ou as batidas dos amigos à porta não me deixariam em paz.

Trina contraiu as feições em uma expressão desgostosa.

– Sim, isso não seria nada divertido. – Ela observou os ombros curvados de Walker. A postura daquele homem era sempre tão ereta e tudo nele exalava segurança. Mas não naquela noite. Mais uma pontada aguda de compaixão lhe varou o peito. – Meu apartamento fica bem próximo daqui. Se não se importar em dormir no sofá... – ofereceu em um impulso.

Walker ergueu a cabeça e pareceu percebê-la. De fato. Trina sentiu os olhos castanho-esverdeados lhe explorarem o rosto, rumarem por seu corpo e voltarem a se fixar nos dela.

– Tem certeza?

Algo naqueles olhos quase claros a fez experimentar um frio na barriga. Por certo, o efeito do segundo *mojito*.

– Sim.

– Está bem. Aceitarei sua gentil oferta – disse ele. – Vamos tomar apenas a saideira.

– Ainda não terminei meu segundo drinque – Trina retrucou.

Walker tomou um grande gole.

– Beba mais rápido – disse ele, acenando mais uma vez para o garçom.

Após mais dois *mojitos* e com parte da mente embotada pela bebida, Trina teve o bom senso de pedir ao balconista que lhes chamasse um táxi. A distância era curta e poderiam ir caminhando, mas sua coordenação não estava em melhor forma.

Tampouco a de Walker, mas ainda assim, ele a ajudou a saltar do táxi.

– É muita gentileza de sua parte me emprestar seu sofá. Sempre a achei uma pessoa legal – disse ele com a voz levemente empastada.

– Obrigada. Também sempre o achei agradável e inteligente – respondeu ela, percebendo uma certa dificuldade em se equilibrar sobre os sapatos Bellagio de salto agulha, enquanto se encaminhavam ao elevador.

– Qual andar? – perguntou ele.

– Sexto – Trina respondeu, mirando no botão certo, mas apertando o errado. – Oh!

Walker soltou uma risada abafada.

– Permita-me – disse ele, errando o botão também.

Por alguma razão, Trina achou aquilo hilário. Os dois esticaram o dedo para o botão do sexto andar e por fim conseguiram acertar. Porém, os erros anteriores lhes custaram uma parada no quarto e no quinto pavimentos. Quando chegaram à porta do apartamento, ela e Walker não conseguiam parar de rir. Por sorte, Trina conseguiu achar as chaves na bolsa. Walker as pegou e, após algum tempo, achou a que abria a porta.

Trina tropeçou no instante em que entrou, mas ele a segurou contra o corpo, pouco antes de fechar a porta.

– Epa! – Walker exclamou. – Sem tropeços. Não tem permissão para tropeçar.

Espalmando as mãos nos ombros largos para se equilibrar, Trina inspirou profundamente e teve as narinas invadidas pela fragrância agradável da colônia pós-barba que ele usava.

– Está muito cheiroso – disse ela.

– É mesmo? – Walker perguntou com um sorriso. Em seguida, inclinou a cabeça na direção do pescoço de Trina e inspirou de maneira ruidosa.

– Você, também.

– Obrigada – respondeu ela, apreciando a sensação daquele contato. Gostava da aparência desgrenhada do cabelo escuro de Walker, sem a suavidade ou a perfeição costumeiras. Além disso, aquele homem tinha um olhar sexy ao extremo e uma covinha. – Você sabia que tem uma marca bem aqui? – perguntou, erguendo um dos dedos para tocar a cicatriz que acrescentava um certo charme à mandíbula bem-marcada.

– Sim, acho que a consegui durante alguma briga com meu irmão ou irmã – explicou ele, com o sotaque sulista cada vez mais acentuado.

– De onde você é?

– De todos os lugares do Sul – Walker respondeu. – Vivi em tantas casas e trailers que perdi a conta. É isso que acontece quando se tem um pai que não paga as contas.

Trina fez um movimento negativo com a cabeça, expressando compaixão, mas o movimento tornou sua visão enevoada.

– Antes de morrer, meu pai gastou uma fortuna nos tribunais, em ações relacionadas aos seus princípios empresariais.

– Ui! – fez Walker. – Isso pode sair caro.

– Sim – concordou ela, distraída pela sensação da coxa musculosa pressionada à dela, enquanto lhe estudava os olhos. – Sabia que seus olhos mudam de cor?

Walker fez que não com a cabeça.

– Não. Não tenho reparado neles ultimamente.

– Neste momento, estão com uma tonalidade verde bem escura, mas nem sempre são assim – disse ela.

Walker se inclinou para perto.

– Os seus são castanhos. Como o chocolate. Ou chocolate quente. Sempre gostei de chocolate quente.

O coração de Trina rateou diante da rouquidão naquela voz sexy.

– Oh! – Os lábios de Walker se encontravam a poucos centímetros de distância e ela imaginou como seria beijá-lo. Aquele pensamento já havia lhe ocorrido outras vezes, mas Trina sempre conseguia afastá-lo.

Como deveria fazer no momento.

– Acho melhor buscar um cobertor e um travesseiro para você – disse ela.

– Sim – Walker concordou, os olhos verdes se fixando nos lábios de Trina. – Por que acha que Brooke me abandonou no altar?

– Não tenho a menor ideia – respondeu ela com o coração apertado e o peito varado por uma pontada de dor.

Os olhos esverdeados encontraram os dela.

– É mesmo? Em quê não fui suficiente? Não inteligente o suficiente? Não belo o suficiente? Não excitante o suficiente?

– Eu responderia não a todas essas perguntas – respondeu ela.

– Está falando sério? – perguntou ele e Trina soube que era a combinação de ego e coração feridos que falava por si. Tinha certeza de que, quando estivesse sóbrio, Walker se arrependeria por ter discutido aquele assunto com ela.

– Sim – Trina confirmou, porque pensava daquela forma e sentia imensa compaixão pela situação em que Walker se encontrava. – Você é um homem inteligente, belo e muito sexy.

Um dos cantos dos lábios sensuais se ergueu ao mesmo tempo em que ele a envolvia nos braços.

– Você é mesmo legal, Trina.

– Não estou sendo apenas legal – retrucou ela. – Estou lhe dizendo a verdade.

– Você é uma boa garota. Assim como é boa a sensação de senti-la – Walker lhe murmurou contra o cabelo.

A mudança de tom na voz grave era quase palpável, o que ligou um sinal de alerta em Tina. Tinha de recuar. E assim ela o fez, erguendo o olhar para encará-lo.

– É melhor eu pegar seu cobertor – sussurrou outra vez.

Walker concordou com um gesto de cabeça, mas ergueu uma das mãos e lhe traçou o contorno dos lábios com um dedo.

Embora surpresa, Trina se viu mesmerizada com a suavidade daquele toque.

– Para uma boa menina, sempre achei que você possuía uma boca pecaminosa.

Mais uma visita do inesperado.

– Por quê?

– Seus lábios são carnudos – respondeu ele, ainda os acariciando. – E rosados. Exceto quando está usando batom vermelho. Capazes de fazer um homem ter todos os tipos de pensamentos sobre sua boca. – Walker estava

dizendo coisas que não deveria, mas a voz grave soava baixa e sexy e a escuridão os envolvia como um casulo. – Ficaria chateada se eu a beijasse uma só vez? – perguntou ele.

Era apenas um beijo, refletiu o cérebro alcoolizado de Trina. Nada mais. E Deus sabia que ela sentia o mesmo tipo de curiosidade em relação a Walker. Que mal poderia haver em um simples beijo?

– Apenas um – Trina concedeu e ele lhe capturou os lábios de imediato. Porém, a surpreendeu a falta de pressa com que Walker o fez. Os lábios firmes se moveram contra os de Trina, como se ele quisesse sentir cada milímetro dela. *Cada milímetro de seus lábios*, corrigiu ela em silêncio.

Quando Walker aumentou a pressão, ela os entreabriu em um gesto automático. A língua quente lhe invadiu o interior da boca, mas logo se retraiu para lhe traçar o contorno do lábio inferior.

Trina sentiu a temperatura do corpo se elevar em vários graus. Efeito do álcool, disse a si mesma. Porém, tudo que Walker fazia a deixava cada vez mais excitada. Continue um pouco mais, pensou ela. Saboreie-me por mais um pouco. Faça isso outra vez.

E Walker prolongou aqueles minutos prazerosos, variando a forma como a beijava, até que ela se recostasse à estrutura sólida do corpo forte e lhe escorregasse os dedos pela nuca larga. A sensação daquele peito musculoso contra os seios era, oh, bem mais inebriante do que imaginara!

Walker tomou fôlego e voltou a se apossar dos lábios carnudos.

– Você é deliciosa – murmurou contra a boca de Trina, enquanto baixava uma das mãos para lhe pressionar a base da espinha e colar as partes inferiores dos corpos de ambos.

Trina percebeu que não eram apenas os músculos do peito de Walker que estavam rígidos. A excitação dele era evidente, o que lhe fez o coração disparar e a mente desacelerar. Seria tão fácil permitir que os sentidos assumissem o controle de seus atos. Walker tinha uma fragrância envolvente, os lábios eram como um entorpecente e o ritmo suave com que ele a movia contra o próprio corpo era demasiado sexy para ser descrito em palavras.

Um vestígio de algo indefinido aflorou nos recônditos da mente de Trina, fazendo-a recuar. Aquele homem deveria ter se casado poucas horas atrás. Devia estar com o coração partido. O ego ferido.

– Talvez seja melhor pararmos por aqui – disse ela.

– Sim. Apenas mais um – Walker argumentou, capturando-lhe os lábios mais uma vez. O beijo se prolongou mais do que o outro, deixando-a com a sensação de estar em uma tarde de verão no Caribe. Walker moveu uma das mãos pela cintura bem-marcada, até alcançar a caixa torácica e lhe roçar a lateral do seio com as pontas dos dedos. Em seguida introduziu o polegar sob o corpete do vestido smoking e apenas lhe resvalou o mamilo.

Trina inspirou de forma ruidosa.

Aquilo o fez parar e praguejar em tom baixo.

– Que diabos estou fazendo? Isso é loucura. Não deveria estar... – Ele se calou e soltou outro xingamento. – Mas diabos, eu a quero – acrescentou, espalmando as mãos nos quadris curvilíneos.

Trina instou a mente a funcionar. Sentia as batidas fortes do coração de Walker contra os seios. Podia quase sentir o sabor da rejeição que ele amargava, a tristeza e o desejo de esquecer aquela realidade até reunir forças para enfrentá-la. Trina não saberia dizer o que a dominava no momento, se a excitação, se a compaixão por ele. Erguendo uma das mãos, tocou na mandíbula bem-marcada e percebeu a mistura de dor e desejo nos olhos esverdeados.

Walker pressionou os lábios contra a palma macia.

– O que você deseja é uma noite de sexo descompromissado e excitante – disse ela.

– Sim – Walker concordou. – Com você.

Porque ela era a mulher disponível no momento. Trina suspirou. Aquele homem era tão sensual e ela não queria lhe macerar ainda mais o ego. Em uma situação como aquela, havia apenas uma atitude que uma boa garota podia tomar.

CAPÍTULO 2

Nove meses, dez dias, 22 horas e 36 minutos mais tarde...

– **Q**UANDO VÃO me dar anestesia? – Trina gritou, sentindo a dor aguda dilacerar seu ventre.

A enfermeira lhe apertou de leve o braço.

– Eu já disse que o anestesista está a caminho.

– Disse isso horas atrás – Trina protestou, sentindo os músculos contraídos relaxarem um pouco. Com o dorso de uma das mãos, limpou o suor da testa.

Era como estar no inferno. As graciosas cortinas de chita amarela e a música de Yanni não conseguiam distraí-la. A dor era lancinante. A mãe não parava de repetir clichês e a enfermeira Beamer, também conhecida como Hatchett, era quem a guiava pelas vicissitudes do parto.

– Não, você está confusa. Eu lhe disse isso há 20 minutos. O anestesista está assistindo outra paciente no momento.

– É mentira – Trina retrucou, sentindo o início de outra contração, acompanhada de perto pelo desespero. Os músculos do abdome se contraíram como garras, tornando impossível a respiração. – Não conseguirei ter esse bebê, certo?

– Claro que conseguirá – respondeu a enfermeira, pousando uma toalha molhada sobre a cabeça de Trina. – Tão logo o médico a examine, tenho certeza que lhe dirá para começar a fazer força.

Trina gemeu.

– E quando ele chegará? Onde ele está? Por que não está aqui?

– Querida, a enfermeira já lhe disse – a mãe interveio. – Ele está fazendo outro parto. Logo estará aqui.

– Não, ela estava falando do anestesista – Trina argumentou com um movimento negativo de cabeça.

– Não entendo por que não pode simplesmente sedá-la – disse a mãe à enfermeira.

– Sim, pode me sedar? – Trina suplicou. – Por favor.

– Não fazemos mais isso, exceto em cesarianas de emergência – respondeu a enfermeira.

– Corte-me – Trina sugeriu, sentindo a contração ceder. – Por favor, acabe logo com isso. Onde está o médico?

– Está chegando – garantiu a enfermeira.

– Não acredito em você – Trina protestou. – Ele deve estar comendo rosquinhas recheadas ou fazendo sexo com alguém no armário – acrescentou. – Os homens são todos uns ratos – resmungou, imaginando o que Walker Gordon devia estar fazendo naquele exato momento. Tomando vinho em algum bistrô francês com uma francesa esbelta ou comendo croissants e tomando um delicioso café da manhã com a francesa esbelta. Dependendo do fuso horário. Sequer tinha noção de hora.

– Srta. Roberts – um homem disse com voz animada, enquanto adentrava o quarto. – Sou o dr. Hanson. Nós nos conhecemos em uma das suas consultas do pré-natal. Vamos ver como está progredindo.

Trina mal conseguia se lembrar do homem. Após duas mudanças de turno no hospital, todos começavam a ter a mesma aparência. O médico parecia contente, percebeu ela, enquanto os músculos do abdome começavam a se preparar para outra contração. Durante uma fração de segundo, antes de a dor dominá-la, imaginou se ele estivera comendo rosquinhas ou fazendo sexo fortuito.

A dor lhe tirou o fôlego mais uma vez e Trina apertou o braço do médico.

– Preciso de uma anestesia peridural – começou. – Dê-me uma anestesia. Ou um tiro. Qualquer coisa – suplicou.

– Sinceramente, querida – disse a mãe em tom de repreensão. – Onde está sua dignidade?

– Tire-a daqui! – Trina gritou para a enfermeira, como se estivesse possuída por uma entidade maligna. De onde surgira aquele tom de voz? Sentiu os dedos se despregarem do braço do médico, que se movia para examiná-la.

– Está pronta para começar a fazer força?
– E quanto à anestesia peridural?
– Está na hora de ajudar o bebê a nascer. Não precisa de uma anestesia peridural.

– Quem disse isso? – Trina perguntou, invadida pelo pânico. – Quero uma anestesia peridural. Ela me prometeu – disse, apontando para a enfermeira.

– Eu lhe prometi que o médico chegaria em breve – defendeu-se Hatchett.

O médico folheou o prontuário preso à prancheta pendurada no leito.

– Essa paciente frequentou as aulas de preparação para o parto?

– Sim, mas não pratiquei a respiração porque sabia que receberia uma anestesia peridural – Trina retrucou, sentindo o abdome se contrair outra vez.

– Inclina-se para a frente e faça força para empurrar o bebê – orientou a enfermeira, amparando-a pelos ombros.

Trina obedeceu. Faria o que fosse necessário para se livrar daquela dor. Aquilo não era um parto. Era um estágio no inferno. Continuou a empurrar pelo que pareceu ser dias. Em algum momento, a mãe foi posta para fora do quarto. Trina se lembrava vagamente de um comentário depreciativo que ela fizera sobre a aparência do seu cabelo.

A enfermeira Hatchett orientou:

– Só mais uma vez.

Uma mentira deslavada! “Só mais uma vez” significava milhares na linguagem daquela profissional.

– Não aguentarei por muito mais tempo – Trina disse, ofegante, quase sem forças.

– Claro que aguentará. Está quase conseguindo.

– Tem certeza de que se trata de um bebê? – Trina perguntou, desejando que fosse qualquer coisa, desde que conseguisse se ver livre daquela dor. – Talvez a ultrassonografia estivesse errada e seja uma mula. Um quadrúpede. Ou talvez um ser alienígena. Quem sabe...

Quando outra contração se sobrepôs à anterior, Trina soltou um grito e empregou toda a força que possuía.

– Boa menina – disse a enfermeira.

– O bebê coroou – anunciou o médico.

– É humano? – Trina perguntou, presa entre o delírio e o entusiasmo.

– Claro que sim – respondeu o médico com uma risada baixa. – Preciso de mais um empurrão.

– Um ou dois – a enfermeira disse. – E dessa vez estou falando sério. Olhe para o espelho.

Trina empregou toda a força que possuía mais uma vez e experimentou a estranha sensação de estar se partindo ao meio. Ainda assim, continuou tentando expelir a criança.

– A cabeça passou. Olhe para esse cabelo! – disse a enfermeira.

Trina ergueu o olhar ao espelho e se sentiu desconectada da imagem do próprio corpo e da cabeça do bebê, que não havia nascido por completo, mas já começara a chorar.

Trina observou, impressionada.

– Está chorando.

– Vou puxar os ombros – disse o médico e, segundos depois, segurava o bebê chorão nas mãos. – É uma menina!

Uma onda de alívio e alegria a inundou. Trina não conseguia desviar o olhar do bebê.

– É uma menina. Minha menina. Ela está bem, certo?

A enfermeira pesou a criança, limpou-a, colocou um gorro diminuto em sua cabeça, embrulhou-a em uma manta e a entregou a Trina.

– Pesa 3,95 kg.

O coração de Trina pareceu transbordar diante da visão do bebê e do peso macio em seus braços.

– Você é linda – disse ela. – Um docinho e eu farei sua vida o mais feliz que puder. Prometo não a matricular em uma escola para meninas, se não quiser. – Ergueu o olhar ao médico e à enfermeira que, com certeza, eram anjos disfarçados. – Muito obrigada – agradeceu, com os olhos mareados de lágrimas. – Obrigada.

– O prazer foi meu – retrucou a enfermeira Beamer.

– Mas eu estava sentindo muita dor.

– Não mais do que a maioria das parturientes – disse a enfermeira com um sorriso. – Mal podia esperar para vê-la com seu bebê nos braços.

Trina baixou o olhar à filha e lhe tocou os dedos minúsculos.

– Estou tão feliz em tê-la – sussurrou para o bebê. – Mas nunca mais quero passar por isso, portanto cortarei o sexo da minha vida.

CAPÍTULO 3

ERA UMA vez uma época em que Trina tivera controle da própria vida. No passado, havia conseguido se distanciar da mãe dominadora e administrar os relacionamentos afetivos de modo a se permitir apenas casos passageiros que não interferissem nos planos de permanecer solteira e livre das responsabilidades domésticas. Sim, houve um lapso no que se relacionava a manter a vida afetiva sob controle, denominado Stan Roch, mas ela se incumbira de deixar aquele episódio para trás.

Era uma vez uma época em que precisava apenas se preocupar em administrar a roupa suja e comprar comida para consumir à hora que desejasse, embora sempre mantivesse o apartamento arrumado e limpo.

Era uma vez uma época em que estivera a caminho da segunda promoção na Bellagio Shoes. Fora o tipo de colaboradora que a diretoria considerava disponível, sensata, equilibrada e sempre pronta a oferecer uma ideia brilhante.

Mas tudo isso mudara devido à insanidade temporária que a acometeu 15 meses atrás. Enquanto adentrava o escritório, apressada, atrasada e ainda sacudindo migalhas de comida do terninho, rezou para que nenhuma surpresa a aguardasse.

– Bom dia, Dora – cumprimentou a assistente da equipe de Relações-Públicas. – Como vai? Alguma mensagem urgente?

A assistente, que Trina estava convencida desejava tomar seu lugar, bebeu um gole de café com leite da caneca que segurava em uma das mãos.

– Sim. Há uma reunião com o pessoal de marketing para a nova estação que começou cinco minutos atrás.

Trina sentiu gotículas de suor lhe brotarem à testa, enquanto encarava Dora.

– Isso não constava em minha agenda. Por que começaram sem mim?

Dora lhe dirigiu um olhar de pretensa compaixão.

– Porque foi Alfredo Bellagio quem pediu a reunião.

– Droga! Ele está presente ou em conferência telefônica?

– Presente. – A assistente deu de ombros. – Eu me ofereci para fazer anotações para você durante a reunião.

Aposto que sim. Trina experimentou um frio na barriga, que prenunciava um ataque de pânico. Nunca os tivera até 15 meses atrás.

– Onde está sendo realizada a reunião? – perguntou ela.

– Umm, deixe-me ver – Dora respondeu, examinando os papéis sobre a mesa sem nenhuma pressa.

Trina resistiu ao impulso de dar um puxão de cabelo na assistente. Tinha certeza que sob os cachos sedosos e brilhantes de Dora, escondia-se um par de chifres.

– Posso telefonar para a assistente de Marc Waterson. Ela deve saber.

No mesmo instante, Dora ergueu um pedaço de papel e o entregou a Trina.

– Não é necessário. Aqui está o recado que Ben lhe deixou.

Sala dos executivos, Trina leu e disparou na direção do próprio escritório para pegar o laptop. Em seguida, vasculhou a mesa à procura de possíveis recados que Dora, a demoníaca, poderia ter esquecido de mencionar. Nada.

Tentando se convencer de que seu atraso não era tão importante assim, Trina entrou no elevador e subiu até o andar da diretoria, cumprimentando a recepcionista com um gesto de cabeça.

Em seguida, girou a maçaneta com o máximo de discrição possível e entrou na sala de reuniões que abrigava, à primeira vista, uma dúzia de executivos da Bellagio e alguns funcionários que ocupavam cargos estratégicos. Todos os olhares se voltaram para ela.

Trina sorriu com uma confiança que estava longe de sentir e murmurou:

– Bom dia.

Detestava se atrasar, ainda mais quando se tratava de reuniões de trabalho. No jogo empresarial, aquele era o tipo de conduta que costumava deixar o funcionário no banco de reservas, quando ela sempre tentara permanecer como titular.

A Bellagio era gerida quase que em sua totalidade por homens de descendência italiana, com anos de condicionamento chauvinista. Desde o início, ela soubera que teria de matar um leão por dia para chegar onde desejava. O relacionamento das pessoas na empresa e o fato de tomarem medidas inovadoras, até mesmo arrojadas, para aumentar a cota de mercado haviam sido atrativos irresistíveis. Além disso, Trina adorava o produto que vendiam. Os calçados Bellagio tinham qualidade excelente e faziam milagres com as pernas, as nádegas e a autoconfiança das mulheres. E para Trina, eram de graça.

Ocupando o lugar vago ao lado do chefe do Departamento de Relações Públicas, abriu e ligou o laptop. Uma mulher loura, bonita e com ar petulante prosseguiu em sua explanação, apontando para uma apresentação em Powerpoint que exibia um gráfico de pizza, mostrando pesquisas de opinião pública, estudos e perfis demográficos.

Trina digitou algumas anotações, enquanto a mulher começava a mostrar propostas de propaganda para a coleção outono/inverno. Ao se concentrar nas peças, de repente percebeu o logotipo da agencia publicitária, no canto da tela.

No mesmo instante, um nó de pânico se formou na garganta de Trina. Aflita por desviar a atenção de seu atraso, arriscara apenas um olhar superficial aos presentes quando entrara na sala. Agora, decidida a observá-los com mais atenção, deixou o olhar se deter em cada um.

Inclinando-se para a frente, olhou além do chefe do Departamento de Relações Públicas e mais dois executivos até se focar no vice-presidente Marc Waterson, que, naquele instante, inclinava a cabeça para o lado. E lá estava *ele*.

A respiração de Trina ficou presa na garganta. O pânico a invadindo, impiedoso. *Oh, Deus, me ajude!* Claro que iria encontrá-lo algum dia. Havia se preparado para uma centena de cenários, até mesmo aquele, mas o cérebro pareceu bloquear.

Walker Gordon se ergueu e se postou ao lado da moça petulante, exibindo seu meio-sorriso confiante e tranquilizador. Os ombros continuavam largos e o terno preto se moldava com perfeição ao corpo musculoso. Era óbvio que ele continuava se exercitando, Trina refletiu, amarga. Aquele homem era tão elegante que poderia ter sido modelo, mas ela sabia que a parte mais sensual de Walker não era o corpo, e sim a forma como a mente funcionava.

Aquele homem era uma mistura fascinante de conservadorismo e empreendedorismo. Passava uma imagem ao mesmo tempo sólida e inovadora e não recorria ao próprio charme para fechar um negócio.

– Estamos muito entusiasmados com esta campanha e ainda mais com a perspectiva de trabalhar mais uma vez com a Bellagio – Walker disse. – Queremos agradecer por nos permitir entrar em mais uma licitação da Bellagio e aguardaremos ansiosos um retorno de vocês – concluiu com um aceno de cabeça respeitoso a Alfredo Bellagio. Em seguida, deixou o olhar vagar pelos presentes, detendo-o nela por mais tempo do que o necessário.

De repente, Trina se sentiu encabulada. Sabia o que Walker estava notando. Seu cabelo passava dos ombros e estava precisando de um corte urgente. Apesar de acordar cedo todos os dias e da rotina pesada que a impedia de dormir antes das 22h, ainda não conseguira se livrar dos 7 kg que ganhara durante a gravidez. Ciente daquele escrutínio, imaginou se Walker não estaria reparando nas olheiras que ela se esforçava em disfarçar. *Teria aplicado corretivo naquela manhã?* Fizera tudo às pressas para não se atrasar ainda mais.

– O que a modelo está usando sob o casaco de gabardine e como posso conseguir o número do telefone dela? – Um colaborador do Departamento de Marketing brincou, quebrando o silêncio.

Trina sentia a cabeça rodar. Imaginou por quanto tempo uma pessoa poderia prender a respiração. Tinha de sair dali. Nem que por apenas um momento. Uma semana seria melhor, mas se conformaria com alguns minutos.

O cérebro, embora privado de oxigênio, forneceu-lhe a estratégia perfeita. Trina pressionou um botão no telefone celular, pousou-o sobre a mesa de cerejeira e, segundos depois, o aparelho vibrou.

No mesmo instante, ela o ergueu.

– Acho que é alguém do *Atlanta Constitution* – sussurrou ela para o supervisor, Ben. – É melhor eu atender. Com licença – acrescentou, disparando para fora da sala de reuniões.

Encaminhando-se direto ao toalete, trancou a porta e cobriu o rosto com as mãos trêmulas.

– Oh, droga, droga, droga! O que farei?

Quando Walker partira para Paris, onde permanecera por mais de um ano, Trina tentara se enganar com o conto de fadas de que nunca mais teria de falar com ele. A lembrança do que acontecera entre ambos, na noite do

casamento malogrado de Walker, lhe bombardeou a mente. Cansada de lidar com a imprensa, maximizar oportunidades de exposição ao mesmo tempo em que tentava apagar o incêndio, Trina havia se refugiado em um bar, próximo de casa, para tomar um *mojito*.

E aquele havia sido o momento em que a compaixão, misturada ao álcool, começara a guiá-la por um caminho perigoso, pensou ela, enquanto observava o próprio reflexo no espelho do toalete feminino. Precisava abandonar a estrada das recordações e voltar à reunião. Arrancando uma toalha de papel do dispensador, umedeceu-a com água fria e a pressionou contra a testa e o pescoço.

Era capaz de enfrentar aquela situação. Podia voltar à reunião e fingir que estava ótima por, no máximo, 45 minutos. Conseguiria fingir. Afinal, essa era a essência de uma relações-públicas.

No entanto, não poderia fingir que queria ver renovado o contrato de publicidade da empresa de Walker com a Bellagio. Fora ela quem mais defendera a abertura de uma licitação para o contrato, mas o conselho administrativo decidira dar prioridade ao grupo de Walker. Se não fossem bem-sucedidos, a Bellagio aceitaria outras propostas.

Voltando à sala de reuniões, Trina anuiu para os presentes com uma expressão profissional e ocupou o lugar que deixara vago ao lado do supervisor do seu departamento.

– Gosto do aspecto sofisticado desta campanha – Walker disse. – As modelos que temos em mente refletirão luxo e beleza. Simbolizarão as aspirações de nossas clientes.

– Alguém já mencionou as propagandas em bares? – Trina sussurrou ao ouvido do chefe, Ben.

– Não – respondeu ele, lhe relanceando o olhar. – Boa ideia – disse, dirigindo-se, em seguida, a Walker. – Um dos objetivos que desejamos atingir com essa campanha é atrair um público mais jovem. Acho que discutimos por e-mail que gostaríamos de ver anúncios feitos em um bar, com uma mulher elegante, rodeada por homens lhe oferecendo drinques. Claro que ela estaria calçando sapatos Bellagio. Para atingir o público masculino jovem, também sugerimos uma propaganda de um rapaz assistindo a um evento esportivo com duas belas mulheres o ladeando.

Walker voltou o olhar à jovem petulante e ela limpou a garganta.

– Já havíamos montado a proposta quando recebemos esse memorando, mas podemos providenciar algo para lhes enviar até o final da semana.

Uh-oh. Fracassaram. Trina percebeu uma leve contração na mandíbula de Walker, mas poderia apostar que a Srta. Petulância teria de começar a distribuir seu currículo para outras empresas.

– Podemos enviá-los para você ainda esta semana – Walker disse em tom áspero. – Cuidarei disso pessoalmente.

– Quem ficará no lugar de Walker enquanto ele estiver em Paris? – Trina sussurrou para o supervisor.

Ben assentiu com um gesto de cabeça e limpou a garganta.

– Também precisamos saber quem ficará encarregado da conta da Bellagio. Se você está cuidando de contas internacionais em Paris, precisamos saber quem será o responsável.

Um silêncio expectante se abateu sobre a sala de reuniões. Trina olhou ao redor da mesa e percebeu que Ben fizera a pergunta que estava na mente de todos. A mesma que abriria a porta para que a Bellagio negociasse com outra agência de publicidade.

A resposta e a subsequente ausência de Walker lhe proporcionaria uma paz de espírito que não tinha preço. Ela focou toda a atenção em Walker. A postura determinada e a expressão dos olhos esverdeados lembravam a de um gladiador pronto para entrar na arena, o que a deixou incomodada.

– Eu me encarregarei da conta da Bellagio – disse ele. – Não vou retornar a Paris.

CAPÍTULO 4

No momento em que se anunciou como o responsável pelo projeto da Bellagio e afirmou que não retornaria a Paris, Walker percebeu o nível de tensão na sala de reuniões despencar em, pelo menos, 60 por cento. A percepção lhe impulsionou a confiança e, em última instância, impulsionaria os ganhos de sua empresa.

Brooke Tarantino podia tê-lo abandonado no altar, diante das câmeras de televisão, ter atirado seu orgulho na lama e deixado que fizesse papel de palhaço. Podia tê-lo até mesmo estimulado a deixar Atlanta, a fim de recuperar a autoestima, mas estava determinado a manter a conta da Bellagio. Desde o início, investira naquela parceria, que se tornava mais sólida com o passar do tempo. O inferno congelaria, antes de ele permitir que outra agência lhe usurpasse aquela conta e abocanhasse o lucro.

– É muito bom saber disso – Alfredo Bellagio enfim se manifestou. – Então, você nos apresentará os anúncios restantes na sexta-feira e analisaremos sua proposta.

Walker anuiu, experimentando uma descarga de adrenalina. Teria de correr contra o tempo para produzir as propagandas, mas conseguiria. Fizera isso antes. Todos os presentes se ergueram, interpretando as palavras do presidente da empresa como um sinal de que a reunião havia sido adiada.

Walker trocou apertos de mão com Alfredo Bellagio e um dos executivos de alto escalão sentado ao lado dele. Ao avistar Trina Roberts se encaminhando na direção da porta, a noite excitante que passaram juntos lhe veio à mente...

Trina se apressou em desviar o olhar, o que o deixou intrigado. Haviam se despedido de forma amigável. Tiveram uma noite de sexo sem compromisso. Muito agradável por sinal, pelo que conseguia recordar. Infelizmente, as lembranças não eram nítidas, devido ao alto teor de álcool em seu cérebro na ocasião.

Não queria que houvesse nenhum tipo de constrangimento entre ambos no presente. Não agora que necessitaria do apoio de qualquer colaborador da Bellagio. Fez uma lista mental das pessoas que teria de contatar pessoalmente. Marc Waterson estaria disposto a apoiá-lo. Afinal, a noiva havia sido demitida devido ao fiasco em que Brooke transformara o próprio casamento. Felizmente, Jenny havia sido recontratada. Walker fez outra anotação mental para entrar em contato com o gerente de marketing. E Trina, pensou. Era melhor aproveitar a oportunidade e ir ao escritório dela. Girando na direção da assistente que lhe fora designada, apontou para o material da apresentação.

– Por favor, arrume tudo isso, Stephanie. Voltarei dentro de 15 minutos.

Walker deixou a sala de reuniões e se encaminhou ao escritório de Trina, acenando de vez em quando para as pessoas que não via há mais de um ano. Com um desinteresse não mais fingido, havia se preparado para o constrangimento, a compaixão e até mesmo piadas de mau gosto. Um ano afastado de Brooke Tarantino o curara. Diabos, um mês afastado dela fora suficiente para que se recuperasse.

A verdade era que Brooke não lhe partira o coração. Apenas lhe ferira o ego e interrompera temporariamente os planos que tinha para a própria empresa. Após um ano se expandindo no mercado europeu e desfrutando das atenções de algumas *mademoiselles* criativas e atenciosas, estava novo em folha.

Walker apertou o botão do elevador e cumprimentou a recepcionista com um gesto de cabeça.

– Como vão as coisas, Thelma? E os seus filhos?

A mulher pestanejou várias vezes, surpresa.

– Oh, não esperava que se lembrasse. Faz muito tempo que o senhor foi...

– A mulher se calou e limpou a garganta, sem saber o que dizer.

– E muita coisa aconteceu nesse meio-tempo. Muita água passou debaixo da ponte – retrucou ele em tom animado. – E seus filhos, como estão?

– Muito bem – a recepcionista respondeu, sem esconder o alívio que sentia. – Benjamin está jogando na Liga Infantil este ano.

Walker fez um movimento negativo com a cabeça.

– Eles crescem tão rápido. Parece que foi ontem que a ouvi comentar sobre os primeiros passos dele.

– Tem razão – concordou ela, enquanto a porta do elevador se abriu. – Tenha um bom-dia. É bom tê-lo de volta, sr. Gordon.

– Walker – corrigiu ele. – A partir de agora, me verá com muita frequência. – O elevador desceu dois andares e ele se dirigiu aos escritórios do Departamento de Relações Públicas.

Uma mulher de cabelo escuro, sentada na mesa da recepção, o mediu de cima a baixo e sorriu.

– Em que posso ajudá-lo? – perguntou em um tom de voz insinuante.

Walker retribuiu o sorriso.

– Gostaria de falar com Trina Roberts por um minuto. Ela está no escritório?

– Sim. Acabou de retornar de uma reunião. Pode entrar, senhor...?

– Gordon. Walker Gordon – respondeu, registrando o momento que a mulher se deu conta de *quem* ele era.

– Oh, o noivo de Broo... – A recepcionista cobriu a boca com a mão, horrorizada.

– Sem problemas. Isso são águas passadas – Walker se apressou em dizer, dirigindo-se ao escritório de Trina. A porta estava aberta e ela se encontrava parada diante da janela, olhando para fora como se perdida em pensamentos. O cabelo louro-escuro estava mais longo do que ele se lembrava. O estilo era mais casual. Recordava-se de Trina, produzida da cabeça aos pés. O terninho que ela estava usando mostrava contornos de um corpo diferente. Da última vez em que a vira, Trina exibia a magreza de uma modelo de passarela.

Walker a observou morder o lábio inferior e imaginou o que mais parecia diferente nela.

– Ei! É melhor não deixar que Ben a surpreenda observando a vista durante o expediente – brincou ele.

Trina girou com um movimento brusco e o encarou com os olhos cor de chocolate arregalados. Como se estivesse em choque.

– Uh... olá. O que está fazendo aqui?

– É bom revê-la, também – Walker respondeu com uma risada bem-humorada.

– Desculpe – Trina retrucou, colocando uma mecha do cabelo para trás da orelha, e se encaminhando à própria mesa. – Como foi em Paris?

– Revigorante – respondeu ele. – Mas estou pronto para voltar. Gostaria de saber se posso contar com seu apoio para manter minha conta com a Bellagio. Podemos jantar esta noite? Ou amanhã?

Trina fez que não com a cabeça.

– Desculpe, mas não posso.

A recusa foi tão imediata que o pegou de surpresa.

– Hmmm. – Walker lhe segurou a mão esquerda. – Não vejo nenhum anel de noivado ou aliança de casamento.

– Tenho outros compromissos. Sinto muito – Trina lhe relanceou o olhar. – Parece que está tudo ótimo com você.

– Exceto pelo fato de que precisarei de uma nova assistente – disse ele, se referindo à gafe durante a apresentação.

– Não é uma má ideia – concordou ela, com um sorriso, antes de conferir a hora no relógio de pulso. – Gostaria de poder lhe dispensar mais tempo, mas minha agenda está lotada hoje.

– Está bem – Walker disse, imaginando o motivo daquela falta de amabilidade. – Não está aborrecida por causa daquela noite em que nós...

– Não – Trina o interrompeu, antes que ele pudesse concluir. – Aquilo foi apenas um desses acontecimentos estranhos, como um meteoro caindo no deserto. Ou um avião despejando gelo sobre uma casa.

Walker franziu a testa diante das comparações que ela escolhera para a noite que passaram juntos e ficou com a impressão de que a segunda não o agradava.

– Não consigo me lembrar com exatidão...

– Eu também não. Estávamos alcoolizados. Portanto, não há motivo para falarmos sobre isso.

Walker anuiu.

– Espero que isso não afete nosso relacionamento profissional.

– Se tivermos um relacionamento profissional, tenho certeza de que isso não será um problema. Muito tempo se passou.

– Trabalharemos juntos – Walker afirmou, determinado a dirimir qualquer dúvida que pudesse haver. – Farei o que for necessário para manter a conta da Bellagio.

Trina não se mostrou entusiasmada diante daquelas palavras, o que o deixou cismado. Ela sempre se mostrara simpática. Não sedutora, mas

amigável. O que haveria por trás daquela mudança?

– Não quer que eu fique com a conta, certo?

– Quero o melhor para a Bellagio – retrucou ela. – O que nos dá certeza de que não voltará para a França?

– Porque eu estou dizendo que ficarei aqui. E não apenas por questões profissionais – acrescentou ele. – Meu tio acabou de ser submetido a uma cirurgia cardíaca. Precisa ficar na casa de alguém até se recuperar. E eu fui o eleito.

Trina lhe dirigiu um olhar surpreso.

– Uau! Nunca pensei que fosse do tipo cuidador.

– E não sou – Walker concordou. – Mas esse caso é diferente. Meu tio compareceu a todas as minhas formaturas, e dava dinheiro a mim e aos meus irmãos de vez em quando. Ele nunca teve filhos e acabou acompanhando nosso crescimento depois que meu pai nos abandonou.

– A maldição Gordon – murmurou ela.

– O quê?

– Oh, estava me lembrando de algo que mencionou sobre o fato de não querer ter filhos. Uma espécie de maldição na linhagem de pais de sua família...

– Sim – retrucou ele, surpreso com o fato de Trina se recordar. – Não me lembro de ter lhe contado isso. Não costumo conversar sobre o meu pai.

Trina deu de ombros.

– Aquela foi uma noite incomum. – Ela consultou o relógio mais uma vez.

– Preciso me apressar. Fico feliz em saber que você está bem.

– Posso dizer o mesmo – Walker respondeu. – Eu a verei em breve e com bastante frequência.

– Cuide-se – disse ela, sentando-se e abrindo o laptop.

TRINA OBSERVOU as costas perfeitas de Walker, enquanto ele se afastava, dizendo a si mesma para respirar. Com o canto do olho avistou a foto de sua bebê, Maddie, e a segurou contra o colo, com os dedos trêmulos.

Não havia contado com o retorno de Walker a Atlanta, quanto mais à Bellagio. Ele possuía muitas contas. Não precisava daquela. E por que Walker estava se colocando em uma posição onde teria de suportar a fofoca e as piadas de mau gosto sobre o fiasco no dia de seu casamento?

Mas havia se esquecido do orgulho de Walker. Convencera a si mesma que não voltaria a encontrá-lo, antes de dar seus últimos suspiros ou, pelo menos, antes de Maddie se formar no ensino médio.

Trina deixou escapar um xingamento baixo.

Dora irrompeu pela porta do escritório.

– Aquele era Walker Gordon. Ele é tão sexy. Por que Brooke o abandonou no altar?

Os dedos de Trina, ainda trêmulos, se fecharam sobre a foto que ela mantinha grudada ao colo.

– Não tenho a menor ideia – conseguiu responder.

– Mas ele parece tê-la esquecido completamente – Dora prosseguiu, afofando o cabelo. – Você trabalhou com ele antes. O que sabe sobre Walker? É óbvio que aquele homem deve se exercitar bastante. Sabe que academia ou clube ele frequenta? Quais os lugares em que ele costuma se divertir?

Trina dirigiu um olhar exasperado à assistente.

– Como posso saber? Ele esteve *se divertindo* em Paris no último ano.

– Calma! Estava apenas perguntando. Sou solteira. E ele, também. Ficaria feliz em ajudá-lo a recuperar... – Dora se calou com um sorriso que expressava toda a malícia feminina. – ... a autoestima.

– Acho que ele não precisa recuperar nada – Trina resmungou.

– É mesmo? – perguntou a assistente, com o semblante iluminado. – O que a faz pensar assim? Walker Gordon disse algo sobre mim? Ele me deu aquela olhada, como se estivesse gostando do que via.

– Tenho certeza que sim – Trina retrucou, esperando que a concordância a ajudasse a se livrar de Dora. – Você é uma moça bonita.

Dora exibiu um sorriso tímido.

– Oh, que gentileza. Obrigada – agradeceu com voz arrastada. – Tenho sorte de não ter problemas com a balança. Posso comer o que quiser, que não engordo. – Antes de engravidar, também podia. Agora, não mais, pensou Trina com um sorriso forçado. – Sabe de uma coisa? – continuou a assistente. – Se perdesse uns 5 kg e fizesse um corte de cabelo mais moderno, aposto que choveriam convites para sair em sua horta.

– Não estou à procura de convites para sair no momento – Trina respondeu.

Mas Dora pareceu não ouvir.

– Não sei se chegaria a ponto de atrair a atenção de Walker Gordon, mas...

Trina pestanejou várias vezes diante do insulto. Deveria esperar aquele tipo de comentário. A forma como Dora era capaz de aferroar com o mais doce dos tons a fazia se lembrar da mãe.

– Dora – começou ela, inspirando fundo. – Acredite em mim, eu não poderia estar menos interessada em atrair a atenção de Walker Gordon.

A assistente se calou, observando-a por um longo instante. Em seguida, semicerrou os olhos.

– Você sabe de alguma coisa. O que há de errado com ele?

Cometera um erro crasso ao tentar convencer Dora de sua total falta de interesse em Walker. O segundo erro crasso do dia.

Trina passou o resto do expediente tentando se esquivar das perguntas de Dora, sem lograr êxito.

– Ele tem algum problema mental? Ou por trás daquela aparência estonteante se esconde um psicopata? – Dora perguntou uma hora depois.

– Não que eu saiba – Trina respondeu, antes de se retirar para uma reunião.

Quando retornou, Dora a seguiu para dentro do escritório.

– Walker Gordon é algum tipo de agressor físico ou emocional?

– Não – Trina respondeu, horrorizada. – Ao menos, nunca ouvi falar que ele fosse.

Dora suspirou, incapaz de disfarçar a frustração.

– Então, talvez seja algo mais íntimo. – Ela se inclinou para a frente e baixou o tom de voz a um sussurro: – Será que ele tem alguma anomalia... – Ela se calou. – ... bem, você sabe, nos países baixos? – perguntou apontando para o próprio ventre.

– Uma anoma... – Trina estacou, quando entendeu a pergunta. – Claro que não – respondeu, emendando em seguida: – Pelo menos não que eu tenha ouvido falar.

Dora franziu a testa.

– Então, por que não o quer? Walker Gordon é deslumbrante, milionário e inteligente.

– Talvez seja um problema hormonal. – Trina inventou. – Desde que tive Maddie, perdi o interesse sexual. No momento, o que mais me atrai é uma boa noite de sono.

– Oh! – Dora exclamou, anuindo com expressão compassiva. – E talvez por isso tenha relaxado com a aparência.

Trina pestanejou, confusa. Deveria ter se preparado para aquele tipo de insulto. Contando até dez, trincou os dentes.

– Que gentileza sua ter reparado.

Os olhos de Dora se arregalaram.

– Oh, não tive intenção de ofendê-la, mas é óbvio que não tem se preocupado com a aparência. Eu poderia ajudá-la, se quiser.

– Tudo bem. O que eu quero é que imprima os comunicados à imprensa sobre os novos modelos de Jenny Prillaman, juntamente com as cartas de apresentação. Gostaria de lê-las, antes de serem enviadas. Obrigada – acrescentou em um tom de dispensa.

Trina passou a hora de almoço na creche da empresa, que ficava no mesmo prédio. Devido a um aumento significativo de gravidez e de bebês, a Bellagio havia se juntado a outra empresa próxima para fornecer serviço de creche aos filhos dos funcionários.

Após dispensar três babás, Trina optara por colocar Maddie na creche com algumas reservas. Preferia cuidados individuais para a filha e temia as infecções, mas adorava a proximidade da creche e a conveniência de visitar Maddie sempre que encontrava um intervalo no expediente.

Trina entrou na ala destinada aos bebês, onde a filha de 6 meses estava sendo alimentada com mingau.

– Como ela se saiu hoje? – Trina perguntou à recreadora que estava dando comida a Maddie.

– Um doce, mas muito agitada. Acho que ela engatinhará antes do tempo. Boa sorte – acrescentou a mulher com um sorriso pesaroso.

Só então, Maddie ergueu o olhar e viu a mãe. No mesmo instante, deixou escapar um guincho de estourar os tímpanos e agitou as mãozinhas, sentada na cadeira alta. – Parece que ela ficou feliz em vê-la.

Trina experimentou o familiar frisson. A adoração da filha para com ela sempre lhe fazia transbordar o coração.

– Como está meu bolinho de cenoura?

Maddie exibiu um sorriso largo e borrado de mingau, enquanto Trina se aproximava para tomar para si a tarefa de alimentar a filha. Depositou um beijo na cabeça da menina, onde o topete de cabelo ruivo pendia para a direita. – Como está sendo seu dia? – Ela perguntou, enquanto erguia a colher na direção dos lábios em forma de botão de rosa.

Maddie engoliu a colherada de mingau e deixou escapar um som gorgolejante, assim como outros ininteligíveis, como se estivesse conversando com a mãe.

– Vovó Aubrey não iria gostar de vê-la falar de boca cheia, mas ainda é cedo para começar a seguir as regras de etiqueta da vovó. Está bem? – Trina perguntou com um gesto positivo de cabeça.

Maddie lhe imitou o gesto e abriu a boca para receber outra colherada. Após terminar de alimentar a filha, Trina limpou o rostinho e as mãos dela, apesar dos protestos da menina.

Em seguida, lhe trocou a fralda e a levou para uma cadeira de balanço, em um dos cantos da ala de bebês, e começou a embalá-la. Após toda a tensão daquela manhã, o peso da filha nos braços era tranquilizador.

À medida que Maddie relaxava, Trina sentiu os próprios batimentos cardíacos e a respiração desacelerarem. Os músculos da nuca descontraíram. Nunca imaginara se sentir assim, mas era como se estivesse segurando o pote de ouro que encontrara no fim do arco-íris.

Quando soube que estava grávida, entrou em pânico e considerou a interrupção da gravidez. Não estava em condições de ser mãe. O apartamento em que morava era minúsculo. Não tinha um marido e, para piorar, sabia que Aubrey morreria se ela se tornasse uma mãe solteira. Além disso, seus planos não incluíam uma criança até, se ou quando se casasse. Sem contar com o fato de não ter a menor habilidade para lidar com bebês. Diabos, nem ao menos tomara conta de crianças durante a adolescência. O que as pessoas faziam com bebês, afinal? Aquelas pequenas criaturas lhe pareciam seres selvagens que choravam, urinavam, choravam, evacuavam, choravam, comiam e choravam um pouco mais.

Portanto, a única escolha que lhe pareceu sensata era ligar para o médico e interromper aquela gravidez. Trina fizera uma anotação mental para telefonar e marcar uma consulta para o dia seguinte, mas se encontrava atarefada demais. Mas, quando resolveu agendar a consulta, sentiu arrepios, o que ela creditou à alteração hormonal, claro. Portanto, decidiu que a marcaria quando deixasse de senti-los e estivesse mais segura e certa de que não se arrependeria.

Mas aquele momento não chegara.

Trina conseguiu esconder a gravidez até os seis meses, quando o abdome começou a abaular. Evitou se encontrar com a mãe, alegando que teria de

se ausentar da cidade a trabalho. Deus era testemunha de que a mãe era capaz de farejar qualquer ganho de peso acima de 500 g.

Na empresa, as pessoas reagiram com surpresa e curiosidade, mas Trina assumira a postura de que era algo corriqueiro estar grávida naquela situação. Dentro de pouco tempo, as perguntas cessaram.

No entanto, a mãe teve uma crise histérica que requereu doses maciças de sedativos. Aubrey se trancara no próprio quarto durante uma semana e Trina desejou que ela assim permanecesse por mais tempo. Talvez por um ano ou dois.

Trina baixou o olhar a Maddie, adormecida em seu colo, os cílios escuros lhe tocando a pele alva. Havia se apaixonado pela filha à primeira vista. O que não sabia sobre como criar filhos podia encher uma biblioteca, mas entendia algumas necessidades de Maddie. Amor, comida, luz do sol, banho, sono e mãe.

Sabia que aprenderia o resto ao longo do tempo. Aninhando-a ao peito, Trina a levou até o berço identificado com o nome de Maddie e a deitou, o coração preenchido com a visão de sua bebê. Acenando para as recreadoras, ela retornou ao escritório.

APESAR DOS esforços de Trina em escapar, Dora continuou o interrogatório sobre Walker durante toda a tarde. Cada menção ao nome dele era apenas para lhe triturar ainda mais os nervos já em frangalhos. Gravetos enterrados nas unhas ou torturas na água seriam provas mais fáceis de suportar.

Prometendo a si mesma que compraria comidas menos calóricas em sua próxima incursão pelo supermercado, Trina buscou a filha na creche e passou pelo *drive-thru* de uma lanchonete para comparar um sanduíche, enquanto Maddie parecia cantarolar em sua cadeira infantil de segurança, no banco traseiro.

Antes de chegar em casa, sentiu o odor característico que indicava a primeira providência que teria a tomar quando entrasse: trocar a fralda de Maddie.

Erguendo a filha no colo, pegou a bolsa da criança, o sanduíche que comprara e entrou. Após pousar as duas sacolas no saguão, encaminhou-se de imediato ao quarto da filha.

Quando havia terminado de trocar a fralda, ouviu a campainha tocar duas vezes seguidas. Trina estacou. A campainha voltou a tocar. Dessa vez, cinco toques, o que a deixou tensa. A mãe.

– Por favor, diga-me que ainda tenho um pouco de vinho no refrigerador – disse ela a Maddie.

A filha lhe devolveu um som ininteligível, mas que de alguma forma, expressava compaixão.

– Carter-Aubrey? – A mãe chamou da porta que havia aberto. – Carter-Aubrey, você está aí?

Trina gemeu. A mãe se recusava a chamá-la pelo nome do meio, que ela adotara como único. Os outros dois não combinavam em nada com seu estilo.

– Estou aqui, mãe – Trina gritou do topo da escada.

– Graças a Deus, você está bem! – Aubrey Carter-Elizabeth exclamou, com seu cabelo tingido de ruivo atado em um penteado perfeito. Assim como a maquiagem e o terninho manequim 36 impecáveis. – Quando vi essa bagunça no saguão temi que sua casa tivesse sido saqueada.

– Deixei isso aí porque precisava fazer uma troca de fralda urgente – disse ela. – O que a traz aqui?

– Oh, olhe para ela! Essa menina está um caos. Vovó Aubrey a deixará limpa e radiante em um segundo – disse ela, estendendo as mãos na direção da neta ao mesmo tempo em que arriscava um olhar à sacola da lanchonete. – Querida, tem de se alimentar melhor. Nunca perderá os quilos que engordou na gravidez se continuar comendo esse lixo.

– Obrigado pelo encorajamento – Trina respondeu, sem esconder o sarcasmo.

– Estou falando para o seu bem. Um dia conhecerá o homem certo, que será um ótimo pai para nossa pequena Madeline, e você precisará estar preparada.

O que significava que no momento ela não estava.

Aubrey observou o blazer do terninho que ela usava.

– O que é isso? – perguntou, raspando a unha sobre o tecido da manga.

Trina baixou o olhar e deu de ombros.

– Mingau? Purê de maçã? Não sei. Não tenho nada para lhe oferecer a não ser comida de bebê e metade do meu sanduíche. Está interessada?

– Não, obrigada – respondeu a mãe, enrugando o nariz. – Passei apenas para ver Madeline e deixar a ficha de inscrição para a escola feminina

Ambrose. Deveria tê-la inscrito no dia em que ela nasceu. Eles têm uma lista de espera interminável. É penoso conseguir uma vaga, mas como você, sua avó e eu nos formamos pela Ambrose, isso não será problema.

Trina sentiu o estômago revirar, enquanto liderava o caminho na direção da cozinha.

– Ainda não decidi se Ambrose é a melhor escola para Maddie. Estou pensando na Montessori.

Aubrey ofegou.

– De jeito algum. Oh, querida, aquela escola não possui uma estrutura sólida, não exige uniforme e lá Madeline não conhecerá as pessoas certas.

Trina mordeu a língua e ergueu os dedos em um sinal de paz, uma espécie de código que utilizava sempre que a mãe estava passando dos limites. Mais uma vez.

O queixo de Aubrey pareceu despencar.

– Oh, não pode achar que estou interferindo, só porque trouxe uma ficha de inscrição. E por ter falado com Owen Randall, do setor de admissão – acrescentou ela.

Trina continuou exibindo o sinal de paz.

Aubrey suspirou, exasperada.

– Posso dar um banho em Madeline?

– Ela vai adorar.

A expressão de Aubrey se iluminou diante da neta.

– Ela é uma bebê linda, como você foi. Fez um belo trabalho. – E olhando Trina de esguelha: – Embora teria sido melhor se tivesse se casado como o pai de Madeline.

– A vida não é perfeita – Trina retrucou. – Deveria saber disso. E lembre-se o que combinamos sobre tocar nesse assunto. – As duas haviam acordado que, se Aubrey não mencionasse o pai de Maddie e o relacionamento desastroso que Trina tivera aos 19 anos, ela não mencionaria o próprio pai ou o fato de ele ter morrido devido a um acidente de carro, enquanto discutia com Aubrey.

A mãe suspirou, resignada, porque a própria vida também não saíra como o planejado. Ela insistira em permanecer na casa da família, apesar do fato de não ter dinheiro suficiente para mantê-la. Aubrey se casara com o pai de Trina pela fortuna que ele mesmo construía, embora não fosse de família abastada. E o pai se unira a Aubrey pelo sobrenome que lhe abria as portas para a nata da sociedade de Atlanta. Infelizmente, o pai havia

perdido a maior parte da fortuna nos tribunais, com ações sobre princípios empresariais. Após anos de briga na justiça, morreu pouco depois, deixando a esposa com as dívidas.

Há muito Trina tentava convencer a mãe a vender a propriedade para alguém que pudesse arcar com as despesas de uma reforma, mas Aubrey que, ao que parecia, não se cansava de assistir a ... *E o vento levou*, incorporara Scarlett e decidira se arraigar às terras da família.

Demasiado melodramático para Trina, que estava satisfeita com a casa onde morava, na qual havia uma Jacuzzi, e amava o fato de o imposto que pagava à associação do bairro cobrir o serviço de gramado.

– Quer alimentá-la, também? – Trina perguntou em tom suave. Aubrey anuiu. – Está bem. Vou buscar um avental para você.

CAPÍTULO 5

APÓS DEMITIR Stephanie, se aposar temporariamente da assistente de administração de longa data do sócio, montar o esboço de uma propaganda e pedir favores para conseguir um cinegrafista, um produtor e alguns atores, Walker se arrastou de volta ao apartamento onde morava.

Foi recepcionado pelo som alto de um jogo que passava na televisão e os odores de cigarro, batata frita e hambúrguer.

Tudo que o tio não deveria estar consumindo, sem mencionar o álcool.

A cabeça de Walker latejava. Sabia por que havia escolhido abrigar o tio Harry, após ele passar algumas semanas em uma clínica se recuperando, depois de fazer a cirurgia de bypass. O tio confiava nele. Além disso, Walker era independente financeiramente e o restante da família Gordon tinha um histórico desanimador quando se tratava de finanças, bancos, impostos e credores.

Walker se livrou do blazer, enquanto cruzava o piso de madeira do saguão a caminho da sala de televisão. O tio, calvo e com discreta deficiência auditiva, se encontrava sentado em sua cadeira favorita, segurando um cigarro aceso entre os dedos e uma garrafa de cerveja na outra mão. A sacola com o logotipo de uma famosa rede de lanchonetes, amassada na bandeja ao lado da TV, denunciava a orgia alimentar.

Com um suspiro exasperado, Walker se aproximou por trás, pé ante pé, e arrancou o cigarro e a garrafa de cerveja das mãos do tio.

– Ei! O que está... – Harry girou com um movimento brusco e uma expressão indignada, que logo deu lugar a um sorriso amarelo. – Walker, meu garoto, estava imaginando quando chegaria em casa.

– O que, pelos visto, eu deveria ter feito mais cedo – Walker resmungou.
– Sabe muito bem que não deve beber nem fumar. E para quê fez a cirurgia de bypass, se planejava entupir suas veias no instante em que saísse do hospital?

– Há meses que não como um hambúrguer – Harry protestou, pressionando o botão do controle remoto para diminuir o volume da televisão. – Estava sentindo falta.

– Onde conseguiu isso? Não posso acreditar que a cuidadora do serviço de assistência domiciliar permitiu um abuso desses.

– Oh, eu a dispensei mais cedo – Harry disse com um gesto negligente de mão. – E você sabe que tenho permissão para fazer caminhadas curtas. Conversei com um dos seguranças do condomínio. É um bom homem. Disse a ele que posso lhe arranjar um bom negócio em um trailer para o enteado de 30 anos, que se recusa a viver com ele. Acho que se sentiu agradecido e me trouxe o jantar, depois que largou o turno.

– Também trouxe a cerveja e o cigarro? – Walker perguntou, sentindo-se como uma mãe e não gostando nem um pouco da sensação.

Os lábios do tio Harry se curvaram em um sorriso maroto.

– Eu mantenho um estoque à mão. Ei! Não se trata de charutos cubanos. Acho até mesmo que os cubanos são superestimados.

– E a cerveja?

– Estava debaixo da sua cama – Harry respondeu, com um gesto negativo de cabeça. – Que vergonha, garoto. Não esperava isso de você.

Walker levou as mãos aos quadris e mordeu a língua para conter uma risada. Tio Harry havia comparecido a todas as formaturas dos sobrinhos e contribuíra com dinheiro, quando ele, a mãe, a irmã e o irmão necessitaram.

Claro que no presente, a mãe e os irmãos ainda desfalcavam a conta bancária de Walker. Ou de Harry. Dependendo daquele que atendesse o telefone celular primeiro.

– Dê-me a cerveja de volta e me conte como foi seu dia de trabalho, garoto – disse o tio.

– Não – Walker respondeu, levando a cerveja e o cigarro para a cozinha. Em seguida, despejou o conteúdo da garrafa na pia, apagou o cigarro, o descartou no lixo, retirando duas garrafas de água do refrigerador. Retornando à sala de televisão, retirou a tampa de uma das garrafas e a entregou ao tio.

Harry fez uma careta, mas tomou um grande gole.

– Quase perdi uma conta importante hoje.

Harry anuiu. O semblante se tornando sério.

– Quase quer dizer que ainda há possibilidade de mantê-la?

– Sim – Walker respondeu. – A da Bellagio Shoes.

Os olhos de Harry se arregalaram.

– Bellagio. Aquela menina Tarantino que o abandonou no altar, na frente de Deus e todo o mundo, não era parente dos Bellagio?

– Sim – Walker confirmou, tomando um gole de água e desejando estar bebendo uísque. Não por ter perdido Brooke, mas por não querer perder a conta da Bellagio.

– Foi por isso que nunca me casei – Harry disse.

– Por ter medo de ser abandonado no altar?

– Não. Por causa da maldição Gordon. Somos péssimos nos quesitos casamento e paternidade.

– Pensei que estivesse relacionada à questão da paternidade. Mas Brooke e eu havíamos concordado em não termos filhos.

Harry resfolegou.

– Converse com sua mãe, se acha que é apenas no departamento da paternidade. O que fará para manter a conta?

– Gozo do apreço e da confiança deles. A diretoria sabe que cumpro com meus compromissos. Mas acho que na opinião dos Bellagio, eu deveria ter sido mais competente em controlar minha mulher. – Walker tomou outro gole de água. – Preciso produzir um comercial bombástico e rápido. Se eu conseguir o apoio de alguns colaboradores importantes da Bellagio, acho que serei capaz de manter a conta. Ainda mais agora, que permanecerei em Atlanta. – Trina lhe veio à mente e ele franziu a testa, imaginando por que ela se mostrara tão reticente. Apreciava o relacionamento amigável que tiveram, antes de ele viajar para a França. Trina sempre se mostrara uma companhia agradável. Era como se com ela pudesse baixar a guarda sem correr riscos. Além disso, Trina lhe garantia que a noite que passaram juntos não tivera nenhum significado. Agora, não sabia o que pensar.

– A propósito, seu telefone tocou algumas vezes, mas eu não atendi – Harry disse. – Mas pelo que pude ver no identificador de chamadas, era seu irmão.

– BJ costuma ligar para cá primeiro – Walker disse, imaginando se os problemas atuais do irmão seriam financeiros ou pessoais. – Vou telefonar

para ele. Divirta-se com o jogo, mas basta de cigarros ou cervejas por esta noite.

Harry fez uma careta de desgosto.

– Está bem – concordou. – Por esta noite.

Walker subiu a escada na direção do escritório e se deixou afundar na cadeira de couro, atrás da mesa. Em seguida, ergueu o fone e discou o último número que o irmão lhe dera, ao mesmo tempo que abria uma das gavetas, de onde retirou um talão de cheques. As conversas com BJ quase sempre envolviam quantias em dinheiro. Mas Walker não se ressentia por isso. Sentia-se satisfeito por ter a possibilidade de ajudar o irmão. Alguém tinha de compensar a falta do pai.

Antes de completar o primeiro toque, Walker ouviu a voz do irmão do outro lado da linha.

– Olá.

– BJ, o que houve? – perguntou ele, esfregando o rosto com uma das mãos. – Está tudo bem?

– Poderia estar melhor – respondeu o irmão. – Engravidei uma mulher.

Walker sentiu um aperto no peito.

– Tem certeza de que o bebê é seu? Costuma usar proteção, certo?

– Bem, sim, mas com essa menina... ela parecia tão segura de que não havia a menor possibilidade de engravidar.

– Menina – Walker repetiu. – Diga-me que ela é maior de 18 anos – disse, erguendo uma prece aos céus para que o irmão não tivesse ido para a cama com uma menor de idade.

– Ela tem 22 anos – disse BJ, fazendo uma pausa a seguir. – Acho que ela quer se casar comigo.

Walker fechou os olhos, mal conseguindo suprimir um gemido. O irmão mais novo cometera várias loucuras ao longo dos anos. No currículo de BJ constava a tentativa de utilizar excremento de galinha como combustível, venda de moradias compartilhadas para animais de estimação, confecção de uma carta-corrente que ele jurava lhe renderia uma fortuna e corretagem imobiliária para vender uma ilha inexistente no Caribe.

Walker teve de pagar várias fianças para que ele não fosse preso e sempre repetia o mesmo sermão. Ele e o irmão eram opostos em quase todos os aspectos, mas se havia algo em que sempre concordaram era sobre a questão da paternidade. Não diga apenas “não”. Diga “nunca”, era o lema que usavam.

– Sei que nos comprometemos a nunca ter filhos, mas tenho de lhe dizer que quero ser um bom pai para essa criança. E um bom marido para Danielle. Nunca pensei que um dia diria isso, mas quero ser um homem de família.

Por quanto tempo?, imaginou Walker. Durante toda a sua vida, BJ demonstrara ter o mesmo poder de imobilidade de uma mosca.

– BJ, isso não é mais um investimento financeiro do qual pode desistir e se dedicar a outro. Trata-se de um ser humano. Uma pessoa. Tem certeza de que deseja arcar com essa responsabilidade? E essa moça? Você a ama o suficiente para permanecer ao lado dela, tentar arranjar um emprego decente e viver uma vida estável?

– Sei que o bebê é um ser humano e, sim, amo Danielle. Eu a amo há algum tempo. Apenas não queria lhe contar. Sei que não está acreditando em mim. E não posso culpá-lo por isso.

– Não disse que não estou acreditando em você – Walker respondeu. – Vivo repetindo que você tem um grande potencial.

– E sempre me livrou das enrascadas. Mas sabe que posso trabalhar duro – BJ acrescentou.

– Sim – Walker admitiu. Trabalhar duro, sim, mas se focar no trabalho, não.

– Então, eu e Danielle concordamos que seria melhor nos mudarmos para Atlanta. Gostaria de trabalhar para você, irmão. Esse sempre foi o meu sonho. – Um alarme disparou na mente de Walker. Apesar de a Bellagio ter como princípio o trabalho de parentes na mesma organização, ele sempre acreditara que pessoas da mesma família trabalhando juntas não era uma boa ideia. Na verdade, era uma péssima ideia. – Sou capaz de fazer isso – BJ prosseguiu. – Farei tudo que você quiser. Farei serviço de *office-boy*. Atenderei telefonemas. Ajudarei a vender propagandas. Mas me dê uma chance.

Walker limpou a garganta.

– Não sei se a área de publicidade o agradaria. Você possui o espírito de empresário. O que é ótimo, mas, às vezes, torna difícil receber ordens de outra pessoa.

– Preciso recomeçar do zero, se quero que isso dê certo. Preciso de sua ajuda, como nunca precisei antes. Tenho de amadurecer e ser o pai de outro ser.

NA MANHÃ seguinte, o supervisor de Trina, Ben Ferguson, a chamou em seu escritório e fechou a porta para lhes garantir privacidade. Aquele era o primeiro sinal de que algo incomum acontecera.

Ben se sentou na cadeira atrás da mesa e a observou por um instante. Trina lhe sustentou o olhar com semblante calmo, embora experimentasse um frio na barriga.

– Haverá algumas mudanças na empresa. Preciso saber se quer ficar com o meu cargo.

Trina pestanejou várias vezes.

– O que disse?

– Se eu for promovido, quero ter certeza de que deseja ficar no meu lugar.

– Claro que sim – disse ela. – Sempre almejei seu cargo.

Ben soltou uma risada.

– Isso é o que mais me agrada em você. Almeja meu cargo, mas é incapaz de me apunhalar pelas costas para consegui-lo. Em vez disso, me ajudou a ser promovido.

Trina sorriu.

– O que mais gosto em você é sua capacidade de reconhecer que estou tentando ajudá-lo.

– Você ajudou a promover minha imagem. Tanto que estou ocupando o lugar de Anthony Tarantino na vice-presidência este verão. Ele está pensando em se aposentar.

– Isso é ótimo! – disse ela. – Você deve estar eufórico.

– Sim, estou – Ben concordou. – Mas terei de ficar no limbo durante uma fase, em que estarei substituindo Anthony e, ao mesmo tempo, ainda trabalhando como supervisor de relações públicas. Se tem certeza que quer ficar no meu lugar, então preciso que comece agora.

– Sempre tive.

– Não queria mencionar isso, mas você tem uma filha pequena e é mãe solteira. Isso será um problema?

– Claro que não – Trina garantiu, embora experimentasse uma leve pontada de incerteza. – As mulheres vêm desempenhando múltiplos papéis há eras. Percebeu alguma falha no meu desempenho?

– Não. Com exceção de alguns atrasos e das vezes que teve de sair mais cedo para consultas médicas, sempre está disponível quando a Bellagio precisa dos seus serviços.

– Obrigada por notar – disse ela.

Ben a observou por mais alguns instantes.

– Muito bem. A ordem do dia é Walker Gordon.

O coração de Trina deu uma cambalhota no peito.

– Quer que eu o dispense?

Ben soltou uma risada.

– Diabos, não! O conselho administrativo ainda concorda em lhe dar prioridade, apesar do fiasco com Brooke. Mas há uma pessoa de contato de marketing designada para ele e precisamos de outra do Departamento de Relações Públicas. Essa seria você.

Trina engoliu um ofego em seco.

– Pensei que Gordon ainda precisasse apresentar o comercial, antes de o conselho administrativo aprová-lo.

Ben deu de ombros.

– Sim, é melhor que seja um comercial decente. Mas desde quando Walker produziu algo que não fosse espetacular? Desde que ele se responsabilize diretamente pela conta da Bellagio e desempenhe bem seu papel, optaremos por Walker. Foi o próprio Marc Waterson quem me disse isso.

Trina engoliu em seco sete palavras obscenas. Como poderia trabalhar com Walker? Se ele iria permanecer em Atlanta, teria de lhe contar sobre Maddie.

Era óbvio que deixara transparecer a falta de entusiasmo.

– Não parece muito feliz com isso. Sempre tive a impressão de que você e Gordon tinham uma excelente convivência.

– É verdade – concordou ela, sem muita convicção.

Ben franziu a testa.

– Aconteceu algo que eu precise saber...?

– Oh, não – Trina se apressou em dizer, com os batimentos cardíacos acelerados pela mentira, e rezando para que a coloração do rosto não a traísse. – Eu... uh... – Ela clareou a garganta, exibindo um sorriso tenso, enquanto vasculhava a mente em busca de uma razão que justificasse aquela resposta. – ... apenas pensei que a Bellagio se beneficiaria com um ponto de vista novo em termos de publicidade.

Ben pareceu relaxar.

– Entendo o que quer dizer, mas tem de admitir que Walker sempre fez um excelente trabalho para nós. Portanto, veremos como ele vai se sair com

a próxima campanha. E, claro, como você é a pessoa de contato do Departamento de Relações Públicas, seu trabalho será garantir que seja um sucesso – Ben disse em um tom quase brincalhão, embora se calasse quando percebeu o silêncio de Trina. – Se achar que será muito desgastante, podemos tentar Dora...

– Oh, não – Trina disse, sentindo-se possessiva em relação ao trabalho, ao próprio futuro e ao da filha. – Estou apta a exercer essa função.

– O fato de eu estar trabalhando lá em cima não significa que não possa me contatar caso tenha qualquer dúvida – Ben a tranquilizou.

– Obrigada e meus parabéns – Trina disse, se erguendo.

– Obrigado – Ben lhe imitou o gesto. – Mas não comente isso com ninguém. Ainda não é oficial.

– Está bem. Voltaremos a nos falar mais tarde – Trina respondeu e deixou o escritório do supervisor, com a mente em turbilhão. Aquela era a promoção que ela estivera se esforçando para conseguir desde que começara a trabalhar na Bellagio. Pedira favores a ex-colegas de faculdade para conseguir promover a Bellagio. Trabalhara depois do expediente e se sacrificara. E, por fim, sua chance chegara. Aquela promoção era mais importante do que nunca, agora que era responsável pelo bem-estar de Maddie. Sabia que era qualificada para aquele cargo. Mas também estava ciente de que precisaria de ajuda. Alguém que fizesse suas compras de supermercado, lhe preparasse refeições de vez em quando e que tomasse conta de Maddie quando precisasse ficar trabalhando até mais tarde. Sentiu um aperto no peito diante daquela última possibilidade, mas não se torturou por isso.

Entrou no próprio escritório, abriu um arquivo no computador e começou a listar os requisitos para a pessoa que precisava. Tomou uma xícara de café e telefonou para a *Bride Magazine* para confirmar a menção aos calçados Bellagio na edição de junho. Custou-lhe uma pesquisa extra, mas descobriu o número que calçava a editora de uma revista feminina de alta tiragem e providenciou para que lhe fosse enviado um par de sandálias Bellagio.

Com uma lata de refrigerante dietético na mão, começou a discar o número do Departamento de Marketing, quando seu telefone tocou.

– Trina Roberts.

Seguiu-se um breve silêncio.

– Olá, é Walker.

Trina sentiu a garganta fechar e inspirou profundamente para relaxar os músculos.

– Olá, Walker.

– Acabei de conversar com Ben e ele me contou que você será uma das minhas pessoas de contato.

– Foi isso que me disseram – respondeu ela, forçando na voz um ânimo que estava longe de sentir.

– Achei que seria uma boa ideia conversar com você sobre o comercial e minhas ideias. Um drinque após o expediente está bem para você?

– Deixe-me verificar minha agenda e lhe retorno. Acho que talvez seja mais fácil para mim se nos reunirmos no escritório, na parte da tarde.

– Fiquei encarcerado o dia todo produzindo esse comercial.

– Está bem. Então, verei se posso e lhe retorno mais tarde. – Trina desligou o telefone, detestando o fato de as mãos estarem trêmulas. Teria de se controlar. Revendo as próprias opções, discou o ramal de Jenny Prillaman.

– Olá, garota – Jenny disse com um sorriso na voz. – Como está aquela bebê linda?

– Linda e crescendo – Trina disse. – Você se ofereceu para tomar conta dela de vez em quando. Há alguma chance de ficar com Maddie por algumas horas esta noite?

– Oh, algum encontro excitante? – Jenny perguntou.

– Negócios.

– Oh! – Jenny disse, parecendo despontada. – Gostaria de poder ajudá-la, mas os preparativos do casamento estão a todo vapor e Marc e eu temos uma reunião com o padre esta noite.

– Tudo bem. Sem problemas – Trina disse.

– Mas terá de me prometer que quando precisar, me pedirá.

– Prometo – respondeu ela, pensando que Jenny devia ser uma das pessoas mais doces do mundo. – Mas como se casará em breve, talvez comece a produzir os próprios bebês.

– Uma coisa de cada vez. Quando precisar, me peça.

– Claro – Trina respondeu. Após desligar, discou o número de outra amiga que também tinha planos para aquela noite.

Com expressão desgostosa, decidiu apelar para sua última opção.

– Mãe, sou eu.

– Olá, querida. Estou jogando bridge.

– Está bem. Serei breve. Há alguma chance de você buscar Maddie na creche e ficar com ela por algumas horas esta noite?

– Sim. Você tem um encontro?

– Não. É um compromisso de trabalho.

– Oh! – disse a mãe, sem ocultar o profundo desapontamento na voz. – Gostaria que começasse a...

– Muito obrigada, mãe. Não devo demorar. Pegue ela na creche da empresa. E arrase no jogo – disse, antes de desligar.

Após o expediente, Trina entrou em um salão de beleza ao lado do prédio da Bellagio, para lavar o cabelo e fazer uma escova. De uma forma extremamente delicada e indireta, ensaiou como contar a Walker sobre Maddie.

Tive uma filha seis meses atrás. Você é o pai.

Não espero nada de você.

Não quero nada de você.

Não sei explicar como o anticoncepcional não funcionou.

Talvez porque ambos estávamos bêbados.

Por que não me contou antes?, perguntaria Walker.

Nunca encontrei a oportunidade certa.

Trina revirou os olhos. Desculpa esfarrapada. Péssima.

Arriscou um olhar às unhas, desejando dispor de mais tempo para pintá-las. Nos cuidados com Maddie, eram necessárias lavagens de mão constantes, após a troca de fraldas, antes de alimentá-la ou após limpar os resíduos de alimentos do rosto da filha. Ficou satisfeita por estar usando preto naquele dia. A cor a fazia parecer menos vulnerável. Qual seria o traje adequado para uma mulher revelar a um homem que era mãe da filha dele?

Trina engoliu em seco uma bolha de pânico que se formou na garganta.

O que Walker poderia fazer com ela?, perguntou a si mesma, tentando abordar a situação de forma racional. Por certo, não poderia acusá-la de estar tentando obrigá-lo a se casar com ela. Tampouco de estar tentando lhe impor o papel de pai presente para Maddie, porque há muito decidira não pedir nem esperar nada de Walker.

E se ele não acreditasse nela?

Trina contraiu a mandíbula. Aquilo a incomodava. E muito.

Mas provavelmente não aconteceria, assegurou a si mesma, enquanto saía do salão de beleza e entrava em uma farmácia para comprar pó

compacto, batom e rímel. Aplicou a maquiagem dentro do carro, sentindo como se estivesse revestindo a armadura com uma camada extra.

Estava em posição vantajosa naquela situação, afirmou em silêncio enquanto entrava no bar. Tinha o conhecimento dos fatos e Maddie. E esse último pensamento a aqueceu como raios de sol.

Olhou por todo o bar, mas não avistou Walker.

Uma pontada covarde de alívio a atingiu em cheio. *Oh, Deus, ele era do tipo que dava bolos.*

– Venceu-me por segundos – a voz masculina familiar soou atrás dela.

Trina sussurrou um xingamento, mas conseguiu girar na direção dele com um sorriso bailando nos lábios.

– Estava imaginando se não teríamos de transferir o drinque para outro dia.

Walker fez que não com a cabeça.

– Não. Estive ansioso por este momento durante o dia todo. – Ele gesticulou na direção de uma mesa do lado oposto e chamou o garçom.

Trina sentiu a mão forte quase lhe tocar as costas e em uma reação automática acelerou o passo.

Walker afastou a cadeira para que ela se sentasse.

– Teve um dia cheio?

– O de sempre – respondeu ela, acomodando-se na cadeira e pensando que não se lembrava de Walker ser tão alto.

Quando ele se sentou na cadeira oposta, Trina refletiu que não se lembrava daqueles ombros serem tão largos. Mas se recordava bem da intensidade dos olhos castanho-esverdeados, da boca sensual e da forma como ele a beijara naquela noite: com um misto de frustração e algum tipo de desejo carnal. E ela se sentira da mesma forma, frustrada com a insanidade daquele casamento não realizado e curiosa para conhecer a habilidade de Walker com uma mulher. Ele também devia ter se sentido curioso. A primeira vez fora rápido, mas houve uma segunda. E uma terceira.

Trina sentiu uma onda de calor lhe percorrer o corpo. A sensação a fez se lembrar como dois copos de vinho a afetaram, a queimação que se espalhara do peito para o rosto e a forma como o coração acelerara. Era apenas a lembrança do sexo selvagem, disse ela a si mesma. Não especificamente de Walker.

Um garçom se aproximou da mesa.

– Quero a cerveja à pressão que você tiver – Walker disse, antes de girar na direção dela. – O que você gosta? Martíni? – perguntou, olhando-a nos olhos por um longo instante. – Não. Era outra bebida – disse, movendo a cabeça em negativa, com um sorriso oblíquo. – *Mojito*.

O fato de Walker se lembrar do drinque a fez experimentar um frisson. Um tolo frisson, disse a si mesma.

– Agora não mais. Estou pegando leve – disse ela, pedindo uma taça de vinho branco suave ao garçom, em seguida.

– Pegando leve – repetiu ele. – Quando isso aconteceu?

– Algum tempo atrás – Trina respondeu, dando de ombros e desejando que a bebida tivesse sido servida para poder ocupar as mãos com o copo. Deveria contar a Walker, antes ou depois de o garçom retornar?

– Muito bem. E então, o que esteve fazendo no último ano e meio?

Tendo uma filha. Não exatamente, pensou ela, desviando o olhar da expressão expectante de Walker.

– Trabalhando, me mudando. E como foi Paris? – perguntou, tentando desviar o foco da conversa de si.

– Ótimo.

O garçom retornou com as bebidas e Trina começou a brincar com a haste da taça de vinho.

– O retorno foi difícil?

– Sim e não. Estava na hora de voltar e eu não queria perder a conta da Bellagio.

Trina levou a taça aos lábios.

– É apenas mais uma conta, certo? E com o bônus da humilhação pública e algumas péssimas lembranças.

Walker estacou e a estudou com olhar perscrutador.

– Tenho a impressão de que não me quer por perto – disse ele em um tom de voz aveludado, porém firme.

– Não é nada disso – Trina retrucou, forçando as palavras para fora da garganta. – Todos sabem que você é ótimo no que faz. Apenas achei que talvez preferisse evitar o constrangimento.

– Fiz isso – Walker disse, antes de tomar um grande gole da cerveja. – Meu casamento com Brooke não se realizou e foi melhor assim, mas nem por isso perderei a conta da Bellagio.

O tom metálico de Walker a fez experimentar um aperto no peito. Não sabia como ele iria reagir à notícia de que era o pai de sua filha.

– Por falar na Bellagio, gostaria de lhe mostrar alguns modelos que estou utilizando no comercial. – Walker retirou um PalmPilot do bolso e o ligou. Após apertar alguns botões, entregou-o a Trina. – O que acha?

A tela exibia a foto de rosto de uma loura dentuça.

– Bonita – comentou ela. – Mas não queremos a perfeição – acrescentou.
– Estamos à procura do Sr. e da Sra. Corriqueiros, mas que fiquem elegantes com os calçados.

Walker anuiu.

– Não querem nada intimidante.

– Certo – Trina concordou, antes de tomar um gole do vinho, escarnecendo de si mesma em silêncio. – Houve algumas mudanças que preciso discutir com você.

Walker se inclinou para a frente.

– Na Bellagio?

Trina negou com a cabeça.

– Mais em relação a mim e há algo que deve saber. Eu... uh... nós... uh...

– Walker Gordon, quando voltou para Atlanta? – O sotaque sulista e insinuante de uma mulher soou a poucos centímetros de distância.

Trina ergueu o olhar a uma ex-colega de faculdade, trajada de maneira impecável e com o cabelo penteado. Blair Smythe Manning Davis, duas vezes divorciada.

O semblante da mulher se iluminou. As facetas dentárias de porcelana tão alvas quanto giz branco.

– Deve se lembrar de mim. A última vez que nos vimos, ambos estávamos comprometidos, mas agora você está solteiro e eu também. – Só então a mulher coquete dispensou um olhar desinteressado a Trina. – Faz tempo que não nos vemos, Walker. Posso me sentar com vocês? Ou estou interrompendo algo importante? – perguntou, como se aquela possibilidade acabasse de lhe vir à mente.

Walker dirigiu o olhar a Trina.

– Estamos discutindo negócios.

Blair estalou a língua e tocou o relógio cravejado de diamantes.

– Já passa muito das 17h. É hora de fechar o expediente – disse ela, puxando uma cadeira de outra mesa.

Walker se ergueu para ajudá-la. Blair lhe sorriu enquanto se sentava e se dirigiu a Trina.

– Olá, sou Blair...

– Davis – Trina terminou, porque não pôde resistir. A mulher pestanejou várias vezes, enquanto a estudava. – Trina Roberts – disse ela, salvando Blair de uma situação embaraçosa. – Frequentamos a mesma escola para meninas.

– Oh! – disse Blair, com um sorriso hesitante. – Terei de procurá-la em meu anuário escolar.

– Deixei meu cabelo crescer e estava algumas séries atrás de você – Trina não resistiu em acrescentar, percebendo que Blair estava magérrima e tinha uma expressão canibal no olhar. O cabelo mostrava reflexos platinados e a pele era bronzeada artificialmente ao estilo oompa-loompa. Abatera dois maridos e estava pronta para o terceiro. Trina imaginou se à noite não costumava escorrer sangue daqueles dentes incisivos.

– É mesmo? – Blair perguntou, incrédula, soltando uma risada forçada. – Terei mesmo de pesquisar meu anuário escolar. Mas basta de falarmos de mim. Walker, faça meu sonho virar realidade e diga que está de volta à cidade para ficar.

Com um olhar constrangido a Trina, ele limpou a garganta.

– Sim, voltei em caráter permanente.

– Isso é ótimo. Os Waltham darão uma festa este fim de semana. Você tem de me acompanhar.

– Ainda estou na fase de mudança – disse ele.

Blair se mostrou amuada.

– Pode fazer isso a qualquer momento. Quero apenas pegá-lo emprestado na noite de sábado. Pelo menos, para começar – acrescentou com um brilho sedutor no olhar.

E assim a conversa prosseguiu por mais 20 minutos, enquanto Trina tomava goles de sua taça de vinho e contribuía com 11 gestos positivos de cabeça e oito “uh-huhs”. A apreensão que lhe comprimia o peito se transformou em irritação. Era óbvio que não poderia contar a Walker sobre Maddie naquela noite. Arriscando o olhar ao relógio de pulso, se forçou a interromper a última combinação de fofoca com flerte de Blair.

– Desculpe, mas tenho outros planos para esta noite, portanto, é melhor eu ir embora.

Trina se ergueu e Walker a imitou.

– Eu a acompanho até o seu carro.

– Não há necessidade. Posso encontrá-lo sozinha.

– Preciso discutir mais algumas coisas com você – disse ele, sem conseguir esconder a frustração na voz.

– Podemos tentar nos encontrar em meu escritório. Telefone-me amanhã, pela manhã.

– Ainda assim, insisto em acompanhá-la.

– Que cavalheiro! – Blair disse. – Permita que ele a acompanhe para que ele possa voltar e conversar mais um pouco comigo.

Trina exibiu um sorriso tenso.

– Está bem. Foi bom revê-la. Está mais deslumbrante do que nunca.

– Obrigada. Você é muito gentil.

Trina se encaminhou para fora do bar, mas logo percebeu a presença de Walker ao seu lado.

– Vai mesmo me deixar sozinho com aquela mulher? – perguntou ele.

– Ora, ela é um ótimo contato. Blair conhece todo mundo e comenta sobre todos.

Walker ajustou a gravata.

– Não sabia que havia estudado com ela.

– Posso ter cursado a mesma escola que Blair, mas isso não significa que éramos amigas – disse ela, aproximando-se do próprio carro e imaginando se Walker perceberia a cadeira de criança no banco traseiro. Pelo menos, havia se lembrando de fechar a capota do carro conversível.

Porém, conhecia a capacidade de observação de Walker e a tensão em seu íntimo subiu mais um patamar.

Não querendo revelar que ele era pai em pleno estacionamento do bar, apressou-se em se postar diante dele.

– Desculpe não poder livrá-lo da companhia de Blair, mas ela é bonita e bem relacionada, também.

– E pegajosa como cola – retrucou ele, com um xingamento baixo. – Isso não saiu como planejei.

Trina sorriu.

– Às vezes, acontece.

– Eu lhe telefonarei pela manhã – Walker disse e ela sentiu os olhos castanho-esverdeados percorrê-la com algum tipo de combinação que incluía interesse masculino.

– Está bem – disse ela, resistindo ao impulso de encolher o abdome, enquanto girava na direção do carro.

– Vamos nos reunir amanhã.

– Sem problemas – Trina respondeu, esforçando-se para ignorar o frio na barriga diante da expressão determinada naquele belo rosto.

Walker anuiu.

– Foi bom revê-la. Estava com saudade de nossas conversas. Sempre me senti muito à vontade com você.

– Humm – disse ela, com um aceno positivo de cabeça, antes de erguer uma das mãos. – Falo com você amanhã.

Trina entrou no carro, atirou a bolsa no banco do carona, deu partida e manobrou para fora do estacionamento. Quando olhou pelo retrovisor, viu Walker ainda parado a observando.

CAPÍTULO 6

QUANDO CHEGOU ao saguão de casa, Trina se livrou dos sapatos e atirou a bolsa e as chaves sobre o aparador italiano, uma peça antiquada que havia arrematado em leilão.

A voz da mãe cantando uma versão desafinada e estridente de canção de ninar quebrou o silêncio. Trina revirou os olhos, mas sorriu ao mesmo tempo. Ela e a mãe não haviam se entendido por 28 dos 29 anos de Trina, e continuavam a não ter nada em comum, mas Maddie conseguira tornar a convivência das duas suportável.

A criança conseguira suavizar as arestas ásperas da personalidade de Aubrey e para Trina ficava difícil guardar mágoas, quando via a mãe disposta a fazer papel de boba pela única neta que possuía.

Após a malfadada reunião com Walker, desejava apenas ver a filha. Tinha uma forte sensação de que as coisas mudariam assim que ele soubesse a verdade. No momento, era apenas Maddie e ela. Embora tenha sido difícil no início e Trina nunca esperasse se sentir assim, a filha lhe proporcionara um refúgio contra a insanidade do mundo.

Procurando não fazer barulho, Trina subiu os degraus da escada, se encaminhou ao quarto da criança e perscrutou pela porta. Aubrey tinha os olhos fechados, mas continuava a cantarolar. Maddie emitia sons ininteligíveis e agitava as mãozinhas diante do rosto da avó.

A pobre criança devia estar tentando encontrar uma forma de fazer cessar os sons desagradáveis que a avó fazia. Trina se repreendeu pelo pensamento cruel.

Aubrey abriu os olhos e encontrou o olhar da filha. O sexto sentido da mãe em relação a ela sempre a impressionara. Aubrey se calou no meio de

uma estrofe e baixou o olhar a Maddie, com um suspiro profundo.

– Está bem acordada. Agora está na hora de ficar com a mamãe.

– Obrigada por tomar conta dela. – Trina caminhou até a cadeira de balanço e ergueu a filha nos braços. O peso quente do bebê em seu colo preencheu o espaço vazio dentro dela.

– Está tão cheirosa que dá vontade de comê-la – Trina disse, baixando o olhar à cabeça ruiva da filha. – Vovó lhe deu um banho? – A boca diminuta de Maddie se alargou em um sorriso luminoso, enquanto sons borbulhantes lhe escapavam da garganta.

– Ela é igual a você. Adora tomar banho – Aubrey disse.

– Obrigada mais uma vez – Trina agradeceu, acomodando-se na cadeira de balanço.

– Não precisa agradecer – Aubrey respondeu. – Avisou-me um pouco em cima da hora, mas, como não tinha nada marcado, pude ajudá-la. Não entendo por que ela não conseguiu dormir com a canção de ninar. Sempre funcionou com você.

– Maddie é de fato singular.

Aubrey fungou.

– Herdou isso de você, também. Vou esperá-la lá embaixo.

Trina começou a acariciar a testa da filha e conversar com ela em um tom de voz suave. Descobrira que não importava o que dizia. Eram os afagos e o tom que proporcionavam o efeito calmante em Maddie.

– Tive uma noite péssima – disse ela com voz aveludada e baixa. – Teria sido mil vezes melhor ficar com você. – A imagem de Walker lhe varou a mente, calando-a. Maddie se remexeu sinalizando que desejava que ela continuasse. Trina sorriu e voltou a lhe acariciar a testa. – Mas não vamos falar sobre isso. Vamos conversar sobre nosso almoço de amanhã. Você prefere batata-doce ou feijões verdes? Isso parece gostoso? E se o tempo estiver bom, vou levá-la para passe... – O corpinho de Maddie relaxou e a respiração ganhou um ritmo cadenciado. – Funciona como mágica – disse ela, enquanto deitava a filha no berço.

Em seguida, desceu a escada para encontrar a mãe na sala de televisão. Aubrey ergueu o olhar e a estudou por trás das lentes dos óculos de grau.

– Está maquiada – observou a mãe. – E deu um jeito no cabelo. – Aubrey ergueu as sobrancelhas. – Com quem se encontrou esta noite?

Trina fez um gesto negligente com uma das mãos e se encaminhou ao refrigerador para pegar uma garrafa de água.

– Com alguém da agência de publicidade que a Bellagio contratou. Nada de mais.

Exceto pelo fato de ele ser um homem sexy e o pai de sua filha.

– Homem?

– Sim, mas acho que é gay – Trina mentiu. Aquilo sempre punha um ponto final no interrogatório da mãe.

– Oh! – Aubrey disse, franzindo a testa, confusa. – Então, por que foi toda produzida?

– Talvez eu tenha escutado os conselhos da mamãe e decidido que está na hora de empregar alguns esforços em minha aparência. – Trina tomou um gole de água.

– Bem, essa é uma ótima notícia. Está disposta a aderir a algum plano de emagrecimento? Ficaria feliz em tomar conta de Maddie enquanto...

– Vamos com calma – Trina respondeu, experimentando uma pontada aguda de irritação. – Por que todo mundo resolveu comentar sobre meu peso? Não estou obesa. Estou apenas com quatro a sete quilos a mais. Em outro século, ainda seria considerada demasiado magra para uma figura rubenesca.

– Oh, outras pessoas estão comentando. – Disse a mãe em tom compassivo. – Sinto muito, querida. Mas são poucos quilos e seria tão fácil conseguir perdê-los, cortar o cabelo, tingi-lo, usar um pouco de maquiagem e comprar roupas novas. Assim, poderia conseguir pretendentes.

Como se ela não fosse capaz de conseguir nenhum no momento. Na verdade, não sabia se estava apta a ter um relacionamento. Fazia tanto tempo desde a última vez em que tivera um encontro romântico, ou que fizera sexo. Walker. A última vez que fizera sexo... mas não fora um encontro romântico de verdade. E se o palito Blair conseguisse seu intento, Walker começaria a sair com ela. Talvez até se casasse com aquela devoradora de homens.

O pensamento a irritou. Mas não deveria, disse a si mesma, porque se casar com Blair seria um castigo para Walker, a não ser que ele apreciasse aquele tipo de mulher.

O que não era de sua conta.

– Eu já lhe disse que não estou inclinada a arranjar um namorado agora. E com as mudanças no meu trabalho, terei ainda menos tempo do que antes.

– Mudanças no trabalho? – Aubrey repetiu. – Quais?

Trina mordeu a língua, desejando não ser tão linguaruda.

– Nada de importante, mas me designaram mais responsabilidades.

– E quanto a Maddie?

– Estou pensando em contratar alguém para me ajudar. Para fazer as compras de supermercado, cozinhar e tomar conta de Maddie quando for necessário eu ficar até mais tarde no trabalho.

– Bem, eu poderia fazer compras para você e tomar conta de Maddie e tenho certeza de que Hilda ficaria feliz em cozinhar para vocês.

Trina fez que não com a cabeça. Hilda fora a babá de Aubrey e era a única criada que permanecera na casa da família, mesmo porque estava com 81 anos e não tinha para onde ir.

– Não. Hilda já tem muitas atribuições, e você, uma agenda lotada com os jogos de bridge e os eventos beneficentes.

A mãe se calou, com o lábio inferior trêmulo.

– Não confia em mim para tomar conta de Madeline.

Trina se viu atirada em direções opostas. Sabia que Aubrey tratava Maddie com a indulgência típica de uma avó, mas não tinha certeza se um dia aquele tratamento se transformaria em intrusão crítica. Estava determinada a proteger a filha e a si mesma da relação que tivera de suportar durante a infância e a adolescência... diabos, durante quase a vida inteira.

– Isso não é verdade – Trina se defendeu, tentando ser diplomática. – Eu lhe pedi para tomar conta dela esta noite, certo? Mas os cuidados cotidianos são diferentes. – A mãe abriu a boca para protestar, mas Trina fez um movimento negativo com a cabeça. – Tive um dia difícil no trabalho e não quero mais falar sobre isso. Obrigada por tomar conta de Maddie esta noite.

– Mas deveria me ouvir...

– Mãe, já discutimos sobre isso. Você pode ser minha mãe, mas *eu* sou a mãe de Maddie, portanto, a decisão é minha.

Aubrey comprimiu os lábios em uma linha fina, com expressão desaprovadora.

– Você nunca me escuta. Acho melhor ir para casa. Boa noite – disse ela, deixando a sala com a coluna rígida.

Trina ouviu a porta da frente bater com força e se encolheu.

Sentindo uma onda de náusea, fechou os olhos e inspirou fundo. Tudo girava em torno do controle, dissera-lhe o analista, anos atrás, e Aubrey

não suportava perdê-lo.

Pegou a correspondência que a mãe retirara da bancada da cozinha e a levou para a sala de televisão, onde se deixou afundar no sofá. Folheou os envelopes e estacou diante de um que estava escrito à mão. Abriu-o e a saudação quase a fez ter um ataque cardíaco.

Querida Kat,

Que tal um sopro do passado em sua vida? Nunca esqueci o tempo que passamos juntos em Myrtle Beach. Em breve, serei libertado da prisão. Poderíamos nos encontrar. Responda a esta carta. Com afeto, Stan.

Trina colocou a carta de volta no envelope e se precipitou na direção da cozinha para atirá-la na lata de lixo, que se deteve a observar por alguns instantes, antes de lavar as mãos com sabonete antibacteriano e as enxugar bem.

Nunca mais queria voltar a ver aquele homem. O termo “erro” não conseguia definir o que cometera com Stan Roch. Aos 19 anos, tola e rebelde, decidiu se casar com ele. Conseguiu o divórcio seis meses depois, mas só após Stan ter sido preso por assalto à mão armada.

Parada em meio ao completo silêncio que envolvia a casa, Trina imaginou o que seria pior: ter um ex-marido que por acaso era um ex-presidiário batendo à sua porta para reatar o relacionamento, ou ter de contar para um homem que ele era o pai de sua filha de 6 meses.

COMO NÃO havia tido um só minuto livre desde às 5h, Walker pôde apenas deixar um recado na caixa postal do telefone do escritório de Trina, informando-a de que passaria por lá após um almoço de negócios.

Ao se deparar com a assistente do Departamento de Relações Públicas lendo uma revista de fofocas sobre celebridades, Walker clareou a garganta. Nem assim obteve resposta.

– Trina Roberts está?

Dora ergueu um olhar vazio. Em seguida, retirou o fone de um dos ouvidos e sorriu.

– Desculpe. Uma estação de rádio local está promovendo um concurso para um cruzeiro e eu pensei em concorrer. Parece tentador, não acha? – perguntou ela, com um sorriso convidativo.

– Sim, parece. Estou procurando por Trina.

A expressão da assistente se fechou.

– Oh, ela saiu para almoçar mais tarde. Acho que disse algo sobre visitar sua bebê.

Walker pestanejou, confuso.

– Bebê? – repetiu ele, surpreso.

Não, chocado seria uma descrição mais acurada.

A assistente anuiu.

– Sim. Você não sabia? Fico surpresa, porque é óbvio que ela ainda está com o sobrepeso da gravidez e vive com olheiras terríveis. Um pouco de corretivo não lhe faria nada mal. – Dora deixou escapar um suspiro e deu de ombros. – Mas acho que Trina está sobrecarregada com o peso de ser mãe solteira. Deus sabe que eu jamais faria isso.

Um bebê? Mãe solteira? Walker tentou digerir as informações. Nunca imaginara que Trina fosse do tipo maternal. Lembrava-se dela como uma mulher que possuía um misto de afetuosidade, sofisticação, sagacidade e sensatez.

– Quando ela, uh...

– Oh, Maddie tem 6 meses. E é linda como um botão de flor. Para um bebê. Mas, sabe como é, trata-se de um bebê e bebês costumam chorar, evacuar e são muito exigentes. – A secretária girou a cadeira do escritório na direção da janela e olhou para fora.

– Oh, veja. Trina a está levando para um passeio. Acho que poderá alcançá-la se quiser. Ou eu poderia lhe preparar um cappuccino e lhe fazer companhia enquanto aguarda.

– Obrigado – agradeceu ele. – Mas estou atrasado e preciso ir.

A assistente não conseguiu esconder o desapontamento.

– Está bem, mas da próxima vez que vier aqui, tente arranjar tempo para um breve intervalo.

– Tenha um bom-dia – retrucou ele, encaminhando-se, apressado, ao elevador. Era óbvio que a assistente de Trina estava flertando com ele e, talvez, se a moça não trabalhasse na Bellagio, aceitasse a proposta. Não tinha nada contra sexo recreativo, sem compromisso, mas, após ver as relações com a Bellagio estremecidas por causa da história com Brooke, era melhor se manter afastado das beldades daquela empresa, ao menos até estar em solo mais firme.

Walker acionou o andar térreo no elevador e se encaminhou à lateral do prédio, onde viu Trina empurrando um carrinho de criança. Com o sol brilhando, a temperatura na casa dos 20°C e uma brisa suave a soprar as folhas das árvores, aquele era um dia perfeito para passear com um bebê. Não que ele desejasse fazer isso algum dia.

– Ei, Trina! – chamou ele, quando estava quase a alcançando. – Trina – repetiu quando não obteve resposta.

Estacando de modo abrupto, ela girou, com o rosto pálido.

– Walker?

– Ora, não queria assustá-la – disse ele, observando-a com olhar atento. – Sua assistente disse que você estava aqui.

Com os olhos arregalados, Trina anuiu com um gesto quase imperceptível de cabeça.

– Dora.

Walker deu de ombros.

– Sim, Dora. Ela me disse que você teve um bebê. Por que não me contou? – perguntou ele, olhando para o carrinho com expressão curiosa. Os olhos esverdeados pousaram no bebê com uma presilha azul segurando um tufo de cabelo ruivo em um chuca-chuca no topo da cabeça. Ela emitia sons ininteligíveis e girava a cabeça de um lado para o outro. Walker sorriu. – Ela é linda.

– Umm... obrigada – agradeceu ela, mordendo o lábio inferior.

Trina estava lhe passando uma vibração estranha, pensou ele, franzindo a testa.

– Você está bem?

Trina inspirou fundo, parecendo estar tentando se recompor.

– Esperava fazer isso de uma forma diferente – começou ela. Quando lhe encontrou o olhar, deixou escapar uma risada engasgada. – Na verdade, esperava nunca ter de lhe contar.

– Contar o quê? Que teve um bebê? Estou surpreso, mas isso acontecesse o tempo todo com outras pessoas.

Trina inspirou fundo outra vez, desviou o olhar e voltou a encará-lo.

– Maddie é sua filha – disse ela.

Walker se limitou a fitá-la. Os ruídos distantes de buzinas e motores de carros misturados ao balbuciar da criança zuniam na periferia de seu cérebro. Não podia ter ouvido direito.

– O que disse?

– Disse que Maddie é sua filha. Você é o pai dela. – Trina o encarou em silêncio. – Faça os cálculos. Ela nasceu nove meses após aquela noite em que você e eu...

Walker soltou um xingamento baixo.

– Acha que eu a engravidei naquela única noite em que fizemos sexo?

– Não acho. Tenho certeza. E a prova.

Walker negou com gesto de cabeça, imaginando por que Trina estava tentando lhe impingir aquela gravidez. Estaria precisando de dinheiro ou algo parecido?

– Lamento que pense que sou o pai, mas não é possível – disse ele.

– Sim, é possível e aconteceu – Trina retrucou, sem conseguir conter a exasperação no tom de voz. – Mas não se preocupe. Não espero nada de você. Foi por isso que não lhe contei quando você estava em Paris.

Os circuitos do cérebro de Walker entraram em curto.

– Ouça, sinto muito, mas eu não posso ser o pai dessa criança e vou lhe dizer por quê. Eu me submeti a uma vasectomia.

CAPÍTULO 7

EU ME submeti a uma vasectomia.

Trina quase teve um colapso mental.

– Vasectomia – repetiu. – Quando? Como?

Walker anuiu.

– Alguns meses antes do casamento. Brooke e eu concordamos que não teríamos filhos. Como? – Ele exibiu um sorriso cínico. – Do modo usual. Através de incisões cirúrgicas – respondeu, enfiando as mãos nos bolsos da calça, enquanto ela digería a novidade. – Portanto, como pode ver, não posso ser o pai de sua filha – concluiu.

Sem dúvida, concordou Trina. Exceto pelo fato de que não poderia ser mais ninguém. A não ser que tivesse engravidado pelo poder do divino Espírito Santo e, pelo que sabia, apenas uma mulher em toda a história da humanidade conseguira aquele feito.

O problema é que naquela ocasião não estava fazendo sexo com ninguém devido à agenda de trabalho apertada com o projeto de um *reality show* para a Bellagio.

– Não sei com quem mais estava envolvida naquela ocasião – Walker arriscou.

– Com ninguém. – Ela relanceou o olhar a Walker e experimentou uma estranha avalanche de sentimentos. Perda. Um deles era a sensação de perda. Podia ser loucura, mas embora soubesse que Walker não desejasse ser pai, nutria a esperança de que a simples visão de Maddie o faria ao menos pensar em reconsiderar aquela decisão. Mas tudo que conseguia ver era a determinação de negar a paternidade estampada naquele belo rosto.

Esperara um sem-número de reações por parte de Walker, mas jamais aquela.

– Eu... uh... não sei o que dizer – gaguejou ele.

Trina fechou os olhos no intuito de clarear a mente e, naquele instante, percebeu que recebera uma bênção. Tentara contar para Walker. Cumprira seu dever ético. Ele não acreditara, portanto não teria mais de se preocupar com aquele assunto. Walker acabara de libertá-la.

– Está bem – retrucou ela, experimentando uma estranha sensação de liberdade, enquanto descerrava as pálpebras. – Erro de identidade.

– Esse tempo todo pensou que eu fosse o pai de sua filha? Poderia ter me contado, assim eu teria esclarecido essa dúvida antes.

– Bem pensado – Trina disse, sem conseguir conter um sorriso. – Tenho de levá-la de volta à creche. Desculpe-me se o assustei.

– Não, sem problemas. Estou bem. E você?

– Não poderia estar melhor – respondeu ela, empurrando o carrinho na direção da creche. Quando ergueu Maddie nos braços a pressionou ao peito, desfrutando de um momento extra de gratidão e gargalhando em seu íntimo. Faltavam-lhe palavras para definir o quão deliciosa era a ironia daquela negação de paternidade.

WALKER NUNCA havia sido acusado de paternidade. Embora soubesse que era impossível, aquilo o deixou abalado por vários dias. Claro que não descuidou dos negócios. Após a nova apresentação para a Bellagio, a conta lhe fora concedida. Pediu à assistente do sócio para triar candidatas a fim de substituir a assistente que havia demitido e começou a entrevistá-las na tarde de sexta-feira.

Havia peneirado duas boas possibilidades.

Estava com a agenda livre para a noite de sexta-feira. Deveria estar em clima de comemoração ou ao menos disposto a relaxar, assistindo a um jogo de futebol na televisão em companhia do tio Harry. Porém, a acolchoada cadeira reclinável de couro não conseguia lhe proporcionar o conforto de sempre. O jeans surrado e a camiseta que costumava usar em casa pareciam ásperos. Diabos, poderia jurar que a própria pele o incomodava.

– Danação, garoto! – Harry exclamou quando Walker se ergueu pela terceira vez em 15 minutos. – Está mais agitado do que uma gata prestes a

parir 12 crias. – As feições de Walker se retorceram diante da analogia do tio. – Esteve assim durante toda a semana. O que o está afligindo? Perdeu a conta da empresa de calçados?

– Não. Eu a consegui. Fechei o negócio hoje.

– Ótimo – Harry retrucou, estudando o sobrinho. – Há algum problema o preocupando?

– Não exatamente – Walker respondeu, esticando a mão para pegar a segunda cerveja.

– Algo o está perturbando. Nem ao menos implicou por eu estar bebendo esta noite.

Só então, Walker reparou na cerveja ao lado da cadeira do tio.

– Não deveria estar bebendo.

– O médico liberou uma cerveja por dia.

– Estamos em março. Se suas cervejas fossem representadas em forma de calendário, em que mês estaríamos?

– Em maio – Harry admitiu relutante. – Ou junho. Mas quem está contando?

– Seu médico.

Harry deu de ombros.

– Não tente desviar o foco da conversa para mim. O que há de errado com você? Problemas com alguma mulher outra vez?

A imagem de Trina e da bebê lhe invadiram à mente. Não era sua filha, lembrou a si mesmo. Não seria possível.

– Não exatamente.

Harry deixou escapar um suspiro exasperado e desligou a televisão.

– Você vai arruinar esse jogo. Desembuche.

Walker passou uma das mãos pelo cabelo.

– Alguma vez uma mulher lhe acusou da paternidade do filho?

Harry revirou os olhos.

– Mais vezes do que consigo contar. Principalmente quando descobriam que eu tinha uma condição financeira estável. – “Condição financeira estável” era um eufemismo. Harry era rico havia bastante tempo.

– E o que fez?

– Tomei um susto com uma menina quando era jovem, que acabou se revelando um alarme falso. Foi então que resolvi recorrer à cirurgia. – Ele ergueu dois dedos formando um “V”.

– Também me submeti a uma vasectomia – Walker revelou.

– Então, está fora. Ela não pode fisgá-lo.

Trina não tentara fisgá-lo, pensou ele, franzindo a testa.

– Ela não me parece o tipo de mulher capaz de... – Walker resistiu em dar voz às palavras que lhe preenchiam a mente como um enorme *outdoor*. – ... tentar me prender.

– Desespero – Harry disse. – O desespero leva mulheres e homens a fazerem loucuras. Além disso, ela deve saber que você possui uma conta recheada no banco.

– Ela não me pediu dinheiro – Walker contrapôs. Incapaz de permanecer parado, deu alguns passos ao longo da bancada bar que separava a cozinha da sala de televisão.

– Isso não é comum. A não ser que o objetivo dela seja se casar com você. Walker fez que não com a cabeça.

– Não. Ela agiu como se não quisesse me contar.

– Hummm – Harry disse, pensativo. – Bem, se você se submeteu a uma vasectomia, não pode ser o pai do filho dela – E dando de ombros: – Você viu a criança?

Walker anuiu.

– É uma menina de 6 meses. Linda para uma bebê. Tem cabelo ruivo.

Harry congelou.

– Disse cabelo ruivo?

– Sim. Por quê?

– Danação! – Harry rosnou. – Não se lembra da cor do seu cabelo e do de sua irmã quando eram bebês?

Walter experimentou uma pontada no peito diante da expressão do tio, enquanto vasculhava o banco de dados da memória.

– Não me lembro da cor do meu cabelo, mas os de Cissy eram... – Ele se calou, recordando fotos da irmã quando bebê. Walker tinha apenas 4 anos quando Cissy nasceu. Fechou os olhos e uma imagem se formou atrás da retina. Com uma cachoeira de baba sob o queixo gorducho, a irmã gritava como uma condenada. Com cabelo ruivo.

O olhar de Walker encontrou o do tio.

– Não está achando que...

– Talvez não esteja infértil – Harry disse.

– Fiz o exame.

– Quantas vezes? – Harry perguntou.

– Uma – admitiu ele, embora o médico o tivesse encorajado a fazer os subsequentes. – Nunca encontrei tempo para fazer o restante.

Harry fez um movimento negativo com a cabeça.

– Deve ter outros filhos a caminho, também.

– Não, sempre usei preservativos.

Harry estalou a língua, preocupado.

– Tem certeza que o cabelo da menina era ruivo?

Walker anuiu, ainda incapaz de acreditar naquela possibilidade.

O tio deixou escapar um suspiro.

– É melhor fazer um teste de paternidade. Se for o pai, terá de se responsabilizar e ao menos dar suporte financeiro à criança.

Naquela noite, Walker não conseguiu dormir. E nem ao menos tentou. Como aquilo pudera acontecer?, perguntou a si mesmo, sentado à mesa do cômodo que usava como escritório no apartamento. Recordou o dia que decidira que não seria pai. Tinha 15 anos e nunca morava no mesmo lugar por mais de seis meses, porque os credores sempre acabavam batendo à porta. O pai costumava se ausentar por meses, para supostamente trabalhar em outros locais. Por fim, acabava retornando, mas nunca com dinheiro suficiente para resgatar a família da montanha de dívidas. Walker se lembrava de ser acordado pela mãe no meio da noite, porque estavam se mudando para outro trailer em uma cidade ou até mesmo estado diferente.

Recordava o irmão, BJ, chorando, dias a fio, porque haviam deixado para trás seu bichinho de pelúcia favorito. Também se lembrava de ter uma professora favorita e da vontade que sentira de voltar à classe onde ela lecionava. A professora o elogiava e o ajudava a não se sentir tão esquisito.

Walker sempre esperava que se fixassem em um lugar, mas conseguia se lembrar do momento exato em que aquela esperança feneceu. Tinha vívida na mente a imagem da mãe chorando até pegar no sono, porque desconhecia o paradeiro do marido e não conseguia encontrá-lo. O som aflitivo do choro de medo dos irmãos.

Certa noite, ouviu sem querer uma conversa entre Harry e a mãe.

– Lamento que tenha se envolvido com ele, Kathy.

A mãe deixara escapar um soluço choroso.

– Posso até entender o fato de ele me abandonar, mas não às crianças. Isso eu não consigo compreender.

– É muito triste. Embora os homens Gordon não tenham problemas de fertilidade, são péssimos pais. Parece que nascemos sem os instintos

protetores naturais necessários a uma boa paternidade.

A mãe fungou.

– O que quer dizer com isso?

– Paul nunca lhe contou sobre as histórias ilustrativas de nossa família?

– Ele dizia que não gostava de falar sobre os pais.

– Nosso bisavô, Paul Walker, foi pai, se é que posso usar esse termo, de dez crianças e abandonou a esposa à própria sorte com os filhos para viajar pelo mundo, limitando-se a lhes enviar cheques ocasionais. E teve também o nosso avô Paul Walker, o Junior, que teve três esposas e seis filhos, enquanto hibernava em laboratórios durante meses, trabalhando em seus inventos. Quando, por fim, conseguiu criar algum tipo de adesivo, morreu uma semana depois. E não é necessário lhe falar sobre o terceiro Paul Walker.

– Sim, esse está nas Ilhas Cayman e não poderia demonstrar menos interesse pelos filhos – respondeu a mãe sem conseguir ocultar o desgosto na voz.

Walker. Ele possuía aquele nome. E os mesmos genes. Prometera a si mesmo nunca fazer o que o pai fizera com os filhos. E para se certificar de que nunca cometeria o mesmo erro, não teria filhos.

NA SEGUNDA-FEIRA, Walker telefonou para o escritório de Trina, porque não tinha o telefone de sua residência ou do celular.

– Olá – disse ele, quando Trina atendeu. – Gostaria de fazer um teste de DNA. – Um silêncio sepulcral se seguiu. – Trina? Você está aí?

– Pensei que tivesse dito que não havia possibilidade de... que tinha absoluta certeza de que não poderia ser... – Trina se calou. – Preciso fechar a porta da minha sala. Escolheu uma péssima hora para discutir isso.

– Não tenho o número do seu telefone celular, portanto, não me restou outra alternativa. A palavra “absoluta” em geral é usada de maneira precipitada – admitiu ele. – Acho que deveríamos fazer um exame.

– Não quero que Maddie sinta dor ao ser espetada por uma agulha ou ter fios de cabelo arrancados da raiz – disse ela. – E, em minha opinião, esse exame é desnecessário. Nunca pedi ou esperei qualquer tipo de ajuda de sua parte.

– Sei que não me pediu nada – Walker retrucou. Mas suspeitava de que aquele era o tipo de situação que podia complicar um homem se não fosse

resolvida de maneira rápida e precisa.

– Ela não sentirá nenhum tipo de dor. Telefonei para o laboratório e fui informado de que basta fazer uma raspagem do interior da bochecha de Maddie e da minha.

Outro silêncio tenso se seguiu.

– Não vejo por que isso é necessário. Você não quer ser pai. Na verdade, é a última coisa que deseja na vida. Vou ser sincera com você. Maddie é uma criança extraordinária, o bem mais precioso do mundo para mim, e você não a merece. Farei o impossível para protegê-la.

Walker se sentiu esbofeteado.

– Não farei nenhum mal a ela. Se Maddie for minha filha, quero lhe dar suporte financeiro.

– Não preciso do seu dinheiro.

– Talvez mude de ideia.

– Vá para o inferno – disse ela, antes de interromper a ligação.

No entanto, naquela mesma tarde, Walker conseguiu o telefone celular de Trina com a assistente. À noite, após outra discussão acalorada, ela concordou, ainda relutante, em levar Maddie ao laboratório para fazer o exame.

Na sexta-feira, Walker foi informado do resultado. Era o pai da vivaz bebê de 6 meses com cabelo ruivo. Após deixar quatro mensagens não respondidas na caixa postal, Trina por fim retornou a ligação.

– Sou o pai de Maddie.

– Eu já havia lhe dito isso.

O tom enfadado que ela utilizou atritou com todas as terminações nervosas de Walker.

– Mas eu não tinha certeza. Diabos, após uma vasectomia, tinha de crer que não era o pai.

– Sim, mas eu sabia com quantos homens tive relações sexuais, apesar de você ter pressuposto que sou promíscua a ponto de não saber quem é o pai da minha filha – rebateu ela, em um tom de voz que não deixaria nada a desejar às temperaturas antárticas.

– Não disse que era promíscua. Você era uma mulher muito sexy e atraente. Deduzi que tivesse vários amantes.

– Era? – perguntou ela. – Disse que eu *era* uma mulher atraente?

Walker praguejou em tom baixo. Nunca acertava no que concernia a Trina.

– Ainda é uma mulher sexy e atraente. Estava me referindo à ocasião em que nós...

– Fizemos sexo tantas vezes em uma só noite que nenhum de nós consegue se lembrar quantas.

Uma imagem erótica flutuou no cérebro de Walker. Podia estar alcoolizado, mas conseguia se lembrar de Trina montada em seus quadris no sofá. Em outro momento, a possuía no chão e em outro ainda, atrás da... de repente, o colarinho da camisa parecia sufocá-lo. Ele tentou afrouxá-lo, sentindo a temperatura do corpo subir.

Walker limpou a garganta.

– Não estamos falando sobre isso, e sim sobre Maddie. Precisamos conversar sobre o futuro dela.

– Eu estou encarregada do futuro da minha filha.

– Ótimo. Quero contribuir financeiramente. Se é tão boa mãe quanto diz, não negará a Maddie meu apoio.

Apesar do silêncio, ele podia jurar ser capaz de ouvir a energia da frustração de Trina singrando as ondas sonoras do outro lado da linha.

– Discutiremos isso em minha casa. Pode passar por volta das 21h. Mas não chegue antes. – Após lhe informar o endereço, Trina desligou.

WALKER ESTACIONOU o carro em frente ao endereço que ela lhe fornecera. Os feixes de luz da varanda e dos refletores revelavam narcisos e tulipas vermelhas florescendo de cada lado da casa de tijolos.

Enquanto cruzava a calçada, percebeu que o pequeno jardim parecia muito bem tratado, com arbustos verdes bem podados.

Ciente do nó no peito que não o abandonara desde que recebera o resultado do exame de laboratório, subiu os degraus e ergueu a mão para tocar a campainha.

A porta se abriu e Trina cobriu o botão com uma das mãos.

– Nem pense em tocar essa campainha – disse ela, com os olhos arregalados. – Acabei de fazê-la dormir.

– A criança – disse ele.

– Sim – Trina anuiu, se afastando para o lado. – Entre.

Walker entrou no saguão, aprovando a combinação de conforto e tradição.

– Sua casa é bonita – elogiou. – Não tem muitas quinquilharias.

Trina exibiu um sorriso oblíquo e afastou do rosto uma mecha de cabelo que havia se soltado do coque no topo da cabeça.

– Em breve, os tampos das mesas serão zonas de recreação para Maddie, portanto, pensei em me adiantar e guardar todos os objetos quebráveis ou que tenham algum valor para mim em prateleiras altas ou em cristaleiras – explicou ela, liderando o caminho por um corredor curto. Com exceção da noite que a tivera despida diante de seus olhos, nunca a vira trajada de maneira tão casual. Enquanto o jeans desbotado se colava às nádegas curvilíneas, a camiseta larga ocultava o que havia por baixo...

Acostumado à aparência elegante e sofisticada de Trina, não conseguia desviar o olhar daquela aparência mais informal. Ela não usava maquiagem, mas os olhos e os cílios escuros, assim como a boca carnuda que parecia alternar entre a inocência e a malícia, atrairiam a atenção de qualquer homem.

– Café, refrigerante ou vinho? – perguntou, se encaminhando para trás do balcão que separava a cozinha de uma sala de televisão improvisada.

Walker resistiu ao desejo de perguntar se ela teria uísque.

– Vinho, obrigado.

– Mas você não é muito fã de vinho – Trina disse, com um meio-sorriso, enquanto retirava uma taça do armário e uma garrafa de vinho do refrigerador.

– Quando lhe disse isso? – perguntou ele, aceitando a taça.

– Não disse. Mas nunca o vi demonstrar nenhum entusiasmo por vinho e sempre tende a pedir cerveja ou uísque. Fizemos muitas refeições juntos e acabei percebendo isso. Alfredo Bellagio prefere beber Barolo com peixe ou bife. Meu chefe tem uma paixão secreta por martínis frutados. Eu costumo pedir dois e dizer a ele para beber o outro.

Walker segurou a taça, percebendo os mesmos sinais de vivacidade nos olhos escuros que conhecera dois anos atrás, quando trabalharam juntos. Aquilo o fez experimentar uma sensação agradável. Trina sempre conseguira lhe arrancar um sorriso e algo nela o fazia se sentir à vontade.

Até o momento em que retornara de Paris.

Droga! Tudo estava diferente agora. Sentiu uma estranha sensação de perda, que logo se apressou em afastar com a ajuda de um grande gole de vinho. Em seguida, clareou a garganta.

– Uh... sobre a criança – começou, sentindo uma constrição na garganta ao pronunciar a última palavra.

– O nome dela é Maddie. E não estou esperando nada de você – declarou ela. – Nunca esperei.

Não havia censura naqueles olhos escuros, apenas a simples e absoluta aceitação.

– Mas não se trata do que você espera ou não, e sim da criança.

Trina não conseguiu disfarçar a irritação.

– Pare de chamá-la de criança. O nome dela é Maddie.

Walker tomou outro gole do vinho.

– Trata-se do bem-estar de Maddie.

– Posso cuidar disso sozinha.

– Sei que pode, mas tenho de assumir alguma responsabilidade. Financeira, por exemplo. Conversei com meu advogado e quero assinar um acordo com você. Pagarei os estudos de Maddie até a faculdade e lhe darei uma pensão alimentícia mensal. Também quero lhe dar um montante para cobrir despesas do tempo que eu não sabia da existência dela.

Trina afastou uma mecha de cabelo do rosto e exibiu um sorriso seco.

– Quer me ressarcir pelas estrias, o trabalho de parto e o parto? – Ela fez um movimento negativo com a cabeça. – Não sei cobrar o fato de o anestesista não ter me aplicado uma anestesia peridural porque devia estar ocupado comendo rosquinhas.

As feições de Walker se contraíram em uma expressão desgostosa.

– Deve ter sido difícil.

Trina deu de ombros.

– Poderia ter sido pior. Meu trabalho de parto durou apenas 19 horas e 38 minutos. Só por curiosidade, é comum nascerem bebês gorduchos em sua família?

– Talvez – respondeu ele, tentando se lembrar de algum comentário que a mãe pudesse ter feito sobre seu peso ao nascer. – Acho que nasci com 4 kg.

– Obrigada – respondeu ela com olhar letal.

– E ela nasceu com quantos quilos?

– Três quilos e novecentas e cinquenta gramas.

– Sinto muito.

Os lábios de Trina se curvaram em um sorriso lento.

– Maddie valeu a pena.

– Nunca a imaginei como mãe solteira.

– Eu também não – retrucou ela. – Mas... – Trina se calou, inclinando a cabeça para o lado e apurando os ouvidos.

Sons irritados de bebê gravitavam na atmosfera.

– É a dentição que a está incomodando. Volto em um minuto – disse ela, deixando a sala.

Walker se ergueu, escutando os sons indistintos.

Maddie.

A filha de Trina.

Sua filha.

Com um aperto no peito, tomou outro gole de vinho, desejando mais uma vez que fosse uísque. Ouviu as passadas de Trina na escada e, movido pelo instinto, se preparou para vê-la entrar com a bebê nos braços.

– Esses dentes querendo nascer enlouquecem uma menina a ponto de morder o dedo da mãe – Trina disse, permitindo que a filha roçasse as gengivas em seu dedo indicador.

– Ela não a está machucando? – Walker perguntou, observando o cabelo ruivo de Maddie e as lágrimas que lhe escorriam pelas bochechas rosadas.

– Não. Ela só tem gengiva. Acho que terei de lhe dar medicação para alívio da dor. Algo mais que queira me dizer?

Walker percebeu a dispensa e deu de ombros.

– Não perguntou a quantia que planejo lhe dar.

– Não me interessa – respondeu ela.

Os olhos castanho-esverdeados encontraram os dela e ele anuiu.

– E você manterá isso em segredo, certo?

– Oh, sim – Trina respondeu. – Não gostaria de tentar explicar isso para Alfredo Bellagio. Estava decidida a não contar a Maddie, antes de ela completar uns 30 ou 40 anos.

Walker experimentou uma onda de alívio ao mesmo tempo em que as palavras ditas com tanta naturalidade lhe varavam o peito como uma lâmina. Tentou resistir ao desejo de olhar para a bebê mais uma vez, à procura de algum traço familiar. Aquela sensação o transportou para um momento na infância, quando despencava o equivalente a três andares em questão de segundos em uma montanha-russa. O instinto lhe dissera para fechar os olhos, mas a curiosidade e a ânsia de vivenciar cada segundo daquela experiência o impediram.

Maddie deu uma trégua ao dedo da mãe para fixar em Walker os enormes olhos castanhos, que pareciam preencher metade do diminuto

rosto. Os cílios se encontravam escurecidos pelas lágrimas. As sobrancelhas eram imperceptíveis, o nariz arrebitado tinha as dimensões de um pequeno botão e as bochechas eram gorduchas e rosadas. Walker nunca imaginara que um ser humano daquele tamanho fosse capaz de produzir a quantidade de baba que cobria o queixo e escorria pela camiseta na menina.

– Ela baba dessa forma o tempo todo? – Ele se viu incapaz de conter a pergunta.

– A maior parte do tempo – Trina respondeu.

– É muita quantidade. Nunca considerou a possibilidade de ela desidratar...

Trina soltou uma risada que atraiu a atenção imediata da filha. Maddie curvou os lábios em forma de botão de rosa e exibiu um sorriso desdentado e os olhos semicerraram até tomarem formatos de meias-luas.

Walker experimentou uma estranha e revigorante sensação no peito. Está bem, pensou ele, observando mãe e filha. Maddie era muito graciosa. Aliás, ambas. E estava claro que possuíam um elo indestrutível. O que era ótimo, já que ele não pretendia arruinar a vida da criança, tentando bancar o pai exemplar, o que quer que aquilo significasse.

CAPÍTULO 8

TRINA EMBALOU alguns itens de que Maddie necessitaria e encontrou Jenny Prillaman em um parque próximo ao condomínio onde a amiga morava com o noivo.

Simpatizara com Jenny à primeira vista, quando a conhecera ainda trabalhando como assistente de um outro design da Bellagio. Trina suspeitava que as principais razões que levaram a amiga a atrair o interesse e o amor incondicional do estonteante vice-presidente da Bellagio, Marc Waterson, foram o coração bondoso e a generosidade que possuía.

Enquanto Trina dirigia o carro esporte conversível pelos caminhos do local onde crescera, ao som de um CD do Aerosmith, não conseguiu impedir as lembranças da avidez inconsequente e das loucuras que havia cometido para deixar aquele bairro e tudo que aquele lugar significava. Felizmente, conseguira se divorciar de Stan e enterrar aquele erro no passado. O fato de não ter recebido mais nenhuma correspondência do ex-marido a deixara aliviada.

Ao manobrar para entrar no estacionamento, avistou Jenny de imediato. A amiga estava sentada em um banco segurando um bloco e ao perceber a aproximação do carro, ergueu os olhos, usando uma das mãos como viseira para protegê-los da luz do sol.

Trina acenou com um gesto enérgico, antes de retirar Maddie da cadeira de bebê. Em seguida caminhou na direção da amiga.

– Olhe para essa menina! – Jenny exclamou, encontrando-as no meio do caminho. – Que lindas bochechas! São tão deliciosas que dá vontade de comê-las! – Atirando o bloco ao chão, ela estendeu os braços.

Trina sorriu diante do modo afetuoso como Jenny segurou a filha no colo e lhe beijou as bochechas. Ao observá-la com mais atenção, atentou para o fato de que a amiga parecia um pouco mais magra e exibia círculos escuros sob os olhos.

– Parece que está precisando de um bolinho de cenoura de verdade. Ou algo parecido. O que está havendo?

Jenny gemeu.

– É o casamento que acabou se transformando em um evento de proporções gigantescas. Nas mãos da mãe de Marc e da minha irmã, a lista de convidados tem se reproduzido como coelhos.

– E como sua irmã acabou se envolvendo nisso?

Jenny suspirou.

– Não sei. Um belo dia ela se ofereceu e pensei que seria bem mais fácil se eu não tivesse de planejar tudo. Esse é o ponto forte da minha irmã. Ela adora esse tipo de evento. Mas o casamento se transformou em uma loucura. Marc e eu estamos cansados disso tudo. Estamos até mesmo irritados um com o outro.

– Sempre haverá Las Vegas – Trina sugeriu, sensibilizada com a situação da amiga.

– Não me tente. Fico repetindo para mim mesma que em breve tudo isso chegará ao fim.

– Fiquei surpresa por terem demorado tanto para oficializarem a união.

– No primeiro ano, temi que Marc mudasse de ideia. Então, quando comecei a acreditar que ele não voltaria atrás, todos fizeram questão de um grande evento.

– Pensei que seu sonho fosse se casar na praia – Trina disse, recolhendo o bloco que a amiga atirara ao chão.

– E de fato era – Jenny retrucou, pesarosa.

– Falta um mês para o casamento. Poderia pedir ao seu amigo Chad para assumir o papel de organizador e mudar tudo.

– Isso exigiria uma montanha de dinheiro e eu seria odiada para o resto da vida. Mas chega desse assunto. Quais são suas novidades?

– Nada de importante – Trina mentiu, sentindo uma tensão na nuca pela forma como Walker retornara à sua vida. – Estão aumentando minhas responsabilidades na empresa, o que veio em um bom momento, já que o meu bolinho de cenoura está dormindo durante toda a noite. Estou pensando em contratar alguém para me ajudar. Cometi o erro de fazer esse

comentário com minha mãe e ela se ofereceu para o cargo – concluiu ela, com um movimento negativo de cabeça.

– Ui!

– “Ui” é o termo certo. Agora está na fase de se meter em tudo.

– Parece que sua mãe está precisando de uma ocupação – Jenny disse. – O avô de Marc fica bem mais feliz quando está envolvido com algum projeto.

– Bem pensando. Mas, no caso da minha mãe, o projeto seria eu e Maddie. Terei de pensar em algo.

– Já está namorando?

– Não. Falta-me ânimo.

– Depois de um ano e meio? – Jenny questionou.

Trina deixou escapar um gemido. Por que todos se mostravam interessados em sua vida amorosa?

– Não tenho vontade. Preciso perder um pouco de peso.

– Quer planejar meu casamento com a ajuda de minha irmã e da mãe de Marc? Isso a fará perder alguns quilos.

Trina negou com a cabeça.

– Esse método de emagrecimento não surtiria efeito, porque não me importo com a opinião que elas têm de mim. E acho que deveria colocar Chad no comando do planejamento.

Maddie começou a se agitar no colo de Jenny e Trina estendeu os braços para pegá-la em um gesto automático.

– Está começando a ficar enfadada. Acho que ainda não compreende os meandros das conversas femininas. Importa-se de caminharmos?

– Claro que não. Então, decidiu nunca mais fazer sexo? – Jenny quis saber.

– Talvez, durante o parto... – Ela se calou. – Embora não trocasse Maddie por nada deste mundo, ainda não esqueci os percalços da gravidez.

– Nunca mais teve notícias do homem que...

– O famoso pai. Sim, por acaso, tive. Ele quer contribuir com ajuda financeira.

– É melhor do que nada.

– Acho que sim – Trina retrucou. – Eu esperava não voltar a vê-lo por um bom tempo. Ou nunca mais.

– Você se apaixonou por esse homem?

– Oh, não. Foi um... – Trina se calou, incapaz de revelar que se tratara de sexo sem compromisso. – Ambos havíamos bebido além da conta, acabamos nos empolgando e...

– Você decidiu virar freira – Jenny completou. – Se não arranjar um acompanhante para a festa do meu casamento, serei obrigada a lhe designar um.

– Mas falta apenas uma semana para o seu casamento – Trina protestou.

– Nunca pensei que lhe diria isso, mas você se tornou uma covarde. Caiu na mesmice.

– Não sou covarde e nem caí na mesmice. Está começando a falar como minha mãe – Trina protestou, percebendo no mesmo instante que estava soando como uma criança e ofegou. – Oh, não! Primeiro foi a minha mãe. Agora, você. Isso é uma conspiração ou... – Fechou os olhos e fez um gesto negativo com a cabeça. – Oh, não! Isso quer dizer que ela está certa desta vez? Que de fato preciso cortar o cabelo, perder um pouco de peso e encontrar um pai para Maddie?

Jenny pestanejou, confusa.

– Não estava lhe recomendando um corte de cabelo ou a perda de alguns quilos. E acho que não mencionei um pai para Maddie – retrucou. – Apenas pensei que já estava em tempo de você começar a se divertir na companhia de um homem outra vez.

– Oh! – Trina disse, ciente de que aquele tipo de desabafo não era do seu feitio. Costumava agir com frieza, calma e equilíbrio.

– Mas minha amiga Liz colocaria a questão de modo diferente.

– Como? – Trina perguntou, cautelosa. Conheceu Liz e teve a impressão de que, por trás dos suaves olhos azuis, o doce sotaque sulista e o corpo de sífide daquela mulher, pulsava a alma de uma barracuda.

– Ela diria que está precisando fazer sexo.

– Fico feliz que seja mais sensível do que isso.

Jenny anuiu com um gesto lento e indiferente.

– A questão é que Liz geralmente tem razão.

TRINA ENCOMENDOU pela internet um vestido de seda rosa com apenas alguns apliques de contas, de uma grife famosa para usar no coquetel em comemoração do casamento de Jenny e Marc. O manequim era um número

acima do que costumava vestir, mas quem notaria, além da mãe, de Dora, a assistente insuportável, de Walker e de algumas outras pessoas?

Prendeu o cabelo em um coque alto com algumas presilhas de *strass* e trocou os tênis de corrida preferidos por sandálias da Bellagio desenhadas por Jenny.

Após alimentar Maddie, pegou uma pashmina na prateleira superior do armário, depositou um beijo rápido na bochecha da filha e a abraçou, antes de entregá-la para a jovem que ficaria tomando conta da bebê. Fechou a capota do carro conversível para não arruinar o penteado e seguiu para o clube onde se daria o coquetel.

Enquanto manobrava pelo longo caminho que levava à entrada, lutou com uma onda de nervosismo. Era apenas um compromisso de trabalho, disse a si mesma. Havia comparecido a diversos eventos como aquele desde o nascimento de Maddie. Todos relacionados à empresa onde trabalhava. E esse não diferia muito dos outros.

Chegar um pouco atrasada e sair mais cedo, esse era seu lema naquele tipo de evento. O principal objetivo era fazer presença e desejar felicidade aos noivos.

Estacando diante do clube, desceu do carro e entregou a chave, juntamente com uma gorjeta, a um jovem e belo manobrista que esperava na calçada. O homem lhe dirigiu um olhar apreciativo e piscou, o que serviu para lhe massagear o ego. Trina se sentiu tão agradecida que considerou lhe entregar mais algumas notas, mas se conteve.

Entrou no clube, seguindo a direção das vozes e do fluxo constante de funcionários do bufê, trajados em preto e branco. A festa se dava em um salão que desaguava em uma área ajardinada com a iluminação abundante. Uma banda tocava música ao vivo e mesas cobertas com toalhas brancas ostentavam uma variedade de quitutes apetitosos.

Ao avistar os noivos diante da fila de cumprimentos, Trina se posicionou na extremidade. Enquanto seguia a horda de pessoas na direção de Marc e Jenny, inspirou, enchendo os pulmões do ar frio da noite, o que a fez se livrar de uma parte da tensão.

Acalme-se, disse a si mesma. *E tente se divertir um pouco*. A noite está linda. Havia simpatizado com a menina que ficara tomando conta de Maddie. Estava com o telefone celular na bolsa-carteira para o caso de alguma emergência e tinha ótima aparência para uma mãe.

Trina sorriu em seu íntimo.

– Está de mãos vazias. Não consigo me lembrar se gosta ou não de champanhe – a voz masculina familiar soou às suas costas.

O coração de Trina descreveu um *looping* completo dentro do peito e a tensão, que começara a abrandar, retornou com intensidade redobrada.

Relutante, girou para se deparar com Walker. Trajado com um terno de noite preto, uma camisa preta e uma gravata azul, era a personificação da beleza. Extrema.

Trina aceitou a taça de champanhe que ele lhe oferecia.

– Obrigada e, sim, amo tudo que se relaciona a champanhe, exceto a ressaca da manhã seguinte, que tenho quando me excedo.

Walker exibiu um meio-sorriso.

– Está muito bonita.

– Obrigada. Você também está ótimo – disse ela, determinada a manter a conversa em tom casual, apesar do estranho frio na barriga.

– Como está Maddie? – perguntou ele.

– Bem. Está com uma babá que a considera a criança mais importante do universo.

Walker anuiu.

– Isso é...

– Trina! – Jenny abriu os braços, com uma expressão de desespero estampada no rosto. Os olhos estavam arregalados e o sorriso tenso.

Em um gesto instintivo ela envolveu a amiga nos braços.

– Querida, está parecendo um pouco tensa esta noite. Acho que está precisando desta taça de champanhe mais do que eu.

– Minha irmã disse que não posso beber nada, antes de cumprimentar todos os convidados – Jenny sussurrou.

– Este é um daqueles momentos em que não devemos ouvir os conselhos das irmãs mais velhas – Trina murmurou. – Tome. Fique com minha taça. Eu insisto.

– Trina, que bom ver você aqui! Ficamos muitos felizes com sua presença – Marc Waterson disse, estendendo os braços para envolvê-la em um breve abraço, enquanto olhava por sobre o ombro de Trina. – Vieram juntos?

O olhar inquisitivo de Jenny teve o efeito de um raio X.

– Não – Trina disse. – Apenas...

– Chegamos ao mesmo tempo na fila – Walker completou. – Minha acompanhante disse que iria retocar o batom. Logo estará aqui.

Trina experimentou uma agulhada no coração. Por quê?, imaginou. Não havia, nem nunca houvera, nada de romântico entre ela e Walker. A noite excitante que passaram juntos não teve nenhuma conotação sentimental. Foi apenas selvagem, louca e extasiante. Ao menos a parte que conseguia se lembrar. Não se importava se Walker estivesse namorando. Ele sempre teve uma noiva. E não era ingênua a ponto de pensar que ele levara uma vida monástica em Paris.

No entanto, não conseguiu lidar com aquela realidade no cotidiano. E o comentário sobre o batom a incomodou. Por que a acompanhante de Walker teve de retocar o batom? Porque haviam feito sexo no carro?

Como se aquilo fosse de sua conta!, Trina se recriminou em silêncio.

– Você está linda, Jenny. E a festa está espetacular!

– Obrigada – a amiga agradeceu. – Mas terei de transferir o elogio sobre a festa para minha futura sogra. E então, onde está seu acompanhante?

Trina entreabriu os lábios.

– Eu, uh... – Ela se calou, frustrada consigo mesma. Não costumava gaguejar sob pressão. Aquele era um dos poucos ensinamentos da mãe que lhe fora útil.

Jenny não escondeu o despontamento.

– Não veio acompanhada, certo?

Marc dirigiu um olhar surpreso à noiva.

– Jenny – disse em tom de reprimenda. – Isso não é da sua con...

Mas Jenny fez um gesto negativo com a cabeça, enquanto tomava outro gole do champanhe.

– Trina e eu temos um pequeno acordo e, já que ela não cumpriu sua parte, precisamos encontrar um par para ela até o dia do casamento.

Sentindo o pescoço e o rosto queimando de vergonha, Trina se apressou em negar com a cabeça.

– Não é necessário. Posso...

– E se ela não estiver interessada em um par? – Marc perguntou.

– Obrigada – Trina agradeceu.

– Ela não tem um encontro amoroso desde que engravidou. Não seria uma boa amiga se não a ajudasse a voltar a namorar. Mas quero um homem que valha a pena. Quero dizer, olhe para ela. Trina é linda, inteligente, divertida e sexy.

Existiria situação mais embaraçosa do que aquela?, Trina imaginou, sentindo o olhar de Walker cortá-la como um laser.

– Obrigada, mas...

– E o eleito precisa gostar de crianças. Já viu a foto da bebê de Trina? – perguntou Jenny ao noivo. – É a criança mais fofa do mundo. Com aquelas bochechas gorduchas e cabelo ruivo! Oh, e o sorriso? É adorável. Walker, talvez possa contribuir com algumas sugestões, também.

Trina tinha a impressão de que se estilhaçaria em milhares de pedaços ruborizados de vergonha no meio do pátio do clube. Aquela situação extrapolara os limites do constrangedor, alcançado o surreal. Ela olhou ao redor e vislumbrou a luz no fim do túnel na figura de Blair, que se aproximava do grupo. Resistindo ao impulso de beliscar a amiga bem-intencionada, apertou de leve a mão de Jenny.

– É melhor eu sair da fila, parece que outra convidada está querendo cumprimentá-la.

– Blair Davis – Jenny disse com evidente falta de entusiasmo.

– Minha acompanhante – Walker anunciou no tom mais destituído de emoção que Jenny jamais o ouvira usar. – Ela insistiu em me reintroduzir nos círculos sociais de Atlanta.

O olhar de Trina encontrou o de Jenny e ela teve de morder a língua para não soltar uma risada diante da expressão perplexa da amiga.

– Tim-tim – disse com um sorriso genuíno por ter a vida amorosa fora da berlinda e poder ir em busca de uma taça de champanhe para bebê-la em paz.

DURANTE O restante da noite, Walker não conseguiu afastar da mente os comentários de Jenny Prillaman sobre a situação da vida afetiva de Trina. Com a verborragia incessante de Blair ao seu ouvido, descobriu o olhar seguindo Trina pelo salão.

Percebeu que ela sorria com facilidade e parecia se concentrar nas pessoas com quem conversava, fossem elas o sr. e a sra. Bellagio ou o garçom que lhe servia canapés. Sem se dar ao trabalho de olhar por sobre o ombro para se certificar de que alguém mais importante ou interessante se aproximava por trás.

Walker observou a linguagem corporal de Trina, quando um homem a abordou. Ela sorriu, anuiu com um gesto de cabeça, mas cruzou os braços sobre o peito e posicionou os pés em outra direção, como se pronta para se afastar.

Sem chances, dizia a postura de Trina ao homem.

– Wal-ker – Blair chamou cantarolando. – Não está me ignorando, certo?

– Claro que não – mentiu ele.

– A banda está tocando minha música favorita. Dança comigo?

– Claro – Walker concordou por pura educação. Havia decidido que não sairia mais com Blair. Os dois deram uma volta pelo salão ao som de algum tipo piegas de música, com Blair roçando o corpo ao dele em um explícito sinal verde.

Por um milésimo de segundo, considerou aceitar a oferta, afinal, tinha certeza de que ela se mostraria ávida por satisfazê-lo. E uma sessão de sexo não faria mal algum, pensou. Mas ir para a cama com aquele tipo de mulher implicava em mais amarras do que havia em uma fábrica de barbantes. Pior, pensou. Estaria mais para arame farpado.

Avistou, do outro lado do salão, um publicitário com quem trabalhara em uma ocasião e o cumprimentou com um gesto de cabeça.

Walker nunca nutrira grande simpatia por Glen. O homem era um alpinista social, pelo que podia se recordar.

Blair lhe roçou o ouvido com os lábios, fazendo-o experimentar um arrepio, embora Walker não soubesse definir se de excitação ou incômodo. Graças ao santo protetor dos desesperados, a música chegou ao fim e Walker deu um passo atrás.

Blair o fitou com vários pontos de interrogação no olhar.

– Vi um colega ali atrás que gostaria de lhe apresentar – disse ele, apressando-a na direção do bar.

Chegando lá, apresentou Glen a Blair e logo percebeu que o publicitário não havia mudado em nada. O homem se lançou a Blair como um vampiro à jugular. Se fosse com outra mulher, aquilo poderia tê-lo irritado. Talvez Deus o castigasse por isso, mas Walker tratou de encorajá-lo a dançar com Blair.

Aliviado do fardo, pediu uma cerveja. Enquanto tomava o primeiro gole, avistou Trina a alguns metros de distância. Ela se encontrava parada atrás de um vaso com uma palmeira. Walker pediu uma taça de champanhe ao garçom e se encaminhou naquela direção.

– Pelo que sei, você nunca foi do tipo introvertida – disse ele. – O que está fazendo parada em um canto? Tome, beba esse champanhe.

– Desculpe, mas não posso – respondeu ela. – Fiz as contas e tenho de me manter sóbria por 17 anos e meio.

Walker franziu a testa.

– Dezessete anos e meio?

Trina anuiu.

– Quando Maddie completar 18 anos, tomarei um porre. Mas, até lá, terei de me controlar.

Walker sorriu, com um movimento negativo de cabeça.

– E o que devo fazer com este champanhe?

– Ofereça-o à sua acompanhante – respondeu ela com um sorriso que beirava a docilidade.

– Nada disso – resmungou ele, despejando o conteúdo da taça em um vaso onde estava plantada a palmeira. – E não me venha com sermões por estar desperdiçando uma bebida cara. Darei a Marc e Jenny um belo presente de casamento.

– De onde tirou a ideia de que lhe faria um sermão?

Walker deu de ombros, as queixas da mãe sobre a falta de dinheiro lhe ecoando na mente.

– Não sei. Minha família adotava como lema nunca desperdiçar nada – respondeu ele. – Mas deixemos isso de lado. Ouça, estive pensando sobre o que Jenny disse agora há pouco.

Trina revirou os olhos.

– Era o que eu temia.

– Não saiu com mais ninguém, depois que nós...

– Não – confessou ela. – Mas não é tão grave quanto parece. Quando descobri que estava grávida, fiquei chocada. Logo a seguir, surgiram os enjoos matinais e depois engordei como uma baleia. Após o parto, vieram as noites insones para amamentar. Essa sucessão de acontecimentos não me animou a fazer sexo. E agora, estou assoberbada de trabalho e cansada.

Uau! Walker pestanejou, perplexo, diante daquela enxurrada de motivos.

– Teve enjoos matinais, também?

Trina anuiu, a lembrança lhe distorcendo as feições em uma expressão desgostosa.

– Que não se limitavam às manhãs, mas seguiam pela maior parte do dia.

– Por quanto tempo?

– Apenas nos três primeiros meses, mas...

– Danação! Deve ter sido horrível.

– Sim, foi – retrucou ela, embora um sorriso lhe curvasse os lábios.

– Então, a razão de não ter saído com mais ninguém não foi por ter nutrido algum tipo de... – Ele se calou, procurando o termo certo em seu banco de memória. – ... algum tipo de sentimento por mim, após aquela noite.

Trina o encarou por um instante e, em seguida, soltou uma risada.

– Oh, está perguntando se me apaixonei por você após nossa noite de sexo alcoolizada e excitante? – Ela deixou escapar outra risada, enquanto negava com a cabeça. – Não. Não foi nada disso. – Trina fez uma pausa, estudando-lhe o rosto. – Não quis ofendê-lo. Isto é, foi bom. Ao menos a parte que consigo me lembrar. Mas eu sabia que seria sexo sem...

– Não diga sexo sem compromisso.

– Desculpe. Por acaso eu o estou fazendo se sentir vulgar? – perguntou ela, com pesar sarcástico.

O brilho malicioso nos olhos cor de chocolate o atingiu em cheio, fazendo-o exalar um suspiro exasperado.

– Não está tornando isso mais fácil.

– Ótimo – retrucou ela. – Talvez assim desista de fazer perguntas descabidas.

Walker tomou um gole da cerveja.

– Não gosto de me ver no papel de cafajeste. Ao contrário do que pensa, costumo levar minhas responsabilidades a sério.

– Eu sei. É o tipo de homem com quem se pode contar em todos os sentidos, menos para ser pai.

Aquelas palavras tiveram o efeito de uma lixa sobre o orgulho de Walker, mas, por outro lado, sentiu-se agradecido pelo fato de ela entendê-lo bem.

– Tem razão. Não sirvo para a paternidade, portanto, deveria procurar outro pai para Maddie.

Trina pestanejou várias vezes.

– O que disse?

– Apenas que Jenny teve uma boa ideia. Deveria começar a namorar para o bem de Maddie. E para o seu. É uma mulher bonita. Os homens se interessarão por você. E o cara certo aceitará Maddie.

Os lábios de Trina se comprimiram em uma linha fina.

– Esse assunto não lhe diz respeito. Não saberia da existência de Maddie, se tivesse permanecido em Paris, como deveria.

– Como deveria – repetiu ele, incapaz de controlar o tom áspero na voz. – Nunca pretendi ficar mais do que um ano em Paris. Dois, no máximo.

– Sim, sei – Trina retrucou, deixando clara a incredulidade.

A resposta o irritou.

– Pois estou de volta e acho que deveria tentar procurar um pai para Maddie.

Trina semicerrou as pálpebras.

– Assim como não tenho nenhum direito ou *interesse*... – acrescentou, dando ênfase à última palavra. – ... em sua vida amorosa, também não tem direito algum e não há necessidade de se preocupar com a minha.

– Não está entendendo. É uma mulher bonita e inteligente. Além de ser uma boa pessoa. Mais curvilínea, no bom sentido – acrescentou ele, quando o olhar de Trina mais uma vez se estreitou. – Não terá dificuldade em encontrar alguém, mas precisa estar aberta à ideia. Lembro-me que antes de eu ir morar em Paris, você era uma mulher sensual, que sabia como atrair a atenção de um homem. Eu a estive observando esta noite e posso garantir que os únicos sinais que está emitindo são: pare por aí e nem pense nisso.

– Talvez encontrar alguém não figure em minha lista de prioridades no momento.

– Talvez seja melhor alterar essa lista. E quando o fizer, pare de cruzar os braços sobre o peito quando um homem a abordar. Seria interessante se não recuasse em um gesto automático, também – acrescentou, dando um passo à frente para provar o que dizia.

Porém, Trina permaneceu onde estava, fitando-o como se desejasse fulminá-lo.

– Olhe-o nos olhos e sorria – prosseguiu ele, inspirando a fragrância inebriante de Trina. Algo entre o adocicado e o adstringente. Fixou o olhar nos lábios carnudos e a visão o distraiu por alguns segundos. Em sua opinião, a boca sempre fora o que havia de mais sexy em Trina. Carnuda, com uma coloração natural entre as tonalidades rosa e malva que o faziam lembrar uma fruta succulenta que desejava morder. Uma fruta proibida, disse a si mesmo. – Tudo que costumava fazer. Droga, você tem uma boca linda!

A surpresa fez os olhos de Trina se arregalarem.

– Eu... uh... – Ela mordeu o lábio inferior. – ... não sei se devo me sentir lisonjeada ou ofendida – disse, olhando além de Walker como se determinada a quebrar aquela conexão. – Oh, parece que sua acompanhante o encontrou. Está na hora de eu ir.

Blair estacou, ofegante, ao lado de Walker alternando o olhar entre os dois. Ele podia jurar que aquela mulher possuía o faro de um cão de caça.

– Demorei uma eternidade para encontrá-lo. – Ela o repreendeu. – Não deveria ter se escondido em um canto com... uh... – Blair encarou Trina por um longo instante. – Lembro-me que nos encontramos há pouco tempo.

– Trina Roberts – Walker se apressou em lembrá-la. – Trabalhamos juntos na conta da Bellagio.

– Oh, colegas de trabalho – Blair disse, incapaz de esconder o alívio que a fez sorrir. – Prazer em revê-la.

– Obrigada – Trina respondeu. – Espero que esteja se divertindo. Seu vestido é lindo.

– Obrigada – Blair agradeceu, citando o nome da grife famosa a que o modelo pertencia. – Eu o amo. O seu também é gracioso – lembrou de acrescentar, antes de franzir a testa. – O que é essa mancha verde em seu ombro? Faz parte do feitiço?

Walker observou Trina puxar o corpete do vestido para baixo e olhar para o ombro. Uma risada lhe escapou dos lábios.

– Não. É uma cortesia de Maddie. Um beijo borrado de papinha de feijão verde. Obrigada por me avisar. Tenho de ir. Tenham uma ótima noite – disse ela, antes de se afastar.

– Um beijo borrado de papinha de feijão verde? – Blair repetiu. – Quem é Maddie?

Três respostas se perfilaram na garganta de Walker.

A filha de Trina.

Minha filha.

Nossa filha.

Mas concordara em manter aquele assunto em sigilo absoluto, embora parecesse repugnante fingir que não a conhecia.

– Não sei. Quer um drinque?

CAPÍTULO 9

Má notícia: não é incomum os pés de uma gestante aumentarem de tamanho. E quase sempre permanecerem no número maior.

Prêmio de consolação: uma nova coleção de calçados na numeração adequada.

MADDIE DORMIA com semblante tranquilo enquanto Trina andava de um lado para o outro do quarto, despindo-se. Atirou as sandálias Bellagio para o lado, dobrou a pashmina e examinou o reflexo do corpo inteiro no espelho, enquanto baixava o zíper do vestido.

Observou a mancha esverdeada na altura do ombro. Droga! Era maior do que esperava. Imaginou por que, com exceção de Blair, ninguém a havia avisado. Talvez as pessoas temessem ser desagradáveis. A postura de Trina se encurvou. Aquela perspectiva era ainda mais constrangedora do que a mancha. O que mais a aborrecia era saber que caminhara pelo salão, sentindo-se até certo ponto atraente, quando, na verdade, ostentava uma mancha de papinha de bebê no ombro durante toda a noite. A sensação era de ter feito papel de idiota.

Retirou o vestido e o pendurou em um cabide, fazendo uma anotação mental para enviá-lo à lavanderia para lavagem a seco.

Fazia algum tempo que evitava se olhar no espelho quando nua ou seminua. A visão do corpo pós-gravidez ainda a incomodava. Cada vez que se deparava com a imagem dos seios fartos, dos quadris avantajados e o abdome arredondado, era como se estivesse olhando para outra pessoa.

Trina inspirou profundamente e se forçou a encarar o espelho. Observando os mínimos detalhes. Quatro seções de pilates combinadas com exercícios aeróbicos no aparelho elíptico a mantiveram magra e em forma até a gravidez. Costumava ter orgulho do abdome reto e dos glúteos firmes.

Porém, no terceiro mês de gravidez, durante um treino no elíptico, devolvera todos os biscoitos que havia comido quando acometida por uma onda de náusea. A partir daquele momento, enviara a série de exercícios físicos para o inferno embrulhada para presente.

Trina desatou o fecho do sutiã e não conseguiu conter uma risada baixa diante do tamanho dos seios. O que não teria dado por aquela abundância no ensino médio? Escorregou a mão pelo abdome e uma lembrança espocou na mente como uma fagulha acesa.

Fazia tempo que aqueles pensamentos não a assaltavam. As imagens, vaporosas pela excitação e nebulosas pelos *mojitos*, da noite que passara com Walker. Haviam feito amor tantas vezes seguidas que Trina chegara a imaginar se não deveria creditar algumas à imaginação.

A que dominava as demais no momento era aquela em que Walker a postara diante do espelho e a fizera observar, enquanto ele lhe explorava o abdome, os seios e o sexo com as mãos. Recordou a sensação do peso da mão forte a lhe apertar o ombro, os gemidos baixos e excitados e as palavras eróticas que ele lhe sussurrou ao ouvido, descrevendo o quanto ela o excitava e o desejo de penetrá-la naquele exato momento. Logo, os toques e as palavras se revelaram insuficientes. Espalmando-lhe as mãos contra a parede, Walker os colocara em posição lateral ao espelho e a penetrara por trás.

Trina sentiu os mamilos enrijecerem e a umidade crescer entre as coxas. Observar as mãos de Walker lhe envolvendo os quadris e a potente ereção que escorregava para dentro dela fora a experiência mais excitante e erótica de toda a sua vida. Tivera a sensação de ser uma devassa, capaz de levar um homem à loucura.

Sentindo o coração disparar e a temperatura do corpo subir, envolveu o torso com os braços. Oh, que noite espetacular fora aquela! Oh!

Descerrando as pálpebras, Trina fixou o olhar no espelho e se sentiu chocada ao ver refletida no rosto a excitação que lhe provocava reações no corpo.

Acreditara que o apetite sexual ainda se encontrava enterrado em algum lugar desconhecido, que não conseguia encontrar. E nem tivera interesse de achar.

Trina fez um movimento negativo com a cabeça, mas um sorriso lento, que se originou no peito, lhe aflorou aos lábios. Talvez Jenny tivesse razão. Talvez estivesse preparada para começar a sair com homens. Mas, dessa vez, iria com calma.

A SITUAÇÃO que envolvia Trina e Maddie o atormentava como uma ressaca que não quisesse ceder. Ainda abalado com o fato de a vasectomia ter se provado infrutífera, acreditara que o generoso acordo financeiro que fizera em favor de Maddie lhe abrandasse uma parte da culpa. No entanto, se via incapaz de ignorar o fato de que a menina merecia ter um pai. Melhor do que ele poderia ser. Procurou na internet informações sobre os riscos da ausência paterna na criação de meninas e não gostou do que descobriu. Trina teria de escutá-lo em relação àquele assunto. Podia se ressentir de sua interferência, mas precisava ouvir a verdade.

Com a decisão tomada, telefonou para Trina na manhã de segunda-feira.

– Podemos almoçar juntos?

– Algum assunto urgente de trabalho? Tinha planos de comer um sanduíche e passar minha hora de almoço na creche, com Maddie. Talvez a leve para passear.

A hesitação de Walker não durou mais do que alguns segundos.

– Posso me juntar a vocês?

Um silêncio tenso se seguiu.

– Tem certeza que não será acometido de um surto de urticária ou algo parecido?

– Nunca tive urticária em toda a minha vida.

– Sempre há uma primeira vez para tudo – disse ela, caçoando de Walker.

– Que tal às 12h30?

– Está bem, mas não esqueça de levar seu sanduíche.

Walker foi invadido pela estranha sensação de estar preparando uma apresentação para promover a empresa. Optando por comer o próprio sanduíche na mesa de trabalho para que nada o distraísse enquanto estivesse dedicado à tarefa da persuasão, examinou todo o material de pesquisa e partiu ao encontro de Trina e Maddie.

Trina empurrava o carrinho da bebê pela calçada ao longo do prédio. Estacou, inclinando-se para tocar a filha e lhe dizer alguma coisa, que a fez erguer o olhar e agitar os pezinhos. Aquela troca seria emocionante para um homem sensível a bebês, o que não era seu caso.

Walker a alcançou e esperou até que Trina erguesse o olhar para fitá-lo, com a mão servindo de viseira contra os raios de sol.

– Onde está seu sanduíche?

– Decidi caminhar e conversar em vez de comer.

Trina anuiu e empertigou as costas.

– Está bem. Eu comi meu sanduíche no escritório. Às vezes Maddie fica afoita pela minha comida. Acho que deve ser a síndrome do quero-o-que-não-posso-ter. O que deseja? É sobre os novos comerciais?

– Não. É sobre Maddie e você. – Walker enfiou as mãos nos bolsos da calça e caminhou ao lado dela. – Fiz uma pesquisa sobre filhas criadas sem uma figura paterna sólida. As estatísticas mostram que as que foram criadas sem a presença do pai têm um desempenho acadêmico inferior às que puderam contar com a presença paterna. As que foram criadas com pais também têm maior propensão a se envolverem em atividades esportivas, além de possuírem mais autoconfiança e autoestima. Também são mais propensas a entrarem na faculdade, após o término do ensino médio.

– O que você fez? – Trina perguntou, encarando-o com expressão cética. – Pesquisou filhas de mães solteiras em um site de busca?

– Mais ou menos – respondeu ele. Procurara por filhas criadas sem a figura paterna. – Outra questão que me deixou preocupado foi o fato de as adolescentes sem pai serem mais inclinadas à promiscuidade e a engravidarem antes do casamento.

– Não me diga que pretende confeccionar um cinto de castidade para Maddie?

– Não, mas não podemos ignorar esses fatos.

– Estatísticas – Trina corrigiu. – Estamos falando sobre probabilidades estatísticas. O mesmo que as pessoas utilizam para jogar vinte e um.

– Não há razão para nós deixarmos de utilizar essas informações em favor de Maddie, em vez de contra ela.

Trina lhe dirigiu um olhar cauteloso.

– O que quer dizer com “nós”?

– Que podemos colaborar para que isso não aconteça.

– Mas você disse que não queria ser pai – Trina retrucou.

A resposta provocou uma pontada no peito, que Walker resolveu ignorar.

– Quero que Maddie tenha o melhor pai possível e, claro, não serei eu. Portanto, quero que comece a sair com homens outra vez.

– Está bem – Trina concordou, dando de ombros.

Walker estacou no meio de uma passada, detido pela perplexidade.

– Está bem? Mas na outra noite você disse que não queria namorar e que isso não era da minha conta.

– Continuo achando que não é de sua conta, mas mudei de ideia. – Os olhos castanhos adotaram um brilho sensual. – Estou pronta para colocar a cabeça para fora da toca. E, dependendo do homem que eu conhecer, posso colocar mais do que isso.

Ótimo, disse Walker a si mesmo.

– Ótimo – forçou a palavra a lhe transpor os lábios, embora parecesse descabida. – Mas terá de selecionar homens que possam ser boas figuras paternas para Maddie.

– Em parte sim – retrucou ela, e recomeçou a empurrar o carrinho pela calçada. – Isto é, para um relacionamento duradouro, o homem em questão teria de ser louco por mim e Maddie, mas eu teria de me sentir atraída por ele primeiro. Não me envolverei com alguém para dar um bom pai a Maddie em detrimento da minha felicidade. Isso não seria justo com nenhum dos três. Portanto, o Sr. Perfeito para Maddie terá de me agradar em todos os sentidos.

Trina colocou uma mecha de cabelo para trás da orelha e ele se viu distraído com a visão do pequeno diamante encravado em um aro de prata, que refletia a luz solar. A imagem dele enterrando o nariz naquele pescoço macio e lhe inspirando a fragrância espocou na mente de Walker. Naquela ocasião, Trina exalava uma combinação picante, embora doce, de sonho erótico com plena satisfação que o arrastara em um vórtice alucinante. Recordou o desejo avassalador seguido de um clímax tão intenso que o fez imaginar que não precisaria fazer sexo por algum tempo. Porém, levava apenas minutos para que o desejo renascesse das cinzas como uma fênix que o carregasse nas asas em direção a outro êxtase indescritível. Havia feito sexo repetidas vezes... do tipo quente como uma conflagração.

Walker xingou em silêncio contra aquelas imagens e encontrou o olhar perscrutador de Trina.

– Não concorda? – perguntou ela.

– Concordo com quê?
– Que eu tenha de desejar esse homem para mim primeiro e depois para Maddie.

Para ser sincero, não, pensou ele, mas engoliu em seco a resposta. A ideia de Trina se transformando na deusa do sexo que se revelara naquela noite com ele o fez desejar um antiácido.

– Talvez, mas Maddie terá de ser prioridade no processo de seleção.
– Mais tarde – concordou ela, com um aceno positivo de cabeça.
– O que quer dizer com isso?
– Que o candidato terá de me satisfazer primeiro, antes de agradar a Maddie. – Trina ergueu o olhar por um breve instante. – Era isso mesmo que queria conversar comigo?

– Sim – respondeu ele. – Você parecia impermeável à ideia e achei que deveria colocá-la a par dessas estatísticas. – Walker limpou a garganta. – E quero ajudar.

Os olhos escuros de Trina se arregalaram.

– Como?
– Como não posso ser o tipo de pai que Maddie merece, quero ajudá-la a encontrar um homem que as mereça.
– E como planeja fazer isso? Colocando um anúncio no jornal?
– Se necessário – Walker retrucou. – Mas duvido que seja preciso. Você é bonita, graciosa. Não será difícil.

Trina sorriu.

– Desde que saiba o que eu e Maddie desejamos em um homem.
Walker experimentou uma onda de náusea e contrações nos músculos da mandíbula, mas ignorou todas as sensações. Tinha uma missão importante a cumprir. Estava na hora de colocar mãos à obra.

– Muito bem. O que deseja em um homem?
– Inteligência, senso de humor, ternura. Paixão pela vida e por mim, claro – respondeu ela, antes de fazer uma pausa. – E que seja bom de cama.

Walker enfiou as mãos nos bolsos da calça, experimentando outra contração no músculo da mandíbula.

– Como poderei saber se o candidato é bom de cama?

Trina deu de ombros.

– Acho que serei eu a fazer essa avaliação. Prefiro cabelo escuro a loiro e também gosto de homens altos. E, na atual contingência, ele terá de desejar

uma família. – Ela desviou o olhar, pensativa. – Gosto de homens que saibam diferenciar o que é verdadeiro e importante do que não é.

– O que quer dizer com isso?

– Que a carreira é importante até certo ponto, mas a verdadeira felicidade reside em outras coisas.

– Tais como?

– Ver sua bebê sorrindo para você. Descobrir o mundo. Ensiná-la a andar. Estar com a pessoa que você ama no final de um dia exaustivo e rir de tudo que aconteceu. Fazer amor ao nascer do sol e saber que é a pessoa mais sortuda do mundo. – Os olhos escuros encontraram os dele. – Assim está bom para começar. – E consultando o relógio de pulso: – Tenho de me apressar. Avise-me se encontrar alguém interessante.

– Farei isso – resmungou ele, enquanto a observava se afastar, empurrando o carrinho da criança na direção do prédio. Maddie soltou um som alegre e gorgolejante que o fez sentir uma pontada no peito. Walker se recusou a refletir sobre aquela sensação.

À noite, quando chegou em casa, encontrou o tio jogando pôquer com um funcionário da segurança do condomínio, bebendo cerveja e fumando um cigarro.

Harry se apressou em baixar a mão que segurava o cigarro, mas uma espiral de fumaça se ergueu ao lado dele.

– Não precisa esconder o cigarro – Walker disse, afrouxando o nó da gravata, enquanto se encaminhava ao refrigerador para pegar uma cerveja.

– Basta abrir a janela e ligar o ventilador.

– Foi apenas um – Harry se defendeu.

– Não me importa – Walker resmungou ao mesmo tempo que o telefone celular tocou.

– Alô – atendeu sem verificar quem estava ligando.

– Olá, irmão, é BJ. Pensou sobre a possibilidade de eu trabalhar em sua empresa?

Walker engoliu um gemido em seco.

– Tenho minhas dúvidas, BJ. Nunca achei uma boa ideia trabalhar com membros da família.

– Acha que farei alguma besteira – disse o irmão.

Walker carregou a cerveja para o escritório no andar superior.

– Não foi o que eu disse. Posso ser um chefe exigente e rigoroso. Poderia levá-lo à loucura.

BJ deixou escapar uma risada destituída de humor.

– Estou disposto a arriscar. Além do mais, o prazo está começando a ficar apertado.

Walker estacou no meio de uma passada.

– O que quer dizer com isso?

– Eu e Danielle queremos nos mudar, antes do nascimento da criança.

– O que acontecerá apenas daqui a alguns meses, certo?

– Mais precisamente seis semanas – BJ retrucou.

– Seis semanas! – Walker deixou escapar um xingamento entre dentes. – Achei que havia acabado de acontecer.

– Já tem algum tempo – admitiu o irmão. – Os pais de Danielle estão manifestando a vontade de morar conosco, portanto, temos de sair daqui.

Walker deixou escapar um suspiro resignado.

– Então, quando quer se mudar?

– Ontem – BJ respondeu. – Danielle é um sonho de menina, mas os pais dela só podem ser definidos pela palavra “parasita”. Tudo que preciso saber é se me aceitará em sua empresa. Quero apenas uma chance. Se não der certo, pode me dispensar após o primeiro mês.

Walker tomou um grande gole da cerveja. Como poderia dar as costas ao irmão numa situação como aquela?

Ao menos BJ tentaria ser pai, o que era mais do que ele estava fazendo. O pensamento lhe fechou a garganta.

– Está bem, onde pretende morar?

– Conseguiremos um lugar – BJ respondeu. – Basta estar pronto para me receber em sua empresa na próxima semana.

Enquanto desligava o telefone, ouviu as passadas do tio pela escada.

– O que o está afligindo? – Harry perguntou da soleira da porta. – Descobriu ser pai de alguma outra criança?

Walker dirigiu um olhar fulminante ao tio.

– Não, mas seria melhor. BJ engravidou uma menina e os dois estão se mudando para Atlanta.

Harry deixou escapar um xingamento.

– Está brincando!

Walker negou com a cabeça.

– E vai trabalhar para mim.

– E o que ele fará na empresa?

– Não tenho a menor ideia – Walker respondeu.

Nos dois dias que se seguiram, Walker procurou um cargo adequado para o irmão sem lograr êxito. A Paragon Advertising era conhecida como uma agência de prestígio, inovadora, criativa e confiável. O irmão, Deus o abençoasse, era um trabalhador, um homem rude, que mascava tabaco e bebia cerveja barata.

Necessitando de uma distração, Walker resolveu entrar em um bar que transmitia eventos esportivos, pediu uma cerveja e assistiu a um jogo que passava em dois telões.

Enquanto comentava o jogo com alguns rapazes que ocupavam os bancos próximos, descobriu que um deles era irmão de um amigo de um de seus amigos. Um comercial de televisão, que exibia um bebê chorando, lhe chamou atenção. Walker lembrou a missão de encontrar um pai para Maddie e avaliou seus vizinhos de balcão com olhar crítico. Um deles era moreno e lhe parecia ter inteligência suficiente. Não tinha o hábito de beber e estava empregado.

– Prazer, Walker Gordon – disse ele, estendo a mão na direção do escolhido.

O homem o cumprimentou.

– Rob Brown. É sempre bom conhecer mais um torcedor do Braves.

– Sem dúvida. Você é casado ou comprometido?

Rob lhe dirigiu um olhar cauteloso.

– Não, por que está perguntando?

– Estava imaginando se...

– Olha, sinto-me lisonjeado, mas sou heterossexual até a medula dos ossos. Sem chances.

Walker soltou uma risada, com um movimento negativo de cabeça.

– Não é para mim. Tenho uma amiga bonita, mãe de uma bebê e pensei que vocês pudessem se conhecer.

Rob inclinou a cabeça para o lado.

– Se sua amiga é tão interessante, por que não fica com ela?

Walker experimentou um estranho aperto no peito.

– Somos amigos desde sempre. Ela é como uma irmã para mim – justificou. A mentira quase ficou presa na garganta. – Além disso, não sou bom com crianças. Não tem nenhum vício ou doença, certo?

– Mas o que significa isso? Algum tipo de pegadinha?

– Não, estou falando sério. Nenhum vício ou doença?

– Não, mas...

- E gosta de crianças?
- Sim, tenho vários sobrinhos. Sempre os levo para passear, mas...
- Minha amiga é bonita e inteligente. Telefone para ela e diga que fui eu quem o recomendei - Walker sugeriu, entregando-lhe o número do telefone celular de Trina, antes de terminar de tomar a cerveja. Muito bem. Ela conheceria o solteiro número um.

CAPÍTULO 10

– QUEM SÃO Rob, Mark e Steve? – Trina perguntou, quando Walker entrou em seu escritório.

Aquele olhar furioso o pegou de surpresa e o fez vasculhar de imediato a memória.

– Oh, são alguns homens que triei para você. Lembra-se de ter me dito que estava pronta para começar um novo relacionamento?

Com um movimento negativo de cabeça, Trina contornou a mesa e fechou a porta da sala.

– Você enlouqueceu?

– Não. Disse que a ajudaria a encontrar alguém.

– Receber telefonemas inesperados de homens de quem nunca ouvi falar me assusta mais do que me anima – retrucou ela. – Não acha que deveria ao menos ter *me* falado que eles iriam telefonar?

– Pedi para que lhe dissessem que fui eu que os recomendei.

– Recebi esse recado depois de ter dispensado os dois primeiros, dizendo-lhes que haviam ligado para o número errado. Por falar nisso, que está dizendo para esses homens?

– Que você é bonita, inteligente, está disponível e tem uma bebê. Todos têm bons empregos e gostam de crianças. Não possuem ficha criminal e estão desimpedidos. Sem vícios ou doenças.

– Mas para eu aceitar sair com esses homens, precisarei de um pouco mais de informação. Deixe um recado na caixa postal do meu celular ou me envie um e-mail, contando como os conheceu e o que sabe sobre eles. Do contrário, estará agindo quase como um cafetão.

Walker anuiu, observando-a afastar uma mecha de cabelo para trás da orelha.

Trina lhe sustentou o olhar por um longo instante.

– O que há de errado com você?

Walker fez que não com a cabeça.

– Nada. Por quê?

– Sim, há alguma coisa. Estou vendo, sentindo – insistiu ela. O aborrecimento guerreando com a preocupação.

– Como? – Walker perguntou, deixando de lado uma parte da própria irritação. Sempre tivera como filosofia não deixar que ninguém percebesse suas aflições. A possibilidade de Trina ser capaz de fazê-lo o incomodava.

– Não sei – respondeu ela. – Apenas sei. Sinto ou algo parecido. Sempre percebia quando você e Brooke tinham se desentendido, sem que precisasse me dizer.

Walker franziu a testa.

– Como você sabia?

Trina deu de ombros, desviou o olhar e voltou a se postar atrás da mesa.

– Já lhe disse que não tenho ideia de como sei. Apenas sei. E então, o que há de errado?

– É o meu irmão.

– Ele está doente? – Trina perguntou, incapaz de disfarçar a preocupação no semblante.

– Não. Está se mudando para Atlanta e quer trabalhar para mim – acrescentou ele, sentindo o estômago revirar diante da perspectiva.

– Seu irmão é louco ou criminoso? Algum tipo de sociopata?

– Não posso defini-lo como louco. Geralmente, não é um criminoso e não oferece perigo à sociedade, pelo menos não de maneira intencional.

Trina arregalou os olhos.

– É mesmo? Tenho de confessar que toda vez que penso em seu irmão, o imagino um homem como você.

Walker fez que não com a cabeça.

– Não temos nada em comum. Ele não cursou faculdade e se lançou no ramo de vendas em sistema de pirâmides que acabou não dando certo. Não me entenda mal, meu irmão é um bom rapaz. Mas agora engravidou uma moça e quer se casar com ela.

Os lábios carnudos de Trina formaram um “O” perfeito.

– Uau!

– Sim. – Walker enfiou as mãos nos bolsos da calça.

– Em que mês ela está?

– No oitavo.

Trina anuiu.

– Ao menos ela não terá de enfrentar sozinha uma das piores partes.

– Como você enfrentou – disse ele, invadido por um estranho instinto protetor que surgiu do nada.

– Mas acabei me saindo bem – Trina retrucou em um tom de voz fraco. Ainda assim, ele conseguiu vislumbrar algo naqueles olhos escuros que fez uma pontada aguda de dor lhe varar o peito.

Erguendo uma das mãos, ele lhe tocou o rosto.

– Lamento não ter estado ao seu lado.

– Você não desejaria estar ao meu lado. É um momento difícil e emotivo.

– Pode parecer loucura, mas quer saber de uma coisa?

– O quê?

– No que se refere a ter filhos, gostaria de ser como BJ – confessou ele, gesticulando a cabeça em negativa diante da ironia.

– Por quê?

– Porque ele de fato acredita ter chance de ser um pai decente e é louco ou corajoso o suficiente para se casar com a moça e tentar desempenhar o papel de pai de família.

– Deve ser mais fácil quando as duas pessoas envolvidas têm sentimentos profundos uma pela outra – Trina disse.

– Sim – resmungou ele, deixando o polegar escorregar pelo lábio inferior de Trina. Sempre achara aquela boca maravilhosa. O modo como se curvava em um sorriso, formava um “o” em uma expressão de surpresa ou se entreabria quando ele a beijava. A imagem erótica de Trina nua, usando a boca para explorar seu peito, o abdome e mais abaixo lhe varou a mente.

– O que está fazendo? – sussurrou ela.

– Pensando – Walker respondeu, lhe roçando o polegar ao lábio inferior outra vez.

– Sobre o quê?

– Como você estava – disse ele. – Naquela noite.

– Não sabia que conseguia se lembrar – Trina retrucou, com os olhos arregalados de surpresa.

– Posso não me recordar de tudo, mas consigo me lembrar do suficiente.

O olhar de Trina encontrou o dele, enquanto a mão delicada se fechava em torno do pulso de Walker, embora não tentasse afastá-lo.

Perdido nas profundezas escuras daqueles olhos, ele lembrou a paixão com que Trina lhe correspondera. A falta de inibição que ela demonstrara o pegara de surpresa. E, quando pensou que estava diante de uma devassa, lembrou ele, descobriu uma ternura que o deixara atônito.

– Às vezes, é melhor não recordar – Trina disse, afastando-lhe a mão e o fazendo experimentar uma sensação de perda. Muito estranho, pensou Walker. Estava supervalorizando aquele contato.

– Talvez tenha razão.

– Eu tenho. Ambos temos muito a perder se a verdade sobre Maddie chegar aos ouvidos de Alfredo Bellagio. Ele é o típico italiano – prosseguiu Trina. – Se descobrir que é o pai de Maddie...

Walker sentiu uma pressão no peito.

– O que quer dizer com isso?

– Com certeza ele pensaria que você devia estar criando a própria filha.

– Farei melhor que isso – Walker disse. – Já acertamos um acordo financeiro e vou ajudá-la a arranjar um bom marido.

Trina o fitou com um sorriso congelado.

– Nunca disse que queria me casar.

– Mas já conversamos sobre isso. Eu a coloquei a par do que dizem as pesquisas sobre filhas criadas sem a figura paterna. E você disse que estava disposta a começar a procurar alguém.

– Estou disposta a começar a sair com homens, mas não decidi se quero me casar. Talvez o casamento represente para mim o mesmo que a paternidade para você.

– Por quê?

Trina desviou o olhar.

– Não tive um bom exemplo. O casamento dos meus pais não foi dos melhores. Eles não deveriam ter ficado juntos. Aquela união nunca pareceu envolver amor. E... – Ela se calou e entrelaçou os dedos das mãos, aflita. O que o surpreendeu. Aquele não era o modo de ser de Trina.

– E o quê?

– Acho que é muito mais fácil evitar escolher o cara errado não se casando do que escolher o certo.

– Você é uma exceção. Pensei que todas as mulheres tivessem o sonho de se casar.

– Não difere tanto de sua visão da paternidade. É fuga.

NA NOITE de sexta-feira, Walker sentou-se diante da televisão empunhando uma garrafa de cerveja gelada. O tio Harry se encarregava de poluir o ar da sala com a fumaça do cigarro, enquanto jogava pôquer. Walker havia cogitado a possibilidade de ir ao clube, mas não estava se sentindo disposto.

O toque do telefone celular interrompeu a calmaria.

– Olá, é Trina.

Algo se iluminou no íntimo de Walker, arrancando-o da apatia.

– O que houve?

– Tem o telefone de Mark Fisher?

Walker vasculhou a memória à procura do nome.

– Mark Fisher?

– É um dos homens para quem você deu meu telefone.

– Oh. Aquele que trabalha para o governo – lembrou. – Não tenho o telefone dele. – Trina gemeu. – Por quê?

– Combinei de jantar com ele, mas a menina que ficaria tomando conta de Maddie cancelou no último minuto. E se eu pedir à minha mãe para vir para cá, ela me fará um interrogatório.

– Não está com o número dele em seu celular?

– Não. Combinamos o jantar no início da semana e depois disso muitas pessoas me ligaram. Não quero que ele pense que lhe dei um bolo.

Walker se ergueu, rejeitando a ideia que lhe viera à mente.

– Quanto tempo planeja demorar?

– Depende do quanto eu goste de Mark – respondeu ela, com um sorriso rouco.

Walker experimentou uma sensação incômoda diante da insinuação sexy, mas se apressou em descartá-la. Se de fato queria ajudar a encontrar um pai para Maddie, tinha de remover o máximo de obstáculos possível do caminho de Trina.

Não estava se comprometendo para toda a vida, lembrou a si mesmo. Apenas por uma noite. Então, por que tinha a sensação de estar subindo os degraus rumo a um trampolim de altura máxima?

– Quer que eu tome conta dela? – perguntou, forçando as palavras a transpirem a garganta constringida.

Um silêncio se seguiu.

– Você não saberia o que fazer.

Walker não conseguiu conter a irritação.

– Seria capaz de tomar conta de Maddie por uma noite. Tenho inteligência razoável. Poderia me incumbir dessa tarefa por algumas horas – afirmou. – A não ser que esteja amamentando ou algo parecido.

– Não. Só consegui amamentar por algumas semanas. – Trina fez uma pausa. – Seria mesmo capaz de fazer isso?

– Sim.

– Eu poderia apenas tomar um drinque, comer uns petiscos e voltar. Isso não demoraria. Talvez uma hora e meia.

– Onde marcaram encontro?

Trina disse o nome de um restaurante sofisticado, muito em voga.

– Boa escolha.

– Sim, mas não sei se você poderia...

– O que preciso fazer? – perguntou ele, dando vazão à impaciência. – Alimentá-la? Levá-la para passear no carrinho? Trocar uma fralda? – Está bem, não estava ansioso por executar a última tarefa, mas seria capaz de fazê-lo. – O que de pior poderia acontecer?

– Poderia machucá-la – Trina respondeu. O temor na voz traspassando o peito de Walker como uma lâmina afiada e o fazendo praguejar baixo.

– Eu jamais faria isso.

– Quis dizer machucá-la sem intenção – respondeu ela. – Poderia machucá-la de maneira acidental. Por exemplo, se a deitar no berço tem de ser de bruços e nunca esquecer de erguer a grade, do contrário, ela tentará pular. Também não pode deitá-la no tapete e deixá-la sozinha, porque ela sabe rolar como uma bola.

– Entendido – disse ele.

– E mesmo que não a machuque, poderia assustá-la.

– Não sou tão feio assim.

– Não se trata de sua aparência, mas do fato de ser homem. Maddie não está acostumada a conviver com o sexo masculino.

– Talvez ela devesse começar a se acostumar a ter homens por perto, já que representamos quase metade da população mundial.

Ao ouvir um suspiro do outro lado da linha, a impaciência de Walker voltou a aflorar.

– Ora, se quer que Mark pense que lhe deu um bolo, por mim tudo bem.

– Não. Está bem – Trina concordou por fim, a relutância clara na voz. – Venha para cá agora para que eu possa lhe dizer tudo que precisa saber.

Uma hora depois, o cérebro de Walker estava quase explodindo com as recomendações de Trina. *Não precisava dar comida a Maddie, porque ela se incumbiria de alimentá-la, trocar a fralda e lhe dar um banho. No entanto, poderia lhe dar uma mamadeira e dois biscoitos em forma de bicho. E nada mais.* Ela lhe mostrou o livro e os brinquedos favoritos de Maddie e todos os telefones que pudessem ser necessários em caso de emergência. Obrigou-o a repetir o número do seu telefone quatro vezes. Embora insultado, ele suportou aquele tratamento, por perceber o nervosismo de Trina.

– Repetiu as recomendações seis vezes – disse ele. – Vá e faça Mark comer em sua mão.

Trina deixou escapar um suspiro.

– Não sei se ainda possuo essa habilidade – murmurou, mas logo exibiu um sorriso malicioso. – Mas tentarei. Qualquer imprevisto, me telefone.

– Pode ficar tranquila – respondeu ele e Trina saiu, deixando-o com uma sensação estranha no peito, que logo tratou de ignorar.

Walker fixou o olhar na filha, que se encontrava sentada sobre uma manta que forrava o assoalho da sala de televisão. Maddie emitia sons cadenciados enquanto estudava a mãozinha cerrada em punho. Apesar de todas as garantias que dera a Trina, uma onda de insegurança o atingiu. Walker sempre considerara os bebês criaturas alienígenas. Maddie, com seu cabelo ruivo atado em um chucha-chuca no alto da cabeça e os enormes olhos castanhos, não era exceção. Sua única esperança era que a bebê adormecesse na manta por duas horas para que ele pudesse assistir ao jogo de futebol. No momento, prendia a respiração sem saber como se aproximar daquele ser extraterrestre.

Maddie continuou a observar o próprio punho e a emitir sons desconexos por alguns instantes.

O telefone celular de Walker tocou e com um xingamento baixo ele se apressou em atender.

– Walker.

– O que ela está fazendo? – Trina perguntou.

– Estava muito satisfeita observando a própria mão até você resolver telefonar – respondeu ele.

– Oh, bem, mas o que Maddie está fazendo agora?

– Olhando para mim.

– Ela colocou o polegar na boca?

Walker observou a menina fazer exatamente aquilo.

– Sim.

– Eu sabia – Trina disse. – É o que ela costuma fazer quando está assustada. Sabia que você a deixaria assustada.

– Ela não está chorando ou gritando. Maddie está bem. Vá encontrar seu pretendente e me deixe em paz. – Walker desligou o telefone e se aproximou da criança. Os enormes olhos castanhos pareciam adotar proporções gigantescas à medida que ele fechava a distância que os separava.

A bebê o observou por um longo instante, soltou um grito que causaria inveja a um personagem de filme de terror e caiu em prantos.

Walker xingou em tom baixo, sentindo todos os músculos do corpo contraídos pela tensão.

– Está tudo bem – tentou dizer no mesmo tom afável que reservava para os animais de estimação. – Você ficará bem. Não vou machucá-la.

Os berros de Maddie começaram a empurrá-lo na direção do desespero.

– Não precisa ficar assustada. – O telefone celular tocou outra vez. Walker olhou para a tela, era Trina. Ele não atendeu. Gotículas de suor começavam a lhe brotar na nuca. Ele rolou uma bola de plástico na direção de Maddie. – Olhe isso. Não é divertido? – A tentativa se revelou frustrada. Walker xingou mais uma vez e pegou um bichinho de pelúcia. – Olhe isto. Sinta o coelhinho.

Nada parecia demover Maddie do choro.

Walker preferia morrer a ter de admitir aquilo, mas não queria pegá-la no colo. Ainda mais quando ela estava gritando. Olhou ao redor da sala e avistou o pacote de biscoitos em formato de bichos. Abriu a caixa, retirou um e o agitou diante do rosto de Maddie.

No mesmo instante, a bebê silenciou. Tossindo e soltando um soluço, a menina fixou os olhos castanhos no biscoito e, em seguida, nele, antes de retornar ao biscoito. Com os cílios úmidos pelas lágrimas, Maddie esticou a mãozinha rechonchuda, pegou o biscoito e enfiou na boca.

Uma onda de alívio o engolfou.

– O segredo da paz mundial. Biscoitos em forma de bicho. – Ele inspecionou o conteúdo da caixa. Trina o instruíra a dar apenas dois biscoitos.

Para o inferno com as instruções, disse a si mesmo. Ainda restava uma hora e 57 minutos para lidar com a criança.

TRINA RECUSOU os primeiros pratos, pulando direto para o principal, composto de bolinhos de siri e salada mista de vegetais frescos. Tomando apenas uma taça de vinho, mal conseguia resistir ao impulso de telefonar para Walker a cada minuto. Após recusar a sobremesa e o café, desculpou-se e tomou o rumo de casa.

Ao abrir a porta, deparou-se com um silêncio sepulcral que lhe fez a imaginação alçar voos aterrorizantes. Livrando-se dos sapatos no sopé da escada, precipitou-se pelos degraus em direção ao quarto da filha, onde Walker se encontrava sentado em uma cadeira de balanço, inclinado para a frente, observando o berço.

O olhar de Trina seguiu o dele para encontrar Maddie esparramada, as bochechas rosadas e a respiração cadenciada, enquanto dormia.

Trina voltou a se fixar em Walker. Ele a fazia se lembrar de uma sentinela silenciosa, guardando a princesa no palácio. Um romantismo descabido, disse ela a si mesma.

– Por que está sentado aí olhando fixamente para ela?

Walker não desviou o olhar da filha.

– Porque não ergui a grade do berço. Não queria arriscar acordá-la.

– Oh, farei isso.

Walker se ergueu no mesmo instante.

– Foi pontual – disse ele em tom de voz baixo.

Trina se deteve ao olhá-lo nos olhos e reconhecer o medo misturado ao cansaço. Aquilo lhe aqueceu o coração. Quantas vezes se sentira daquela mesma maneira? Quantas vezes estivera disposta a vender a alma para que Maddie dormisse por mais do que 15 minutos?

– Por quanto tempo era chorou? – Trina sussurrou.

– Uma eternidade – respondeu ele. – Por que não me preveniu sobre isso?

– Eu disse que a assustaria.

– Mas eu não fiz nada.

– Não precisou. Basta não ser eu. Sou a referência de Maddie no momento. Na verdade, sou a referência desde que ela nasceu e, talvez, para o resto da vida...

– Ainda bem que teve a ideia de deixar uma caixa de biscoitos.
– Quantos sobraram?
– Entre mim e Maddie, nenhum – Walker respondeu, passando uma das mãos pelo cabelo. – Como consegue fazer isso todos os dias?

O instinto de proteção de Trina para com a filha aflorou.

– Ela não grita o tempo todo. Não parou esta noite?

Walker concordou com um gesto de cabeça.

– Sim, mas ela gosta de movimento constante. Se não está rolando, gosta de se movimentar de alguma forma, enquanto a seguramos no colo passeando, ou dando voltas no carrinho. O que fará quando ela começar a engatinhar?

– Não sei. Estou pensando em contratar uma babá por meio expediente.

– Posso entender o motivo. Não sei por que ainda não fez isso.

– Ela vale a pena qualquer sacrifício – Trina respondeu. – É meu raio de sol. – Ela ergueu a grade lateral do berço e Maddie não moveu sequer um músculo. – Sim, ela apagou. Obrigada por ter vindo.

Trina liderou o caminho para fora do quarto, deixando a porta entreaberta.

– Como foi o encontro? – Walker perguntou.

– Foi bom. Estava um pouco apreensiva por ter deixado Maddie, portanto acabei comendo rápido demais. Não saberia descrever a comida.

– E quanto ao homem?

– Mark – disse ela, de repente se dando conta do quanto Walker estava próximo e recuando um passo. – Ele foi agradável. Convidou-me para sair outra vez.

– E você vai?

– Não sei. Terei de verificar como está minha agenda e a da menina que fica tomando conta de Maddie para mim.

– Achou que ele serve para você?

– Mark é bonito e sabe conduzir uma conversa. Não o beijei. Acho que terei de descobrir mais sobre a química entre nós se sairmos outra vez.

Trina sentiu os olhos esverdeados a percorrerem de cima a baixo e tentou não deixar transparecer a timidez.

– Você está muito bonita – disse ele.

– Obrigada – Trina agradeceu com um sorriso. – Ele disse algo parecido, também.

Walker levou as mãos aos quadris e a fitou com olhar curioso.

– O quê? O que ele disse?

– Não é da sua conta – respondeu ela. Parecia-lhe estranho revelar os detalhes do encontro que tivera para Walker.

– Ora, vamos, fui eu quem armei esse encontro. O que ele disse?

– Que eu era mais sexy do que ele imaginou – confessou ela, enquanto liderava o caminho pelos degraus da escada. Quando alcançou a porta, girou. – Satisfeito?

– Sim. Acha que ele estava tentando levá-la para a cama no primeiro encontro?

– É possível. Não é o que a maioria dos homens faz? – perguntou ela. – Ou poderia estar apenas fazendo um elogio sincero, mas acho que você não consideraria isso possível.

– Não. Eu não disse isso – Walker se defendeu. – Você é sexy. É que sempre fomos apenas amigos. Com exceção da noite que passamos juntos.

A lembrança daquela única e excitante noite gravitou na atmosfera entre ambos. O olhar de Trina encontrou o dele e uma sensação eletrizante a perpassou.

– Sim – disse ela, rezando para que a voz não saísse ofegante. – Uma noite que não se repetirá.

– Certo – concordou ele, com um aceno positivo de cabeça. – Boa noite. E telefone-me se precisar de alguma coisa. Não moro longe.

Com o coração batendo mais rápido do que deveria, Trina o observou caminhar na direção do carro. Imagens viscerais da noite em que dormiram juntos lhe cruzavam o cérebro como raios laser. A verdade era que não conseguia se lembrar de ter tido uma experiência sexual como a que vivenciara com Walker.

Mas devia estar com algum problema de memória. Ouvira várias mães comentarem que uma parte das lembranças de uma mulher se esvaía junto com a placenta. Trina gemeu. Está bem, suas lembranças sexuais se encontravam nebulosas e distantes. Aquilo significava que teria de criar outras.

CAPÍTULO 11

NA NOITE de domingo, Jenny Prillaman veio visitá-la para uma reunião de meninas. Após a amiga levar Maddie à exaustão, Trina colocou a filha no berço e preparou drinques para as duas.

Acomodando-se no sofá para ver a reprise de um episódio de *Desperate Housewives*, Jenny retirou da bolsa um bloco de desenho para ela, um livro de colorir para Trina e uma caixa de giz de cera para uma sessão de artes.

– Isso é um caso sério de regressão. A situação com os preparativos do casamento está tão ruim assim?

– É uma forma saudável de relaxar – Jenny retrucou, tomando um gole do drinque, antes de começar a desenhar. – Você é ótima com martínis. Não importa o quanto eu me esforce, os meus ficam com sabor de xarope para tosse. Como vão os encontros? Tenho um homem em mente para você e não aceitarei um “não” como resposta.

– Resolvi me aventurar e a resposta é sim – Trina revelou. – Embora saiba que resolveu falar sobre minha vida amorosa para desviar o assunto de suas iminentes núpcias.

Jenny ergueu o olhar, surpresa.

– Saiu com um homem e não me contou?

– Queria esperar para ver no que iria dar. Se o encontro fosse um desastre, não iria repetir.

A expressão de Jenny se iluminou.

– Então, não foi um desastre? Vai sair com ele outra vez?

– Talvez. Não foi amor ou desejo à primeira vista, mas ele é um cara legal.

Jenny a fitou, tomando outro gole do drinque.

– Não foi como um incêndio florestal.

- Não, mas...
- Bem, tenho um homem para você. É sexy. Muito sexy.
- Mas é bonito?
- Sim, mas não estonteante. É divertido e está empregado.
- E ele gosta de crianças?

Jenny estacou.

- Acho que sim. Terei de confirmar essa informação. Ele é engenheiro.
- Parece interessante – Trina disse, imaginando um super nerd enquanto coloria um dos personagens do Looney Tunes.

Jenny lhe dirigiu um olhar de repreensão.

- Pare com isso. Ele é um engenheiro civil. Constrói resorts luxuosos pelo mundo todo.

- Então, por que veio para Atlanta?

- Além de comparecer ao *megaevento* em que se transformou meu casamento, a empresa dele está baseada aqui. Então, posso dar o número do seu telefone para ele?

Trina deu de ombros.

- Pode, mas lembre-se de me informar o nome completo desse homem e me avise quando falar com ele. Walker também está se incumbindo da tarefa de me arranjar pretendentes – resmungou ela.

As sobrancelhas de Jenny se ergueram em uma expressão de perplexidade.

- Walker? Sempre imaginei se vocês acabariam tendo um caso se ele não fosse comprometido com Brooke.

Trina sentiu o rosto queimar e franziu a testa diante da sensação incômoda, ao mesmo tempo em que levava o copo aos lábios.

- Sem chances. Não fazemos o tipo um do outro.
- Por que não? Você é bonita e inteligente.
- Não sou uma herdeira da alta-sociedade – Trina disse.
- Acha mesmo que esse é o desejo de Walker, depois da experiência que teve com Brooke? – Jenny questionou, incrédula.

Trina deu de ombros.

- Não sei. Ele não faz meu tipo. Não quer ser pai.

Jenny pestanejou várias vezes.

- Isso é surpreendente. Walker faz o tipo do homem perfeito que um dia se casará e construirá uma família.

– Acho que ele não teve uma experiência bem-sucedida com o próprio pai.

– Humm. – Um sorriso pesaroso curvou os lábios de Jenny. – Sempre tive um ótimo relacionamento com meu pai. Fiquei arrasada quando ele morreu.

O elo entre Trina e Jenny se tornou ainda mais forte quando ambas descobriram que perderam os pais ainda crianças.

– Algo me diz que seu pai estará com você no dia do seu casamento.

Os olhos de Jenny se encheram de lágrimas, enquanto ela fazia um gesto negligente com a mão.

– Não no circo que estão armando.

Trina arriscou um olhar ao bloco de desenho da amiga e fez uma careta.

– Estou vendo uma galinha ciscando em volta de um bolo de casamento enfeitado com a cabeça da sua irmã? Não acha esse desenho Picasso demais para um casamento feliz?

As feições de Jenny se contraíram em uma expressão desgostosa.

– Gostaria de ter coragem de sugerir nos casarmos em Las Vegas. Ultimamente, parece que tudo que Marc e eu sabemos fazer é brigar. Por causa da mãe dele, da minha irmã.

Trina experimentou um mau presságio.

– Oh, não! Não vai bancar a Brooke, certo?

Jenny fez que não com a cabeça.

– Não. Mas, embora seja loucura, Brooke está se tornando minha heroína pelo fato de ter tido coragem de desistir do casamento do século, com câmeras transmitindo ao vivo em rede nacional.

– Exceto pelo fato de as câmeras não a terem filmado escapando pela porta dos fundos. Tudo que mostraram foi Walker sendo abandonado no altar – Trina retrucou. – E a sua demissão.

– É verdade – Jenny concordou.

– Tem certeza que ainda quer se casar?

– Quero estar casada com Marc. Disso não tenho a menor dúvida. Estou apenas assustada com toda a grandiosidade desse casamento.

Trina lamentou pela amiga.

– Se mudar de ideia sobre a cerimônia, basta me telefonar e farei o que você quiser, exceto matar um membro da família Bellagio – acrescentou. – Tenho de ganhar o pão de cada dia.

Jenny deixou escapar uma risada rouca e tocou a taça à de Trina.

– Obrigada por se oferecer. Talvez lhe telefone. Nesse meio-tempo, colocarei David Owen em seu caminho.

– Quem é David Owen?

– O cara sexy que virará seu mundo de ponta-cabeça.

Trina se conformaria com algo que durasse apenas uma noite.

APÓS CONSEGUIR se esquivar da mãe por duas semanas e meia, Trina foi emboscada por Aubrey quando chegava em casa na noite de terça-feira. Tinha a impressão de que a mãe estava rondando a casa como um urubu, já que chegou apenas dez minutos após Trina colocar o pé dentro de casa.

– Olá, Carter-Aubrey. Estava por perto e resolvi passar por aqui. Conseguiu contratar alguém para tomar conta de Madeline? – perguntou, esticando os braços para pegar a neta.

– Não tive tempo de contratar ninguém, mas está em minha lista de prioridades. Como pode ver, Maddie está ótima – respondeu ela, entregando a filha para Aubrey.

– Sim, ela está – a mãe concordou, sem esconder a surpresa na voz. – Queria apenas que tivesse feito isso do modo certo, Carter-Aubrey, isto é, se casado, tido Maddie e largado o emprego para ficar com ela.

– Acho que não teria me demitido mesmo se estivesse casada. O fato de ter a creche de Maddie no mesmo prédio onde trabalho é perfeito.

– Sim, bem, escreva o que estou lhe dizendo, criar um filho não se torna mais fácil com o passar dos anos. Espere até Maddie chegar à adolescência e desejará toda a ajuda que puder encontrar.

– Acho que terei de esperar – Trina retrucou em um tom leve. – Ainda há 12 anos e meio pela frente, antes de eu precisar lidar com essa situação.

– E então, quando você pensa que conseguiu fazer sua filha se formar no ensino médio e se encontrar a um passo da faculdade, ela foge com um membro de uma gangue de motociclistas.

– Águas passadas – Trina disse, não querendo discutir o grande erro que cometera. – Concluídas e esquecidas. Eu lhe contei que voltei a ter encontros? – perguntou, sabendo que a mudança no assunto colocaria um ponto final ao sermão da mãe.

Aubrey ficou em silêncio por um instante, observando a filha.

– Isso é maravilhoso – disse por fim. – Ouvi dizer que Gregory Benson está solteiro outra vez. A mãe dele faz parte do meu grupo de bridge das

manhãs de quinta-feira. Vou ver o que posso fazer.

– Não há necessidade – Trina retrucou. – Meus amigos já se encarregaram de selecionar vários candidatos.

– Que tipo de candidatos? Que amigos? – Aubrey perguntou.

– Jenny Prillaman – respondeu ela. – A noiva de Marc Waterson.

A mãe anuiu com um gesto cauteloso de cabeça.

– Quem mais?

Não que isso seja da sua conta.

– Um dos executivos da agência de publicidade que a Bellagio utiliza. Nós nos conhecemos há alguns anos e ele tem me apresentado a alguns homens.

– Que gentileza. Acho que não me disse o nome dele – arriscou a mãe.

– Acho que não o conhece – Trina retrucou, enquanto servia um copo de água a Aubrey. – Mas sairei com um dos amigos dele amanhã, à noite.

– Posso ficar com Maddie – Aubrey se ofereceu. – Assim, poderia conhecê-lo.

– Na verdade, vou encontrá-lo em um restaurante – Trina revelou.

Aubrey franziu a testa, embalando Maddie nos braços.

– Se ele fosse um cavalheiro, viria buscá-la em casa.

– Embora ele não tenha consciência disso, não quero trazer um homem para a vida de Maddie antes de conhecê-lo melhor. Se eu for dirigindo, posso controlar a hora de voltar.

A mãe anuiu.

– Isso é admirável, querida. Mas deixe-me tomar conta de minha neta e reserve a menina que costuma ficar com Maddie para outro dia.

Trina aceitou, relutante, e se encontrou com Steve em um bar barulhento que ele escolhera. O volume do jogo de futebol que estava sendo exibido em um dos telões impedia qualquer diálogo. Mal conseguiam escutar um ao outro, não importava o quanto gritassem. Após a quarta cerveja, ele escorregou uma das mãos pelo cabelo de Trina e começou a tocá-la. Em seguida, murmurou-lhe algo incompreensível ao ouvido, mas, como ela não estava fazendo questão de entender, decidiu que era hora de partir.

Conferindo a hora no relógio de pulso, Trina gesticulou a cabeça em negativa.

– Lamento, mas tenho uma reunião logo pela manhã. Obrigada pelo jantar.

Steve pareceu desapontado.

– Talvez possamos marcar para sexta-feira? Assim poderemos esticar a noite.

– Sinto muito. Tenho uma reunião de família nesse dia. Obrigada mais uma vez – Trina disse, antes de se precipitar na direção da porta e entrar no carro.

Após ligar o motor, manobrou para fora do estacionamento, com um suspiro de alívio, mal se dando conta de que o volante parecia estar puxando para um dos lados e o carro trepidando. Dirigiu um pouco mais, mas a trepidação apenas piorou. Pneu furado? Trina deixou escapar um gemido. Que noite! Um encontro lastimável e um interrogatório digno da Santa Inquisição a aguardando em casa.

Estacionando no acostamento, desceu do carro e o contornou, inspecionando os pneus. E lá estava o problema. O pneu dianteiro que ficava no lado do passageiro se encontrava plano como uma panqueca. No mesmo instante, Trina ligou pelo telefone celular para o serviço de assistência que contratara e lhe garantiram que em breve enviariam alguém para trocar o pneu.

Se não estivesse de saída, tomaria a tarefa nas próprias mãos, pensou, após vários motoristas pararem para lhe oferecer ajuda.

Mais alguns instantes se passaram e um carro luxuoso, que lhe pareceu familiar, diminuiu a velocidade. Um homem calvo, com o cabelo remanescente de uma das laterais penteado sobre a falha em uma tentativa de disfarçá-la, colocou a cabeça para fora da janela.

– Precisa de ajuda?

Algo naquele homem lhe parecia familiar, mas Trina não conseguia se lembrar de onde o conhecia.

– Não, estou esperando pelo...

Walker se inclinou sobre o homem.

– Trina, sou eu. O que aconteceu.

– Apenas um pneu furado – disse ela, ainda imaginando quem seria o outro homem. – O serviço de assistência chegará a qualquer instante. Eu o teria trocado, mas não estou vestida de acordo.

– Trina? – perguntou o homem mais velho. – Essa é a mulher que você engrav...

– Sim, Harry – Walker confirmou, interrompendo o homem. – Espere um minuto. Eu o trocarei para você – disse ele, estacionando no acostamento logo à frente do carro de Trina.

Os dois homens saltaram do veículo e se aproximaram. Walker estava trajado de maneira casual, com um jeans e uma camiseta preta. Nunca o vira usar nada que não fosse ternos. Exceto na noite que o vira nu, mas ela logo se apressou em empurrar aquele pensamento para o fundo da mente.

– Não há necessidade de trocá-lo. O serviço de assistência logo chegará.

– Uma bela moça como você não deveria ficar parada em uma estrada, nesta escuridão – disse o homem mais velho.

– Trina Roberts, esse é meu tio Harry – Walker apresentou, com um olhar penitente. – Ele sabe sobre Maddie.

– Oh! – disse ela, surpresa.

Harry estendeu a mão.

– Walker permitiu que eu morasse com ele, desde que voltou da França. Fiz uma pequena cirurgia e quis diminuir o ritmo – acrescentou ele, em um tom de voz baixo.

Sem saber do que se tratava, mas desejando ser educada, Trina anuiu.

– Espero que esteja se recuperando bem.

– Na medida do possível, considerando que ele continua fumando cigarros e bebendo cerveja, após uma cirurgia de bypass – Walker resmungou em tom de repreensão. – Abra a mala do carro para que eu pegue o estepe.

– Não é mesmo necessário que faça isso – Trina começou, mas se calou diante da expressão determinada de Walker. – Está bem – murmurou e, utilizando o acionamento remoto, abriu o porta-malas do carro. Walker retirou o macaco e o estepe. Em seguida, começou a remover o pneu vazio.

– Está muito bonita – Harry disse, projetando a cabeça para dentro do carro de Trina. – Nenhum bebê esta noite.

– Minha mãe está tomando conta de Maddie. Tive um encontro.

– Com quem? – Walker perguntou, enquanto encaixava o estepe.

– Steve Fortune. Foi um segundo encontro. – E último, pensou ela.

– Ele não a acompanhou até o carro? – Walker perguntou, apertando os parafusos.

– Acho que ele se excedeu nas cervejas – respondeu ela. – E eu decidi não ficar por perto para ver o que aconteceria.

Walker lhe lançou um olhar por sobre o ombro.

– Ele se tornou inconveniente?

– Nem tanto. Parti antes de lhe dar chance.

– E ele não a acompanhou até o carro? – Walker repetiu a pergunta, sem esconder o repúdio, antes de se erguer. – Terei de fazer uma triagem mais cuidadosa desses candidatos.

– É por isso que eu prefiro ir no meu próprio carro até que os conheça melhor.

Walker abriu o porta-malas do seu veículo e atirou o pneu vazio lá dentro.

– Vou levá-lo e providenciarei para que seja reparado.

– Posso fazer isso. Sempre tomei conta dos meus próprios pneus – retrucou ela, mas Walker se limitou a erguer uma das mãos para impedi-la de continuar.

– Sabe de uma coisa, Trina, você é bem mais bonita do que imaginei – Harry disse.

Trina pestanejou várias vezes diante daquele elogio de duplo sentido e dirigiu o olhar a Walker.

– Que gentileza a sua! Importa-se de me dizer por que imaginou que eu não fosse atraente? – perguntou a Harry, o olhar furioso ainda cravado em Walker. – Ou fosse feia? – Não resistiu a acrescentar.

– Bem, eu não diria feia – Harry tentou consertar a gafe, como se sentisse que havia entrado em um terreno pantanoso. – Apenas pensei que uma mulher com quem Walker se limitou a passar apenas uma noite não primasse pela beleza, se entende o que quero dizer.

Trina voltou a fitar Walker, que esfregou as mãos no rosto.

– Obrigado, tio. Para seu governo, Trina, a única menção que fiz à sua aparência quando contei a Harry sobre você foi que era uma mulher bonita. Ele tirou as próprias conclusões.

– Bem, o que eu poderia pensar? Quando descobriu que poderia ser pai, agiu como se estivesse indo para o próprio funeral. E é óbvio que não quer se casar com ela.

– Não tem moral para falar sobre esse assunto, tio. Disse que se presenteou com uma vasectomia em seu aniversário de 21 anos. E parte da razão que o levou a vir morar comigo é porque está se escondendo de uma mulher que quer se casar com você.

– Ela só está interessada em meu dinheiro – Harry se defendeu.

E então, Trina o reconheceu.

– Você é Harry. O Próspero Vendedor de Trailers.

A expressão de Harry se iluminou ao mesmo tempo em que ele estufava o peito.

– Deve ter me reconhecido dos comerciais de televisão.

– Que são exibidos apenas às altas horas da noite – Walker interveio.

– Esse meu sobrinho me arranhou uma barbada. Ninguém poderia imaginar que um comercial exibido após a meia-noite surtiria efeito, mas meus negócios tiveram um aumento de 23 por cento desde que os anúncios foram ao ar.

– Eu costumava vê-los quando Maddie acordava durante a noite – Trina disse, sorrindo ao lembrar os comerciais extravagantes que exibiam Harry promovendo os trailers. – De fato, quebravam a monotonia da programação noturna.

– Maddie – Harry repetiu. – Ouvi dizer que ela tem cabelo ruivo. Gostaria de conhecê-la.

– Podemos combinar – Trina respondeu, percebendo que Harry era um homem de bom coração.

O senhor girou na direção do sobrinho.

– Quer saber? Poderia arranjar coisa pior que ela.

Um momento de silêncio se abateu entre os três. Walker a fitou com uma expressão estranha estampada no rosto que provocou uma sensação dolorosa no peito de Trina.

– Mas eu também não quero me casar com ele.

Harry a encarou, incrédulo.

– Por que não? Walker é um bom homem. Com excelente condição financeira. Dirige um belo carro. É culto e não se embriega com frequência. Acho até que ele deveria beber mais.

– Lembre-se que foi dessa forma que Trina engravidou – Walker interveio.

– Ele não gosta de crianças – Trina argumentou. – Além disso, Walker foi noivo de Brooke Tarantino, uma bela herdeira. Quem se arriscaria a ser a próxima? E é viciado em trabalho.

– Epa! – Walker exclamou. – Não sou viciado em trabalho.

– Sim, você é – rebateu ela. – O que não me importa nem um pouco, porque não estou contando com você para ser meu marido ou o pai de Maddie.

– Danação! – Harry disse ao sobrinho. – Por essa eu não esperava. Ela não quer se casar com você.

Walker trincou os dentes.

– O que é ótimo, porque os homens Gordon são péssimos como maridos e piores ainda como pais.

Harry anuiu.

– Sim. Quanto a isso não posso discordar.

– Nós a seguiremos até sua casa – Walker decidiu, abrindo a porta do carro para ela.

– Por quê?

– Porque você não tem mais estepe e não quero que corra perigo.

Um sorriso curvou os lábios de Trina.

– Está com medo de ter de fazer o papel de pai, se algo me acontecer?

Walker paralisou.

– Você deve ter um plano de contingência, certo?

– Se está se referindo a um testamento ou uma herança em custódia para Maddie, a resposta é sim. Tomei essas providências, antes mesmo de ela nascer.

– E quem tomará conta dela?

– Isso também já está resolvido, não precisa se preocupar – respondeu ela, ligando o motor.

Trina percebeu que a resposta não o agradou e suspeitou que ele a repetiria. Talvez contasse a ele, talvez não. Walker acabara de lhe esmagar o ego e, no momento, se encontrava irritada o suficiente para torturá-lo, não importava o quanto. Está bem, era uma atitude imatura, mas até mesmo ela necessitava tirar férias da sensatez de vez em quando.

Enquanto dirigia, era possível avistar o carro de Walker pelo espelho retrovisor durante todo o trajeto. Quando entrou no caminho que levava à garagem da casa, piscou os faróis em sinal de despedida.

Manobrou para dentro da garagem, preparando-se para enfrentar o interrogatório da mãe. Saiu do carro e abriu a porta que dava para a cozinha, esperando ouvir a voz de Aubrey.

Em vez disso, ouviu o toque da campainha. Segundos depois, distinguiu a voz da mãe.

– Olá? Quem está aí?

Trina se juntou a mãe no saguão.

– Há dois homens do lado de fora – Aubrey sussurrou.

Pelo olho mágico, Trina reconheceu Walker e o tio Harry e teve de suprimir um gemido.

– Uh, é alguém com quem trabalho. Meu pneu furou no caminho de casa e ele trocou para mim.

– Seu pneu furou? Isso é muito perigoso – disse a mãe.

– É para isso que tenho serviço de assistência automobilística.

– E onde estava o homem com quem foi se encontrar?

A campainha tocou outra vez.

– Acho que precisamos atender à porta. – Trina a escancarou e começou a falar, antes que qualquer um dos dois tivesse chance de dizer uma sílaba sequer. – Walker, Harry, esta é minha mãe, Aubrey Roberts. Ela está tomando conta de Maddie esta noite.

– Prazer em conhecê-la, sra. Roberts – Walker disse, estendendo a mão.

– O prazer é meu – Aubrey respondeu, aceitando o cumprimento.

– Fico feliz em conhecê-la – Harry interveio. – Gostaria de ver a menina, se ela não estiver dormindo.

– Na verdade, já a coloquei no berço – Aubrey disse, com os lábios comprimidos em uma expressão desaprovadora.

Trina dirigiu um olhar questionador a Walker, que revirou os olhos.

– Sabe como é, ele acabou de fazer uma cirurgia. Disse que queria ver minha... uh... – O coração de Trina perdeu uma batida. A mãe não conhecia a identidade do pai de Maddie. O temor devia estar evidente em seu rosto. – ... a bebê. Meu tio disse que a visão de sua filha teria um efeito curativo nele.

– Oh, posso entender. Os bebês têm um poder mágico sobre as pessoas – Aubrey concordou.

Trina a fitou com se ela tivesse três cabeças. Ou quatro. Em seguida, inspirou fundo, tentando clarear as ideias.

– Maddie está no berço, certo?

Aubrey anuiu.

– Eu a alimentei, dei-lhe banho, li seis livros para ela e a coloquei para dormir.

– Está bem. Gostaria de vê-la no berço? Ela está dormindo.

– Claro – Harry respondeu, alisando o cabelo que lhe disfarçava a calva.

– Tudo bem – Trina respondeu. – O quarto de Maddie fica no andar de cima. Só peço que não faça barulho, por favor.

– Está bem.

Trina tirou os sapatos e liderou o caminho pela escada. Em seguida, abriu a porta do quarto da filha, entrou e se dirigiu ao berço, onde Maddie se encontrava deitada de costas, relaxada no sono, com os lábios franzidos em

um botão de rosa. A luz do luar incidia pela janela, iluminando seu corpinho e lhe realçando o cabelo ruivo.

– Ela tem o cabelo dos Gordon – Harry disse em um sussurro.

– O que quer dizer com isso? – Trina sussurrou de volta.

– As crianças Gordon costumam nascer com o cabelo ruivo. Quando crescem, ele fica castanho ou louro. A irmã de Walker tinha o cabelo dessa mesma cor.

Trina experimentou uma estranha sensação de hereditariedade e família. Ao fixar o olhar na filha, ocorreu-lhe que aquela bebê não lhe pertencia com exclusividade. Embora Walker a rejeitasse, Maddie era filha dele, também.

– Aposto que é uma pimenta – Harry disse.

Trina sorriu com um gesto positivo de cabeça.

– Sim, mas também é um doce de criança.

– Se não lhe criar problemas, gostaria de vê-la quando estiver acordada, qualquer dia desses.

– Acho que é possível – concordou ela, motivada pela ânsia que viu refletida nos olhos do tio de Walker.

Um sorriso lento curvou os lábios de Harry.

– Você é uma boa garota. daquelas que não se deve deixar escapar – disse ele, com uma piscadela.

Trina soltou uma risada baixa diante do tom de flerte do senhor.

– Primeiro é preciso me conquistar. É melhor sairmos – disse ela, girando para encontrar Walker na soleira da porta, os observando. O coração de Trina deu uma cambalhota no peito, mas decidida a controlar as próprias emoções, encaminhou-se à porta.

– Tome cuidado com Harry – Walker resmungou. – Esse homem é capaz de tê-la na palma da mão em um piscar de olhos, se não se cuidar.

– Gosto dele – Trina retrucou. – Seu tio é muito agradável.

– E o fato de ele não conseguir esconder que está encantado com você o torna ainda mais agradável.

Trina sorriu.

– De uma maneira peculiar, Harry é lisonjeiro. Você está com ciúmes porque seu tio é capaz de fazer as mulheres comerem na palma de sua mão, e você não.

– Está dizendo que eu deveria ter aulas com Harry? – Walker perguntou.

CAPÍTULO 12

NÃO ENTENDO por que você não quer se casar ela. Trina é uma moça bonita e agradável. Além disso, é mãe da sua filha. O que mais deseja?

Logo você, dentre todas as pessoas, está escolhendo esquecer a maldição Gordon?

Oh!

Foi tudo que o tio Harry se limitou a responder, durante a discussão que tiveram no caminho de volta da casa de Trina.

– Sim, oh – Walker ainda resmungava para si mesmo, enquanto fixava o olhar no teto. Imagens de Trina e Maddie passavam em sua mente como um filme incessante. Não importava se fechasse os olhos ou os mantivesse abertos; as visões persistiam.

Com um suspiro, cerrou as pálpebras, tentando pensar sobre o jogo do Braves, mas não demorou quatro segundos até que o rosto de Trina se formasse, sorridente, em seu cérebro. Decidiu contar ovelhas e, em seguida, contar de trás para a frente. A partir de mil. E, por fim, adormeceu...

A mulher tinha um olhar insinuante e uma boca que lhe fazia todo o sangue rumar para o sexo. Os lábios carnudos se entreabriram, permitindo que ele a saboreasse com a língua.

Um som frágil e convidativo escapou da garganta da mulher, fazendo com que a temperatura do corpo de Walker se elevasse em vários graus. Ele deslizou a mão pela nuca exposta. Ela estava nua, graças a Deus, possibilitando-lhe a visão da curva suave das nádegas, antes de apertá-las.

A mulher soltou uma risadinha contra seu peito e ele percebeu que também estava despido. E excitado. Os seios pequenos lhe roçaram os músculos peitorais e a ânsia de penetrá-la se intensificou.

Algo nebuloso na mente de Walker tentava avisar ao corpo excitado que acabara de fazer sexo com ela. Erguendo uma das mãos, ele roçou a ponta do polegar sobre o mamilo aveludado e apreciou a resposta imediata.

Com a sensação de estar devorando aqueles lábios, Walker introduziu uma das mãos entre as coxas macias e a encontrou úmida e intumescida. A mulher deixou escapar outro som sexy que o afetou como o uísque de destilação clandestina com que um dos primos o havia presenteado certa ocasião.

Abandonando os lábios eróticos e viciantes, ele lhe deslizou a língua sobre um dos mamilos e dispensou o mesmo tratamento ao outro. Em seguida, desceu pelo corpo sedoso deixando uma trilha de beijos molhados até lhe encontrar o ponto sensível da feminilidade que pareceu florescer sob sua boca. Os gemidos que ela deixava escapar o estimulavam como um toque íntimo, deixando-o cada vez mais rígido. A resposta sensual daquela mulher tinha o efeito de um elixir potencializador.

Quando ela dobrou os joelhos, ofegando com o clímax, Walker a puxou contra o corpo e a recuou afundando sobre o sofá. Ela abriu as pernas trêmulas e se sentou sobre a ereção, de modo lento, centímetro por centímetro, provocando gemidos a cada movimento que o enterrava dentro dela.

Walker não saberia dizer qual dos dois deixava escapar os gemidos, quando voltou a capturar os lábios carnudos em um beijo sensual.

– Você é maravilhosa – murmurou, contra a boca que violava. – Não consigo me saciar...

A mulher começou a se mover, escorregando para cima e para baixo sobre o sexo excitado de Walker. Tinha vaga noção que havia experimentado um clímax há poucos minutos. Deveria estar exaurido, mas a sensação dos movimentos de vaivém era tão deliciosa! Ela era macia, apertada, úmida e extremamente sexy. Tão doce! Queria lhe proporcionar prazer outra vez, mas se sentia cada vez mais próximo do orgasmo. As contrações dos músculos internos da parceira lhe sequestravam o ar e a sanidade. A visão daqueles seios firmes a milímetros do alcance de seus lábios o enlouquecia.

Espalmando as mãos nas nádegas firmes, começou a comandar os movimentos que ela fazia, enquanto lhe sugava um dos mamilos. Aquela dualidade de sensações quase o levou ao delírio. Mas foi a voz da mulher, os gemidos suaves, ofegantes e roucos, que o lançaram à estratosfera.

O clímax o arrastou em um turbilhão de sensações.

E Walker acordou transpirando. Levou mais de um segundo para perceber que ostentava uma ereção dolorosa que o impediria de andar. Outro segundo se passou e ele lembrou algo sobre Trina Roberts.

Os gemidos.

O SONHO que teve com Trina o assombrou. As imagens resgatavam lembranças que ficaram perdidas no rastro do álcool. Em mais um clarão da memória, recordou o som da respiração ofegante quando ela atingira o clímax, a sensação íntima do contato dos corpos nus entrelaçados. Lembrou de como Trina parecera macia e doce em seus braços. E o conjunto daquelas reminiscências lhe provocou uma sensação estranha e incômoda.

Após ruminar aquelas recordações por três dias seguidos, Walker chegou em casa para se deparar com um cenário capaz de dissipar todos os pensamentos eróticos do cérebro de qualquer ser vivente. Tio Harry, BJ e Danielle. A última parecia prestes a dar à luz trigêmeos a qualquer minuto.

– Olá, Walker – BJ disse com excessivo entusiasmo. – Tio Harry disse que você não se importaria se eu e Danielle ficássemos aqui por alguns dias, até encontrarmos um lugar para morar. – Walker voltou um olhar questionador ao tio, antes de dar de ombros. – Ela não deve se cansar – prosseguiu BJ. – Danielle, esse é meu irmão, Walker, o homem mais inteligente do mundo.

A jovem lhe estendeu a mão e sorriu.

– É maravilhoso conhecê-lo. BJ não para de falar em você.

– Obrigado – Walker respondeu, a cumprimentando. – BJ me falou muito sobre você, também. Não seria melhor se sentar? Sua gravidez está bem mais avançada do que imaginei.

Danielle soltou uma risada que lhe enrugou os olhos.

– Em parte, é ilusória. Sou baixa, portanto, a melancia parece ainda maior. Mas faltam mais ou menos cinco semanas.

– Tem certeza que só há um bebê aí? – Walker não conteve a pergunta.

– Apenas um – Danielle respondeu, soltando outra risada. – Posso mostrar a ultrassonografia se quiser se certificar. E não vamos ficar em sua casa por muito tempo – acrescentou. – Prometo.

– Gostei de conhecê-la – Walker disse. Danielle parecia uma boa moça, pensou. Muito jovem, com cabelo castanho longo que lhe emprestava uma

aparência colegial e aparentava vulnerável com aquela “melancia”. Ele passou a mão por ele.

– E também tenho planos de trabalhar – disse ela. – Resta-me saber quem contratará uma mulher neste estado. Mas, se conhecer alguém, por favor, me diga.

BJ puxou a aba do boné.

– Estou pronto para começar a trabalhar amanhã.

– Ótimo – Walker forçou as palavras a transporem os lábios. Sentia como se alguém tivesse atirado ácido em suas terminações nervosas. Tinha de sair daquela casa. – Muito bom. Uh... Harry, que tal pedir uma pizza? Passei apenas para trocar de camisa e sair. Tenho de encontrar um... uh... colega de trabalho.

Walker retirou 50 dólares do bolso.

– É por minha conta – disse, se dirigindo em seguida ao andar de cima para trocar a camisa. A mente trabalhando a mil por hora. Não demoraria e Danielle daria à luz um pequeno Gordon e BJ não estava preparado para enfrentar um emprego de expediente integral, quanto mais para ser marido e pai. A perspectiva do desastre pairava, sombria, no horizonte, provocando-lhe uma pressão no peito. Como poderia solucionar aquela situação? Não era capaz de desfazer a teia em que se envolvera com Trina. Ao menos nenhum dos dois tinha problemas financeiros. A ingenuidade e falta de recursos de BJ eram prejudiciais o suficiente, mas somando-se àquela mistura os péssimos genes paternais dos Gordon... Walker sentiu gotículas de suor lhe brotarem à testa. Tinha de sair dali. Aquela atmosfera parecia sufocá-lo.

Retornando ao andar térreo, acenou para o irmão e Danielle, a caminho do saguão. Porém, tio Harry o interceptou quando alcançou a porta.

– Vai me deixar sozinho com esses dois?

– Foi você que os deixou entrar – Walker sussurrou. – E os convidou a se hospedarem.

– E você seria capaz de atirar uma mulher nesse estado avançado de gravidez na rua? – Harry perguntou.

– Não – Walker admitiu. – Mas tenho de colocar as ideias em ordem. BJ não tem noção em que se meteu e não sei se Danielle tem. Sei que não tenho nenhuma parcela de culpa nessa situação, mas, por alguma razão, sinto-me responsável até a medula dos ossos, portanto, preciso traçar um plano e não posso fazer isso aqui.

– Vai ao Charley’s, certo? – Harry perguntou, referindo-se ao nome de um bar local, que exibia jogos em telões. – Deixe-me acompanhá-lo.

– Não – Walker respondeu. – Tem de ser o anfitrião. Logo estarei de volta.

De fato, Walker foi direto para o Charley’s, tomou uma cerveja e durante 45 minutos fingiu acompanhar o jogo que estava sendo exibido. A mente descortinava dezenas de cenários para BJ e Danielle, mas nenhum o agradou.

Demasiado inquieto para continuar sentado em um bar, mas longe de querer voltar para casa, dirigiu por algum tempo. Não tinha certeza se havia tomado aquela decisão de forma consciente, mas descobriu o próprio carro parado em frente à casa de Trina. Permaneceu sentado atrás do volante, com o motor ligado por alguns instantes, decidindo se deveria ficar ou partir.

Por fim, estacionou o carro, desligou o motor e se encaminhou à porta da frente. Uma rápida consulta ao relógio o fez hesitar, antes de tocar a campainha. Estaria Maddie dormindo?

Resolveu dar batidas suaves à porta e, um momento depois, Trina apareceu com Maddie envolvida em uma toalha de banho. O cabelo vermelho espetado para cima e a pele aveludada brilhando. Ao sentir o aroma agradável do talco, Walker inspirou fundo.

– Eu sei – Trina disse. – Essa fragrância de bebê é inebriante. O que houve?

Walker a fitou por um longo instante e deu de ombros.

– Não consigo encontrar as palavras. É surreal.

Trina escancarou a porta.

– Entre. Venha comigo. Vou colocar Maddie para dormir.

Walker a seguiu para o andar superior, onde ela colocou uma fralda em Maddie. A menina torcia o corpo para olhar na direção dele.

– Você é uma menina curiosa, certo? Está se lembrando de Walker? – Trina disse. – Foi ele quem lhe deu metade de um pacote de biscoitos em forma de bichos. – Ela vestiu uma camisola pela cabeça de Maddie, antes de enfiar os bracinhos rechonchudos pelas mangas. Maddie levou o polegar à boca.

– Uh-oh – Trina disse. – Ela ainda está com medo de você.

– Tenho de suborná-la com biscoitos em forma de bichos – Walker disse.

– Ela deve sentir meus genes paternos podres.

– Ela sente seu desconforto – Trina retrucou, erguendo a bebê no colo. – Não é, bolinho de cenoura? – Ela roçou o dedo sob o queixo da menina, que no mesmo instante, retirou o polegar da boca e soltou uma risadinha. Trina riu e repetiu o movimento. – Para que biscoitos de bichinhos se posso comer você? – disse ela, encostando os lábios no pescoço da filha.

O som das risadas gorgolejantes de Maddie o afetaram de alguma forma e ele não conseguiu conter um sorriso. Diabos, teria de estar morto para não sorrir diante daquela cena. Mas, ao mesmo tempo, aquilo o fazia se sentir menos do que uma minhoca.

Com uma risada espontânea, Trina lhe voltou o olhar e no mesmo instante o riso secou.

– Se não me disser o que o está aborrecendo, não poderei ajudar.

– Não sei se poderá me ajudar.

– Então, por que veio até aqui? – perguntou ela, sem rodeios.

– Meu carro veio sozinho – Walker respondeu com um sorriso irônico.

Trina arqueou as sobrancelhas.

– Por vontade própria? Não tocou no volante?

– Acho que o ajudei – disse ele, dando de ombros. – Queria sua companhia.

Trina anuiu.

– Muito bem. Então, desembuche. Engravidou mais alguém? Vai se casar?

– Não para todas as perguntas. Meu irmão apareceu em minha casa.

– Aquele que está grávido – arriscou ela.

– Aquele que engravidou uma mulher.

– E quer trabalhar para você.

– E meu tio os convidou para ficar em minha casa até encontrarem um lugar para morar.

Trina se encolheu.

– Oh, uau!

– Oh, sim.

– Aposto que tê-los em sua casa o fez sentir como se estivesse sendo devorado por um milhão de mosquitos.

– Não fiz essa mesma analogia, mas parece adequada. O pior é que nem ao menos sei que tipo de trabalho posso oferecer ao meu irmão.

– Ele poderia atender telefonemas – sugeriu ela, sacudindo o corpo de maneira suave para manter Maddie satisfeita. A menina recostou o rosto ao braço de Trina.

– Não sei – Walker respondeu, temendo a forma como o irmão poderia se referir aos clientes em potencial. E se ele tentasse lhes vender uma moradia compartilhada?

Trina suspirou.

– Bem, todos possuem alguma habilidade. Qualquer pessoa – disse ela, relanceando o olhar a Maddie. – Alguém está ficando sonolenta. Desça – sugeriu ela. – Há um bloco de notas e uma caneta na bancada da cozinha. Faça uma lista dos talentos e das habilidades reais e em potencial do seu irmão. Estarei com você dentro de cinco minutos. Vá – acrescentou quando ele não se moveu.

Walker deixou o quarto, mas estacou do lado de fora da porta, que Trina deixou entreaberta. Em seguida, ela desligou a luz e, segundos depois, o rangido da cadeira de balanço quebrou o silêncio. E então, soaram as palavras suaves e tranquilizadoras. Embora ininteligíveis, pareciam possuir um poder mágico. Ele quase podia ver as pálpebras de Maddie se fechando e a respiração adotando o ritmo cadenciado do sono.

Walker sentiu os próprios batimentos cardíacos desacelerarem. Estranho, pensou, enquanto se encaminhava ao andar térreo para fazer a lista.

Instantes depois, Trina se juntou a ele no sofá e fixou o olhar no único item que ele escrevera.

– Sabe desenhar? – perguntou. – Seu irmão desenha bem?

– Sim. Nós nos mudávamos com frequência – explicou ele, ainda inclinado para a frente, tamborilando com a caneta sobre o papel. – E JB desenhava durante a viagem.

– Muito bem – disse ela, retirando o bloco das mãos de Walker. Em seguida, dobrou as pernas, com os pés sob o corpo. – Ele sabe dirigir?

– Sim – Walker respondeu, inclinando-se para trás no sofá. – Talvez tenha até mesmo uma ficha limpa.

– Isso é ótimo – Trina disse. – Fala inglês. Mais algum idioma?

– Não que eu saiba, mas posso lhe garantir que BJ não tem um inglês purista.

– Nós também não – retrucou ela. – Sabe ler?

Walker anuiu.

– E escrever? Fazer cálculos básicos?

– Sim para os dois.

– Habilidade com computador?

– Não sei, mas ele sabe usar a internet – Walker respondeu, recordando a trama em que o irmão se envolvera, anos atrás.

– Parece-me que BJ tem facilidade de aprendizagem – Trina disse. – Portanto, acho que deveria pedir à sua gerente administrativa para fazer um inventário das habilidades de seu irmão, instruí-lo sobre a política da empresa, código de vestimenta, e contratá-lo como assistente. Pode determinar o salário do seu irmão ou pedir para que ela sugira um pagamento adequado. E deixe claro que BJ terá de obedecê-la.

Walker recostou a cabeça para trás e estreitou o olhar.

– O que está sugerindo é que eu deveria atirá-lo em minha gerente administrativa.

– Ele está preparado para trabalhar com você?

Walker ficou em silêncio por alguns instantes e, em seguida, negou com a cabeça.

– Não, mas é esse o desejo de BJ.

– Muitos de nós temos de dar duro para alcançar o que desejamos. Nem sempre se consegue o que se quer de imediato.

– Não existe satisfação instantânea – disse ele, sem conseguir impedir a mente de vagar para o sonho erótico que tivera com Trina. A noite que passaram juntos dera um novo significado à palavra “satisfação”.

– Certo – Trina concordou. – Talvez BJ se adapte mais rápido do que imagina.

Walker esfregou o rosto com as mãos, tentando não duvidar daquela possibilidade.

– É sempre mais difícil tentar treinar um membro da própria família. É impossível analisar os erros com frieza. Mas outra pessoa poderia colocá-los em perspectiva. Veja por esse ângulo. BJ deve ser melhor do que o pior funcionário temporário que sua gerente administrativa tenha tido.

– Não havia pensado dessa forma. – Walker esticou o braço sobre o encosto do sofá na direção de Trina. – Como pode ser tão sagaz?

Trina sorriu.

– Quer arriscar um palpite sobre quantos Bellagio foram treinados no Departamento de Relações Públicas? Alfredo pode ser um osso duro de roer. Dá chance aos parentes, mas se eles não se mostrarem capazes, permanecerão como assistentes por toda a eternidade, ou até se cansarem da falta de prestígio e pedirem demissão.

– Tenho minha própria opinião, mas gostaria de saber a que atribui seu sucesso na Bellagio?

– Dentro da empresa, funciono como uma difusora. Não sou uma pessoa volátil. E fora da empresa, tenho várias conexões, que levam a outras. Divulgo o produto para pessoas influentes – Trina colocou uma mecha do cabelo para trás da orelha. – Mas fiquei curiosa. Qual é sua opinião?

– Tem razão sobre o aspecto difusor, mas acho que está subestimando o quanto eles apreciam sua inteligência. É excelente em explorar oportunidades de divulgação.

– Eu prefiro o termo “maximizar” – corrigiu ela, embora o tom fosse divertido... e sexy.

As mechas longas se soltaram outra vez e ele esticou o braço para colocá-las para trás da orelha delicada.

– Tenho de admitir que estou curioso. – Trina mordeu a língua para se impedir de perguntar o motivo. Aquilo apenas a meteria em confusão. Prazerosa, mas ainda assim, confusão. – Fico imaginando como seria beijá-la quando estou sóbrio – disse ele, inclinando-se para a frente.

– Horrível – Trina retrucou, imaginando para onde fora todo o oxigênio da sala. Inspirando fundo, captou a fragrância da colônia pós-barba adstringente e desejou enterrar o rosto no pescoço largo.

Os lábios de Walker estavam curvados em um meio-sorriso.

– Horrível? – repetiu.

Trina fez que sim com a cabeça.

– Sim, muito horrível.

– Talvez fosse melhor para nós descobrir, em vez de ficar apenas imaginando.

– Esta parte do “nós” não está imaginando – mentiu ela.

– Está com medo de me beijar.

Oh, não! Um desafio. Trina fechou os olhos, lutando contra a ânsia de empurrá-lo contra o assento do sofá, deitar-se sobre aquele corpo musculoso e fazer amor com ele de um modo que o deixaria zozinho por uma semana.

Descerrando as pálpebras, ela forçou um sorriso.

– Não estou com medo, mas sou cautelosa e sensata. E não estou nem um pouco curiosa.

– Então, deixarei que permaneça cautelosa e sensata, enquanto satisfaço minha curiosidade – Walker retrucou, inclinando a cabeça para baixo.

Poderia empurrá-lo, esbofeteá-lo, chutá-lo, mas Trina ansiava por sentir a fragrância daquela colônia por mais um segundo. Ou dois.

Walker roçou os lábios por todo o comprimento dos dela, pressionando-os com uma curiosidade suave.

Aquela boca era maravilhosa, pensou ela, com um suspiro. Está bem, talvez estivesse um pouco curiosa. Trina relaxou um pouco e ele continuou a lhe saborear os lábios, apertando-lhe o inferior entre os dele. Mas, em vez de lhe invadir o interior da boca com a língua, continuou com aquele roçar provocante.

Em um gesto instintivo, Trina inclinou a cabeça para trás, ansiosa por desfrutar ao máximo daquele contato. Walker escorregou a língua pelos lábios carnudos e a sensação da iminência daquele beijo fez ferver o sangue de Trina. Um calor lhe percorreu o peito e se concentrou nos seios. Os mamilos começaram a enrijecer e ela teve de lutar contra o impulso de pressioná-los aos músculos peitorais de Walker. Porém, se viu incapaz de controlar o gemido involuntário que lhe escapou da garganta.

Walker espalmou uma das mãos na nuca delicada e aprofundou o beijo, arrancando-lhe outro gemido. Ele recuou apenas o suficiente para tomar fôlego.

– Então, não foi um sonho, afinal – sussurrou. Trina não queria que ele interrompesse a massagem que lhe fazia na nuca, a menos que fosse para tocá-la em outra parte do corpo... qualquer parte. – Oh, sim – murmurou ele, capturando seus lábios mais uma vez.

Trina sentiu a temperatura do próprio corpo disparar, enquanto as línguas executavam um balé ávido e sensual que parecia sussurrar: *sexo, sexo, sexo...*

– Não acredito que demorei esse tempo todo para lembrar.

– Lembrar o quê? – perguntou ela, entreabrindo os lábios contra os dele.

– Oh, meu Deus, os sons que você faz. Os gemidos.

– Que gemidos?

Walker soltou uma risada sexy que a fez experimentar um arrepio de prazer.

– Esses que deixa escapar quando a beijo.

Trina sentiu uma vaga sensação de timidez.

– Não sabia que você conseguia escutá-los – disse ela, recuando.

Walker soltou uma risada rouca, ainda lhe massageando a nuca.

– Querida, você poderia dublar um filme adulto.

Interpretando o comentário como troça, ela se sentiu ferver pela humilhação.

– Isso não é nada agradável – disse ela tentando se erguer, mas os dedos longos se encontravam entrelaçados em seu cabelo e acabaram por machucá-la.

– Ai!

– Pelo amor de Deus, deixe-me desvencilhar os dedos do seu cabelo – disse ele, enquanto executava a tarefa com a testa franzida. – O que deu em você?

– Não gosto de ser comparada a uma atriz de filmes adultos.

– Você me interpretou mal. Foi um elogio. Todos os homens fantasiam em ter uma mulher que geme ou grita na hora do sexo. Ou ambas as coisas.

– Todos os homens também sonham em fazer sexo com duas líderes de torcida gêmeas – retrucou ela.

– É diferente – Walker argumentou. – Pode acreditar no que estou dizendo. Os sons que não consegue conter enquanto nos beijamos me fazem parecer melhor do que um sorvete. – Ele passou uma das mãos pelo cabelo e soltou uma baforada de ar pelos lábios como se estivesse acalorado.

Trina o observou por um instante. De fato, ele parecia bastante excitado. Os olhos faiscavam de desejo. Um breve olhar à pélvis de Walker confirmou suas suspeitas. Excitação.

Sentindo o embaraço ceder um milímetro, ela cruzou os braços sobre o peito.

– Seria mais fácil interpretar como um elogio, se não tivéssemos passado apenas uma noite juntos.

– É uma pena que eu estivesse tão bêbado. Gostaria de me lembrar de mais detalhes.

– Quer dizer se lembrar de que tudo começou com Brooke o abandonando no altar?

Walker se inclinou para trás. As pernas ainda abertas, como se não se importasse que ela testemunhasse a evidência do desejo que sentia.

– E agora me lembrará de que fez sexo caridoso comigo – disse ele.

– Também – Trina sabia que suas próximas palavras seriam como lhe atirar um balde de gelo. – Além do fato de aquela noite de bebedeira ter gerado sua filha.

Walker lhe dirigiu um olhar sombrio e se ergueu.

– Bela tacada. Mas eu não me esquecerei dos seus gemidos, da mesma forma que não deveria esquecer que sou o homem que a faz gemer. – Ele lhe segurou o braço e a ergueu, surpreendendo-a. Em seguida roçou os lábios à parte interna do pulso delicado. – Obrigado por resolver o problema do meu irmão e pelos gemidos. Boa noite.

Trina franziu a testa, observando-o deixar a sala de televisão e seguir pelo corredor até a porta da frente.

O que foi aquilo? Por que Walker estava agindo daquela forma? Como se desejasse ter algum tipo de relacionamento, mesmo sendo sexual, com ela?

Mordeu o lábio inferior, pensativa. Não fazia o tipo de Walker. Nem antes da gravidez, menos ainda agora. Tinha de reconhecer que, antes de ter Maddie, era uma mulher agradável, confiante e segura de si, mas nunca possuíra um décimo do glamour ou brilho de Brooke Tarantino. E nunca possuiria.

Também não dava importância a isso. Principalmente agora, com Maddie. Podia ter sido bondosa o suficiente para ter feito sexo caridoso com Walker, mas apenas por uma noite. E aquilo lhe bastava. Trina estreitou o olhar. Ele a encorajara e desafiara de maneira deliberada. O pensamento lhe fez revirar o estômago. Gostaria de ser capaz de recusá-lo com a mesma facilidade com que ele a seduzia. Uma pequena e maligna parte de Trina desejava afetá-lo da mesma forma que ele conseguia afetá-la. Pelo menos uma vez gostaria de ter o poder de lhe destruir o equilíbrio e o sono. Seria ótimo deixá-lo tão fora do prumo a ponto de não conseguir sequer pensar, quanto mais falar.

Trina forçou o ar para dentro dos pulmões, na esperança de que o oxigênio lhe clareasse a mente. Improvável.

CAPÍTULO 13

TRÊS DIAS depois, Trina concluiu o planejamento de uma festa que seria oferecida pela Bellagio na convenção nacional de marcas de calçados. O olhar se voltava, inexorável, ao relógio, porque Walker dissera que viria encontrá-la no escritório para conversar sobre assuntos de trabalho, como fizera questão de deixar claro, ao final do dia.

Quando Walker transpôs a soleira da porta, passava das 16h30.

– Desculpe o atraso. Passei a tarde no andar de cima, com o pessoal de marketing. Eles estão ficando nervosos com a produção, já que Sal decidiu não retornar em sistema de expediente integral. Jenny está sendo muito requisitada.

– Eu sei – Trina retrucou. – É inacreditável o número de solicitações que recebemos para que ela compareça a eventos. E tudo que ela deseja é se trancar em uma sala e desenhar.

– Queria fazer uma espécie de brainstorming com você – disse ele.

– Gostaria de participar – Dora interveio, lançando um olhar cobiçoso a Walker.

– Discutiremos assuntos de trabalho – Trina a preveniu.

– Eu sei – Dora respondeu com uma entonação ressentida na voz.

– Está bem – Trina concordou. – Preciso buscar Maddie na creche. Eu a trarei para cá.

– Durante a reunião? – Dora perguntou, horrorizada.

– Isso se chama “multitarefa”. Trouxe uma caixa de cereais e ela poderá comer enquanto nos reunimos. Estarei de volta dentro de instantes – Trina disse, imaginando se Dora já não teria despido Walker quando ela retornasse.

Não que aquilo a preocupasse, disse a si mesma, enquanto se encaminhava à creche.

– Vá em frente, Dora – murmurou ela entre dentes. Talvez, se alguém se incumbisse de satisfazer os desejos sexuais de Walker, ela deixasse de se sentir tão suscetível à masculinidade daquele homem sensual.

Franzindo a testa para si mesma, Trina tratou de empurrar aquele pensamento para o fundo da mente e buscou Maddie, que não estava necessitando de uma troca imediata de fralda e parecia estar de ótimo humor.

Retornando ao escritório, encontrou Walker conversando ao telefone celular e Dora o fitando com olhar desgostoso.

Quando Trina entrou, ele lhe acenou com um movimento positivo de cabeça.

– Confirmarei isso com você, amanhã. Obrigado – disse ele. – Nova conta – explicou quando desligou o telefone, fixando o olhar em Maddie por vários segundos.

Parecendo ter de se esforçar, desviou os olhos na direção de Trina.

– Alguma ideia?

– Precisam contratar mais designers – Trina opinou, sentando-se e retirando uma caixa de cereais de uma das gavetas da mesa. Em seguida, estendeu uma manta sobre o assoalho ao lado dela, pousou Maddie e colocou um punhado de cereais em um guardanapo. – Mas isso não solucionaria o problema de imediato. Jenny tem sido maravilhosa para nós, mas está assoberbada e o pessoal de marketing quer fazer uma grande campanha para os calçados esportivos femininos. Um mercado totalmente novo para a Bellagio.

– Deveríamos fazer com que algumas celebridades usassem esses nossos calçados – Dora sugeriu.

– Boa ideia – Trina concordou, sorrindo para a filha que comia uma argola de cereal de cada vez. – Podemos enviar amostras. Doá-los para eventos beneficentes, também. O desafio é fazer esses calçados parecerem mais glamorosos aos olhos do público. Os tênis podem ser bonitos e divertidos, mas não têm nada de sedutores.

– Estamos trabalhando esse aspecto na campanha de publicidade – Walker informou.

– Nosso alvo são as mulheres da classe trabalhadora ao final do dia. O foco é no conforto.

– Sim, tipos como dona de casa e mãe como você – Dora acrescentou, dirigindo o olhar a Walker em busca de aprovação.

Mas ele se limitou a lhe relancear um olhar inquisidor.

– Não acho que uma relações-públicas ou qualquer outra profissional possa ser rotulada de dona de casa.

– Vamos lançar artigos em revistas femininas, anunciando sorteios – Trina informou. – Poderíamos vincular os calçados a algo relaxante, como uma viagem ou uma hospedagem em um spa.

– Ótimo – Walker concordou, fazendo que sim com a cabeça e a fitando por mais tempo do que o necessário.

Trina experimentou uma sensação eletrizante com o que captou nas profundezas esverdeadas daqueles olhos. Dora limpou a garganta, arrancando-a do transe e a fazendo desviar o olhar.

– Muito bem, vamos...

O telefone sobre a mesa tocou e Trina relanceou o olhar ao relógio de pulso.

– Já passa das 17h. Estranho. Só um instante – disse, erguendo o fone. – Trina Roberts.

– Srta. Roberts, há um senhor aqui de nome BJ Gordon. Ele deseja falar com o sr. Walker Gordon.

– Oh, BJ Gordon – disse ela, tomada de surpresa, observando a expressão ainda mais espantada de Walker. – Claro. Pode mandá-lo subir – acrescentou, antes de desligar o telefone.

– BJ? – Walker perguntou. – O que ele quer? BJ saiu mais cedo para acompanhar Danielle a uma consulta médica.

– Quem é BJ? E Danielle? – Dora perguntou.

– Meu irmão e sua...uh... noiva – Walker explicou, erguendo-se. – Eu vou...

– Walker, meu irmão! – disse o homem mais jovem, vestido com uma calça comprida cáqui meio amarrotada e um pulôver, que adentrava a sala. Trina captou uma leve semelhança física com Walker, assim como várias diferenças. BJ tinha uma compleição mais atarracada, o cabelo era mais claro e encaracolado e os olhos faiscavam com o bom humor. O irmão mais novo não tinha a rispidez de Walker. Ao lado de BJ, encontrava-se uma jovem com longo cabelo castanho.

– Temos boas notícias e, como estávamos por perto, pensei em passar aqui para falar com você.

Maddie começou a balançar a cabeça para cima e para baixo. Em seguida, pegou uma das argolas de cereal e tentou introduzi-la no nariz.

– Opa! – Trina exclamou, retirando-lhe o cereal da mão. – Acho que não está mais com fome – disse, pegando Maddie no colo e se erguendo, ao perceber que ela estava começando a ficar entediada.

– Oh! – disse BJ. – Estou interrompendo alguma coisa? Pensei que a esta hora o expediente já estaria encerrado.

A exasperação fechou o semblante de Walker.

– Estávamos concluindo – Trina se apressou em dizer, poupando-o da resposta.

– BJ e Danielle, essa é Trina Roberts, a representante sênior de relações-públicas da Bellagio. E sua assistente, Dora.

– Na verdade, não sou assistente de Trina – Dora corrigiu. – Sou assistente departamental.

Walker trocou um olhar de comiseração com Trina, que se viu incapaz de reprimir um sorriso.

– Desculpe interromper – BJ disse. – Mas estávamos eufóricos. O médico disse que o colo do útero de Danielle está afinando e ela já dilatou um centímetro.

– Pode parar por aí – Dora disse, cobrindo as orelhas com as mãos. – Prefiro pensar que as cegonhas distribuem os bebês.

– Que ótima notícia! – Trina exclamou. – Seu organismo está se adiantando ao trabalho de parto, isso tornará tudo mais fácil na hora de ter o bebê.

– Estou contando com isso – Danielle retrucou, relanceando o olhar a Maddie. – É sua? Que menina linda!

– Obrigada. Sim, o nome dela é Maddie.

– Esse cabelo ruivo é *maneiro* – BJ disse. – É uma característica de nossa família, também.

Trina congelou e dirigiu o olhar a Walker que parecia estar no mesmo estado. Porém, ele se recobrou rápido.

– Parabéns pelas boas novas.

– Mas isso não é tudo – Danielle disse. – Encontramos um lugar para morar.

Walker se viu boquiaberto, mas ao mesmo tempo não conseguiu disfarçar a expressão de alívio.

– Isso é ótimo. Onde fica?

– É uma pequena casa em um bairro tradicional. O único problema é que só poderemos nos mudar para lá dentro de duas semanas.

O semblante de Walker voltou a congelar.

– Duas semanas – repetiu.

– Sim. Tudo bem se ficarmos em sua casa por esse tempo? – BJ perguntou.

Trina observou a mandíbula contraída de Walker. Testemunhara aquele homem espicaçar o concorrente em uma disputa justa. Sabia que ele podia ser implacável, mas recusar o pedido do irmão seria o mesmo que chutar um filhote de cachorro. Um filhote capaz de criar o caos, pensou ela, relanceando o olhar a Danielle.

– Sem problemas – Walker respondeu em tom tranquilizador.

– Obrigado. Vou recompensá-lo – BJ afirmou. – Espere e verá.

Walker anuiu.

– Se cuidar de sua família já estará me fazendo um grande favor.

O semblante de BJ assumiu um aspecto solene.

– Sim, pode ter certeza de que farei isso.

– Não posso acreditar que esse homem seja irmão de Walker – Dora sussurrou para Trina. – São como o dia e a noite.

– O que não é raro entre irmãos – Trina murmurou.

– Sim, mas Walker é tão...

– Acho melhor irmos embora. Danielle disse que está com fome. Sabe como é, está comendo por dois – BJ disse.

– Sexy – Dora prosseguiu ainda sussurrando. – E o irmão parece um pascalho.

A irritação de Trina explodiu.

– Cale-se, Dora. Nunca ninguém lhe disse que é educado ser agradável em vez de irritante? – Um silêncio repentino se abateu no escritório. BJ e Danielle lhe dirigiram olhares cautelosos e Walker e Dora a fitaram, surpresos. Trina clareou a garganta. – Está na minha hora, também. Tenho certeza de que Maddie está precisando de uma troca de fralda agora. Foi um grande prazer conhecê-los, BJ e Danielle. Boa sorte no parto.

O jovem casal sorriu.

– Obrigada – Danielle agradeceu. – Não conseguirei arranjar um emprego até a criança nascer, mas se precisar de alguém para tomar conta de sua filha, quando tiver algum compromisso, basta me telefonar. Tenho muita experiência com crianças. Vários primos pequenos – acrescentou.

– Que boa ideia! – BJ disse. – Pode telefonar para Walker.

Trina sentiu o olhar de Walker fixo nela, mas não olhou naquela direção. Em vez disso, anuiu, recolheu a bolsa, onde guardou a manta de Maddie. – Talvez eu faça isso. Obrigada por se oferecer.

– Ficarei muito agradecida – Danielle disse. – Prazer em conhecê-la, Dora.

– Oh, o prazer foi meu. – A assistente conseguiu dizer.

– Boa noite – BJ se despediu. – Vejo-o mais tarde, irmão.

Walker anuiu.

– Vou acompanhá-la até o carro – disse ele a Trina.

– Que tal me acompanhar também? – Dora perguntou.

Trina dirigiu um olhar perplexo à assistente. Dora parecia ofendida. – Pode acompanhar Dora até o carro – disse, reprimindo uma risada cínica. – Posso encontrar o meu sem problemas.

– Preciso discutir mais algumas questões com você – disse ele. – Mas posso acompanhá-la até seu carro primeiro, se faz questão, Dora – acrescentou em um tom que rivalizava com as geleiras da Antártica. – Podemos ir?

Dora pareceu titubear, mas logo anuiu com um gesto positivo de cabeça.

– Claro. Posso pegar minha bolsa no caminho.

Enquanto Trina os observava partir, suspeitou que Walker deixaria claro para a assistente que não estava interessado e que ela deveria desistir, da maneira mais cavalheiresca possível. Porém, não conseguiu sentir nem um vestígio de compaixão por Dora. A falta de tato e gentileza da assistente lhe dava nos nervos.

– Dora necessita de uma reformulação de personalidade – Trina sussurrou para a filha.

A bebê respondeu fechando uma das mãos gorduchas sobre uma mecha de cabelo da mãe, enquanto as duas se encaminhavam ao carro de Trina. Uma parte de si não se importaria se Walker mudasse de ideia e satisfizesse o desejo de Dora. Quem sabe ela não suavizaria se conseguisse fazer sexo com Walker? Recusava-se a pensar em como aquela teoria poderia se aplicar a ela também. Após colocar a filha na cadeira infantil de segurança, no banco de trás do carro, onde atirou também a bolsa e a sacola de bebê, contornou o veículo até o lado do motorista.

– Que tarde agitada! – Walker murmurou atrás dela. – Acho que não tem nenhum uísque em casa?

– Lamento, mas não tenho. Tudo que posso oferecer é vinho branco e biscoitos em formato de bichos. – Walker fez que não com a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos da calça. – Não quer mesmo voltar para casa, certo? – perguntou.

– Acha que eles perceberiam se eu me hospedasse por duas semanas em um hotel?

– É um cara melhor do que eu pensava.

Walker deixou escapar um suspiro.

– Detesto desapontá-lo. B.J me faz lembrar de um...

– Filhote de cachorro – Trina completou.

– Isso mesmo.

Trina teve vontade de abraçá-lo, o que seria uma estupidez. Embora Walker medisse mais de 1,80m, fosse repleto de músculos nos lugares certos e capaz de se defender, quer em um beco escuro, quer em uma sala de reuniões, o fato de ele ser sensível à situação do irmão a encantava. Mais do que deveria.

Detendo as rédeas das próprias emoções, Trina deu um passo atrás.

– Você é forte. Tirará isso de letra. Essas duas semanas vão passar em um piscar de olhos.

– É uma espécie de parto – disse ele, com humor negro.

Trina soltou uma risada.

– Todos têm de passar por isso.

A BELA igreja metodista se encontrava lotada para a cerimônia de casamento de Marc Waterson e Jenny Prillaman.

A mãe de Trina insistira que Maddie passasse a noite em sua casa. Embora um tanto nervosa por passar a primeira noite longe da bebê, ela decidiu tentar se divertir.

Havia encomendado outro vestido da mesma grife famosa que usara no coquetel de comemoração do casamento, por não dispor de tempo para fazer compras. Munida dos indispensáveis sapatos e bolsa Bellagio, com o cabelo penteado de maneira impecável, permitiu que um dos padrinhos, trajado com um smoking com cauda, a acompanhasse até os lugares reservados aos convidados da noiva.

O interior exuberava em flores. Cada banco se encontrava adornado com arranjos rosa e branco e fitas. Uma harpista tocava música clássica. A

decoração era digna do cenário de um filme.

Trina imaginou quantos calmantes a amiga devia ter tomado até aquele momento.

– Posso me sentar ao seu lado? – Walker perguntou.

Trina ergueu o olhar e sentiu o coração dar uma cambalhota no peito. Oh, ele estava estonteante.

– Claro que sim – respondeu ela, afastando-se para o lado. – Qualquer desculpa para não ficar em casa? – Não resistiu a perguntar.

Walker a olhou de soslaio.

– Qualquer desculpa – confirmou. – O calendário pode garantir que meu irmão está morando comigo há apenas seis dias, mas eu tenho certeza que se passaram seis anos.

– Sim – disse ela. – Parece mesmo um parto.

– Você está linda – Walker elogiou.

– Obrigada. Está vendo alguma mancha de papinha de feijões verdes em meu vestido? – perguntou ela, examinando os ombros.

– Não, mas também não percebi da outra vez.

– Ótimo. – Em um gesto deliberado, Trina desviou o olhar do modo insinuante como ele a fitava. Aquilo a fazia experimentar uma sensação estranha. Forçou-se a explorar o interior da igreja, imaginando se o homem que Jenny mencionara havia chegado.

Ouviu um burburinho ao fundo da igreja e girou. O que viu a fez ter a sensação de ser atingida por um caminhão. O cérebro pareceu parar quando Brooke Tarantino, alta e magra, com um par de pernas longas e bem-torneadas, cruzou a nave da igreja, acompanhada de um dos padrinhos do noivo.

Com o cabelo agora louro, a ex-noiva de Walker trajava um vestido colado ao corpo, que Trina suspeitou não ter sido encomendado pela internet como o dela, e sapatos de salto agulha, desenhados por Jenny. E óculos escuros empoleirados sobre o nariz.

Trina mordeu o lábio inferior, mas não dirigiu o olhar a Walker, embora soubesse que era exceção. As pessoas alternavam olhares aparvalhados entre Brooke e Walker.

– Você está bem? – perguntou ela em tom de voz baixo, sem girar a cabeça.

– Ótimo. Feliz por não ser eu a estar esperando no altar desta vez – Walker respondeu em um tom seco.

Trina não conseguiu evitar um sorriso, enquanto cedia ao desejo de olhar para ele. E, em seguida, ao impulso de escorregar a mão pelo banco em um gesto sub-reptício e fechar os dedos sobre os dele.

Walker se inclinou na direção dela.

– Isso significa que consegui mais uma noite de sexo caridoso?

Trina lhe cravou as unhas na palma e recolheu a mão.

– Claro. Quer ter outro filho?

Walker fez uma careta.

– Golpe baixo.

O organista a poupou de qualquer comentário. Um casal de crianças cruzou a nave da igreja, puxados em um carrinho branco por um dos padrinhos do noivo. A menina e o menino atiravam pétalas de rosas brancas ao longo do trajeto. Pouco depois, uma dama de honra grávida, trajada em organza púrpura, também cruzou a nave, acompanhada de um padrinho.

– Deus do céu – Walker murmurou. – Será que a água desta cidade está contaminada?

– Acho que essa é Anna. Era vizinha de porta de Jenny. Casou-se com um dos primos de Marc.

Em seguida, foi a vez de uma loura curvilínea passar de braços dados com um homem moreno, alto e estonteante, trajado todo de preto, exceto pela gravata púrpura.

– Chad e Liz – Trina disse. – Jenny me contou que ele queria ser dama de honra, e esta foi única opção de lhe satisfazer a vontade. – Ela arriscou um olhar ao altar. – Mas não estou entendendo por que Marc e o padre ainda não estão posicionados. Estranho, não acha?

– Em minha opinião, uma atitude sábia.

Trina fez um movimento negativo com a cabeça, observando Chad e Liz completarem o percurso e subirem os degraus até o púlpito.

Liz sorriu.

– Gostaríamos de dar as boas-vindas a todos que conhecem e amam Marc e Jenny. Os noivos gostariam de agradecer de maneira especial à mãe de Marc, Jean, e à irmã de Jenny, Victoria, por planejarem este evento espetacular. O talento e bom gosto dessa dupla são imbatíveis.

Uma estranha suspeita rastejou pela espinha de Trina.

– Não está achando que ela desistiu, certo?

– Ao menos, Jenny não o abandonou no altar diante das câmeras de televisão.

– Marc e Jenny se desculparam por não poderem estar aqui hoje – prosseguiu Liz.

Uma onda de murmúrios reverberou no interior da igreja.

– Oh, não! – Trina exclamou.

– E a razão da ausência dos noivos – Chad disse – é que Marc Waterson sequestrou a noiva esta manhã e os dois se casaram em uma praia.

– Temos um vídeo da breve cerimônia e gostaríamos de compartilhá-lo com todos vocês – Liz anunciou e Trina observou, perplexa, os padrinhos do noivo montarem um telão sobre uma plataforma elevada, enquanto a igreja imergia em penumbra.

O telão se iluminou e surgiram as imagens de Marc Waterson, exuberante em um smoking, e de Jenny Prillaman, vestida de noiva, com mechas de cabelo lhe escapando do coque. Os reflexos dos raios de sol no oceano pareciam cobri-lo com uma manta de diamantes. Um homem, trajado de terno, com uma Bíblia nas mãos, e uma mulher que Trina não reconheceu ladeavam os noivos.

“Estamos reunidos aqui, neste dia esplendoroso, para celebrar o casamento de Marc Waterson e Jenny Prillaman...”

Trina observou, admirada, o casal fazer os votos, surpreendendo-se com as lágrimas que empoçaram em seus olhos diante da emoção e do amor que via refletidos nos olhos de Marc e Jenny. Fungando, sentiu o olhar de Walker se fixar nela, mas não ousou virar o rosto.

“E agora, eu os declaro marido e mulher”, o celebrante disse. *“Pode beijar a noiva.”*

Marc ergueu-a nos braços e a girou, permitindo um vislumbre dos pés descalços de Jenny. Segurando-a firme, capturou-lhe os lábios em um beijo longo, que expressava todo o amor que sentia.

Quando, por fim, interromperam o beijo, os dois olharam para a câmera e acenaram.

“Divirtam-se na festa!”, disseram em uníssono. Marc a pousou no chão e os dois se afastaram de mãos dadas.

– Eles fazem isso quase parecer possível, certo? – Walker murmurou.

Trina lhe dirigiu o olhar e captou um vislumbre de algo diferente nos olhos castanho-esverdeados cravados nos dela. Não sabia como definir o

que via, mas o que quer que fosse, fez seu coração saltar dentro do peito e o oxigênio lhe desertar os pulmões.

– Sim, quase – concordou ela.

O interior da igreja voltou a se iluminar.

– Temos ordens a cumprir – Liz anunciou.

– Festa! – Chad gritou e o organista começou tocar uma peça de Wagner.

– Vai à recepção? – Walker perguntou, quando ela se ergueu.

– Acho que vou – respondeu. – Maddie está na casa da minha mãe.

– Quer uma carona?

– Estou de carro – Trina retrucou.

– Então, vejo-a lá – disse ele, com aquele olhar escurecido e perscrutador de minutos atrás.

Trina se misturou à multidão.

OS ORGANIZADORES do casamento, junto com a família de Jenny e a mãe de Marc, recepcionavam os convidados à medida que chegavam no clube onde se dava a recepção. Com a banda tocando uma combinação de rock e *rhythm and blues*, a pista de dança não tardou a lotar.

Trina acenou para Liz.

– Achei ótima sua performance com Chad – disse ela.

– O maior desafio foi vender a ideia à mãe de Marc e à irmã de Jenny. Ambas ficaram tão histéricas que tive de lhes atirar água.

– Está brincando! – Trina exclamou, incapaz de conter uma risada.

– Não – Liz garantiu. – Destruí o penteado das duas e só assim consegui que me escutassem. Foi melhor dessa maneira. Aquelas duas queriam chamar mais atenção do que os próprios noivos. Sou uma mulher prática e nada romântica, mas acho que Marc e Jenny mereciam um casamento de verdade. – Liz a fitou com a testa franzida. – Acabei de me lembrar de algo que Jenny me pediu para fazer. Apresentá-la a um homem. – Ela estalou os dedos como se estivesse puxando pela memória. – David alguma coisa... David Owen – Liz lembrou. – Poderia reconhecê-lo se o visse?

– Não – Trina respondeu. – Mas não tem importância. Não preciso conhecê-lo esta noite.

Liz negou com um gesto veemente de cabeça.

– Nada disso. Jenny fez-me prometer e me avisou que você era capaz de tentar se esquivar. Não tem importância. Posso encontrá-lo. Fique onde

está – disse ela girando nos calcanhares e se afastando.

O nervosismo tomou conta de Trina. Liz lhe parecia a mulher mais obstinada que jamais conhecera. Afinal, subjugara a mãe de Marc e a irmã de Jenny com um pouco de água. Talvez aquele fosse um bom momento para uma visita ao toalete feminino.

– Senhoras e senhores – Liz anunciou, utilizando um dos microfones da banda. – Peço-lhes desculpas pela interrupção, mas não vai demorar mais do que alguns segundos. David Owen, por favor, encontre-me à mesa do bolo o mais rápido possível. – Após beijar um dos componentes da banda no rosto, Liz abandonou o palco, saracoteando.

Trina foi invadida por outra onda de pânico. Aquele era de fato o momento certo para ir ao toalete. Ao relancear o olhar à porta de entrada, estacou de modo abrupto.

Brooke Tarantino se encontrava parada diante de Walker. Com uma das mãos pousadas em seu braço, falava de maneira acalorada e ele parecia estar concentrado no que a ex-noiva dizia.

Algo no íntimo de Trina pareceu revirar, causando-lhe uma onda de náusea repentina.

– Ela parece estar suplicando o perdão do ex-noivo – disse uma voz masculina ao lado dela. – Fico imaginando se Walker cairá na conversa dela – acrescentou o homem.

Trina desviou olhar dos dois para se deparar com Chad Garcia, trajado com um smoking e uma gravata púrpura em todo seu esplendor.

– Chad, sou Trina. Tenho certeza que se lembra...

– Claro que me lembro de você. Eu a vi na QVC, falando maravilhas de Jenny. – Ele arriscou um olhar à pista de dança. – Estou precisando de uma folga do papel de anfitrião esplendoroso e competente. Quer dançar? – Trina pestanejou várias vezes, sem saber o que dizer. – Sou um arraso na pista de dança. Vamos – disse ele, segurando-a pela mão.

– Mas...

– Vamos. Sei que veio desacompanhada. Farei você parecer uma diva. Depois que concluir minha performance, todos os homens heterossexuais da festa formarão fila para dançar com você.

– Não sei se...

– Deixe comigo. O único problema é que nenhum desses heterossexuais sabe dançar como eu. Será uma péssima troca, mas valerá a pena – acrescentou, posicionando-se para dar início à dança.

A banda começou a tocar uma música de Carlos Santana e Trina se esforçou para acompanhá-lo. Chad tornava tudo divertido, ria quando ela errava o passo ao mesmo tempo que, com extrema maestria, lhe ocultava o deslize. Ele a puxou contra o corpo e a deixou chocada quando lhe tocou o pescoço com os lábios.

– O que está fazendo?

Chad soltou outra risada.

– Relaxe. Faz parte da dança. E não olhe agora, mas Walker está com os olhos grudados em nós.

Trina o fitou, atordoadada.

– É muito observador – disse ela, imaginando quanto aquele homem sabia.

– Jenny também acha. Minha habilidade em ler fisionomias é, ao mesmo tempo, um dom e uma maldição. Estava parecendo uma mulher que havia acabado de levar um pé no traseiro. – Chad sorriu, exibindo os dentes alvos.

– Agora, não mais. – Ele a girou mais algumas vezes e a música chegou ao fim.

– Trina – Liz a chamou a alguns metros de distância. – Chad está causando problemas outra vez? Jenny deixou instruções claras para que eu a apresentasse a David.

– Então, apresente – Chad concedeu.

Liz a segurou pela mão e a puxou para fora da pista de dança. – Ele é um exibido.

– Um exibido maravilhoso.

– Sim, é uma pena que seja gay. Venha comigo. Vai gostar do presente que mamãe Liz reservou para você. David – chamou ela e um homem alto, de cabelo louro e olhar divertido, ergueu uma das mãos, acenando.

– Aqui.

– Essa é Trina Roberts. Jenny me pediu para que o apresentasse a ela.

Os olhos de David faiscaram, divertidos.

– Agora posso entender por que Jenny achou que eu gostaria de conhecê-la, mas por que Trina se interessaria em ser apresentada a mim? – brincou ele, estendendo a mão. – David Owen. Prazer em conhecê-la. Muito gentil da parte de Jenny me fazer esse favor.

Os comentários lisonjeiros massagearam-lhe uma parte do ego que ela não sabia que estava ferida. Trina sorriu.

– O prazer é meu.

– Que tal um drinque, depois de toda aquela dança? Com certeza não sou um dançarino tão gabaritado quanto o seu par.

Trina soltou uma risada baixa.

– Um drinque seria ótimo. Tive de me esforçar muito para acompanhá-lo.

David ergueu uma taça de champanhe da bandeja de um garçom que passava e a ofereceu a ela.

– Em minha opinião, se saiu muito bem.

– Aí é que está. Ele é tão habilidoso que sabe como fazer a parceira parecer boa também – retrucou ela, pronta para desviar o assunto de si mesma. – De onde conhece Marc e Jenny?

– Fui colega de faculdade de Marc. Éramos da mesma fraternidade.

– Aposto que têm muitas histórias excitantes desse tempo.

– Agora ele é um homem casado. Meus lábios estão selados. Jenny me falou de você.

– Oh, é mesmo?

David anuiu.

– Disse que gostaria de nos apresentar, mas antes eu teria de passar no teste dela.

– E você passou?

– Acho que sim.

– Sou mãe solteira – Trina disparou.

– Eu sei – disse ele. – Viajo com frequência, portanto, não tenho muitas oportunidades para conhecer mulheres interessantes. Vamos trocar telefones e endereços de e-mail?

CAPÍTULO 14

– WALKER, SEI que é lhe pedir demais – Brooke disse. – Mas me encontro em uma péssima situação. Meu pai ainda está furioso comigo e...

Walker avistou Trina finalmente sozinha, próxima à recepção. Observara-a dançar com Chad e conversar com um homem que parecia interessado em mais do que um simples bate-papo. Walker sentia como se alguém lhe tivesse ateado fogo ao estômago. E o fato de Brooke abordá-lo a todo momento, para lhe pedir ajuda, não estava ajudando em nada. Viu o olhar de Trina vagar em sua direção e sustentar o dele por um longo instante. Era como se um córrego de águas amenas lhe abrandasse todas as asperezas. E então, olhou para a esquerda e virou o rosto outra vez.

A voz de Brooke continuava a soar em sua orelha esquerda.

– Se pudesse me ajudar, ao menos desta vez...

– Falo com você mais tarde – Walker a cortou, se encaminhando na direção de Trina.

Porém, Dora se interpôs no caminho, com um sorriso que exalava uma determinação assustadora.

– Adoraria sequestrá-lo e levá-lo para a pista de dança.

– Agora, não, obrigado. – Walker a contornou e prosseguiu, acenando para algumas pessoas que o chamavam, enquanto abria caminho pela multidão, até se postar diante de Trina.

– Olá – disse ele.

– Olá para você também – Trina retrucou com um sorriso.

– Esteve ocupada.

Trina arqueou as sobrancelhas.

– Você também.

– Leve-me daqui – desafiou ele.

Aquilo prendeu a atenção de Trina. Ela o fitou com expressão furiosa.

– Fiz isso antes.

– Então, deixe-me levá-la daqui.

O olhar de Trina encontrou o dele e Walker captou um vislumbre de vulnerabilidade nas profundezas daqueles olhos escuros.

– Não quero tomar nenhuma atitude que mais tarde me faça sentir como o erro que alguém cometeu.

Embora Trina sempre fizesse piada da noite de sexo caridoso que tiveram, naquele momento era possível perceber que aquilo a deixara com uma parcela de vergonha, o que o fez sentir uma pontada de dor no peito.

– Está bem. Ainda assim posso levá-la daqui. Não necessariamente para uma noite selvagem de...

Trina arregalou os olhos.

– Brooke! Que prazer revê-la. Está muito bonita.

A ex-noiva de Walker a fitou por um longo instante.

– Sei que a conheço. Você trabalha na Bellagio e participou do programa da QVC. Fez um ótimo trabalho, por sinal. Mas não consigo me lembrar de seu nome.

– Trina Roberts – Walker disse. – Ela trabalha no Departamento de Relações Públicas da Bellagio.

– Oh, prazer em conhecê-la de novo – disse a ex-noiva de Walker.

– Brooke esteve conversando comigo esta noite sobre seu desejo de trabalhar em algum setor da Bellagio – comentou ele, se referindo a Trina, que pestanejou várias vezes, incrédula.

– É mesmo?

Brooke exibiu um sorriso genuíno.

– Sim, meu pai ainda está aborrecido pelo que aconteceu... – Ela relanceou um olhar a Walker. – Sabe a que estou me referindo. E... uh... estou... – Brooke baixou o tom de voz. – ... tendo problemas financeiros.

– Precisa de um emprego – Trina disse, ainda sem conseguir disfarçar o ceticismo na voz.

– Bem, acho que sim.

Trina ficou em silêncio por um instante e, em seguida, se dirigiu a Walker.

– O que acha daquela linha de calçados esportivos?

– O que tem a linha? – perguntou ele, confuso.

– Talvez Brooke pudesse promovê-la – Trina sugeriu.
– Como modelo? – Brooke perguntou.
– Não exatamente – Trina respondeu. – Sua função seria mais a de uma representante ou porta-voz. Vamos promover a nova linha em lojas de departamentos e em feiras de artigos femininos. Talvez pudesse fazer isso.
– Concordo – Walker disse, impressionado com a agilidade de raciocínio de Trina.

– A que tipo de calçados está se referindo? – Brooke quis saber. – Aos de Jenny?

Trina negou com a cabeça.

– Não, são esportivos.

Brooke a fitou por um longo instante.

– Tênis? Quer que eu represente uma linha de tênis?

– Precisaria da aprovação do Departamento de Marketing, mas acho que daria certo – Walker opinou.

– Mas tênis... – Brooke repetiu, com completa falta de entusiasmo.

– Gostaria de pensar sobre o assunto e me dar um retorno na próxima semana? – Trina perguntou.

Brooke abriu a boca, mas voltou a fechá-la, com um suspiro resignado.

– Uh... sim, eu lhe dou um retorno – E relanceando o olhar a Walker. – É bom ver que você está bem.

– Obrigado. Cuide-se – respondeu ele, voltando a girar na direção de Trina, enquanto a ex-noiva se afastava. – Quer ir a outro lugar?

– Não farei sexo com você – afirmou ela.

– Vou repetir o que disse: não tem problema. Está pronta para partir? Podemos ir para outro lugar.

– O que tem em mente?

– Pensarei em algo – respondeu ele, com um sorriso. – Ambos sabemos que não será a minha casa.

Por fim, Trina se permitiu sorrir.

– Está bem. Preciso levar meu carro para casa. Acho que pode me seguir.

QUARENTA E cinco minutos depois, Walker comprou um pote de sorvete do sabor preferido de Trina e dirigiu o carro conversível para um local paradisíaco que descobrira alguns anos atrás. Manobrou o veículo esporte

por uma estrada de terra até um enorme lago, parcialmente cercado por árvores, arbustos e madressilvas.

– Ainda não entendi por que fez questão de vir no meu carro – disse ela, enquanto Walker baixava a capota, proporcionando-lhe uma visão mais ampla da paisagem. Era uma noite clara, com o luar incidindo como um holofote sobre as águas do lago.

– Está bem, agora entendi por quê. É lindo. Que propriedade está invadindo?

– A minha – respondeu ele, abrindo o pote de sorvete.

– É mesmo?

– Parece surpresa – Walker disse, entregando-a uma das colheres de plástico. – A primeira colherada é sua.

Trina pegou a colher, mas ainda se encontrava encantada admirando os arredores para comer o sorvete.

– Você é o tipo de homem tudo em um, como aqueles apart-hotéis que oferecem todos os serviços imagináveis.

– Eu sou – retrucou ele. – E também possuo um desses apartamentos, mas nasci caipira – confessou.

Trina lhe encontrou o olhar, com um sorriso lento começando a lhe curvar os lábios.

– E este lugar atende aos seus anseios caipiras?

Walker soltou uma risada abafada.

– Acho que sim. Não venho aqui com muita frequência e nunca movi um dedo para construir uma casa neste terreno.

– Ou colocar um trailer – Trina acrescentou.

– Harry me ofereceu um.

– Então, o que faz com este lugar?

– Venho para cá, ficar sentado observando a paisagem. É tranquila, bela e minha.

Trina tomou uma colherada do sorvete, depois outra, soltando um gemido baixo, enquanto lambia a colher.

Walker sentiu uma pressão na virilha ao imaginar aquela língua escorregando pela extensão de seu... ele lhe retirou o pote das mãos.

– Se começar a gemer, não a deixarei comer nem mais uma colher de sorvete – ameaçou.

– Não deveria ter comprado meu sabor favorito, se não queria me ouvir gemer.

Walker teve de engolir uma colherada para esfriar o calor incômodo que o consumia por dentro. Trina fora clara quando dissera que não faria sexo com ele. Então, por que não conseguia evitar aquela ânsia avassaladora de lhe retirar aquele belo vestido azul de seda e possuí-la no banco traseiro do carro?

– Por que me trouxe aqui? – Trina perguntou, recuperando o pote de sorvete e mergulhando a colher no conteúdo.

– Porque me deu vontade – respondeu ele.

– Está aborrecido por ter encontrado Brooke?

– Não – Walker afirmou, surpreso com a pergunta. – Para mim, são águas passadas.

– Como foi a sensação de revê-la? Brooke estava linda – Trina disse, pensativa.

– Acho que sim – retrucou ele. – O único sentimento que tive quando pousei os olhos nela foi de alívio por Brooke não ser mais problema meu.

– Está falando sério?

Walker anuiu com um gesto positivo de cabeça.

– E bem que ela tentou me envolver na fase de vacas magras que ela está passando. – Os olhos esverdeados encontraram os dela. – Foi ótimo você ter lhe oferecido uma solução.

Trina sorriu.

– Não sei se ela ficou muito animada com a ideia.

– Sempre haverá fast-food – retrucou ele em tom seco.

Trina soltou uma risada, mas logo adotou um semblante pensativo.

– Imaginei que você quisesse ficar com alguém disposto a lhe massagear o ego.

– Meu ego não está mais dolorido, mas se estiver oferecendo uma massagem...

– Não estou. Ainda não respondeu à minha pergunta. Por que eu?

A pergunta o deixou inquieto.

– Gosto de sua companhia – Walker suspirou. – Quando Brooke e eu estávamos juntos, ela se apossava de todo o meu tempo livre e ainda queria uma parte do que eu dedicava ao trabalho. Acho que sabia que não seria capaz de satisfazê-la, mas para um caipira, Brooke era a quintessência da fantasia.

– Um troféu, uma prova inegável de sucesso – disse ela.

– Era como se estar com Brooke me enevoasse a visão e a audição. Negligenciei minha família e uma boa parte das minhas amizades. Acabei me confundindo, mas durante todo o tempo que estivemos noivos, tinha a sensação de que aquilo ia acabar mal.

– O que de fato aconteceu – Trina concordou em tom de voz sereno.

– Nem tanto. Foi melhor assim. Não havia como mantê-la ao meu lado. Brooke passava dos limites, quando eu viajava a negócios. Pode soar cruel, mas eu não gostava de mim quando estava com ela.

– E eu sou confortável – Trina retrucou. – Como uma chaleira velha.

Captando um traço de irritação na voz de Trina, ele a estudou por alguns instantes, mas se deparou com uma aparência calma.

– Está mais para chocolate quente – Walker corrigiu. – Seus olhos me fazem lembrar de chocolate quente.

Trina franziu a testa.

– Não consigo me decidir se me acha devassa ou um sedativo.

Walker sentiu como se ela o tivesse esbofeteado ou feito algo pior.

– Nenhuma das opções. Acho que nos embebedamos e acabei dando sorte na pior noite de minha vida. – Walker se inclinou na direção dela. – Queria apenas não ter ficado tão bêbado, dessa forma me lembraria de mais detalhes. E se não posso mudar isso, então gostaria de repetir a experiência, sóbrio. E quanto a você ser um sedativo, há muito não preciso ou desejo um. Apenas me sinto bem em sua companhia. Isso é crime? – perguntou, antes de soltar um xingamento baixo.

Frustrado, Walker saltou do carro e caminhou na direção do lago. Inspirou fundo e passou as duas mãos pelo cabelo. Deus, em que caos sua vida havia imergido.

O som de um graveto estalando precedeu a sensação do braço de Trina envolvendo o dele.

– Desculpe – disse ela.

– Está bem. O que mais me irrita nisso tudo é que eu estava tão concentrado em conseguir o troféu que não reparava em mais ninguém. Não a enxerguei. Fico imaginando se poderia ter sido diferente entre nós...

– É melhor parar por aí.

– Por quê? – Walker perguntou, baixando o olhar para encará-la.

– Porque as coisas *estão* diferentes – sussurrou ela.

A noite estava linda, assim como Trina. O vestido azul ondeava sobre o corpo de curvas generosas, imitando o movimento das águas daquele lago.

O cabelo estava revolto pelo vento e os olhos tão escuros e sensuais que o fizeram se sentir capaz de mergulhar dentro daquelas profundezas. Desejava calá-la da melhor e da pior maneira possível. Enterrando os dedos no cabelo sedoso, ele lhe inclinou a cabeça para trás.

– Disse que não farei sexo com você.

– O que não significa que não posso beijá-la – Walker resmungou, antes de se apossar dos lábios carnudos. A boca macia tinha sabor de chocolate e a sensação dos quadris curvilíneos recostados aos dele era inebriante, embora fosse o máximo que poderia sentir. Por ora.

Walker percebeu o momento em que ela cedeu ao beijo. O corpo pressionando o dele e os braços delicados lhe envolvendo o pescoço. Aquela pequena concessão o encorajou a deslizar uma das mãos até a base da espinha de Trina e, com a outra, lhe pressionar a caixa torácica.

– Você tem um sabor viciante – Walker murmurou contra os lábios carnudos.

– Você gostou do sorvete.

– Não. Estou me referindo à sua boca. – Ele lhe sugou o lábio inferior. – Tenho vontade de devorá-la.

Ao senti-la ofegar, voltou a lhe capturar os lábios em um beijo ousado. A seda do vestido de noite funcionava como uma provocação para os dedos que pareciam ter ganhado vida própria, explorando toda a extensão das costas de Trina. Uma barreira quase etérea que o impedia de tocar a pele macia.

O gemido suave, quase inaudível, que ela deixou escapar reverberou na boca de Walker, elevando-lhe a excitação a outro patamar. Ansiava por tocar aqueles seios fartos. E todo o restante do corpo tentador colado ao dele.

Escorregando as duas mãos para cima, encontrou o zíper do vestido e o baixou ao mesmo tempo em que aprofundava o beijo e forçava uma das coxas entre as dela.

Em seguida, espalmou as mãos nas nádegas arredondadas e as apertou. Sem lhe dar tempo para pensar, escorregou a alça do vestido de seda e lhe tocou um dos seios.

Trina entreabriu os lábios para protestar ou ofegar, mas ele a tocou no mamilo já enrijecido. O que quer que Trina estivesse prestes a dizer se transformou em um gemido sexy.

O som o deixou enlouquecido. Walker a ergueu nos braços e a pousou sobre o capô do carro.

– O que está...

Postando-se entre as pernas sedosas, ele se apossou da boca carnuda mais uma vez. As pernas bem-torneadas lhe envolveram os quadris, fazendo-o desejar se enterrar onde sabia que a encontraria úmida e quente. Os dedos longos estimularam os mamilos intumescidos, antes de ele baixar a cabeça e sugar um deles.

A distância captou um som eletrônico irritante, mas o ignorou. A sensação do mamilo túrgido na boca obliterava tudo mais. Mas o som se repetiu.

– Oh, Deus, pare! – Trina disse, o empurrando. Com os olhos ainda mais escurecidos pela excitação, ela mordeu o lábio inferior e subiu as alças do vestido.

– Seu celular está tocando.

Quando, por fim, a realidade penetrou a névoa do desejo que lhe embotava o cérebro, Walker seguiu o som até o banco traseiro do carro, onde deixara o casaco do smoking. Ergueu o aparelho no instante em que parou de tocar e franziu a testa quando verificou o número.

– BJ? – resmungou ele, imaginando que diabos... o telefonou tocou outra vez. – O que houve? – atendeu.

– É Danielle – BJ disse. – Ela acha que entrou em trabalho de parto e o motor da minha caminhonete não quer pegar. Harry saiu e deixou o telefone celular aqui.

– Algum problema? – Trina perguntou, ainda ajeitando o vestido.

– Danielle pode ter entrado em trabalho de parto. A caminhonete de BJ deu pane.

Os olhos de Trina se arregalaram.

– Oh, não! Quanto tempo entre uma contração e outra?

Walker repetiu a pergunta para o irmão.

– Acho que mais ou menos dez minutos – BJ informou.

– Dez minutos – repetiu Walker.

– Talvez dê tempo de chegarmos lá. Enquanto isso, é melhor ela telefonar para o médico.

– Está bem. BJ, chegarei o mais rápido que puder. Trina disse para ela contatar o médico.

Walker desligou o telefone e encontrou o olhar de Trina.

– Você está bem?

– Sim – respondeu ela. – É impressionante como a simples lembrança de uma gravidez é capaz de esfriar os ânimos, certo?

Walker não conseguiu conter uma risada abafada, enquanto contornava o carro e abria a porta para ela entrar.

– Sim. Funciona como um balde de gelo.

COM A capota do conversível baixada, Walker seguiu pela rodovia que levava ao seu condomínio.

O vento podia fazer seu cabelo esvoaçar, mas também parecia ajudá-la a clarear a mente. O que estava errado com ela? Por que continuava a ceder àquela insanidade com Walker? Que diabos esperava ganhar?

Imaginou se alguma parte ingênua de sua personalidade acalentava o desejo secreto de os dois ficarem juntos por terem Maddie.

– Tola – resmungou.

– Disse alguma coisa? – Walker perguntou.

– Não. – Nada que ele devesse escutar. Sabia que o achava um homem demasiado atraente e, antes de Maddie nascer, sempre fora sensível ao magnetismo de Walker. Sempre sentira uma conexão instintiva entre ambos e imaginava se ele a teria notado, caso não estivesse comprometido como a deslumbrante e milionária Brooke Tarantino. Porém, sempre tivera noção de que nunca poderia rivalizar com a herdeira. Como não se sentir uma espécie de prêmio de consolação?

– Está muito calada – disse ele. – Pensativa. Detesto quando faz isso.

– Apesar das evidências em contrário, levou a mulher errada para o lago, se desejava estar com alguém que não pensa. Disse-lhe isso na recepção do casamento. – Pegando o desvio na direção do condomínio, ele parou no acostamento. – O que está fazendo?

Walker girou para encará-la.

– Diga-me uma coisa. Por acaso me considera um cafajeste? – Trina fez que não com a cabeça. – Gosta de mim? Ao menos em parte? – acrescentou.

Trina anuiu com um gesto positivo de cabeça.

– Acho que sim.

– Quer ficar comigo? – Trina sentiu a respiração ficar presa na garganta.

– Quero que seja sincera. Quer ficar comigo?

Sim, mas..., ela mordeu o lábio inferior.

– É difícil acreditar que queira ficar comigo quando poderia estar com alguém como Brooke.

– O que acha necessário para convencê-la de que prefiro estar com você?

Você me assumir publicamente. Mas seria um pesadelo se as pessoas descobrissem que Walker era o pai de Maddie. *Diga-me que não pode viver sem mim.* Revirou os olhos em seu íntimo. Ridícula.

Ame-me loucamente. A veracidade daquele desejo a varou como a lâmina afiada de uma adaga. Precisava escapar da terra da fantasia com uma passagem só de ida.

– Não sei. Tivemos um começo complicado.

Walker anuiu, prendendo-lhe o olhar por um longo instante, antes de ligar o motor do carro.

– Está bem.

Trina foi invadida pela tenebrosa sensação de que acabara de esmagar qualquer chance que pudesse ter com ele. Não que essa chance de fato tivesse existido.

O restante do trajeto foi feito em silêncio. Quando Walker estacionou na garagem do condomínio, BJ e Danielle se precipitaram ao encontro deles.

– Ei, belas rodas – disse o irmão de Walker, admirando o carro esporte de Trina.

– Obrigada – agradeceu ela, observando Danielle. – Como está se sentindo?

A jovem exibiu um sorriso tímido.

– Acho que foi alarme falso. O médico me aconselhou a caminhar por algum tempo para ver se passava e acho que as contrações cederam.

– A culpa deve ter sido minha – BJ disse, envolvendo os ombros de Danielle com um braço. – Com Harry e você fora de casa, tivemos uma sessão... de romantismo.

No silêncio que se seguiu, Trina arriscou um olhar a Walker e percebeu os músculos da mandíbula bem-marcada se contraírem por alguns segundos, antes de ele limpar a garganta.

– Uh... Trina, poderia acompanhar Danielle de volta ao apartamento?

– Claro – respondeu ela. – Mas não sei onde fica.

– Eu lhe mostro – Danielle se voluntariou. – Talvez consiga fazer com que não me sinta tão idiota por ter pensando que havia entrado em trabalho de parto, quando era alarme falso.

– Não é idiota – Trina respondeu, enquanto a seguia pelo estacionamento. – Está grávida. É natural que se engane com as contrações.

– Mas como saber que é para valer? – Danielle perguntou.

– As contrações se tornam mais intensas e não cessam, até que o bebê nasça – Trina explicou. – Talvez seu parto seja tranquilo, mas só para garantir... – ela prosseguiu. – ... certifique-se de que haja um anestesista a postos para lhe aplicar uma anestesia peridural. E é importante ter alguém ao seu lado que a ajude com o médico.

– Oh, bem, BJ ficará ao meu lado. Ele prometeu – Danielle respondeu quando alcançou a porta da frente.

– BJ! – A voz de Walker reverberou pelo estacionamento. – A próxima vez que tiver um acesso de romantismo, antes do nascimento do seu filho, eu o deixarei nocauteado por uma semana. Tome um banho frio, danação!

Danielle observou os dois de longe.

– Oh, não quero que os dois briguem por minha causa.

Trina detectou um traço de melodrama na voz da jovem, o que sabia que poderia ser atribuído à retenção de líquidos. Ao menos, aquele sempre fora seu bode expiatório.

– Oh, não. Walker está apenas querendo garantir a segurança do seu bebê. Ambos estão cuidando do seu bem-estar. Vamos tomar um copo de água.

Uma hora depois, Walker a levava de volta para casa. Após erguer a capota do carro, ele a acompanhou até à porta. Parecia tão exasperado e cansado que Trina teve de resistir a um outro impulso de abraçá-lo e lhe dizer que ele era um bom homem por ajudar o irmão e o tio. Para se impedir, cruzou os braços sobre o peito.

– Noite interessante – disse ela.

– Sim. Uma risada por minuto. – Walker escorregou uma das mãos pelo cabelo e suspirou, antes de fitá-la nos olhos. – Poderia me fazer um favor?

– O quê? – Trina perguntou, colocando-se em guarda.

– Não. Não estou me referindo a sexo, embora não recusasse se me convidasse a entrar. – Trina mordeu a língua para permanecer em silêncio.

– Muito bem – começou ele. – Poderia fingir por pelo menos dois minutos que nunca houve nenhuma complicação entre nós e deixar que eu lhe dê um beijo de boa noite? – O pedido era doce, embora inesperado. Trina inspirou fundo. – É tão difícil assim?

– Bem, muita água passou debaixo da ponte – retrucou ela.

– Está bem – respondeu ele, começando a girar para se afastar.

Trina esticou a mão e lhe segurou braço.

– Espere.

Quase em câmera lenta, Walker girou para encará-la.

– É capaz de fazer isso?

– Por um minuto – respondeu ela, observando a proximidade daqueles lábios sensuais. Com o mesmo roçar suave das asas de uma borboleta, Walker se apossou da boca carnuda. Trina permitiu, se entregando ao momento, focando nos lábios que violavam os dela, com uma expectativa silenciosa. Um lampejo de esperança se mesclou ao desejo e à sensação eletrizante que o beijo provocava.

Walker recuou com os olhos repletos de algo que a fez imaginar se ele estaria pensando apenas nela.

– Obrigado. Bons sonhos – disse ele, tocando os lábios carnudos com um dedo.

– Para você, também – Trina respondeu, observando-o se afastar e desejando que o beijo tivesse durado mais do que 60 segundos.

CAPÍTULO 15

– **M**EU TALENTO está sendo desperdiçado – Dora anunciou. – Vou pedir demissão da Bellagio.

Trina ergueu o olhar a um plano de comunicação à imprensa sobre uma apresentação de Sal em Nova York.

– Tem certeza de que é isso que deseja? Se não está satisfeita no Departamento de Relações Públicas, posso...

– Encontrar outro cargo de serviços burocráticos para mim? Não, muito obrigada – disse, parecendo ofendida. – Arranjei um emprego em uma empresa de cruzeiros marítimos. Ficarei responsável por planejar os eventos festivos e começo depois de amanhã, portanto, não posso cumprir aviso prévio.

– Teria sido melhor se...

– Sim, também acho que muitas coisas poderiam ter sido melhores. Como por exemplo, Walker Gordon ter saído comigo, em vez de se sentir obrigado a ficar ao seu lado.

Embora soubesse que não deveria deixar que Dora a incomodasse, as palavras da assistente a atingiram em cheio.

– Walker nunca teve nenhuma obrigação para comigo – Trina retrucou. – Nem em relação a Maddie, ao cargo que ocupo ou a qualquer outro motivo. Mas essa é uma discussão desnecessária. Agradeço pelo trabalho que desempenhou aqui e espero que seja feliz e tenha sucesso em seu novo emprego.

– Terei – Dora afirmou. – Terei um intervalo de almoço maior e sairei mais cedo. – Ela fez uma pausa. – Por que Maddie faria Walker sentir alguma obrigação em relação a você?

Trina percebeu que havia se traído e engoliu um bolo de pânico que se alojou na garganta.

– Porque ele é um bom homem. Não viu a atitude de Walker para com o irmão?

Tão logo Dora partiu, Trina controlou as emoções e telefonou para o Departamento de Recursos Humanos para comunicar a demissão da assistente. Com o supervisor do Departamento de Relações Públicas assoberbado com as funções do novo cargo, teria de arranjar uma substituta, antes que lhe designassem um parente distante ou amigo da esposa de alguém da família Bellagio. Começou a compor uma lista de qualificações necessárias ao cargo.

No fim da tarde, Walker passou para confirmar os planos de publicidade ligados à viagem de Sal. No meio da conversa, o celular de Walker tocou e ele pediu licença para atendê-lo.

– Que dificuldade pode haver em conseguir rosas cor-de-rosa e margaridas amarelas para sábado? – perguntou. Trina lhe lançou um olhar questionador e ele respondeu com um movimento negligente dos ombros.

– Está bem, procurarei outra pessoa que consiga – disse, antes de interromper a ligação. – Pelo amor de Deus, até parece que estou encomendando um diamante Hope.

– Se me permite perguntar, para que precisa de flores?

– Depois que Danielle tomou aquele susto, cismou que quer se casar em uma cerimônia de verdade. Comprometi-me com BJ a arcar com as despesas, dentro do limite do bom senso.

– E você está planejando a cerimônia? – questionou ela.

– Não é grande coisa. Rosas, um bolo e um padre. Que mais é necessário?

– Os homens são tão ingênuos! – Trina disse. – Minha mãe é especialista em organizar eventos de última hora. Tem contatos de floristas, bufê e toda a parafernália.

– Acha que ela poderia fazer isso?

– Acho que sim, mas devo preveni-lo de que minha mãe pode ser... – Trina se calou, procurando o termo certo. – ... difícil.

– Posso aguentar qualquer pessoa por uma semana. Não precisarei morar com ela – disse ele. – Lembre-se da situação que estou vivendo agora.

– A sra. Roberts é muito controladora – Trina avisou.

– Conheço o tipo – ele retrucou. – Presa aos detalhes. Quase obsessiva.

– Se retirar o “quase” da equação, acertou em cheio.

– Então, vamos lhe dar algo para se distrair.

Receosa até a medula dos ossos, Trina conversou com a mãe sobre o assunto naquela mesma noite.

– É importante lembrar que não se trata de um casamento tradicional e sim de uma cerimônia simples para fazer Danielle feliz.

– Em que estágio da gravidez ela está? – perguntou a mãe. – Algumas mulheres conseguem disfarçar a barriga durante quase toda a gestação.

– Ela é bonita, mas a barriga está parecendo prestes a explodir – Trina respondeu. – Se não se sentir bem em planejar um casamento que não segue os moldes tradicionais...

– Não. Essa pode ser minha única oportunidade. Teria ficado feliz em ver seu casamento realizado na sala de parto, se tivesse se casado com o pai de sua filha.

– Mãe... – Trina começou com um tom de advertência na voz.

– Esqueça. Tenho de começar a agir, se quisermos que esse casamento aconteça no sábado. Preciso falar com Danielle agora.

Durante toda a semana, Trina aguardou um telefonema choroso ou histérico de Danielle, queixando-se de que Aubrey a teria magoado ou ofendido.

Porém, o sábado amanheceu e o mundo ainda girava sobre o próprio eixo. A jovem que tomaria conta de Maddie, por sinal a favorita de Trina, chegou e ela partiu para a casa da mãe.

Danielle deixara claro que a cerimônia teria de se focar nela, em BJ e no bebê, portanto os convidados se resumiam ao tio Harry, Walker, Trina, Aubrey e o padre.

A casa da mãe, percebeu enquanto transpunha a porta da frente, estava decorada com belos arranjos de flores e a música ambiente era clássica. Walker se aproximou dela com uma xícara de café na mão.

– Olá. Sua mãe fez um excelente trabalho. É verdade que cresceu aqui?

– Sim – Trina retrucou, sendo atingida por um misto de nostalgia e tristeza.

– É uma linda casa.

– Sim. Tenho certeza de que minha mãe já o informou de que esta residência consta do registro nacional de casas históricas. – E baixando o tom de voz: – É um sorvedouro de dinheiro.

– Tome cuidado – disse ele com um brilho divertido nos olhos. – Sua veia sentimental está se revelando.

– Só porque é uma bela casa, não significa que tudo que acontecia aqui dentro era agradável.

Walker a estudou por alguns instantes.

– O que não era tão agradável?

Trina fez um movimento negativo de cabeça.

– Não é o momento para termos essa conversa.

– Está bem – disse ele. – Mas vou cobrar essa resposta em outra ocasião.

Ou não, Trina pensou, embora nada dissesse enquanto seguia o som de vozes vindas da varanda dos fundos.

O pequeno grupo de pessoas se encontrava reunido. BJ estava trajado com um terno escuro e Danielle, com um vestido branco de tecido elástico que mais lhe evidenciava a gravidez do que escondia. Pequenos botões de rosa bordados cobriam as alças, o decote em U e a bainha que lhe chegava no meio da panturrilha. O cabelo escuro estava penteado em um meio *updo* e ornado com flores mosquitinhos. E parecia radiante.

A noiva caminhou na direção de Trina.

– Não sei como lhe agradecer por tudo.

– Não fiz nada – Trina protestou.

– Sim, fez. Você nos indicou sua mãe e ela fez milagres. Repare neste deslumbrante cenário para o nosso casamento. Não posso acreditar que estou me casando em uma mansão histórica! Walker foi tão generoso por nos proporcionar este momento. E sua mãe pensou em tudo! – Os olhos de Danielle ganharam um brilho úmido. – Sinto-me a mulher mais sortuda do mundo.

Trina sentiu o coração se contrair dentro do peito.

– E você está linda. Onde conseguiu esse vestido? Ficou perfeito.

– Em uma das lojas que você me recomendou – Danielle respondeu. – Não teria gastado tanto dinheiro, mas Walker disse para escolher o que mais me agradasse.

Com um sorriso largo a lhe curvar os lábios, BJ se posicionou ao lado da noiva.

– Ela não é a mais bela mulher do mundo?

– Sim – Trina concordou, aprovando aquela adoração.

– Ela é linda. Mas lembre-se de que já tiveram a lua de mel – Walker interveio.

– Carter-Aubrey – disse a mãe de Trina. – Aí está você.
– Carter-Aubrey – Walker repetiu. – Quem é essa?
– Eu, infelizmente. Minha mãe sabia que não poderia mais ficar grávida, então resolveu realizar todos os desejos comigo. Meu nome completo é Carter-Aubrey Katherine. Quando saí de casa, escolhi o que mais me agradava, ou seja, o do meio, e o reduzi para Trina. – E girando ao redor. – Você fez um excelente trabalho, mãe.

– Acha mesmo? – A mãe perguntou, enquanto Danielle e BJ se afastavam para se juntarem ao tio Harry. – Por certo, não é nada tradicional.

– Não, mas veja a felicidade dos noivos. Isso é o que importa.

– Está tudo excelente, sra. Roberts – Walker elogiou. – Não sei como lhe agradecer. Gostaria que nos deixasse pagar...

– Oh, não. Não seria justo – Aubrey retrucou. – Não sou profissional.

– Está melhor do que o trabalho de um profissional – Trina afirmou. – Fez algo personalizado. Acho que deve se sentir à vontade em aceitar a oferta de Walker.

– Não me sentiria bem – Aubrey retrucou. – Mas Harold sugeriu que eu abrisse a casa para eventos especiais e cobrasse, é claro. Ele é um homem de negócios astuto, não acha? – Ela relanceou o olhar ao relógio de pulso e gesticulou com a mão. – Está na hora.

Trina não se recordava de ter visto a mãe tão animada.

– Ela ama fazer esses eventos – Trina sussurrou para Walker.

– Que bom que alguém gosta – retrucou ele em tom seco.

Trina ocupou seu lugar como testemunha da cerimônia simples e agradável, com o padre orientando Danielle e BJ durante os votos de amor e comprometimento. Embora soubesse que o mesmo casal que hoje fazia juras de amor eterno, amanhã poderia estar estrangulando um ao outro, ela se viu incapaz de conter um nó de melancolia incômodo na garganta, desejando que Danielle, BJ e o bebê fossem felizes.

Ouvindo a mãe fungar, Trina fez o mesmo, para a própria surpresa. Quando sentiu o olhar de Walker fixo nela, evitou encará-lo.

Após os votos, seguiu-se a troca das alianças e o padre os declarou marido e mulher.

– Viva, viva! – Harry gritou e Trina e Walker se juntaram a ele. Danielle e BJ abraçaram cada um dos presentes pelo menos duas vezes.

A mãe uniu as mãos na frente do corpo.

– Agora, faremos um brinde. Com ponche – acrescentou em tom firme. – Se a noiva não pode ingerir bebida alcoólica, ninguém poderá.

Harry e BJ gemeram em protesto.

– Nem mesmo uma cerveja? – perguntou o noivo.

– De jeito nenhum – Aubrey respondeu voltando o olhar a Harry. – Importa-se de fazer as honras, Harold?

A atenção de Trina foi atraída para o tom de voz da mãe. Estaria ela flertando com Harry? No mesmo instante, o olhar se voltou para o tio de Walker, com a calva parcialmente coberta e seu jeito sulista.

Harry piscou para Aubrey e ergueu uma taça de ponche.

– Fico honrado com seu convite, Aubrey – disse, antes de limpar a garganta. – BJ e Danielle, que a vida de vocês seja abençoada com muito amor, risadas e alegria e que os dois desfrutem da verdadeira felicidade do casamento e da família.

– Viva, viva! – O pequeno grupo gritou em uníssono.

Trina ajudou a velha criada da mãe, Hilda, a servir os pratos com miniquiches, suflê de ovos, queijo e bacon, pãozinhos de presunto à moda sulista e uma variedade de outros quitutes.

– Carter-Aubrey – disse a mãe, enquanto Trina devolvia uma bandeja à cozinha. – É muito gentil de sua parte me ajudar.

– Teve tanto trabalho. Isso é o mínimo que posso fazer para contribuir.

– Acha mesmo que tudo saiu bem?

Surpresa com a falta de confiança da mãe, Trina lhe apertou de leve o braço.

– Está brincando? Deveria fazer isso com mais frequência.

– Não sei – retrucou a mãe, erguendo a mão ao pescoço. – Harold disse-me que eu conseguiria uma boa renda se abrisse a casa para pequenos eventos particulares. E garantiu até mesmo que me ajudaria. Não imaginei que gostaria tanto de planejar eventos.

Embora ela e a mãe discordassem mais do que concordassem, Trina não pôde evitar se sentir feliz por Aubrey.

– Estou orgulhosa de você – Trina disse. – Ajudou a tornar este dia inesquecível para Danielle e BJ.

Aubrey a fitou com os olhos mareados de lágrimas.

– Acho que nunca me disse que sentia orgulho de mim.

– Bem, deveria ter dito, porque sinto. – Trina puxou a mãe para um abraço e ouviu Aubrey soltar um suspiro fraco.

– Se ao menos você se casasse com um homem que fosse bom para você e Maddie, meu sonho se tornaria realidade.

Trina se retraiu de imediato.

– Não precisa exagerar.

– Querida, só porque teve uma experiência malsucedida, não significa que deva desistir dos homens.

– Não desisti. Apenas estou dando uma pausa nessa história de casamento.

– Mas tem de pensar em sua filha agora – argumentou a mãe. – E embora ainda seja jovem, não está se tornando mais nova a cada dia.

– Quanto a mim – Walker disse da soleira da porta – , estou mais satisfeito com a maturidade.

A mãe dispensou o comentário com um gesto de mão.

– Você é homem. Tem direito a envelhecer. As mulheres, não. E é por isso que insisto para que Carter-Aubrey considere a ideia de se casar. – E dirigindo um olhar apreciativo a Walker. – Sabe de uma coisa? Não lhe faria mal algum dar outra chance ao casamento.

– Mãe, nem pense em começar com esse discurso outra vez – Trina retrucou dividida entre a vergonha e a frustração, antes de conferir a hora no relógio. – É melhor eu desejar mais uma vez felicidades aos noivos, antes de partir.

– Tão cedo? – Aubrey protestou.

Os últimos cinco minutos haviam passado em velocidade glacial.

– Sim, tenho de ir. Fez um ótimo trabalho, mãe – disse ela, antes de abraçar BJ, Danielle e Harry.

– Quando voltarei a ver aquela bebê linda? – Harry perguntou.

– É só dizer quando.

– Voltarei a trabalhar em breve, mas talvez passe algum tempo com sua mãe.

Os alarmes de Trina soaram todos ao mesmo tempo.

– Talvez ela seja uma ameaça a uma pessoa propensa a doenças relacionadas ao estresse como você. Isso é tudo que direi.

– Eu sou mais propenso a causar uma úlcera do que desenvolver uma – retrucou ele com um sorriso maroto.

– Se pensa assim... mas não se esqueça de que o avisei – Trina disse, se encaminhando à porta da frente. Walker a alcançou, quando ela transpunha a soleira.

– Vou acompanhá-la até o carro – disse ele.
– Está sob o efeito das bênçãos maritais? – perguntou ela, sorrindo.
– Pelo que ouvi da conversa que estava tendo com sua mãe, Carter-Aubrey, também não me parece muito propensa à instituição do casamento. – Walker saiu para a varanda da frente. – Acho que nunca me contou por que é tão avessa ao matrimônio. Foi abandonada no altar?
– Não – respondeu ela. Infelizmente. – Meus pais brigavam o tempo todo. Meu pai morreu em um acidente de automóvel durante uma discussão entre ele e minha mãe.

Com as feições contraídas em uma expressão desgostosa, Walker fez um movimento negativo de cabeça.

– Sinto muito. Posso imaginar por que isso a faria pensar duas ou mais vezes, antes de decidir se casar.

Trina anuiu com um gesto positivo de cabeça.

– Sim. Além disso, tive minha própria experiência desastrosa com um rapaz, quando tinha 19 anos. Isso também contribuiu para o trauma.

– Carter-Aubrey teve o coração partido?

– *Trina* se envolveu com um homem só porque a mãe não o suportava.

– E Aubrey tinha razão?

– Em todos os aspectos – admitiu ela, com uma pontada de humilhação residual, mesmo após todos aqueles anos.

– Parece aborrecida. Esse cara deve tê-la decepcionado.

– Fui uma participante espontânea, embora ingênua. É algo constrangedor – disse ela, afastando as lembranças indesejáveis para o fundo da mente.

– É engraçado como Danielle e BJ fazem a felicidade conjugal quase parecer possível – refletiu ele, enquanto caminhavam na direção do carro.

– Talvez seja melhor não pensar muito sobre o assunto – Trina retrucou.

– Tenho uma irritante tendência a me meter em confusão quando tomo uma atitude impensada. Fiquei meio surpresa por você ter encorajado esse casamento e o financiado, já que é um opositor ferrenho à ideia dos Gordon assumirem o papel de pais.

– No caso de BJ, o mal está feito.

– No seu, também – Trina não conseguiu se conter.

– Sim, mas BJ acredita que tem chance de ser um bom pai. Eu não consigo ignorar o histórico de nossa família e arriscar repetir os mesmos erros. – Walker deixou escapar um suspiro. – E como vai Maddie?

– Maravilhosa – Trina respondeu com um sorriso. – Acho que seria capaz de rolar até o Canadá, se tivesse chance. E está se esforçando para engatinhar. Mas está parecendo uma laranja. Acho que preciso controlar as cenouras e as batatas-doces, mas Maddie parece capaz de comê-las até que saiam pelas orelhas. Oh, e ela também está começando a tentar imitar o som de animais. Maddie tem aquele brinquedo... – Trina se calou, percebendo que dera mais informações do que talvez ele desejasse. – Ela está bem. É melhor eu ir – disse ela, abrindo a porta do carro e escorregando para trás do volante.

– Por que disse que ela parece uma laranja? – Walker perguntou.

– Alguns pigmentos nas batatas-doces e nas cenouras podem dar uma coloração alaranjada à pele. Fica mais evidente no pezinho dela.

Walker anuiu, fechando a porta do carro.

– Dê-lhe um biscoito em formato de bicho e diga que fui eu quem mandei.

O pedido a surpreendeu. Qualquer interesse que Walker demonstrasse pela filha era inesperado, porque ele deixara claro que lhe daria suporte financeiro, mas não seria um pai presente. E que se limitaria a arranjar um bom pai para Maddie.

Uma fagulha de esperança se acendeu no peito de Trina. Talvez ele conseguisse perceber o quanto a filha era maravilhosa e passasse a adorá-la. Porém, logo tratou de apagar aquela centelha, porque a esperança poderia ser algo perigoso.

Após chegar em casa, brincou um pouco com Maddie e se dedicou a verificar a correspondência dos últimos dois dias. Sentiu o coração perder uma batida quando viu a carta escrita com um garrancho que lhe provocou uma sensação nauseante de *déjà vu*. Observando o envelope, teve vontade de queimá-lo. Relembrou a ocasião em que Stan a incomodara com cartas constantes, nos primeiros tempos na prisão, anos atrás, mas por fim, parou de escrevê-las.

Puxando o ar para dentro dos pulmões com um ruído audível, Trina abriu o envelope.

Querida Kat,

*Não respondeu à minha última carta. Precisamos nos encontrar.
Nossa história ficou inacabada...*

Engano seu, pensou ela, invadida por uma onda de pânico. Em seguida, pegou Maddie no colo e se dirigiu à cozinha. Abriu uma gaveta onde guardava um bloco de anotações, itens de correspondência e selos. Retirando o que necessitava, retornou à sala de televisão para escrever uma breve nota.

Prezado Stan,

Por favor, não me escreva mais e nem tente entrar em contato comigo de alguma forma. E não me procure. Nosso relacionamento acabou. Tudo que existia entre nós terminou há muito tempo. Boa sorte em sua nova vida, mas não faço parte dela.

Atenciosamente,

Katherine

Releu o bilhete para se certificar de que a mensagem estava clara. Juntando a carta de Stan e a dela em um único envelope, endereçou-o e colou o selo. Erguendo Maddie mais uma vez no colo, saiu de casa e colocou a carta na caixa de correio. Não queria qualquer remanescente de Stan em sua casa. Ou vida.

CAPÍTULO 16

Quem disse que é impossível lutar contra a Mãe Natureza no que se relaciona à estatura, nunca subiu em um salto de 7 cm.

TRINA CHEGOU ao escritório na manhã de segunda-feira para se deparar com uma fisionomia nova e simpática na mesa da recepção.

– Olá, sou Amelia Parker – disse a mulher, com um acentuado sotaque sulista que nenhuma universidade setentrional conseguiu modificar. Ela se ergueu e estendeu a mão. – Sou funcionária volante temporária da Bellagio. Se precisar de mim, é só me dizer em que posso ajudar.

– Obrigada – Trina agradeceu, aceitando a mão estendida de Amelia.

– Fiz café e, se puder me dizer por onde quer que eu comece, estou às ordens – disse a funcionária com um sorriso.

– Despachei os projetos de publicidade da apresentação de Sal em Nova York. Gostaria que verificasse os e-mails de resposta. Não sei ao certo o que Dora tinha em seu computador, portanto, lhe enviarei a lista do meu. Depois, há uma instituição beneficente para a qual a Bellagio pretende doar sapatos. São mulheres que sofreram maus-tratos e estão procurando emprego. Marc Waterson fará uma apresentação em Washington, D.C. Estou trabalhando com a instituição beneficente para fazer um comunicado conjunto à imprensa. Acha que pode rascunhar algum informe nesse sentido, se lhe passar os fatos?

– Claro – Amelia respondeu. – Trabalhei no Departamento de Marketing por algum tempo e fiz esse tipo de tarefa.

Educada. Nenhuma gíria. A jovem era um pouco rechonchuda, com uma pele branca perfeita, embora fora de moda, que nunca conseguiria bronzear. Usava um suéter feminino rosa e uma saia. Solícita, alegre, sem nenhum traço de amargura. Trina sentiu as terminações nervosas relaxarem.

– Ótimo – disse ela. – E muito obrigada pelo café. – Trina se encaminhou ao próprio escritório, extasiada por não sentir mais nenhuma energia negativa vinda da área de recepção.

Após orientar Amelia, começou a trabalhar nos próprios projetos. Como parte do lançamento da linha de calçados esportivos, queria sortear ao vivo um par de calçados Bellagio para a plateia de um programa de televisão. Claro que Oprah encabeçava a lista, mas pesquisaria outros. Estava ocupada com um telefonema sobre a publicidade para a apresentação na cidade de Nova York, quando Amelia surgiu na soleira da porta, com um bilhete virado na direção de Trina, onde se lia:

O sr. Alfredo Bellagio está aguardando na linha dois.

Surpresa, Trina apressou-se em finalizar a ligação e atendeu a linha dois.

– Trina Roberts, em que posso ajudá-lo? – perguntou, imaginando por que o presidente da empresa havia lhe telefonado. O sr. Bellagio nunca a contatara sem intermediários.

– Trina, é Alfredo Bellagio – disse ele. Embora o sotaque do sr. Bellagio sempre a remetesse a *O poderoso chefão*, obrigou-se a lembrar que o presidente da empresa era um homem justo e, quando cometia um erro, tentava repará-lo. – Como vai?

– Bem, obrigada. E o senhor?

– Estou bem. E como vai sua *bambina*?

– Um doce e crescendo rápido.

– Fico feliz em saber. – Alfredo deixou escapar um suspiro. – Gostaria de conversar com você sobre algumas questões. Podemos jantar juntos?

Que questões? Trina sentiu o nó da ansiedade se formando em seu peito.

– Estou com a maior parte das noites livres, preciso apenas que me avise com um pouco de antecedência para providenciar alguém que tome conta de Maddie.

– Está bem. Que tal terça ou quinta-feira? – perguntou ele.

– Qualquer dos dois dias está bem para mim.
– Ótimo. Eu a avisarei quando escolher. Tenha um bom-dia, sim?
– Sim, senhor. Obrigada e tenha um bom-dia, também – disse Trina, antes de desligar, com a testa franzida. O que aquilo significaria?, imaginou, ansiosa. Após remoer aquele telefonema por mais meia hora, decidiu afastá-lo da mente. Não descobriria até que fossem jantar.

A secretária do sr. Bellagio retornou a ligação para confirmar o jantar para a noite de terça-feira, às 18h em um restaurante próximo à empresa. Trina ligou para a jovem que costumava tomar conta de Maddie quando tinha de sair, mas ela estava ocupada naquela noite. Decidiu tentar Danielle, através de Walker. Deixaria Aubrey como última opção porque sabia que a presença da mãe só a deixaria ainda mais nervosa.

– Oi, Trina – Walker cumprimentou do outro lado da linha.

Ignorando a reação física imediata ao som da voz grave, ela se focou no assunto em questão.

– Surgiu um compromisso e preciso de alguém que tome conta de Maddie amanhã. Pode perguntar se Danielle está disponível?

– Claro. Para que horas precisará?

– O jantar será às 18h. Portanto, 17h30 está ótimo.

– Jantar? – repetiu ele.

– Sim, por quê?

– Perguntei por curiosidade. Tenho planos para jantar, também. Com o todo-poderoso Bellagio em um restaurante italiano, próximo à empresa.

Trina estacou, surpresa.

– Hmm. Ele também me convidou. Fico imaginando quem mais vai estar presente nesse jantar.

– Talvez ele esteja pensando em um novo produto ou promoção e quer nosso apoio.

– Alfredo Bellagio costuma pedir a colaboração de seus vice-presidentes – retrucou ela, dando de ombros. – Talvez tenha razão. Então, acho que encontrarei você e o sr. Bellagio na noite de terça-feira. Por favor, peça a Danielle para me ligar, confirmando.

– Farei isso. Só por curiosidade – acrescentou ele. – Marcou algum compromisso para outra noite desta semana?

Trina demorou algum tempo para captar o significado da pergunta.

– Oh, está se referindo a algum encontro romântico? – A pergunta direta a irritou, ainda mais após aquele interlúdio, próximo ao lago. Em uma hora,

Walker a estava beijando e em outra a empurrando para os braços de outro homem. Trina franziu a testa. – Acho que não estou progredindo na velocidade que você deseja. Sei que quer aplacar seu sentimento de culpa em relação a Maddie, mas tenho coisas mais importantes a fazer. Gostaria que parasse de me pressionar...

– Não a estou pressionando – interrompeu ele. – E nem a estimulando. Estava apenas curioso. Direi a Danielle para lhe telefonar. Vejo-a amanhã, à noite.

Confusa, Trina afastou o fone do ouvido e o observou por um longo instante. O irritante sinal de ocupado a tirou do transe.

– Que estranho! – resmungou, enquanto pousava o fone. – Isso é muito esquisito.

No entanto, algo que não lhe pareceu nem um pouco esquisito foi o desempenho de Amelia no trabalho. A jovem ocupou o cargo de Dora e, ao final da tarde, tinha todas as tarefas concluídas.

– Obrigada. Fez um excelente trabalho – Trina elogiou, enquanto etiquetava algumas pastas. – Fico surpresa que a Bellagio não lhe tenha proposto uma posição permanente.

– Oh, eles me ofereceram – Amelia retrucou. – Mas estou noiva e não seria justo deixar de informar à empresa que não planejo permanecer em Atlanta se meu noivo arranjar emprego em outra cidade. Preciso estar disponível para acompanhá-lo.

Trina anuiu, experimentando uma pontada de desapontamento. Amelia poderia lhe facilitar a vida.

– Quando vai se casar?

– Não sei. William está fazendo uma carreira promissora em vendas. Ele me disse que precisamos estar preparados para a próxima promoção e transferência. Meu noivo está determinado a ser um sucesso e eu o acompanharei seja para onde for. – Amelia fez uma pausa. – William e eu ficaremos juntos para sempre. É nosso destino. – Ela sorriu. – Ele me pediu em casamento quando estava no quinto ano e eu no quarto. Desde então, estamos juntos.

Trina encarou a funcionária, com expressão incrédula.

– Estão juntos durante todo esse tempo?

As bochechas de Amelia se tornaram rubras.

– Oh, não *juntos* nesse sentido – disse ela. – Mas sempre soubemos que queríamos passar a vida juntos. – Amelia suspirou. – Com tantos

casamentos acabando antes de completarem um ano, é difícil para a maioria das pessoas entender nossa história. Temos muita sorte no amor.

Embora a ideia de encontrar a cara-metade no ensino fundamental lhe parecesse improvável, a sinceridade de Amelia mexeu com uma parte de Trina. A parte que acreditara na história de amor da Cinderela e que fantasiara ser resgatada da casa da mãe por um motoqueiro rebelde. A mesma que a metera em confusão com Stan quando tinha apenas 19 anos.

Ainda assim, não seria maravilhoso, pensou, se o amor tivesse a mesma simplicidade para ela? Trina experimentou uma pontada de inveja.

– É algo muito raro – disse ela. – Você está certa. Os dois têm muita sorte no amor.

– Eu sei – Amelia disse.

– Mas se William mudar os planos profissionais, é só me avisar.

NA NOITE seguinte, Trina lançou mão do vestido preto mais circunspecto que possuía e calçou um sapato de salto alto Bellagio. Queria projetar uma imagem de sofisticação e confiança. No entanto, Maddie lhe destruiu a intenção em tempo recorde. Com a boca cheia, soltou uma daquelas risadas gorgolejantes e lhe salpicou toda a parte da frente do vestido de papinha de maçã.

O que implicou na troca por outro modelo preto, menos composto, que a obrigou a recorrer a uma cinta modeladora. Não haveria lugar para massa naquela noite, pensou ela, frustrada, enquanto se encaminhava para atender à porta, quando a campainha tocou.

BJ assobiou baixo e Danielle anuiu em aprovação.

– Você é uma mamãe sexy – BJ disse. – Vai deixar os homens babando.

– Talvez seja melhor mudar de roupa, já que se trata de um jantar de negócios – Trina retrucou, mordendo lábio inferior.

– Não – Danielle interveio, enquanto adentrava no saguão com BJ. – Li em uma revista que o mundo dos negócios ainda é dominado pelos homens, portanto, as mulheres devem usar todas as armas disponíveis.

Embora Trina não costumasse pautar a própria conduta pelos conselhos de revistas femininas, não poderia contradizer aquela afirmação. Além do mais, estava lidando com um italiano.

– Está bem. Ficarei com este, mas vou levar um suéter.

– Alguma recomendação especial para a pequenina? – BJ quis saber.

– Podem colocá-la para dormir entre 20h e 20h30. Ela já foi alimentada e tomou banho. Às vezes, Maddie estranha pessoas que não conhece, portanto, deixei uma caixa de biscoito em formato de bichos. Costuma funcionar como um elixir mágico.

Danielle sorriu.

– Para minha irmã caçula, bastar dar cereais em formato de argola.

– Eu também os tenho. É outra opção. Se tiver qualquer pergunta ou problema, por favor, não hesite em telefonar para o meu celular – Trina disse.

Dez minutos mais tarde, saiu de casa, munida do suéter, da bolsa e desejando saber o propósito daquele jantar. Como poderia se preparar, se desconhecia o motivo que levara Alfredo a marcar aquele encontro? Aquilo a inquietou e preocupou durante todo o trajeto até o restaurante, mas Trina tratou de se recompor, enquanto permitia que o manobrista estacionasse o carro.

Ao entrar no sofisticado restaurante italiano, comunicou a reserva à recepcionista e foi guiada à mesa onde Walker estava sentado.

Ao vê-la, ele se ergueu de imediato, com uma aparência estonteante e relaxada. Trina invejou a última e se ressentiu da primeira. Também não a agradou a agitação que a figura alta e imponente lhe provocou no íntimo. Não seria interessante se distrair quando teria de lidar com o presidente da empresa onde trabalhava.

– Uau! Você está muito sexy – disse ele, medindo-a de cima a baixo com olhar de aprovação.

– Não. Não estou – Trina retrucou. – Estou parecendo profissional e confiável. Tive de trocar minha primeira opção de roupa, porque Maddie espirrou papinha de maçã e mingau de aveia no meu vestido.

– Oh! – disse ele, enquanto empurrava a cadeira para ela se sentar. – Acho que eu não deveria acrescentar a palavra “apetitosa” e dizer que essa segunda opção ficou ótima.

– Isso mesmo. Não deveria. – E voltando-se para o garçom, pediu a marca de vinho que costumava beber e um taça do vinho de preferência do sr. Bellagio. Em seguida, deixou escapar um profundo suspiro.

– Cerveja – Walker pediu. – Qualquer marca, desde que seja na pressão.

– Ficaria mais tranquila se soubesse por que estamos aqui.

– Como fomos convidados para jantar, não deve ser nada desagradável. É bem menos oneroso demitir alguém durante o expediente. De preferência,

ao final do dia. Assim, o funcionário já completou a jornada de trabalho. Basta dizer que limpem a mesa e que não precisam voltar.

Trina experimentou uma pontada de apreensão no peito. Não queria ser demitida. Não queria deixar a Bellagio.

– Parece ter experiência no assunto.

– Suficiente – Walker retrucou, cobrindo-lhe a mão com a dele. – Ele não a demitirá. E se o fizer, minha empresa, assim como dezenas de outras, a contratará sem hesitar.

Trina inspirou fundo.

– Não quero fazer nenhuma grande mudança em minha vida no momento – disse ela. – Gosto da minha casa. Adoro ter uma creche no mesmo prédio onde trabalho. As funcionárias amam Maddie.

– Acredite em mim. Alfredo não a demitirá – afirmou ele. – Deveria relaxar. Este restaurante serve pratos excelentes e você não pagará um centavo por eles.

– Não posso comer massa com este vestido – sibilou ela.

O garçom retornou com as bebidas e Trina tomou um grande gole do vinho.

– Beba – Walker estimulou. – Aí vem Alfredo.

O pânico que a atingiu quase a fez se engasgar com o vinho. Ela girou a cabeça, engolindo em seco.

– Trina, Walker! – Alfredo os saudou com seu vozeirão, enquanto se encaminhava à mesa. – Agradeço terem aceitado o convite para jantar comigo.

Walker se ergueu e Trina fez o mesmo.

– Eu não perderia essa oportunidade por nada – Walker disse.

– Sinto-me honrada com o convite – ofereceu ela, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

O pançudo presidente da Bellagio podia ser baixo em estatura, mas possuía a personalidade e a postura de um gigante. Alfredo a deixou perplexa puxando-a para um abraço apertado.

– Dispensemos as formalidades. Somos como uma família.

O sr. Bellagio ocupou o assento onde se encontrava a taça de seu vinho preferido e a ergueu aos lábios.

– Meu favorito – disse ele, com um sorriso largo. – Qual dos dois o pediu?

– Trina – Walker se apressou em dizer. – Atenta como sempre – acrescentou.

– Garota esperta – Alfredo elogiou desferindo uma cotovelada discreta em Walker. – Esperta e bonita. Digam-me, o que acharam do casamento de Marc e Jenny? Eles nos pregaram uma peça.

– É difícil nos ressentirmos, depois da excelente festa que nos proporcionaram – Trina retrucou, imaginando quando teriam fim as amenidades e seria revelada a verdadeira motivação daquele jantar.

– Marc foi esperto em sequestrar a noiva agastada – Alfredo disse, com um gesto afirmativo de cabeça, enquanto erguia a taça.

– Deve ser fácil quando a noiva quer ser sequestrada – Walker comentou, arriscando um olhar a Trina.

– É verdade. Tem razão – concordou o presidente da Bellagio. – Mas o casamento faz bem ao homem. E os filhos dão sentido à vida. São nossa descendência.

Naquele momento, o garçom se aproximou da mesa poupando-os de uma resposta.

Trina optou por peixe e disse a si mesma para seguir a sugestão de Walker e aproveitar o jantar, mas se descobriu sentada na beirada da cadeira, aguardando o que estava por vir.

E teve de esperar.

Enquanto lhes eram servidos o pão, a salada e o prato principal, Alfredo saltava de um assunto para o outro. Perguntou sobre Maddie e quis saber se Walker estava feliz em ter retornado aos Estados Unidos. Walker contou sobre algumas breves viagens que fizera à Itália, enquanto morava na França.

Trina resistiu ao impulso de tamborilar com os dedos sobre a mesa e dizer: “Podemos ir direto ao ponto, por favor?”

Quando o garçom perguntou se desejavam sobremesa, ela recusou, mas Alfredo insistiu que pedisse alguma opção do cardápio.

– Está bem. Um *tiramisù* então, mas gostaria de dividir com vocês – Trina disse. – Portanto, traga dois garfos extras, por favor.

– Essa é a ideia. Dividir – Alfredo disparou, antes de pedir uma xícara de café.

A conversa cessou após o garçom se afastar e Trina relanceou um olhar a Walker, cuja expressão refletia a mesma expectativa que a inquietava.

Alfredo deixou escapar um suspiro e uniu as mãos sobre a mesa.

– Devem estar imaginando por que os convidei para jantar esta noite – disse ele.

Trina sorriu, fazendo que sim com a cabeça, controlando-se para não lhe apertar o pescoço e exigir que desembuchasse de uma vez.

Walker soltou uma risada abafada.

– Além do prazer de nossa companhia?

Alfredo sorriu da piada, mas logo fechou o semblante.

– É um assunto delicado de se abordar. Minha esposa insistiu que não me dizia respeito, mas os vejo como membros da família. Passamos por momentos difíceis e gloriosos da Bellagio. Os dois sempre foram leais à empresa. – *Poderia me dar uma dica de onde quer chegar?*, pensou Trina conseguindo conjurar um sorriso encorajador. Alfredo suspirou outra vez e fez que sim com a cabeça. – A família é o que existe de mais importante no mundo e um filho, mesmo enquanto bebê, necessita da mãe e do pai. – E...? Alfredo estreitou o olhar e o fixou em Walker. – Chegou ao meu conhecimento que você é o pai da filha de Trina.

Danação!

Trina tinha certeza de que o queixo havia despencado sobre os joelhos... ao mesmo tempo em que a garganta se fechava impedindo-a até mesmo de respirar.

Observou a expressão de Walker, que, por um breve instante, refletiu surpresa, mas logo se recompôs.

– Tem razão.

Alfredo comprimiu os lábios.

– Repito: sei que não é da minha conta, mas tenho grande apreço pelos dois. Sei também que iria se casar com Brooke e não quero que veja isso como um empecilho para desposar Trina.

Agora a impressão era de que o queixo havia tombado para os pés. Trina não conseguia acreditar que Alfredo estava sugerindo... tinha de cortá-lo, antes que a situação se tornasse ainda mais ridícula. Tomando coragem, clareou a garganta.

– Walker foi muito generoso, embora Maddie não tenha sido planejada. Insistiu em lhe dar suporte financeiro.

Alfredo anuiu.

– Como um bom pai faria. Embora não tenha sido planejada, sua filha merece uma família. Se fossem italianos, estariam casados.

Trina tossiu para dissipar a sensação constritiva na garganta.

– Sempre admirei a estabilidade de seu casamento, sr. Bellagio, mas também testemunhei os efeitos da união de um casal que não se amava e

que tinha brigas incessantes. Walker e eu não temos o tipo de relacionamento que serviria de base a um casamento sólido.

Alfredo inclinou a cabeça para o lado.

– Garanto-lhes que o casamento é uma negociação interminável – disse ele, gesticulando com uma das mãos. – Até mesmo depois de tantos anos de casados, eu e minha esposa negociamos pelo menos uma vez por semana. Ora sobre o que comer no jantar, ora sobre meus charutos, ora as compras que ela faz... e até sobre minha mãe. *Capisca?* – Ele exibiu um sorriso largo. – Basta manter as negociações amenas e lembrar que estamos lidando com alguém que nos é caro.

O garçom chegou com o *tiramisù* e o café.

Trina não fazia a menor ideia de como conseguiria engolir o mínimo pedaço da iguaria italiana, mas ainda assim ergueu um dos garfos para ocupar a mão. Em seguida, dirigiu o olhar a Walker e o encontrou a observando.

– Espero que levem em consideração meu conselho. Um filho é a coisa mais importante do mundo. Portanto, passem algum tempo juntos. Saia com a mãe de sua filha e lhe proporcione bons momentos – disse ele a Walker. – Sejam agradáveis um com o outro.

Um silêncio constrangedor se seguiu. Walker alternou o olhar entre os dois.

– Acho que é um excelente conselho e planejo acatá-lo.

Trina pousou o garfo.

CAPÍTULO 17

– **P**ERDEU O júízo? – Trina perguntou a Walker, quando ele a acompanhava até o carro.

– Ele apresentou bons argumentos – Walker respondeu.

– Para cometermos uma insanidade? – Trina questionou. – Você deixou bem claro que não queria se casar comigo e que não desejava ser pai.

– Tem de admitir que nossa situação é confusa. Acho que sob toda aquela camada de chauvinismo sobre a importância da família, Alfredo tem razão. Nem ao menos tentamos nos entender.

Trina cruzou os braços sobre o peito.

– Talvez haja uma excelente razão para isso, já que detesta crianças.

– Não detesto crianças. Apenas não queria ter filhos por não desejar dar continuidade ao legado do meu pai.

– O que nos leva à mesma questão de sempre. Maddie – Trina disse.

– Acho que deveríamos começar a namorar.

– Por quê? Porque tem medo de perder a conta da Bellagio? – A possibilidade foi atirada como uma isca para ver se ele a morderia. No silêncio que se seguiu, as suspeitas de Trina cresceram de maneira exponencial. – Essa é a questão. Não quer namorar comigo por desejar de fato. É apenas parte do jogo. Não quer perder a conta da Bellagio.

Desgostosa, ela virou de costas e destrancou o carro, mas ele e impediu de entrar, espalmando uma das mãos na porta.

– Não consigo acertar quando se trata de você. Por que não podemos simplesmente começar a sair? – Ele suspirou. – Tentar nos conhecer melhor? Dar-nos outra chance?

– Além de sua atitude para com Maddie? – perguntou ela.

– Isso não é justo. Disse-me que não colocaria Maddie em contato com nenhum homem, antes de se certificar de que ele serviria para você. Por que não tenta descobrir se sou esse homem? Está com medo de tentar?

Sim, aterrorizada.

– E se eu descobrir que é o homem certo para mim e você continuar não querendo ser presente na vida de Maddie?

– Está disposta a correr esse risco com homens desconhecidos, portanto, deveria fazer o mesmo comigo.

O pavor rastejou no íntimo de Trina como uma serpente venenosa. E se descobrisse que nutria sentimentos profundos por Walker? Do tipo que nunca sentira antes. E se ela se apaixonasse por Walker e não fosse correspondida? E quanto a Maddie?

Trina sentiu a mão longa em seu ombro e fechou os olhos.

– O problema é que nunca tive a chance de conhecê-la de fato. Fiz sexo com você, mas não sei qual a sua flor preferida. Sei que gosta de sorvete de chocolate, mas não tenho a menor ideia do seu doce, lugar, filme ou música favoritos. O que a faz rir? Não tenho conhecimento de nada disso, mas gostaria de ter.

– Margaridas, amendoim com cobertura de chocolate, minha Jacuzzi rodeada de velas, *Thelma e Louise* ou *A bela e a fera*, dependendo do meu humor, Aerosmith, os rapazes do *Blue Collar Tour* – disse ela, girando para lhe encontrar o olhar. – Demorou menos de 60 segundos.

Quando o olhou nos olhos, Trina captou sentimentos que a incomodaram: determinação, interesse e mais um pouco de determinação.

– Aceite meu convite para sair na noite de sexta-feira – disse ele.

– Onde vamos?

– Deixe-me pensar.

– Mas como devo me vestir?

– Eu lhe direi na quinta-feira. Vou buscá-la na sexta-feira, às 18h30. – Walker abriu a porta do carro e ela escorregou para trás do volante.

– Pensou em como explicar que Maddie é sua filha quando a notícia se espalhar? – Trina perguntou. – Se o sr. Bellagio sabe, então outras pessoas também devem saber. Um dia, terá de contar à sua família e eu, Deus me ajude, terei de revelar sua identidade à minha mãe.

– Sobrevivi a um abandono no altar, diante de todo o país. Ficaria surpresa com o quanto posso suportar – Walker respondeu.

Trina sabia que estava diante de um homem forte e corajoso. Sempre admirara aquelas qualidades em Walker. Mas também sabia que a Kryptonita daquele homem pesava menos de 9 kg e mal engatinhava, quanto mais falava, embora tivesse o poder de fazê-lo suar frio.

TRINA PASSOU o resto da semana focada no trabalho e em Maddie. Todos os dias Amelia a recebia com uma xícara de café e palavras gentis, seguidas de muita eficiência.

Enquanto revisava a descrição do trabalho de uma assistente de Relações Públicas, descobriu-se desejando acrescentar: “Tem de ser gentil e saber fazer café”. Ao passar pelo Departamento de Pessoal, parou para conversar com a diretora.

– Gostaria de manter minha assistente temporária – disse ela.

A mulher sorriu.

– Todos querem ficar com Amelia, mas estou certa de que ela lhe disse que não seria justo se comprometer com um trabalho fixo quando precisa estar pronta para se mudar da cidade a qualquer momento.

– Não há nada que possamos fazer para fazê-la reconsiderar? – Trina perguntou.

– Nós lhe oferecemos tudo, desde calçados Bellagio grátis a uma viagem ao Taiti – informou a diretora. – É difícil aceitar, mas ela é aquele tipo de pessoa que não pode ser comprada ou subornada.

Trina gemeu.

– Por que ela trabalhou em diversos departamentos?

– Amelia tem uma incrível capacidade de adaptação. Costumamos encaixá-la quando algum colaborador se demite, é demitido ou tem alguma emergência médica.

– Então, eu a herdei porque Dora se demitiu sem aviso prévio – Trina concluiu.

– Exato. O chefe do departamento onde ela estava trabalhando antes me telefonou requisitando-a de volta.

– Bem, obrigada por tê-la mantido em meu setor – Trina agradeceu, contrariada com o fato de terem tentado lhe tomar a assistente.

– Não conseguirei mantê-la em seu departamento por muito tempo – a diretora de Recursos Humanos disse. – Se alguém se demitir ou for demitido e Amelia ainda estiver trabalhando na empresa, será realocada.

Trina anuiu, desanimada, mas estacou diante de um pensamento repentino.

– Quais são suas flores favoritas?

A diretora de Recursos Humanos se limitou a soltar uma risada.

Trina retornou ao seu escritório para se reunir com o supervisor, Ben Ferguson. Ele lhe deu a excelente notícia que um novo cargo, além daquele de assistente geral, havia sido aprovado para o Departamento de Relações Públicas. Os dois esboçaram rapidamente as funções do novo cargo, e concordaram que a pessoa que o ocupasse ficaria incumbida da maioria das atribuições, que incluíam viagens.

Trina ficou tão eufórica que fechou a porta do escritório e arriscou passos de dança sobre mesa.

No meio da coreografia improvisada, a porta se abriu e Ben a surpreendeu. O supervisor a observou, estupefato, por um longo instante.

Trina relanceou o olhar a um quadro pendurado próximo à mesa e soprou o pó acumulado na moldura.

– O pessoal da limpeza sempre negligencia esses detalhes – disse com um sorriso, enquanto descia da mesa.

– Uh... queria apenas lhe dizer que recebemos sinal verde para contratar, portanto, pode solicitar ao Departamento de Recursos Humanos para começar a procurar dentro e fora da empresa imediatamente.

– Obrigada – Trina disse. – Farei isso.

– Você está bem? – perguntou o supervisor.

– Não poderia estar melhor. E você?

– Estou bem – respondeu ele. – Mantenha o foco no trabalho.

Trina executou uma breve continência.

– Farei isso.

NA TARDE de sexta-feira, Walker lhe deixou uma mensagem a caixa postal, com instruções para “se vestir para matar”. Sugeriu calça jeans justa, uma blusa ousada e sapatos Bellagio de salto alto.

Trina franziu a testa diante da mensagem. Os únicos jeans justos que possuía eram aqueles que não lhe possibilitavam fechar o zíper. Além do mais, não sabia onde estavam suas blusas sensuais. Ela as havia encaixotado aos seis meses de gestação e não as tirara das caixas desde que se mudara.

Na noite de sexta-feira, BJ deixou Danielle na casa de Trina e foi comprar uma pizza.

– Como está se sentindo? – Trina perguntou à gestante.

– Enorme. Quando acho que não posso aumentar mais, me surpreendo com mais alguns centímetros – respondeu a cunhada de Walker, se deixando afundar no sofá e se inclinando para rolar uma bola sonora na direção de Maddie.

– Sabe que nas últimas semanas o bebê ganha peso, certo? – Trina perguntou, vasculhando uma caixa com blusas que não usava há uma eternidade.

– Sim. Mas isso significa que meu bebê pesará 9 kg?

Trina sorriu.

– Bem, Walker me contou que os Gordon costumam nascer pesados.

– Isso significa que é tarde demais para encomendar um modelo de número menor? – Danielle perguntou.

– Acho que sim – Trina ergueu uma blusa frente-única solta, com contas na parte inferior do busto. – Estou imaginando se ainda consigo entrar nisto.

– Seria perfeita para esta noite. Acho que devia usá-la com um jeans justo e um sapato de salto alto – Danielle sugeriu.

Trina girou para fitá-la.

– Como sabe o que devo usar?

Danielle exibiu um sorriso tímido.

– Porque sei onde Walker a levará esta noite.

– Onde?

Danielle fez que não com a cabeça.

– Não posso lhe contar. Jurei guardar segredo.

– Não está me ajudando – Trina protestou.

– Basta se vestir como uma roqueira sexy e se encaixará com perfeição ao ambiente.

Trina fez um movimento negativo de cabeça.

– Não posso imaginar onde ele me levará, já que não estamos no Dia das Bruxas.

– Não no calendário. É tudo que posso dizer. Logo, BJ estará de volta. Precisa se arrumar. Vá. Ficarei aqui com Maddie.

Trina escolheu três blusas e duas calças jeans, antes de subir. Com a ajuda de uma *lingerie* que a fazia se sentir como se tivesse sido engolida por

uma pítón, conseguiu fechar o zíper da calça. Experimentou e descartou as duas primeiras blusas. Após avaliar como ficava a terceira, decidiu-se pela primeira. Uma peça de cor verde, ajustada no busto, mas solta sobre o abdome e os quadris.

Após calçar um par de sapatos de couro verde da Bellagio, avaliou a própria imagem no espelho, antes de aplicar sombra, delineador e rímel nos olhos.

– Muito exagerado – resmungou diminuindo a quantidade de sombra. A campainha tocou e ela reconheceu a voz de Walker. Sentiu o coração saltar dentro do peito, o que era uma bobagem. Os dois se conheciam há muito tempo. Não havia motivo para nervosismo, disse a si mesma, enquanto borrifava algumas gotas de perfume sob as orelhas. A campainha tocou de novo e a voz de BJ soou no andar térreo. *Dessa vez, sem acrobacias cardíacas*, uma vozinha demoníaca lhe soprou ao ouvido. Trina rangeu os dentes para a imagem que o espelho lhe devolvia, antes de colocar um par de brincos pingentes.

Sem nada que a ajudasse a protelar a descida, apagou a luz e deixou o quarto.

Encaminhou-se à cozinha para encontrar Maddie sentada na cadeira alta de bebê, pegando argolinhas de cereais de um prato com extrema deliberação, enquanto BJ e Danielle comiam pizza.

Ao se deparar com ela, BJ fingiu se engasgar.

Walker, trajando uma jaqueta de couro, calça jeans desbotada e uma camiseta preta, estava parado ao lado da cadeira de Maddie, com uma caixa de cereais na mão.

– Em publicidade, temos de nos manter focados nos objetivos da empresa e, às vezes, prover novos objetivos aos nossos clientes para que... – Ao pousar o olhar em Trina, calou-se no meio da frase. Os olhos castanho-esverdeados a percorrendo de cima a baixo mais uma vez.

Trina não pôde conter a sensação de prazer. Walker quase nunca se via sem palavras.

– Que acha disso? – perguntou ela, dirigindo o olhar à filha. – Está no mesmo ambiente que Maddie e ela não chorou.

Walker sacudiu a caixa de cereais.

– Ela começou a fazer beicinho, portanto, tive de recorrer ao suborno mais uma vez.

BJ soltou uma risada baixa.

– Walker não tem jeito com bebês. Da mesma forma que os cães. Eles farejam seu medo. Talvez meu irmão melhore quando nosso bebê nascer e ele puder brincar de tio. – E mordendo um outro pedaço de pizza: – Tenho de admitir que nunca o imaginei namorando uma mulher que tivesse um bebê, mas posso entender por que abriu uma exceção. Essa mamãe é muito sexy.

Danielle lhe socou o braço.

– Você a está deixando constrangida.

BJ se mostrou arrependido.

– Desculpe, quis apenas fazer um elogio.

– Obrigada – Trina agradeceu, focando o olhar na orelha de Walker em vez de fitá-lo nos olhos, por necessitar de um ponto neutro.

– Está pronto?

– Claro – respondeu ele. Os dois se encaminharam à porta, que Walker se apressou em abrir. – Mamãe sexy – repetiu em voz baixa.

Trina lhe relanceou o olhar.

– Muito engraçadinho! – Walker fechou a porta. – Pelo que vejo, ainda não contou a BJ sobre Maddie.

– Ainda não. Ele está em um momento de mudanças radicais. Quero escolher um momento em que a notícia não lhe cause tanto impacto.

– Acha de fato que esse momento existe? – perguntou ela, encaminhando-se ao carro de Walker.

– Não quero frustrar as aspirações de BJ em tentar ser um bom pai e marido.

Trina digeriu aquela resposta. Apesar de crer que os homens Gordon eram péssimos pais, Walker estava se esforçando em ajudar o irmão a assumir aquele papel.

Imaginou por que Walker julgava ser possível com BJ e não com ele. Ou talvez fosse apenas uma questão de não querer ser pai.

Quando entraram no carro, Walker girou na direção dela.

– Não sei o que está pensando, mas tenho certeza que não é nada agradável. Quero apenas que reflita sobre o seguinte: teve nove meses para se acostumar à ideia de ter uma filha. E deu-me menos de cinco minutos.

CAPÍTULO 18

T EVE NOVE meses para se acostumar à ideia de ter uma filha. E deu-me menos de cinco minutos. As palavras de Walker reverberaram na mente de Trina durante todo o trajeto até o local onde ele a levaria. O que se revelou uma churrascaria, se é que se podia chamar assim. Era mais uma área com mesas de piquenique, que os moradores locais diziam ser a melhor.

– O melhor churrasco da Geórgia – disse ela, desembulhando o sanduíche e tomando um gole de limonada.

– O melhor churrasco. Ponto. – Walker corrigiu. – Experimentei muitos entre o Texas e a Geórgia, portanto, sei o que estou dizendo.

– Exceto as costeletas – Trina argumentou. – As melhores costeletas de porco assadas que comi foram em uma churrascaria em Myrtle Beach, Carolina do Norte.

– Churrascaria padrão, com garçons e tudo mais? – perguntou ele, mordendo o sanduíche.

Trina anuiu, com a boca cheia.

Walker fez que não com a cabeça.

– Isso é para maricas.

– Não a condene, antes de experimentar – Trina aconselhou com um sorriso.

– Devo interpretar como um convite?

Os olhos castanho-esverdeados encontraram os dela, provocando uma sensação eletrizante que Trina gostaria de creditar ao molho picante do churrasco.

– Veremos.

– Como acabou indo parar em Myrtle Beach? Não imagino Aubrey aprovando essa viagem – disse ele, roubando-lhe uma das batatas fritas.

– E não aprovou. Foi isso que motivou minha viagem. Eu tinha 19 anos e fui com um grupo de amigas, logo depois das provas finais do primeiro ano da faculdade.

– Uma aventura feminina? – Walker quis saber.

Trina deu outra mordida no sanduíche, recordando os tempos de total insanidade.

– Acho que o termo mais apropriado seria “um desvario feminino”. Uma das minhas amigas foi presa por dançar nua na praia. Ela usou uma identidade falsa para entrar em um bar e beber muitos *hurricanes*.

– Aposto que atraiu uma multidão – comentou ele.

– Minha outra amiga foi presa em uma festa, onde estavam servindo *brownies* com drogas.

– Muito bem, e quanto a Carter-Aubrey? – Walker perguntou, se referindo ao nome com que a mãe a chamava.

– Trina – corrigiu ela, com uma careta. – Nada ilegal. Estava ocupada fazendo algo de uma estupidez ímpar, mas que não feria a lei.

– O quê?

Trina fez que não com a cabeça.

– Não lhe contarei.

– Ora, vamos, pode confiar em mim – Walker disse. – Guardarei seu segredo.

Muito constrangedor, pensou ela.

– É como estrias. Não se mostra para ninguém. – Trina fez uma bola com o papel que embrulhava o sanduíche e se ergueu. – Obrigada pelo melhor sanduíche de churrasco que jamais comi.

Walker ergueu o olhar para fitá-la.

– Vai mesmo me deixar em suspense sobre o que fez em Myrtle Beach?

– Conte-lhe os detalhes interessantes. Minhas amigas eram mais aventureiras do que eu.

Walker se ergueu e inclinou o corpo na direção dela. A boca a milímetros dos lábios carnudos.

– Está mentindo, Carter-Aubrey Katherine, mas não importa. Um dia, descobrirei seu segredo.

Aquela proximidade fez o coração de Trina disparar como se tivesse corrido uma maratona.

– Não ficará sabendo por mim – garantiu ela, mas a rouquidão na própria voz soou sem a determinação necessária.

Walker deixou escapar uma risada baixa, os olhos castanho-esverdeados faiscando com um brilho perigoso.

– Oh, querida, você acaba de me propor um desafio.

– Não é verdade – Trina se apressou em argumentar. – Disse apenas...

Mas ele lhe tocou o lábio inferior com o polegar, sequestrando-lhe o ar e as palavras.

– Não se preocupe. Não vai doer nada – provocou ele, baixando a mão para espalmá-la na base da espinha de Trina. – Venha, está na hora de partir para a parte B de nosso encontro.

– E qual é a parte B?

– Verá em breve.

Walker dirigiu até um bar no extremo da cidade. Guiou-a para dentro de um lugar, onde um homem trajado como Alice Cooper verificava as identidades. O som estridente do rock pesado vibrava das paredes pintadas de preto. Retroiluminação esporádica e lâmpadas de lava eram as únicas concessões à luminosidade no ambiente imerso na penumbra.

– O que é isso? – Trina perguntou, observando alguns homens de cabelo longo vestido com roupas de elastano.

– Trata-se de uma noite de representação de bandas de rock famosas, como Kiss, Alice Cooper e Aerosmith. Olhe! Aquele não é um aspirante a Gene Simmons?

Trina desviou o olhar para um homem de cara pintada e cabelo preto espetado, que a todo momento esticava a língua para fora da boca.

– Acho que sim. – Ela observou outro homem, com longo cabelo louro-escuro, trajado com uma calça comprida colada no corpo. – David Lee Roth?

Walker lhe envolveu os quadris com um dos braços e encostou os lábios na orelha de Trina.

– Sim. Não olhe agora, mas lá vem a Madonna.

Trina ofegou diante da mulher rechonchuda, com cabelo platinado, que conseguira aprisionar os seios abundantes em um bustiê com os bojos em forma de cone.

– Detestaria estar por perto se o fecho daquela ali arrebesse – Walker murmurou.

Trina não pôde conter uma risada, ao mesmo tempo que fingia lhe socar o ombro.

– Você é muito mau! Por que diabos me trouxe aqui?

– Não é um lugar monótono, certo? – Walker perguntou, olhando ao redor. – Olhe, o garoto dos seus sonhos.

Um sósia de Steven Tyler, com longo cabelo castanho, corpo quase esquelético e lábios carnudos, piscou para Trina ao passar. Ela experimentou um frisson residual, daqueles que costumava sentir quando cursava o ensino médio.

– Então esse é o garoto dos seus sonhos?

– Era, há 15 anos – retrucou ela. – É como estar em um circo, mas ainda melhor porque circos não me agradam.

– Que bom! Vamos ver como está a pista de dança. Se é como um circo, deve haver um picadeiro.

Ambos se encaminharam a um salão com mesas por toda a extensão de uma enorme pista de dança, onde uma miríade de pessoas fantasiadas se meneava e tocava guitarras imaginárias.

Walker conseguiu fisgar um garçom.

– Pode nos trazer uma cerveja e uma taça de vinho branco? Obrigado – agradeceu ele, enquanto juntava duas cadeiras para que pudessem se sentar.

Com um dos braços sobre o encosto da cadeira que ela ocupava, Walker se inclinou para perto.

– Muito bem, vamos brincar de adivinhar o nome dos astros de rock de acordo com a fantasia. O vencedor escolhe onde será nosso próximo encontro.

A coxa musculosa pressionada à dela a distraía.

– Próximo encontro? – Trina repetiu.

– Sim, a não ser que esteja disposta a admitir que ganhei e posso planejar nosso próximo encontro.

Uma manobra óbvia para envolvê-la e fazê-la concordar com outro encontro. Mas Trina não conseguiu resistir e apontou para uma mulher de cabelo preto, abaixo da cintura.

– Alanis Morissette. – Ao lado dela, dançava uma outra mulher com cabelo loiro longo e ondulado, com trajes estilo cigano. – Stevie Nicks.

– Cantoras femininas – disse ele, com certo desdém. – Lá está um verdadeiro astro do rock. Mick Jagger.

E assim prosseguiram por uma hora e meia. O volume da música era tão alto que ambos tinham de manter os rostos quase colados para ouvirem o

que o outro dizia.

Trina, Deus lhe abençoasse a alma insana, não achou nada difícil se sentar colada a Walker, trocando opiniões sobre as fantasias.

O DJ agitou a multidão com uma sequência de sucessos do Aerosmith.

– Quer dançar? – Walker perguntou.

Invadida por uma pontada de timidez, Trina fez que não com a cabeça.

– Venha – Walker insistiu, se erguendo.

Trina fez outro movimento negativo de cabeça. O sócia de Steven Tyler, que ela vira pouco antes, passou por onde estavam sentados e Walker lhe segurou o ombro.

– Olá! – disse, apontando na direção de Trina.

– Oh, não! – exclamou ela, sentindo o coração saltar pela boca, enquanto o homem se aproximava.

– Ora, vamos! – estimulou o sócia. – Destruirá minha chance de vencer a disputa se disser não.

De alguma forma, Trina acabou indo parar na pista de dança, se agitando ao som de “Walk This Way”, seguida de “Sweet Emotion”.

O DJ colocou uma balada recente do Aerosmith para acalmar os ânimos.

Walker se aproximou e tocou o ombro do falso Steven Tyler.

– Agora é minha vez.

O roqueiro sorriu e se afastou.

– Isso significa que terei de aplicar enchimento nos lábios para conseguir sua atenção? – perguntou, puxando-a contra o corpo.

Trina soltou uma risada diante da imagem que conjurou na mente e se recostou à estrutura sólida de Walker.

– Não são só os lábios, mas também o charme de garoto rebelde, capaz de interpretar tanto rock pesado quanto baladas românticas.

– Baladas românticas tolas – Walker disse, desgostoso. – E só há uma razão para suportar esse tipo de música.

– E qual é?

– Ter a oportunidade de ficar colado a Carter-Aubrey Katherine, também conhecida como “mamãe sexy” – murmurou ele, capturando-lhe os lábios em beijo ousado, bem no meio da pista de dança.

E ela se entregou.

Após deixarem a boate, Trina inclinou a cabeça contra o encosto do banco do passageiro do carro, imaginando como teria sido aquele encontro se ela e Walker não tivessem compartilhado aquela única noite que mudara

tudo. Era impossível não desejar ser mãe de Maddie, mas não conseguiu deixar de se questionar como o relacionamento entre eles teria evoluído em circunstâncias normais.

– Está muito calada – Walker quebrou o silêncio. – O que está se passando nesse cérebro privilegiado?

– Estava imaginando como seria entre nós se o começo fosse diferente.

– E o que imaginou?

Trina deu de ombros.

– Não sei. Estava pensando se algum dia você teria me convidado para um encontro de verdade. E se haveria um segundo.

– Sim, haveria.

Trina lhe voltou o olhar.

– Como pode ter tanta certeza?

– É óbvio que, de alguma forma, nos desejamos, mesmo que nos recusemos a admitir – respondeu ele. – Não teria sido capaz de fazer sexo com você durante toda a noite de núpcias que eu deveria estar tendo com outra mulher se não a desejasse.

– Para você foi uma espécie de sexo por vingança. Poderia ser comigo ou com qualquer outra. Além do mais, deve ter imaginado Brooke no meu lugar o tempo todo.

– Não me lembro de todos os detalhes daquela noite, mas tenho certeza de que não estava fingindo fazer sexo com Brooke. Querida, pode acreditar que eu estava focado em você, sem nenhuma sombra de dúvida. – Trina foi invadida por uma onda de calor diante da imagem visceral de Walker a penetrando e ajustou um dos difusores de ar no painel do carro para que o ar gelado lhe soprasse o rosto. – E pode não querer admitir, mas você devia estar sentindo mais do que piedade para corresponder daquela forma.

– Nunca lhe disse que não o achava atraente.

– É bom saber disso – Walker retrucou em um tom seco, que tornava aquela arrogância atraente. Estacionou o carro diante da casa de Trina e desligou os faróis.

– Por falar em próximo encontro, já que é óbvio que venci o jogo de adivinhar os nomes dos astros de rock...

– Claro que não ganhou! – retrucou ela. – Eu venci. Deixei-o comendo poeira. Não conseguiu identificar nenhuma das roqueiras, com exceção das Madonnas. E mesmo assim porque elas estavam com bustiês em forma de cone.

Walker soltou uma risada.

– Está bem. Então, pode planejar o próximo encontro. Quando e onde?

Trina entreabriu os lábios e voltou a fechá-los, percebendo que caíra na armadilha.

– Sabe que eu poderia dizer nunca e em nenhum lugar.

Walker se inclinou para perto.

– Mas não faria isso, porque não é uma desmancha-prazeres, certo, Carter-Aubrey Katherine?

Trina lhe dirigiu um olhar furioso.

– Se não parar de me chamar...

– Faça-me calar – desafiou ele. – Sabe como. – Outro desafio. Tão tentador. Trina hesitou. – Carter-Aub...

Antes que Walker concluísse, ela o beijou. Pressionou os lábios aos dele, sentindo-os se entreabrirem para lhe dar acesso à língua quente e macia. Trina não se fez de rogada e a temperatura no interior do carro se elevou a um nível quase incompatível com a vida.

Sentindo as mãos longas se enterrarem em seu cabelo, ela se viu inclinada na direção da ousadia. Algo na forma como aquele homem a tocava lhe acendia todas as tochas escondidas nos recônditos do corpo. O modo como a beijava a fazia desejar dar e receber mais.

Walker recuou alguns centímetros com um movimento negativo da cabeça.

– Outra noite em que terei de tomar um banho gelado. Vamos fazer algo, amanhã, à noite.

Trina negou com a cabeça, lembrando o encontro que marcara no início da semana. De maneira deliberada, decidira combinar aquele encontro para a noite seguinte à que sairia com Walker para se manter no controle.

– Está bem. Então no domingo? O que acha? – Walker a beijou mais uma vez, fazendo-a hesitar. – Diga que sim.

– Está bem – Trina conseguiu conjurar a resposta do nevoeiro de excitação que lhe embaçava a mente. – Domingo.

NA MANHÃ de sábado, Walker acordou e decidiu correr. Quando retornou, encontrou BJ descendo os degraus da escada com a mala do tio Harry.

– Está na minha hora de partir – anunciou o tio. – O médico me deu alta. Disse que eu estou liberado para dirigir.

– Que boa notícia! – Walker respondeu. – Mas não há pressa, se não estiver se sentindo pronto para partir.

Harry sorriu.

– Acho que um pouco de privacidade fará maravilhas com seu estresse no momento.

– Acha mesmo? – Walker perguntou, retribuindo o sorriso do tio. – Sabe de uma coisa? Sentirei falta de brigar com você por roubar minhas cervejas.

– Peguei tudo que restava – Harry disse. – As que encontrei na gaveta da mesa do seu escritório. Talvez seja melhor comprar mais.

Walker soltou uma risada abafada e gesticulou a cabeça em negativa.

– Quer uma carona até em casa?

– Não, BJ vai me levar enquanto Danielle cochila. Acho que ela está tendo dificuldade para dormir. BJ disse que mais tarde os dois vão começar a limpar a casa que planejam alugar. – Walker teve a sensação de ser atingindo por um tsunami de alívio. Por mais que amasse o irmão, aquela convivência diária o estava incomodando. Harry baixou o tom de voz. – Como vão as coisas com Trina?

– Estão indo – Walker respondeu, evasivo, decidindo evitar comentar sobre a miríade de pensamentos e sentimentos que experimentava em relação àquela mulher.

Harry suspirou.

– Bem, tente não estragar tudo.

– Obrigado pelo voto de confiança – Walker agradeceu, sarcástico.

– Ora, sabe que acho você e seus irmãos a única herança positiva que o cafajeste do meu irmão deixou para o mundo, mas venho testemunhando os desastres dos Gordon há três gerações. Por outro lado, BJ parece determinado a agir da maneira certa. Se você e seu irmão conseguirem lograr êxito nessa questão da paternidade, será como mostrar o dedo médio ao seu pai.

– Que maneira poética de resumir a situação! – Walker retrucou, apertando um dos ombros do tio. – Sabe que sempre terá um lugar nesta casa, se precisar.

– Sei, mas também estou ciente de que é hora de partir. – Harry disse, e ele acompanhou o tio até o saguão. – Não suma.

– Oh, não estarei longe. Na verdade, voltarei à cidade para levar Aubrey para jantar esta noite – disse com outro sorriso.

– Está brincando! – Walker exclamou, surpreso com a velocidade do tio.

– Não, senhor. Ela é uma bela mulher. Um tanto irritadiça, mas eu a ajudarei a relaxar – Harry acrescentou com uma piscadela.

– Tenho de avisá-lo. Trina me contou que Aubrey e o marido estavam discutindo quando ele morreu.

– Eu sei. É lamentável – Harry respondeu com semblante sério. – Mas imagine se ela souber utilizar na cama toda a energia que emprega em uma discussão.

Walker tampou os ouvidos.

– Não diga mais nada. Não quero ser acusado de cumplicidade.

Harry resfolegou.

– Olha quem fala! Teve muito mais do que cumplicidade com Trina.

BJ retornou.

– Está pronto, tio Harry?

– Claro que sim. Cuide de você e do que é realmente importante em sua vida, Walker – disse o tio, antes de sair.

As palavras de Harry o assombraram durante todo o dia enquanto colocava uma parte do trabalho em dia no escritório do apartamento. Pensou em Trina. E Maddie.

Quando pensava em Trina, experimentava um misto de expectativa e a sensação de que podia contar com ela. O que parecia loucura, porque Trina não se comprometera com ele, mas Walker sabia reconhecer uma mulher forte quando estava diante de uma.

Relanceou o olhar ao telefone pelo menos umas seis vezes, pensando em ligar para ela e inventar algum pretexto para que se encontrassem naquela noite e não esperassem para o dia seguinte.

Mas, depois, pensou em Maddie e sentiu um aperto no peito. A bebê era tão graciosa. A criança mais adorável que jamais conhecera, mas infelizmente o deixava aterrorizado. Sabia que aquilo não fazia sentido, mas não podia negar a verdade. Maddie não gostava dele. E talvez não devesse gostar, pensou, enquanto as tenebrosas lembranças paternas lhe invadiam a mente.

No meio da tarde, resolveu fazer um intervalo e assistir a um jogo, enquanto BJ e Danielle partiam para limpar a casa que estavam alugando.

Walker imaginou o que Trina estaria fazendo. Mais uma vez pensou em lhe telefonar, mas postergou.

Talvez ela desejasse um tempo, sem interrupções, com Maddie.

Quando a inquietação atingiu um nível insuportável, Walker decidiu ir até o Charley's. Pediu uma cerveja, um sanduíche e assistiu a outro jogo no bar.

O celular tocou no instante em que ele tomou o primeiro gole da segunda cerveja. Conferindo o visor, franziu a testa. Era um número parecido com o de BJ, mas não era o dele.

– Walker – atendeu ele.

– Walker, é Danielle. Minha bolsa estourou e não consigo encontrar BJ.

CAPÍTULO 19

WALKER SENTIU o sangue descer para os pés.

– Sua bolsa estourou? – repetiu.

– Sim – Danielle confirmou. – É sinal de que entrei em trabalho de parto. Sinto muito incomodá-lo, mas telefonei várias vezes para BJ e ele não atendeu. Disse que voltaria logo e me traria uma surpres... – Ela se calou e Walker ouviu a respiração dificultosa do outro lado da linha. – Está começando a doer.

E Walker estava começando a suar frio.

– Onde você está? Chegarei em um minuto – afirmou ele, atirando 20 dólares sobre o balcão e partindo.

Danielle lhe deu o endereço, enquanto ele entrava no carro.

– Queria muito que BJ estivesse aqui. Acho que está na hora.

– Segure firme. Estou chegando. Está com o número do telefone do seu médico aí?

– Está na sua casa – respondeu ela, com voz trêmula. – E se algo de ruim aconteceu com BJ? Será que terei de passar por tudo isso sozinha?

– Não estará sozinha. BJ chegará a tempo. Eu estarei aí – Walker afundou o pé no acelerador.

Danielle inspirou mais uma vez de forma audível e dolorosa. Walker conferiu a hora no relógio de pulso. Havia se passado cinco minutos desde a última vez em que ela fizera aquilo.

– Sabe de uma coisa? Agora entendo por que Trina me aconselhou a pedir uma anestesia peridural – prosseguiu a cunhada com voz estrangulada. – Senti cólicas mais cedo, mas não quis dizer nada. Fiquei

com vergonha, depois daquele alarme falso. Mas, depois, minha bolsa estourou. – Danielle inspirou fundo mais uma vez. – Está doendo muito.

Walker decidiu mantê-la ao telefone com ele para o bem de ambos.

– Logo terá seu bebê. Você e BJ nunca me disseram o sexo da criança.

– Nós não sabemos – respondeu ela. – Decidimos que seria surpresa. Onde está BJ?

– Não sei, mas nós o encontraremos. Quer que eu tente ligar para o telefone dele agora?

– Sim, não. Não sei. Queria apenas que ele estivesse aqui comigo.

– Ele estará. Você vai ficar bem e o bebê, também. Todos ficaremos bem.

Danielle inspirou várias vezes.

– Como pode saber? E se BJ sofreu um acidente? E se não conseguir chegar ao hospital a tempo?

Walker sentiu o suor lhe escorrer pela nuca.

– Deve haver uma boa explicação para o sumiço de BJ. Mais tarde, estaremos dando risada de tudo isso.

– Não estou rindo agora. Estou com muita dor – reclamou a cunhada com uma voz que beirava o choro.

– Vou levá-la para o hospital daqui a alguns minutos. Mas aguarde firme no telefone. Estou quase chegando. – Walker cruzou alguns quarteirões e, por fim, chegou ao endereço que Danielle lhe dera.

Estacionando na calçada, saltou do carro, deixando-o com o motor ligado. Danielle surgiu na escada da frente, parecendo muito jovem e assustada. Walker não conseguiu deixar de pensar que Trina devia estar com aquela mesma aparência quando entrara em trabalho de parto. A imagem o rasgou por dentro.

– Venha. Deixe-me ajudá-la a entrar no carro – disse, guiando-a até acomodá-la no banco traseiro do carro. – Deite-se e relaxe. Pode me dizer o nome do seu médico?

– Scott. O nome dele é Sean Scott.

– Fique tranquila. Vou procurá-lo – disse, enquanto digitava a informação no celular. Quando foi direcionado para o serviço de emergência do médico, entregou o telefone a Danielle. Após responder às perguntas sobre sua condição, ela lhe devolveu o aparelho.

– Disseram que eu fosse para o hospital – Daniele informou com uma risada que beirava o histerismo. – Não estava pretendendo mesmo fazer meu parto em casa. Nem mesmo desejava que fosse natural. Tudo que

queria era um parto seguro, com o mínimo de dor e meu marido ao lado. Oh!

Walker deixou escapar um xingamento baixo.

– Chegarei ao hospital dentro de alguns minutos.

– Espero que tenham alguém lá que possa me aplicar uma anestesia peridural – disse ela.

Eu, também.

Quando chegaram ao hospital, Walker se encarregou de preencher a papelada do seguro para que Danielle pudesse ser internada. Durante todo o tempo, imaginava quem teria feito isso por Trina.

Enquanto a cunhada era examinada, Walker telefonou várias vezes para o celular de BJ, sem obter resposta. Resolveu telefonar à polícia rodoviária, para se certificar de que o irmão não havia sofrido nenhum acidente, e ficou aliviado em saber que não havia sido reportada nenhuma ocorrência.

A enfermeira lhe disse que Danielle o estava chamando, então Walker se encaminhou à sala de espera. De uma das portas, ouviu os gritos de uma mulher. Na seguinte, os gemidos de outra parturiente. Mais uma vez, os pensamentos se voltaram para Trina. Lembrou o comentário que ela fizera sobre ter tido um parto longo e de terem lhe negado a anestesia peridural que solicitara. Quando abriu a porta, encontrou Danielle sentada na cama com os pés pendendo na lateral e a cabeça inclinada para a frente, enquanto abraçava o abdome protruso, com os olhos fechados. Um momento se passou e ela ergueu o olhar para encará-lo.

– Preciso caminhar – disse ela. – Importa-se em me acompanhar? Se BJ não pode estar aqui, gostaria que Trina estivesse.

Mal Danielle acabou de proferir as palavras, ele estava discando o número do celular de Trina.

– Alô?

– É Walker. Danielle está em trabalho de parto. Não conseguimos encontrar BJ. Pode vir para o hospital?

Trina hesitou por menos de meio segundo.

– Chegarei aí o mais rápido possível.

Walker caminhava de um lado para o outro do corredor, alternando entre a preocupação e a fúria em relação ao irmão. O pensamento traiçoeiro de que aquilo fazia parte da maldição Gordon rastejou por sua mente como uma víbora. Observando a pobre cunhada, desejou estar errado.

Trina chegou, trajada com um vestido preto e sapatos de salto alto. A onda de alívio que o atingiu ao vê-la o pegou desprevenido. Quando os olhos de ambos se encontraram, ele fez um gesto positivo de cabeça.

– Olá – disse ela, logo concentrando a atenção em Danielle. – Como você está, querida? – perguntou, abraçando a jovem.

– Está doendo, mas eles recomendaram que eu andasse – Danielle disse. – Estou com apenas três centímetros.

– Então, não lhe darão a peridural agora – Trina concluiu, compassiva. – Logo isso tudo passará e terá um lindo bebê. Não vai demorar tanto assim – Trina acrescentou com um sorriso encorajador.

– Mas BJ não está aqui – Danielle se queixou, com a voz falhando.

Trina a envolveu nos braços outra vez.

– Você ficará bem. Tudo isso valerá a pena. Espere e verá.

Danielle suspirou e ergueu o olhar a Trina.

– Está tão bonita. Atrapalhei algum programa?

– Acabei de jantar, portanto, não interrompeu nada. Quer caminhar um pouco mais ou descansar?

– Caminharei um pouco mais – Danielle respondeu.

– Posso ficar em seu lugar se precisar fazer algumas ligações – Trina disse a Walker. E fazendo mímica às costas de Danielle: *Onde está BJ?*

Walker sacudiu a cabeça.

– Voltarei em alguns minutos.

Walker se afastou, tentando mais uma vez contatar o irmão e, em seguida, telefonou novamente para a polícia rodoviária.

Segurando dois copos de café nas mãos, retornou à sala de espera. Trina se encontrava do lado de fora do quarto de Danielle.

– O médico a está examinando, portanto, decidi lhe dar alguma privacidade. – Ela aceitou o copo de café e tomou um gole. – Obrigada. Onde diabos está seu irmão?

– Não tenho a menor ideia. Estou dividido entre ficar e sair procurando por ele, mas não sei nem ao menos por onde começar. Danielle disse que ele saiu para lhe comprar uma surpresa, portanto, não sabia dizer o que era.

Trina fez um movimento negativo de cabeça.

– Não queria que ela se sentisse abandonada.

Walker experimentou uma pontada de dor no peito.

– Como aconteceu com você?

Trina hesitou e fechou os olhos por alguns segundos.

– É péssimo sentir tanta dor e sentir como se estivesse entregue à própria sorte.

– Sinto muito – disse ele. – Mais do que possa imaginar.

– Não pode se responsabilizar pelo que não sabia – Trina retrucou.

– Mas aposto que teve vontade de me matar quando as contrações vinham.

Trina lhe relanceou o olhar.

– Oh, não. Naqueles momentos a morte seria pouco para você.

A porta do quarto de Danielle se abriu.

– Podem entrar – disse o médico.

– Estou com seis centímetros – Danielle anunciou. – Posso tomar a peridural agora.

– Oh, isso é maravilhoso. Estou muito feliz por você – Trina disse.

– Onde está BJ? – Danielle perguntou, alternando um olhar esperançoso entre ambos.

– Estamos tentando encontrá-lo. Concentre-se apenas no seu bebê.

Danielle fechou os olhos e inspirou várias vezes, ofegante. Trina segurou sua mão.

– Está indo muito bem. Aguarde mais alguns segundos – orientou.

– Quero uma anestesia – Danielle disse.

Trina voltou o olhar à enfermeira.

– Onde está o anestesista? Se não o trouxer até aqui dentro de três minutos, eu me encarregarei de procurá-lo.

Quatro minutos depois, Walker e Trina se encontravam mais uma vez do lado de fora do quarto, enquanto o anestesista lhe aplicava a peridural.

– Eles aplicam na espinha? – Walker perguntou, sentindo um tremor lhe perpassar o corpo.

– Sim. Chegou um momento em meu parto que eu seria capaz de aplicá-la em mim.

– Não sei como vocês, mulheres, conseguem fazer isso – Walker disse.

– Acho que há uma razão para as mulheres darem à luz e os homens não.

– Sim – concordou ele, medindo-a de cima a baixo. Trina tinha uma aparência elegante e sexy. Não estava trajada de acordo com o ambiente de uma sala de parto. – Foi muito gentil de sua parte atender ao meu chamado com tanta rapidez, mas acabou não dizendo o que interrompemos.

– Sim, disse. Um jantar, mas estava quase no fim.

Até aquele momento, Walker estivera agindo movido pela adrenalina. Focado em Danielle e em encontrar BJ. Voltou a observar o vestido de noite e a percepção o atingiu.

– Estava em um encontro.

Trina deu de ombros.

– Sim. O primeiro.

Ofendido, ciumento e furioso por estar se sentindo daquela forma, ele a encarou.

– Depois de nosso encontro de sexta-feira, com planos para ficarmos juntos no domingo, saiu com outro homem?

– Não mencionamos exclusividade – Trina retrucou. – Não faz muito tempo, estava me incentivando a sair com outros homens. Queria que eu me casasse.

– Isso foi antes de concordarmos em dar uma chance a nós – argumentou ele, surpreso por se sentir magoado.

– Com o que não cheguei a concordar de fato – Trina rebateu, irritada. – Além do mais, havia combinado esse encontro no início da semana.

– Isso deveria fazer eu me sentir melhor?

Trina se aproximou dele.

– Pare de ser idiota – disse ela, com as bochechas rubras. – Saí com David para manter minha mente longe de você. – Os olhos escuros prenderam os dele por vários segundos e Walker captou o medo, a raiva e a paixão mesclados naquelas profundezas. Trina temia se apaixonar por ele e o pensamento quase o nocauteou no chão do hospital.

– E funcionou?

Trina revirou os olhos.

– Não discutirei esse assunto com você no momento. Danielle está prestes a dar à luz. Faltam dois centímetros para o pior vir.

– O que quer dizer com dois centímetros? – Walker questionou.

– Ela está com seis centímetros. Com dez o bebê nasce. Oito é a transição.

– E?

– Ela odiará todos os homens que povoaram o mundo desde Adão.

Walker experimentou uma onda de alívio.

– Então, devo ficar afastado, certo?

Trina fez que não com a cabeça.

– Não se quiser que você e seu irmão permaneçam vivos – Trina respondeu.

A enfermeira abriu a porta.

– Podem voltar agora.

Walker não tinha certeza se desejava, mas obedeceu. Observou Trina e Danielle interagirem durante a hora que se seguiu, o que só serviu para aumentar ainda mais a admiração pela mãe de sua filha. Ela tranquilizava Danielle, a elogiava, dava-lhe cubos de gelo e lhe aplicava toalhas molhadas à testa quando o médico interrompeu a analgesia.

Como Trina previra, o humor de Danielle se tornou sombrio.

– Onde diabos está aquele cafajeste do seu irmão? – perguntou ela a Walker, com os olhos arregalados pela dor. – Ele me largou naquela casa e agora deixará que eu passe por isso sozinha. – Ela ofegou quando outra contração sobreveio. – Ele não merece este bebê. Não me merece! Não merece nem mesmo viver!

Trina voltou um olhar “eu não te disse?” a Walker, que praguejou entre dentes. Aquilo tudo estava errado. Muito errado.

A porta se escancarou e BJ adentrou, esbaforido, na sala. O pânico estampado no rosto, enquanto se encaminhava à esposa.

– Danielle, oh, querida. Lamento muito. Fui comprar sua surpresa e a caminhonete quebrou no caminho de volta.

– E o que aconteceu com seu celular? – perguntou ela, entre dentes cerrados.

BJ exibiu um sorriso amarelo.

– Eu o atirei no banco traseiro, enquanto estava tentando consertar a caminhonete. Quando comecei a retornar as ligações, fiquei sem bateria. Perdoe-me, querida. Sinto muito mesmo.

Daniele deixou escapar um som estrangulado de dor, quando outra contração lhe retesou os músculos do ventre.

– Alguém tem de fazer alguma coisa.

– Infelizmente, essa fase faz parte do processo – Trina disse.

Walker observou o irmão oscilar enquanto os olhos reviravam. Com um movimento ágil, que lembrava o de um felino, saltou para segurar BJ, que tombava para o lado.

Trina dirigiu um olhar perplexo ao irmão de Walker.

– Ele desmaiou?

A enfermeira pediu ajuda e a sala imergiu em um caos. Walker ficou tão furioso com BJ que teve vontade de empurrar a máscara de amônia pelo nariz acima.

A cabeça de BJ estremeceu e os olhos se abriram.

– O que aconteceu?

– Você desmaiou – Walker baixou o tom de voz para que apenas o irmão escutasse. – Recomponha-se e pare de ser maricas. Sua mulher está precisando de você.

BJ levantou com um movimento lento e voltou para a beira do leito.

– Você está bem, querida? Diga-me o que posso fazer por você?

– Nunca mais me engravidar, do contrário o matarei – disparou ela quase cuspidando as palavras. – Quero fazer força para o bebê sair.

– Vou chamar o médico – disse a enfermeira.

Vinte minutos depois, após muito encorajamento da parte de Trina, da enfermeira, do médico, de BJ e dele, Walker observou o médico erguer uma criança avermelhada e chorosa.

– É um menino – disse ele.

– Oh, meu Deus! É um menino – Danielle soluçou.

– Você teve um menino – Trina disse, fungando.

– Tivemos um menino – BJ disse, observando o filho, incrédulo e com o rosto lívido.

Alarmado, Walker deu um passo à frente e colocou a máscara de amônia sob as narinas do irmão.

– Nem pense em desmaiar – resmungou.

BJ pestanejou várias vezes, dirigindo-lhe um olhar confuso.

– Tenho um filho.

O médico enrolou o bebê em um cobertor e o depositou sobre o abdome de Danielle.

– Meu filho é lindo – disse ela. – Oh, olhe para ele! É tão delicado. Olhe para o nosso bebê, BJ.

BJ baixou o olhar ao filho recém-nascido e começou a chorar.

Invadido por uma sensação sufocante de perda, Walker voltou o olhar a Trina e teve a dimensão do que deixara de vivenciar.

CAPÍTULO 20

WALKER LEVOU Trina de carro para casa. David a levara ao hospital, portanto, ela estava sem transporte.

Enquanto Trina pagava à jovem que ficara tomando conta de Maddie, ele se encaminhou ao andar superior.

Não era preciso uma bola de cristal para saber onde iria encontrá-lo. Walker estava no quarto de Maddie, observando-a dormir.

Quando Trina entrou no quarto da filha, deparou-se com ele parado, no escuro, observando a bebê. Embora sentisse a agitação que lhe ia no íntimo, ela desejou saber o que se passava na mente de Walker.

Após alguns instantes, ele girou na direção de Trina.

– Como ela era quando recém-nascida? – sussurrou.

Experimentando uma pontada de dor no coração, ela escorregou uma das mãos sobre a dele e a apertou.

– Vamos conversar lá embaixo. – Nos três primeiros dias era como um anjo – Trina disse, enquanto entravam na sala de televisão. – Quase não chorava. Tinha as bochechas rosadas e pouco cabelo. Mas eu, claro, achava minha filha a bebê mais linda do mundo. – Com um sorriso torto a lhe curvar os lábios, Walker se juntou a ela no sofá. – No início, Maddie gostava de ficar enrolada em um cobertor bem apertado. Acho que se sentia mais segura. Pensei que lidaria com uma bebê tranquila e silenciosa.

– E não foi assim? – Walker quis saber.

– As cólicas não permitiram – respondeu ela, com uma careta desgostosa. – Tinha crises todas as noites, às vezes chorava por duas horas sem cessar. Eu ficava com pena dela e, pelo estresse e a falta de sono, acabava caindo em prantos.

– Como conseguiu sobreviver a essa fase?
– Tive alguma ajuda da minha mãe e de Jenny Prillaman. Poderia ter sido pior.

– Ou melhor – disse ele.

Trina deu de ombros.

– Depois de dois meses, as crises cessaram e, aos 4 meses, Maddie começou a dormir durante toda a noite. Tive a impressão de ter morrido e ascendido ao paraíso.

– Quando voltou ao trabalho?

– Quando ela estava com 3 meses, mas não me recordo com precisão daquele primeiro mês. Graças a Deus, Ben me deu cobertura.

– Alguma vez pensou em entrar em contato comigo para me contar?

– E o que eu diria? Oh, tive um bebê. Poderia pegar um avião e vir para cá vigiar o sono de Maddie para que eu possa dormir?

– Sim, poderia ter feito isso. Se tivesse me contado que tínhamos um bebê, eu voltaria mais cedo da França.

– Mas eu sabia que você não queria ter filhos – lembrou ela.

– Às vezes, não se trata de nossa vontade, mas do que é certo.

Trina não saberia dizer se a expressão determinada no rosto de Walker a agradava.

– Não queria que nós passássemos por isso. Meus pais brigavam o tempo todo, mas mantinham o casamento por obrigação. Nunca quis ser uma obrigação para você ou que Maddie se sentisse como tal.

– Foi por isso que ficou tão indignada quando Alfredo disse que deveríamos nos casar – Walker disse, e fez uma pausa. – Então, como poderei convencê-la de que não quero ficar com você apenas por obrigação?

– Será difícil.

– Mas não impossível – retrucou ele, puxando-a para perto.

O coração de Trina executou a familiar cambalhota no peito.

– É difícil ser a substituta de Brooke.

– Está subestimando sua capacidade de atração.

Trina o olhou nos olhos e quase acreditou no que ouvia. Quase.

– Até esta noite, estava feliz por não ter presenciado o nascimento de Maddie. A ideia me apavorava.

– Mas agora... – Trina estimulou, sentindo que ele estava diferente.

– Agora me sinto traído. Não a culpo por não ter me contado que estava grávida, mas gostaria de ter estado ao seu lado.

– Por quê? Se achou Danielle impaciente, não tem ideia de como foi comigo.

– Gostaria de ter cuidado de você – disse ele, tocando seu cabelo com uma das mãos.

– Mesmo assim eu teria gritado e lhe dito que você era um ser sem classificação na cadeia evolutiva.

– Acho que eu poderia ter suportado seus insultos – Walker afirmou.

A intensidade daqueles olhos castanho-esverdeados fez algo se revolver no íntimo de Trina, penetrando em suas defesas e roubando seu chão.

Walker a puxou de leve pelo cabelo trazendo-a ainda mais para perto. Em seguida, quase em câmera lenta, dando-lhe tempo para afastá-lo se quisesse, capturou seus lábios.

Trina sentiu uma bolha de emoção se formar entre ambos. Aquilo era novo, intenso e temperado com mais do que paixão. O beijo se prolongou e era tão delicioso que Trina desejou não ter fim. Queria que ambos não necessitassem sequer respirar.

Walker roçou os lábios aos dela.

– Quero fazer amor com você.

Sentindo um aperto no peito, Trina lutou contra sentimentos conflitantes, como desejo, ânsia e medo.

– Não sei se será uma boa ideia.

– É uma ótima ideia. Estamos sóbrios e nos desejamos.

As mãos longas escorregaram sob o cabelo de Trina para lhe massagearem os músculos tensos da nuca.

– Não estou usando nenhum método anticoncepcional – avisou ela, porque o modo como Walker a tocava a fazia se sentir como um botão de flor prestes a se abrir. – E sabemos que sua vasectomia não foi bem-sucedida.

– Tem razão. Mas, sou do tipo que carrega preservativos comigo – respondeu ele. – Mais de um, no caso de...

Trina gemeu para impedi-lo de continuar. Ele se inclinou para trás no sofá e a pousou sobre o colo.

– Se não quer que eu faça amor com você, podemos ficar apenas nas preliminares.

Trina se viu incapaz de recusar o convite, porque se encontrava extasiada com a forma como ele a beijava. Enquanto lhe violava a boca com extrema sensualidade, Walker espalmou as mãos nas nádegas arredondadas e as apertou, guindo-a contra a ereção.

Trina sentiu a temperatura do corpo se elevar de maneira vertiginosa, enquanto descargas elétricas a varavam em todas as direções, antes de se concentrarem nos seios e entre as coxas. Walker não fazia nenhuma menção de despi-la, mas conseguiu lhe enrijecer os mamilos mesmo sob o tecido do sutiã e do vestido. Embora não arriscasse escorregar as mãos entre suas coxas, os movimentos que fazia a deixaram úmida e intumescida.

Com extrema mestria, ele os mantinha à beira do precipício do prazer e Trina começou a desejar que ele saltasse e a levasse consigo. Queria sentir a pele quente e firme contra a dela, o peito musculoso nu a lhe pressionar os seios. Ansiava para que ele a tocasse com as mãos e com a boca.

Trina tentou suprimir um gemido enquanto ondulava os quadris contra a ereção.

– Oh, você está me enlouquecendo – sussurrou ele, embora mantivesse as mãos sobre a roupa que ela usava, o que ameaçava levá-la à loucura.

Excitada e impaciente ao extremo, Trina lhe desabotoou a camisa e escorregou as mãos sobre a pele exposta do abdome definido. Walker deixou escapar um som sibilante de excitação.

– Como posso me controlar para não arrancar sua roupa, quando está me despindo?

– Talvez deva arrancar a minha – retrucou ela, depositando uma trilha eletrizante de beijos ao longo das depressões e saliências do peito desnudo.

– Está bem, interpretarei isso como uma permissão – Walker disse, baixando-lhe o zíper do vestido. Um segundo se passou e a peça estava sendo arrancada pela cabeça de Trina. Em seguida, abriu o fecho do sutiã. Quando ela se inclinou para beijá-lo, os seios fartos pressionaram o peito musculoso.

– Ahhh! – Ambos exclamaram em uníssono.

As mãos longas pareciam estar por todos os lugares, da cintura às laterais dos seios de Trina, para logo escorregarem até as nádegas curvilíneas, como se não conseguissem se saciar de tocá-la.

Trina acabou de lhe retirar a camisa, enquanto ele escorregava as mãos sob a calcinha que ela ainda vestia. Todos os pontos em que Walker tocava,

pareciam energizados com corrente elétrica de alta voltagem.

Com o cabelo desalinhado, os olhos esverdeados escurecidos e repletos de desejo, ele lhe apertou as nádegas e, erguendo o corpo, suspendeu-a até fazê-la se apoiar nos joelhos.

– O que está fazendo?

– Não consigo tocá-la como quero reclinado para trás – explicou ele, descendo a calcinha dela até o meio das coxas. – Quero ter acesso a cada centímetro do seu corpo.

A rouquidão na voz grave reavivou o fogo que ardia no íntimo de Trina. Com uma das mãos, Walker lhe estimulou um dos mamilos, enquanto escorregava a outra entre as coxas aveludadas para encontrá-la úmida e intumescida.

– Oh, você é deliciosa. – Quando roçou o polegar contra o ponto mais sensível da feminilidade de Trina, a sentiu ondular os quadris contra sua mão. Perdida entre a forma sensual com que ele lhe violava a boca e as carícias eróticas onde mais o desejava, Trina mal conseguia respirar. Embora a sensação fosse fascinante, não era suficiente. Desejava mais. Incapaz de conter um gemido alto, ela puxou a fivela do cinto de Walker. A excitação lhe tornava os dedos desajeitados, mas conseguiu desatá-lo e baixou o zíper do jeans. Introduzindo as mãos sob a cueca que ele usava, encontrou-o rígido. Walker não conseguiu conter um xingamento, provocado pelo prazer e a dor.

– Danação – resmungou penetrando-a com um dedo. Um tremor violento perpassou o corpo de Trina. Enquanto movimentava o dedo dentro dela, ele lhe estimulava o ponto mais sensível com o polegar, sentindo-a enrijecer a cada movimento, cada gemido e cada beijo. – Quero me sentir dentro de você – Walker disse, livrando-se do jeans e da cueca com movimentos precisos. Em seguida, pegou três embalagens plásticas de preservativos, atirou duas sobre o sofá, rasgou a terceira e o vestiu.

Acariciando a parte interna das coxas sedosas, Walker as abriu e se posicionou entre as pernas trêmulas de Trina. Em seguida, lhe segurou uma das mãos e entrelaçou os dedos dos dois.

O gesto, mais terno do que sensual, expressava uma intimidade inacreditável. E Walker tornou o momento ainda mais íntimo, quando a penetrou enquanto a olhava nos olhos. Como se aquela conexão ainda não o fizesse se sentir próximo o suficiente, ele baixou a cabeça e se apossou dos lábios carnudos de Trina.

Aquilo era demais. Há muito não era tocada, acariciada ou até mesmo abraçada daquela forma. Trina sentiu o coração transbordar e a respiração ficar presa na garganta, onde um nó de emoção se formara, fazendo-a fechar os olhos.

Até aquele momento, não havia se dado conta do quanto estivera solitária. Acostumara-se a aplacar a amplitude e profundidade daquele vazio, preenchendo-o com Maddie e o trabalho.

A enormidade daquilo contrastava com o modo como se sentia nos braços de Walker naquele momento. A garganta se encontrava tão constricta que tornava impossível o simples reflexo de engolir. Os olhos queimavam e, para seu horror, Trina sentiu uma lágrima descer pela lateral do rosto.

Walker recuou como se lhe sentisse o corpo enrijecer.

– Algo errado? – questionou ele, observando-a, surpreso. – Está chorando.

Constrangida, Trina limpou a lágrima com o dorso da mão.

– Desculpe. Não sei por que... – Ela se calou com um movimento negativo de cabeça.

– Está sentindo dor? Quer que eu pare?

– Não – Trina se apressou em dizer, antes de inspirar fundo. – É que faz tanto tempo. Acho que é excesso de desejo reprimido – disse, desviando o olhar. – Desculpe.

– Não precisa se desculpar – Walker retrucou, tocando-lhe os lábios com um dedo. Em seguida, sorriu e recomeçou a se mover dentro dela. – Se está com tanto desejo reprimido, não vejo problema algum. Podemos usar os três preservativos esta noite.

A partir daquele momento, Walker parecia determinado a levá-la à loucura da forma mais lenta possível. Escorregando pelo corpo de curvas generosas, ele se concentrou em um seio de cada vez. Em seguida, prosseguiu mais para baixo até dispensar um tratamento especial ao ventre macio.

– Não repare em minhas estrias – Trina sussurrou.

Walker debochou daquele pedido, traçando as poucas que encontrou com a ponta da língua. Prosseguindo naquela exploração enlouquecedora, ele a levou às alturas com um beijo íntimo, até que Trina arqueasse os quadris com movimentos frenéticos, enquanto um clímax alucinante a arrastava em uma avalanche de prazer.

Em seguida, Walker refez o caminho, subindo pelo corpo ainda trêmulo e a penetrando outra vez. Quando a sentiu estremecer, ele praguejou.

– Você me faz lamentar ter trazido apenas três preservativos – disse, investindo dentro dela em um ritmo agora acelerado.

Ainda enfraquecida pela violência do clímax que experimentara, Trina se agarrou ao corpo forte. Cada investida lhe reacendendo o desejo e a empurrando cada vez mais para o vórtice de êxtase que se aproximava.

– Vamos, querida, estamos juntos nessa cavalgada.

Quando Trina sentiu o corpo convulsionar outra vez, ele arremeteu com força, deixando que a intensidade do próprio prazer reverberasse dentro dela. Em seguida, lhe emoldurou a cabeça com as mãos como se segurasse algo precioso que quisesse proteger. Era difícil dizer a si mesma para permanecer indiferente à ternura que Walker demonstrava, à forma como ele a segurava e a aninhava ao corpo. Não podia se deixar envolver pelo beijo terno que ele lhe depositou na testa e o modo como lhe acariciava o cabelo.

Afinal, aquele era Walker e que mulher seria capaz de lhe tocar o coração? Trina tinha dúvidas se até mesmo Brooke havia conseguido. Então, como conseguiria?

Walker estava lhe dificultando ao máximo proteger o coração e, quando a ergueu no colo e a levou para o quarto, tornou a tarefa quase impossível.

OS GRITINHOS de Maddie a despertaram de um sono profundo na manhã seguinte. Trina atirou as cobertas para o lado e, no mesmo instante, foi lembrada da completa nudez em que se encontrava.

Pegando um robe, escorregou os braços pelas mangas e atou a fita em torno da cintura. Oh, que noite! Ao captar um vislumbre da própria cabeça no espelho da cômoda, fez uma careta.

O cabelo estava desgrenhado, o rímel borrado sob os olhos e os lábios tão intumescidos que pareciam ter sido socados. A verdadeira razão daquele inchaço residia no fato de Walker tê-los mantido ocupados da forma mais prazerosa possível.

Bocejando, ela se encaminhou ao toalete, sentindo algumas partes do corpo levemente doloridas. Walker também as mantivera ocupadas. Evitando olhar a imagem que o espelho lhe devolveria, lavou o rosto, escovou os dentes e o cabelo.

– Estou chegando, bolinho de cenoura – gritou ela, quando o tom de Maddie se tornou impaciente. Ao se precipitar na direção do quarto da filha, recordou-se de modo vago que Walker partira por volta das 2h.

– Não posso permanecer deitado ao seu lado, com você nua e meu estoque de preservativos zerado – resmungara ele. – Agora entendo por que não conseguíamos parar na primeira vez que fizemos sexo.

– Por que estávamos bêbados? – Trina conseguira encontrar um fio de voz para perguntar.

– Não, senhora – respondeu ele, antes de beijá-la. – Mas conversaremos sobre esse assunto depois. Durma um pouco. Vejo-a pela manhã.

Trina abriu a porta do quarto e Maddie soltou um guincho, enquanto balançava o corpinho sobre o colchão.

Um sorriso espontâneo curvou os lábios de Trina. Como contê-lo?

– Bom dia para você também, pequenina – disse ela, erguendo a filha nos braços e a transferindo para o fraldário. – Obrigada por ter me deixado dormir um pouco mais esta manhã – prosseguiu. – Foi muita bondade de sua parte.

Maddie escancarou um sorriso desdentado e deixou escapar um som gorgolejante. Após trocar a fralda, Trina a ergueu, apoiando-a sobre a lateral do quadril e descendo a escada. Enquanto Maddie brincava com seu cabelo, ela conseguiu preparar uma mamadeira, um prato de mingau e suco de maçã. Colocou a menina na cadeira alta e começou a alimentá-la.

Uma batida à porta a pegou de surpresa. Trina ergueu a filha da cadeira e se encaminhou à porta da frente para se deparar com Walker munido de uma sacola de padaria e dois copos de café que exalavam um aroma maravilhoso.

– Bom dia – disse ele, alternando o olhar entre as duas. – Beldades.

Trina sorriu com o uso do plural.

– Obrigada. Estou surpresa em vê-lo acordado a esta hora – retrucou, afastando-se para ele passar.

Walker roçou os lábios aos dela.

– Não costumo dormir até tarde.

Trina sentiu o coração acelerar.

– Com uma criança pequena, eu diria que isso é impossível, mas Maddie sempre acorda de bom humor, o que torna mais agradável e menos doloroso madrugar. Certo, querida?

Maddie observava Walker com olhar sério.

– Acho que ainda não gosta de mim – disse ele.

– Ela não o conhece – Trina corrigiu, retornando à cozinha e sentando Maddie na cadeira de bebê. Ao erguer a colher para levar aos lábios de filha, uma ideia lhe ocorreu.

A menina começou a chutar e balançar o corpo para cima e para baixo na cadeira, impaciente.

– Por que não a alimenta? – Trina perguntou a Walker, entregando-lhe a colher.

A aparência de Walker lembrava a de um cervo diante dos faróis altos de um carro, antes de se recobrar.

– Está bem – concordou. – Posso fazer isso – afirmou, parecendo tentar convencer a si mesmo, enquanto se sentava em frente a Maddie.

Trina observou pai e filha se encararem e a cautela que se refletia no olhar de ambos lhe provocou um aperto no peito.

Walker mergulhou a colher no mingau e a levou aos lábios em forma de botão de rosa. A menina alternou os enormes olhos castanhos entre a colher, Trina e Walker. Em seguida, trocou um olhar tenso com o pai. Era quase como se uma negociação sobre a paz mundial estivesse em andamento.

Maddie voltou a fixar o olhar na colher cheia de mingau. Em seguida, chutou com os dois pés, sentada na cadeira alta e abriu a boca como um pintinho.

Trina deixou escapar um suspiro de alívio. Um passo de bebê à frente. Walker terminou de alimentar a filha, enquanto Trina retirava croissants repletos de colesterol da sacola. Em seguida, se incumbiu de limpar Maddie, o que resultou, como sempre, em protestos, e a pousou sobre uma manta estendida no chão com seus brinquedos favoritos.

Durante todo o tempo, sentia o olhar de Walker acompanhar cada movimento que fazia.

– Aprendendo a técnica? – perguntou, esperando que ele não estivesse reparando em sua aparência desgrenhada.

– Muito eficiente. Quanto tempo temos?

– Cinco minutos. Oito, no máximo – Trina respondeu, mordendo o croissant. – Esses croissants são diabólicos.

– Há mais dois de chocolate no fundo da saca. Não os viu?

Trina gemeu com um movimento negativo de cabeça.

– Seu nome do meio é Satã, certo? Sabe quantas calorias esses croissants têm?

– Tantas quantas queimamos ontem à noite – Walker afirmou mais do que perguntou.

Trina estacou no meio de uma mordida para lhe sustentar o olhar. Um sorriso sensual curvou os lábios de Walker fazendo o coração dela flutuar.

Após tomar um gole de café, ele estreitou o olhar, talvez porque a bebida ainda estivesse quente.

– Podemos queimar mais algumas durante nosso encontro de hoje, à tarde.

– Que eu planejei – retrucou ela, sentindo uma onda de calor lhe varar o corpo.

Os olhos castanho-esverdeados escureceram e ocorreu a Trina que o excesso de sensualidade daquele homem oferecia perigo à sua segurança.

– O que tem em mente?

Trina engoliu em seco a excitação que havia aflorado em seu íntimo.

– Um piquenique no parque – Trina respondeu. – Com Maddie.

Walker a encarou por meio segundo, antes de um sorriso lento e sexy lhe curvar os lábios.

– Está bem. Posso fazer isso.

E muito mais, porém, Trina decidiu não refletir sobre o assunto. Ao menos, durante a tarde. Como Walker estava disponível, pediu para que ele cuidasse de Maddie, enquanto tomava um banho e melhorava a própria aparência.

Voltando ao andar térreo, Trina estacou de modo abrupto diante da visão de Walker e Maddie. Ele sacudia a bola sonora da menina e apertava o elefante de pelúcia.

Quando Maddie começou a emitir sons de protesto, Walker esticou os braços para pegá-la, mas os recolheu e esfregou as mãos no rosto. Em seguida, retirou um biscoito em formato de bicho da caixa e o ofereceu a ela. A menina pegou a guloseima e a enfiou na boca.

Trina suspirou. Walker não queria tocar em Maddie. Evitava erguê-la e abraçá-la. Sentiu o coração apertado no peito, enquanto desejava que aquele processo fosse mais fácil.

– Ela não costuma morder – disse, tentando dissipar a tensão que gravitava na atmosfera.

Walker ergueu o olhar, com um semblante sério, e deu de ombros.

– Eu sei. Podemos comprar frango para o piquenique?

– Claro – Trina respondeu, desejando que a situação fosse diferente.

Mas desejos eram como moedas atiradas à fonte, pensou. Muitas mergulhavam na água, mas poucas faziam com que o desejo de quem as atirou se realizasse.

Horas mais tarde, após um passeio no carro de Trina, com a capota baixada e algumas caminhadas pelo parque, os dois estenderam uma toalha sobre a grama e comeram pedaços de frango empanado. Walker colocou alguns pedaços diminutos na boca de Maddie, que adorou a iguaria.

– Tem certeza de que quer acostumá-la a comer frango frito? – Trina perguntou.

– Deve ser melhor do que aquelas misturas em potinhos que dá a ela – Walker retrucou, com expressão debochada, antes de dar outro minúsculo pedaço de galinha para Maddie.

– Mas não lhe dê as batatas fritas. Pesquisas recentes concluíram que são um veneno.

– E o que as pesquisas dizem dos biscoitos em forma de bichos? – Walker perguntou, dirigindo a ela um olhar oblíquo.

– Não lhe dou nem metade do que você dá.

– Porque ainda estou negociando com ela – Walker justificou. – Maddie ainda não tem certeza se gosta de mim.

– Ou é você que não tem certeza se gosta dela? – Trina mordeu o lábio no instante em que as palavras lhe escaparam da boca. Devia tê-las engolido, trincando a língua se necessário.

Walker lhe sustentou o olhar.

– Gosto muito dela, levando em consideração que a conheço há pouco tempo e que Maddie não me suporta.

– Ela não está chorando agora – Trina argumentou.

– Porque estou lhe dando algo que é muito mais saboroso do que aquelas papinhas industrializadas.

– Está criticando a forma como alimento sua filha?

– Eu não gostaria de comer aquilo, mas não sou perito em bebês.

Maddie começou a se agitar. Sacudia o corpo para cima e para baixo sobre o chão e olhava, ansiosa, para o pai.

Walker relanceou um olhar a Trina.

– Acho que criei um monstro.

Trina concordou com um sorriso.

- Mas há uma forma de distraí-la.
- Como?
- Maddie gosta tanto de se mover quanto de comer.
- Passear de carrinho.
- Balanço - Trina corrigiu, apontando para uma área de recreação próxima.
- Maddie não conseguiria se segurar sozinha.
- Os balanços têm lugares especiais para bebês, com assentos moldados e cintos de segurança para mantê-los firmes. Tome - disse ela, erguendo a menina e a entregando a Walker. - Eu arrumo esta bagunça, enquanto você leva Maddie ao balanço.

Walker pareceu congelar por um instante, com os olhos fixos na menina suspensa nos braços da mãe. Maddie começou a protestar, se contorcendo. Walker demorou mais um átimo de segundo e, em seguida, pegou a filha e se encaminhou à área de recreação.

Trina viu Maddie revirar a cabeça para procurá-la, mas não chorou. Ela liberou a respiração que estava prendendo, enquanto observava pai e filha se afastarem. Sozinha, limpou os restos do piquenique e levou o carrinho de bebê e a toalha para o carro.

Pouco depois, contornou o parque e se aproximou por trás de Walker. Após se deter alguns instantes a observá-los, tocou-o no ombro.

- Oi! - disse ele. - De onde veio?

Trina levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio.

- Coloque-se diante dela e empurre o balanço - sussurrou.

- Por quê?

- Faça isso.

Dirigindo-lhe um olhar sofrido, Walker contornou o balanço, se posicionou diante da filha e deu impulso. Maddie soltou uma risada. O chuca-chuca ruivo se agitando à brisa leve, enquanto ela movia as perninhas rechonchudas.

- Você gosta disso, certo?

Siiiiim! Trina podia quase palpar a alegria da filha. Lembrou a sensação de voar com apenas um assento de borracha sustentado em duas cordas. Esticando e dobrando as pernas, para impulsionar cada vez mais alto, enquanto o cabelo esvoaçava e uma imensa euforia a invadia.

Trina observou a filha desfrutar da mesma sensação. Proporcionada por Walker.

Uma câmera mental tirou uma foto, depois outra e mais outra. Em seguida, revelou-as na alma e as tatuou no coração. Teria sonhado com momentos como aquele durante a gravidez, se tivesse ousado, mas claro que não tivera coragem. Então, por que sentia a garganta fechada e os olhos arderem, como se estivesse prestes a cair em prantos?

Os três retornaram à casa de Trina e Walker se despediu, com a promessa de voltar mais tarde. Cansada do passeio, Maddie caiu em um sono profundo na cadeira de bebê, no banco traseiro do carro. Trina permitiu que a filha cochilasse por uma hora, mas sabia que não podia deixá-la dormir demais.

Após passar um bom tempo brincando com a menina, colocou-a no carrinho e deu duas voltas no quarteirão. Quando retornou, Maddie estava dormindo sobre o prato de mingau. Trina a colocou no berço e se deitou no sofá.

Pouco tempo depois, despertou com os lábios de Walker roçando os dela. Ele se encontrava sentado ao seu lado e Trina imaginou há quanto tempo.

– As duas meninas estão exaustas?

Trina anuiu.

– Sim. Tive de me esforçar para manter Maddie acordada. Se ela dormisse muito cedo, acordaria no meio da noite, disposta a virar a casa de ponta-cabeça. Teve oportunidade de falar com BJ? Como estão Danielle e o bebê?

– Encontrei-me com BJ, quando ele passou lá em casa para tomar um banho. A boa notícia é que Danielle e o bebê estão ótimos. Terão alta do hospital amanhã.

– Mas é uma excelente notícia – disse ela, percebendo o tom de resignação na voz de Walker.

– Seria, se saíssem do hospital e fossem para a própria casa.

Só então, Trina atinou com o motivo daquele desânimo.

– Oh! – disse, contraindo as feições em uma expressão desgostosa. – Posso lhes emprestar meu moisés. Tenho vários outros artigos que lhes serão necessários, também.

– Falarei com BJ. Ele estava indo comprar um berço quando a caminhonete quebrou, mas não sei o que mais estão precisando.

– Acho que darei de presente a Danielle um mês de serviço terceirizado de limpeza de fraldas.

Walker arqueou as sobrancelhas.

– Muito generoso de sua parte, considerando que mal os conhece.
– Os dois parecem tão jovens. E esperançosos – Trina acrescentou. – Mas, ao mesmo tempo um tanto incapazes, o que me faz querer ajudá-los com as dificuldades do momento.

Walker anuiu e coçou o queixo.

– Sim, talvez eu pague a mudança.

– Seria um presente para eles ou para você? – Trina perguntou.

Walker soltou uma risada baixa.

– Não posso mentir. Quero meu apartamento de volta.

– Não posso culpá-lo.

– É bom saber – retrucou ele, escorregando as mãos sob os ombros de Trina e a puxando para perto.

– Por quê? – perguntou ela, experimentando partes iguais de desconfiança e prazer.

– Se não pode me culpar por querer meu apartamento de volta, então não poderá me culpar por querer morar com você até que Danielle e BJ partam.

– Há uma diferença enorme entre o primeiro e o segundo – Trina respondeu, embora inclinasse a cabeça para lhe dar acesso à lateral do pescoço.

– Você tem uma cama enorme. É um desperdício de espaço.

– Gosto de me espalhar de vez em quando.

– Tudo bem, pode se espalhar sobre mim o quanto quiser. – Walker a deitou no sofá com um movimento lento.

Trina sentiu a impressão de ter um cobertor masculino, grande e sexy, sobre o corpo.

– Acho que está confuso. Acabou de sugerir que *eu* me espalhasse *sobre* você.

– Não gosta disso? – perguntou ele, roçando os lábios entreabertos sobre o pescoço macio.

– Não disse que...

A boca sensual cobriu a dela com um beijo convidativo que logo a incendiou. As mãos longas vagaram sobre o tecido da blusa que ela usava, tocando-lhe os seios, e desceram para lhe apertar as nádegas. Em seguida, as escorregou contra a parte interna das coxas macias, fazendo-a experimentar uma avalanche de desejo.

– Trouxe uma caixa de preservativos.

– Um pouco presunçoso, não acha? – Trina se forçou a dizer, embora já imersa naquela sensação eletrizante.

– Determinado – corrigiu ele. – E precavido – acrescentou, erguendo-lhe a blusa, livrando-a do sutiã e baixando a cabeça para tomar um dos mamilos rígidos nos lábios. – Quero ouvi-la gemer um pouco mais – dizendo isso, começou a tomar as providências para lhe tornar impossível a tarefa de se manter calada.

CAPÍTULO 21

A MANHÃ de segunda-feira começou agitada. Embora Trina chegasse ao escritório com um atraso de cinco minutos, não conseguiu encontrar Amelia em lugar algum. Logo imaginou se a assistente teria adoecido.

Precisava de algo que lhe clareasse o cérebro embotado pelo sexo e pela falta de sono. Não saberia dizer qual se mostrava mais determinado a recuperar o tempo perdido, se ela ou Walker. As pernas pareciam tiras de borracha esticadas. Os lábios e o queixo apresentam uma leve esfoliação pelos beijos. Não podia se recordar de uma ressaca de *mojito* que a tivesse deixado tão descoordenada, desde a noite em que Maddie havia sido concebida. O pensamento a aterrorizou, mas Trina lembrou a si mesma que os dois haviam usado preservativos todas as vezes que fizeram amor.

Mas o celular tocou antes que ela pudesse conseguir uma xícara de café.

– Alô?

– Bom dia, Carter-Aubrey – disse a mãe em um tom que esbanjava animação. – Como você está?

– Bem, obrigada e...

– Ótima. Oferecerei um churrasco para celebrar o nascimento do filho de Danielle e BJ no domingo, à noite. Gostaria que você viesse.

– Não é um tanto prematuro?

– Falei com Danielle. Ela adorou a ideia. Gostaria que todos trouxessem uma lembrancinha para a criança.

– Todos? – Trina repetiu, afundando na cadeira. – Quem mais convidou?

– Apenas a família. Será algo informal. Harold concordou em pilotar a churrasqueira.

– Harold?

– Sim, o tio-avô da criança. Há algo errado com seu telefone, querida? Está repetindo tudo que eu falo.

– Não, meu telefone está ótimo. Estou apenas surpresa.

– Bem, Harold tem sido tão gentil e generoso em me aconselhar como abrir minha empresa de eventos especiais. Acho que ele tem vontade de fazer algo por BJ e a esposa, mas é homem e solteiro, portanto, não sabe como. – A mãe soltou uma risada tímida, que acionou todos os alarmes de Trina.

– Está namorando com Harold? – perguntou ela.

– Namorando? Não seria o rótulo adequado. Saímos para jantar algumas vezes. Ontem, cozinhei para ele e fizemos um belo passeio de carro.

– Está com alguma intenção em relação a ele? – Trina quis saber. – Ambas sabemos que Harry é milionário.

– Não discutimos a condição financeira dele – Aubrey retrucou em um tom ríspido. – Pelo menos, não com muita frequência. Harold gosta da minha companhia.

– Ele é um bom homem. Gostaria que fosse cuidadosa.

– O que quer dizer com isso?

– Que ele ainda está se recuperando de uma cirurgia cardíaca e você precisa ir com calma com Harry.

– Não sei o que está insinuando, mas posso lhe garantir que não sou uma mulher promíscua. Harold me garantiu que o médico lhe deu alta. Ele está pronto para retomar as atividades normais.

– Não estava me referindo a sexo. Não quero que o aborreça a ponto de ele ter outro ataque cardíaco.

A mãe ofegou.

– Essa é uma observação desnecessária. Harold é testemunha que tenho sido muito gentil. E quanto ao sexo, fui categórica ao informá-lo de que não faremos nada até que ele faça exames de sangue e me mostre os resultados.

Trina pestanejou várias vezes. *Sexo?* A mãe estava considerando ir para a cama com Harry.

– Alô? Carter-Aubrey? Está me ouvindo?

Trina limpou a garganta.

– Sim, estou.

– Mas voltando ao assunto. Quero que chegue às 16h e, por favor, transmita o convite a Walker. Tchauzinho!

A ligação foi interrompida e só restou a Trina olhar para o telefone, com perplexidade. A mãe e Harry. Sexo? Ela sacudiu a cabeça para dispersar as ideias.

– Não pense sobre o assunto – sussurrou.

Captando ruídos agitados vindos da área de recepção, Trina se ergueu da cadeira para se deparar com Amelia, parecendo aturdida. O cabelo desalinhado, o rímel borrado sob um dos olhos e o cardigã abotoado de modo que sobrassem duas casas.

A assistente ergueu o olhar com expressão perdida.

– Desculpe o atraso. Providenciarei seu café agora mesmo.

O ramal de Trina tocou.

– Pode deixar que eu atendo – disse ela. – Sem problemas. – Trina recebeu o telefonema do Departamento de Recursos Humanos e marcou horário para três entrevistas com as candidatas ao cargo de Amelia.

Tão logo desligou, a assistente surgiu com uma xícara e a pousou sobre a mesa de Trina.

– Aí está – murmurou, puxando a bainha do suéter torto para baixo. – Desculpe. Detesto me atrasar. Eu... uh... – Ela exibiu um sorriso amarelo. – A maldição da manhã de segunda-feira.

Trina baixou o olhar à xícara de água quente. Não havia café, apenas água.

– Droga, droga, droga! Não posso acreditar que fiz isso – Amelia disse, esticando o braço para pegar a xícara.

Trina a observava, surpresa. Nunca vira Amelia praguejar. A postura da assistente era sempre tão profissional. Havia algo de muito errado com ela.

– Gostaria que fechasse a porta e se sentasse por um minuto.

Amelia gesticulou com as mãos diante do corpo.

– Eu... apenas...

– Só por um minuto – Trina insistiu e esperou que Amelia fechasse a porta e se acomodasse na cadeira. – Há algo de errado com você?

Amelia ofegou.

– Não. Não há nada de errado – respondeu, forçando um sorriso breve que lhe contraiu as feições em uma expressão desgostosa. – Apenas uma segunda-feira.

Era óbvio que Amelia estava tensa como uma corda de violão esticada.

– Tudo bem. Não tem de ser perfeita o tempo todo. Mas não está parecendo você esta manhã. Há algo que possa fazer para ajudar?

Amelia começou a fungar e resfolegar. Lágrimas grossas lhe descendo pelo rosto.

– É William – grasniu.

– Ele se acidentou?

Amelia negou com a cabeça.

– Não, não.

– Está doente? – Trina temeu fazer a próxima pergunta. Morto? Teria William morrido? Não. Nesse caso, Amelia não teria vindo trabalhar.

Mais uma vez, a assistente negou com a cabeça.

– Não. Ele quer dar um tempo em nossa relação. – A voz de Amelia falhou, enquanto ela enterrava o rosto nas mãos.

A compaixão pela sempre composta assistente fez o coração de Trina se contrair dentro do peito. No mesmo instante, pegou vários lenços de papel, contornou a mesa e deu palmadas leves no ombro de Amelia.

– Sinto muito. Estou vendo que essa decisão a pegou de surpresa.

Amelia soluçou, com um movimento negativo de cabeça.

– Ele vai se mudar sem mim.

– Oh, sinto muito!

– Tenho de encontrar um apartamento ou voltar para a casa dos meus pais – prosseguiu a assistente. – Ele saiu do apartamento, ontem.

– Tão rápido assim? William não lhe deu nem um aviso prévio? Canalha – Trina resmungou, indignada. – Sei que isso parece o fim do mundo.

– E é – Amelia respondeu, soluçando. – Sem William minha vida não tem sentido. Não sei como continuarei vivendo.

– Sei como é dolorido ter o coração despedaçado. Aconteceu comigo mais do que uma vez. – Trina imaginou se voltaria a acontecer.

– Nunca tive o coração partido. Não me lembro sequer da minha vida sem amar William. – Amelia fungou. – Temos de reatar nosso relacionamento. Preciso acreditar nisso. Do contrário, como poderei viver?

Trina se inclinou e a envolveu em um abraço.

– Mas enquanto isso não acontece, tem de seguir em frente. Acho que posso encontrar um lugar para você ficar por um tempo. É agradável e ficará segura lá – Trina disse, imaginando quanto lhe custaria convencer a mãe a deixar que Amelia morasse em um dos quartos da mansão. – E como tem de se sustentar, pode aceitar as ofertas de emprego fixo que a Bellagio lhe fez. Sabe o quanto todos nós apreciamos seu trabalho aqui.

– Mas e se William voltar a si, perceber o erro que cometeu e admitir que fomos feitos um para o outro? Preciso estar pronta para partir.

– Nesse caso, pode nos dar duas semanas de aviso prévio e tomar seu rumo. Mas, por ora, precisa de um emprego para arcar com suas despesas.

– Por que William não o fará – Amelia se lamentou, antes de cair em prantos outra vez.

– Acho que deveria tirar o resto do dia de folga. Vá para casa.

– Não posso ir para lá agora. Não suportaria. Ele se foi.

– Está bem. Então, vá para a minha casa. Tire um cochilo. Tome um banho de Jacuzzi. E há um croissant de chocolate em uma sacola branca sobre o balcão da cozinha. É todo seu. – Trina ergueu um bloco de notas da mesa, escreveu o endereço e as coordenadas para que ela chegasse lá.

– Vire à direita, quando sair do estacionamento, pegue a interestadual na direção Sul, e vire na segunda saída. Depois vire na segunda à esquerda e depois na terceira à esquerda. E esta noite tomaremos alguns drinques juntas.

– Não costumo beber – Amelia disse.

– Talvez seja melhor abrirmos uma exceção esta noite. – Trina apontou para o suéter da assistente. – É melhor abotoá-lo da maneira correta.

Amelia baixou o olhar à roupa e fez que não com a cabeça.

– Estou perdida. Totalmente perdida. Nunca mais conseguirei voltar a ser o que era.

– Está enganada. Sofreu apenas um choque. É uma mulher resiliente. Soube disso desde que a vi pela primeira vez. – Trina abriu a porta do escritório. – Vá tomar um banho de Jacuzzi e comer o croissant de chocolate.

Trina observou a assistente deixar o escritório, com expressão perdida no olhar e experimentou uma pontada de compaixão. Ter o coração partido era duro de suportar.

Lutando contra uma aguilhada incômoda de sentimento de culpa, discou o ramal do Departamento de Recursos Humanos. Amelia se recuperaria, disse a si mesma, e quando isso acontecesse, queria a jovem trabalhando para ela.

– Mary Henderson. Recursos Humanos.

– Amelia Parker aceitará trabalhar para a Bellagio. Estou ligando para reivindicá-la.

Em consideração à privacidade de Amelia, não entrou em detalhes sobre o assunto. No entanto, nos cinco minutos que se seguiram, conseguira negociar um quarto na casa da mãe para a assistente e pediu para que Jenny Prillaman Waterson a visitasse naquela noite para ajudá-la a levantar o ânimo de Amelia. Instruiu a amiga recém-casada para não se desmanchar em elogios ao marido. Ela funcionaria como uma espécie de luz no fim do túnel para a jovem assistente.

Enquanto retornava telefonemas, fez uma lista dos itens que teria de comprar no supermercado, a caminho de casa.

APÓS UM longo e exaustivo dia de trabalho, Walker passou em um restaurante e comprou comida para ele, BJ e Danielle. Aproveitou e comprou dois buquês de flores. Um para a cunhada e outro para Trina.

Quando chegou em casa, cumprimentou os pais de primeira viagem e saboreou a comida chinesa. Ansioso por uma noite tranquila com Trina, ficou surpreso quando se deparou com outros carros estacionados no caminho que levava à garagem da casa.

Curioso sobre o que estaria se passando, tocou a campainha e ouviu o som alto da música. Uma pontada de desconforto lhe varou o peito. Estaria Trina dando uma festa? Sem sua presença?

Trina abriu a porta e o fitou, surpresa. A música alta ecoava no interior da casa.

– O que está fazendo aqui? – Os olhos escuros pousaram nas flores e ela pestanejou, confusa. – Havíamos planejado algo para esta noite?

– Eu havia. Tome – respondeu ele, entregando-lhe o buquê de margaridas.

A expressão de Trina suavizou.

– Oh, são lindas! Que bela surpresa. Minhas flores favoritas. Muito obrigada – agradeceu, antes de beijá-lo. – Mas não poderá ficar.

Primeiro, beija. Depois, esbofeteia.

– Por quê?

Trina saiu para a varanda e fechou a porta.

– O noivo de minha assistente terminou o relacionamento. A pobrezinha está arrasada e não tem muitos amigos na cidade. Portanto, estamos tendo uma noite HSR.

Walker franziu a testa confuso.

- O que significa isso?
- Uma sigla. Coisa de mulher.
- Dá para perceber, mas quer dizer o quê?

Trina hesitou por alguns instantes.

- Homens são ratos. Nada de pessoal, é claro – acrescentou.

Uau!

- Parece-me um tanto hostil. E o que estão fazendo?

- Tocando música de bandas femininas, ingerindo comida calórica, bebendo martinis ou margaritas. No nosso caso, ambos, porque Liz está aqui e tem uma capacidade absurda para beber. Estamos também espicaçando os homens e consolando a vítima.

- Liz Colburn? – Walker perguntou, recordando tê-la conhecido no casamento de Jenny.

- Sim, e Jenny, também. Anna não pôde vir porque jura que está grávida de dez meses.

- Jenny Prillaman, a esposa de Marc? Espicaçando os homens? Está recém-casada!

- Sim, eu sei. Ela está fazendo o papel de luz no fim do túnel.

- E você e Liz?

- Liz é o tipo de mulher que todas queremos ao nosso lado quando atravessando um túnel escuro. Sabe como nocautear um homem tanto no sentido figurado quanto no literal. Ela era garçonne e agora está casada com um milionário bem mais velho. Mas acho que já disse mais do que está interessado em saber.

Disse o suficiente para assustá-lo.

- Onde está Maddie?

- Está lá dentro, se divertindo com as companhias extras.

- Elas a estão influenciando a odiar os homens – Walker resmungou. – Mais um motivo para fazer minha filha me odiar.

- Ela não o odeia. Apenas não está acostumada com você.

- E quem tomará conta dela se você se embriagar?

- Não vou me embriagar. Tomei apenas uma margarita e um outro drinque. – Trina fez uma pausa. – Está bem, estou me sentindo um pouco zozza, mas não beberei mais. Está quase na hora de colocá-la para dormir.

- Tomarei conta dela – ofereceu ele, curioso a respeito da festa HSR e invadido por um senso de proteção para com a filha.

Os olhos de Trina se arregalaram.

– Não é possível que esteja querendo tomar conta dela. E eu não quero me ver obrigada a explicar sua presença para elas.

– Pode levá-la para o andar de cima. Ficarei lá com ela – Walker insistiu.
– Longe da influência nociva de mulheres malignas.

– Não somos malignas – Trina argumentou. – Deve estar muito ansioso para se livrar do recém-nascido para concordar em se submeter a uma festa feminina e tomar conta de Maddie.

As palavras de Trina o irritaram, mas não podia culpá-la. Afinal, não lhe dera motivos para pensar o contrário.

– Vou subir. Leve Maddie quando achar que deve.

Trina hesitou, estudando-o por um longo instante. Em seguida, abriu a porta e perscrutou para dentro.

– Está limpo – disse, entregando-lhe as flores. – Eu as amei, mas não quero piorar a situação de Amelia. Poderia colocá-las em um vaso, lá em cima?

– Está bem, mas não deixe que nenhuma dessas mulheres suba com objetos pontiagudos.

– Estará seguro se não descer. Tentarei levar uma margarita para você mais tarde. – O olhar de Trina encontrou o dele por um longo instante, fazendo-o experimentar uma pontada de algo indefinido no peito. – Seu oferecimento me pegou de surpresa. A qualquer momento que queira desistir é só me avisar.

O comentário podia ter soado inocente, mas lhe percorreu as entranhas como um arame farpado. Não queria que Trina o julgasse do tipo capaz de desistir. Sentindo-se possessivo, escorregou uma das mãos pela nuca delicada e a puxou para um beijo breve.

– Não se esqueça – começou ele – que os homens têm algumas boas utilidades.

Walker subiu a escada, colocou as flores em um vaso com água e perambulou pelo segundo andar. Ainda não tivera tempo disponível para observar os detalhes do quarto de Trina. Até então, seu único pensamento fora levá-la para a cama quando chegava naquele aposento. Ao som de “I Will Survive” reverberando por toda a casa, olhou ao redor. Potes de vidro cor-de-rosa, azul-esverdeado e vermelho-rubi adornavam a cômoda. Um coelho de pelúcia de orelhas longas e uma foto de Trina segurando um bebê recém-nascido se encontravam na outra extremidade.

Erguendo a foto, Walker a estudou, percebendo que havia sido tirada no hospital. Trina segurava Maddie no círculo seguro de seus braços. O cabelo estava desgrenhado, o rosto cansado, mas os olhos refletiam orgulho e deslumbramento. Era até mesmo capaz de ouvir o que ela diria naquele momento. “Olhe para ela. Não é linda?”

Algo se contraiu no peito de Walker diante do momento intimista e feliz captado na foto. Aquela devia ter sido uma das primeiras fotografias de Maddie. A cabeça diminuta parecia pontuda, o nariz amassado e o rosto vermelho. As mãozinhas cerradas em punhos.

Tão frágil, tão pequena, pensou ele, percebendo um forte sentimento protetor invadi-lo. A estranha sensação de perda voltou a incomodá-lo. Walker devolveu a foto à cômoda e vagou até o criado-mudo, onde uma pilha de livros dividia espaço com um abajur ornado de franjas na cúpula, que ele acendeu para ler os títulos das obras. *O que esperar quando você está esperando, O primeiro ano do bebê, How To Be a Single Mom.*

Mais uma vez, Walker confirmou o que já sabia.

Embora não tivesse planejado aquela gravidez, Trina havia mergulhado no papel de mãe. Apesar de toda aquela postura de mulher solteira e independente, era uma pessoa com quem se podia contar.

Ouvindo passos atrás dele, Walker ergueu a cabeça e a viu passar no corredor, com Maddie apoiada sobre a lateral do quadril e uma taça de margarita na outra mão. Com um sorriso lhe curvando os lábios diante daquela visão, ele se aproximou por trás.

– Olá – disse em tom de voz baixo.

Trina girou, mas não deixou o conteúdo da taça de margarita entornar.

– Pronto para tomar conta do bolinho de cenoura? – perguntou.

Walker anuiu e a seguiu para dentro do quarto da filha.

– Mantenha a luz apagada e fique em silêncio – Trina orientou, pousando a margarita sobre a cômoda branca de Maddie. – Talvez ela não estranhe a troca se for feita no escuro. Há um segredo para fazê-la relaxar. Só eu conheço.

– E qual é?

Trina ficou em silêncio por alguns instantes, parecendo hesitante em lhe contar.

– Não se trata de um segredo de estado – disse ele.

– Poderia ser – sussurrou ela, com um traço de irritação na voz. – Demorei quase um mês para descobrir. Um mês de noites em claro.

Walker deu de ombros, por não dispor de nenhuma resposta adequada. Trina baixou o olhar à filha e lhe tocou a bochecha gorducha.

– Acaricie o rosto dela. Com toda a suavidade, toque nos cílios e nas sobrancelhas, enquanto conversa com ela. Não importa o que diga, e sim o tom. – Trina apontou para a cadeira de balanço. – Está preparado?

– Sim – Walker respondeu, enquanto ela lhe entregava Maddie.

Quando ele se sentou na cadeira, a menina emitiu um som de protesto, fazendo-o enrijecer.

– Carícias suaves – Trina repetiu com um sussurro.

Walker ergueu o dedo e tocou a pele aveludada da testa pequenina. Após um instante, os cílios de Maddie semicerraram e ele também os tocou. Dois minutos se passaram até que o corpo gorducho da filha relaxasse e a respiração se tornasse cadenciada.

A fera bebê havia sido domada. Maddie estava adormecida. Trina era a mulher mais sagaz do mundo.

Após colocar a filha no berço e prender a respiração enquanto erguia a grade, Walker pegou a taça de margarita, saiu do quarto e fechou a porta. O aparelho de som havia sido desligado e as vozes femininas se elevavam até o andar superior.

Festa HSR. Aquela era uma oportunidade única, que não poderia perder. Walker tirou os sapatos e desceu em silêncio.

– Todas nós fomos desprezadas um dia – disse uma das mulheres, que parecia ser Jenny Prillaman. – Até mesmo Liz.

Um silêncio se seguiu.

– Uma vez – admitiu uma outra mulher. – Mas depois disso, fui eu que terminei com todos os meus relacionamentos. Ao menos, você não ficou tão arrasada quanto Trina, quando foi abandonada.

Outro silêncio se seguiu.

– Foi um término de comum acordo.

– Sim, mas o cara devia ser um cafajeste para não apoiá-la durante a gravidez.

– Ele não sabia – Trina retrucou. – Eu não lhe contei.

– Por que não? Poderia ter recebido uma boa bolada em dinheiro.

– Não estava interessada em dinheiro. Não gosto da ideia de ser uma obrigação para um homem. Em hipótese alguma – Trina afirmou. – Se ele não me quiser, deixo-o livre para se afastar.

– Perco minha identidade sem ele – a voz trêmula de outra mulher se fez ouvir. – Não sei como continuar vivendo.

– Essa é a sua oportunidade de descobrir quem de fato é. Acredite em mim, amiga, esse é o momento para você alçar voo. Fazer tudo que sempre desejou, mas não tinha liberdade ou coragem para experimentar.

– Liz tem razão – Jenny disse.

– Mas dói tanto.

– Tem de viver um dia de cada vez – Trina disse. – E se isso se tornar difícil, viva uma hora de cada vez. Se não aguentar, passe para um minuto de cada vez. Após algumas semanas, percebendo que sobreviveu, acabará constatando que é mais forte do que pensava. Que pode contar consigo mesma, ainda que não possa contar com um homem.

As mulheres continuaram a conversar, mas as últimas palavras de Trina permaneceram na mente de Walker. Imaginou o que seria necessário para fazê-la contar com ele. Sabia que Trina o desejava, mas seria capaz de necessitar dele? Queria que ela tivesse certeza de seu apoio.

Aquele era um problema sério, pensou ele, retornando ao andar superior e se encaminhando ao quarto de Trina. Ajeitou os travesseiros atrás da cabeça e pegou um dos livros sobre o criado-mudo. *O primeiro ano do bebê*.

Uma hora depois, Trina abriu a porta e levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio. Fechou a porta e caminhou até a lateral da cama.

– Fale baixo. Liz e Jenny partiram, mas Amelia está dormindo ao final do corredor.

Walker anuiu, observando-a pegar uma camisola e se dirigir ao toalete. Instantes depois, ouviu o som da água do chuveiro correndo e de Trina escovando os dentes. Um rápido gargarejo o fez sorrir.

Mais alguns segundos e ela abriu a porta, cruzou a distância até a cama, deitou-se e lhe envolveu o dorso com os braços.

– Não deve tirar vantagem de mim só porque bebi três drinques esta noite. – Trina inspirou fundo. – Oh, seu cheiro é maravilhoso.

Walker gostava da sensação de estar envolvido naqueles braços macios e delicados.

– Tem razão. Não posso tirar vantagem de você. É tão barulhenta que sua assistente ouviria tudo.

Trina recuou a cabeça para encará-lo.

– Ela está lá no final do corredor.

– Ainda assim a ouviria – disse ele, enterrando os dedos no cabelo macio de Trina.

– Não sou tão barulhenta assim – protestou ela, com a testa franzida.

– É – Walker afirmou. – Aposto que se eu tirasse vantagem de você, a faria gemer.

Os olhos de Trina se tornaram ainda mais escuros.

– A pergunta é: seria capaz de me estimular a gemer, mas me impedir de fazê-lo e ainda de se lembrar de usar preservativos?

Aquele era um desafio impossível de resistir e ele logo descobriu que Trina estava determinada a dificultá-lo ao máximo. Enquanto a beijava e roçava as mãos sobre os seios fartos, ela lhe tirava a camisa e o livrava da calça.

Em seguida, Trina o deixou aturdido ao não perder tempo em lhe segurar o sexo nas mãos e acariciá-lo. Walker lhe abafava os gemidos suaves com beijos ousados.

– Silêncio – lembrou ele. – Não faça barulho.

– Seria mais fácil se você não fosse tão delicioso – Trina murmurou, enquanto lhe percorria o peito com beijos molhados e descia cada vez mais. Quando Walker sentiu a boca úmida e quente se fechar sobre a ereção que sustentava, sentiu o cérebro rodopiar.

A doce Trina, a boa menina, possuía uma boca devassa. Com beijos eróticos e quentes, ela o empurrou cada vez mais para o precipício. Quando sentiu que não iria suportar por mais tempo, Walker pegou um preservativo sobre o criado-mudo, colocou e a sentou sobre a ereção que ela tornara dolorosa com as carícias ousadas.

– Como pode ser tão comportada e devassa ao mesmo tempo? – perguntou ele.

Trina deixou escapar um gemido que ele deteve com um dedo sobre os lábios carnudos. Em seguida, escorregou a mão entre os corpos suados e encontrou o ponto sensível da feminilidade já intumescido.

Com o olhar se banquetando em Walker, ela entreabriu os lábios e lhe sugou o dedo.

E ele deu vazão ao próprio gemido.

– POR QUE está tão preocupada? – Walker perguntou a Trina no domingo, quando ela saltou do carro conversível que estacionara diante da casa da

mãe.

– Porque sim – respondeu ela, observando a varanda da frente, cautelosa. A mãe era capaz de sentir quando havia algo de diferente na vida de Trina, e quando Aubrey pressentia um segredo, cavava até descobri-lo. – Você já falou com eles? Caso contrário, é melhor você entrar primeiro. Não quero que minha mãe descubra sobre nós.

– Quer me manter como um brinquedinho secreto. Posso suportar isso. É esse o motivo de todo seu nervosismo?

– Você não entende. Estou protegendo a nós dois. Minha mãe seria capaz de fritar seus miolos se soubesse que estamos tendo um relacionamento. E se descobrir que você é o pai de Maddie... – Um tremor perpassou o corpo de Trina.

– Mais cedo ou mais tarde, ela ficará sabendo.

Sentindo um calafrio lhe percorrer a espinha, Trina o fitou, com um movimento negativo de cabeça.

– Não agora. Não hoje.

Abrindo a porta traseira do carro, ela pegou o pote de salada de vegetais marinados e o presente do bebê. Ele os retirou das mãos de Trina, a surpreendendo.

– Não vai pegar Maddie? – perguntou ele. – Pode se acalmar. Sua mãe parece concentrada na comida, em Harry e no bebê.

Trina negou com a cabeça, enquanto retirava a filha da cadeirinha no banco traseiro.

– Não posso contar com isso. Ela é capaz de pressentir quando algo diferente aconteceu comigo. Por isso a evitei ao descobrir que estava grávida. Aposto que ela pode farejar que fiz sexo.

– E daí? Você é uma mulher adulta. O que Aubrey pode fazer?

– Minha mãe sabe como me aborrecer. Ela fará com que eu me sinta uma mulher vulgar, quando na verdade só consigo ser devassa com você. – Trina ergueu a mão e tocou a maçaneta.

– Espere um minuto – Walker fechou a mão sobre a dela e a afastou da porta. Em seguida, se apossou dos lábios carnudos com um beijo ousado. – Esse é o maior elogio que já recebi, mas você não é uma mulher vulgar e sim o sonho de todo homem: uma dama fora da cama e uma tigresa entre quatro paredes. Não se esqueça disso.

Trina sentiu os joelhos enfraquecerem e a respiração ficar presa na garganta diante daquele olhar.

– Uh... obrigada.

– Eu é que agradeço. – Walker a beijou outra vez, antes de guiar o caminho para dentro da casa.

Quando chegaram, se depararam com Aubrey inclinada sobre o bebê, enquanto Harry conversava com Amelia, que, por ora, estava hospedada em um dos quartos da casa.

A mãe ergueu o olhar do recém-nascido e o fixou em Trina e na neta. A expressão se iluminando no mesmo instante.

– Lá está minha linda Madeline.

Maddie agitou os pezinhos em resposta e Trina não pôde conter um sorriso. A menina adorava a avó e ela mal conseguia esperar até que Maddie chamasse Aubrey de nomes como vovozinha ou coroa.

A mãe pegou Maddie no colo.

– Senti saudades! Sua mãe não me chamou mais para tomar conta de você. Por que não tem me chamado? – Aubrey perguntou a Trina.

– Tive a impressão de que estava atarefada – ela retrucou, com um olhar significativo a Harry, que conversava com Amelia, antes de acenar para os dois.

– Nunca atarefada demais para a minha Madeline – Aubrey retrucou, observando a filha por alguns instantes. – Parece diferente. Aconteceu alguma coisa?

– Talvez eu esteja precisando de um corte de cabelo – Trina respondeu, sem ousar desviar o olhar na direção de Walker. – Ou talvez tenha me excedido nas calorias esta semana e ganhado peso.

A mãe discordou com um gesto de cabeça e a testa franzida.

– Não é nada disso, mas não estou conseguindo perceber o que é.

– Pode me servir uma cerveja? – Walker perguntou.

Como boa anfitriã, Aubrey se focou no convidado.

– Claro que sim. Voltarei dentro de instantes. Harold, não acha melhor começar a grelhar as carnes?

– Como quiser, belezura – retrucou ele.

Aubrey soltou uma risadinha.

Trina observou a cena, estupefata.

– Oh, meu Deus! – sussurrou. – Preciso mesmo avisar seu tio que ela é capaz de matá-lo.

– De nada adiantará – Walker retrucou. – Harry disse que é mestre em causar úlceras.

Trina deu de ombros.

– Espero que ela não...

– Harry não é o seu pai – Walker lembrou.

Trina anuiu.

– Tem razão, e obrigada por distrair minha mãe.

– Sem problemas. Lembre-se que pode fugir, mas não pode se esconder a vida inteira.

– Mas há alguns assuntos que gostaria de postergar – respondeu ela, encaminhando-se na direção de Amelia e Danielle.

A assistente estava se recuperando. Agora, parecia perdida apenas em alguns momentos em vez de sempre. Trina a chamou para ajudá-la a preparar a comida, no intuito de mantê-la ocupada, e se incumbiu de segurar o filho de Danielle e BJ, John Walker, um bebê adorável.

Recordou os momentos preciosos em que segurava Maddie no colo quando a filha estava com aquele mesmo tempo de vida.

Sentindo o olhar de Walker, ergueu a cabeça e percebeu o coração perder uma batida e o ar lhe faltar, diante da conexão existente entre os dois.

Durante a refeição, Trina estendeu duas mantas no chão para que Maddie se distraísse.

– Duas? – questionou a mãe.

– Ela aprendeu a rastejar sentada – Walker disse e Trina lhe dirigiu um olhar chocado. Para todos os efeitos, ele não poderia ter aquele tipo de informação. Aubrey arqueou as sobrancelhas. – Você me disse isso, antes de entrarmos, quando eu a estava ajudando com a salada e o presente.

– Oh, sim, isso mesmo – Trina concordou. A voz demasiado alegre para os próprios ouvidos. – Agora temos uma menina que consegue se deslocar. E logo estará engatinhando.

– Espere até que Maddie esteja andando – disse a mãe, e Trina liberou a respiração que estivera prendendo.

Todos apreciaram a refeição e, em seguida, se sentaram na varanda. Aubrey se alternava entre segurar Maddie e John Walker no colo, além de flertar com Harry. Para escapar das perguntas da mãe, Trina concluiu que teria de sair mais cedo.

A campainha tocou, quebrando a atmosfera tranquila e amigável. A mãe se desculpou e foi atender à porta.

Ao retornar, exibia uma coloração acinzentada no rosto.

– Carter-Aubrey, há alguém na porta. Ele... ele quer vê-la. É o...

Um homem alto, forte, com olhos escuros, cabelo preso em um rabo de cavalo e bíceps tatuados surgiu atrás de Aubrey.

– Olá, Kat. Há quanto tempo! – Trina congelou. O homem acenou. – Oi, sou eu. Stan.

Trina sentiu a mão de Walker no ombro, antes de inspirar fundo e se erguer.

– Vamos conversar no saguão – conseguiu dizer, surpresa em conseguir fazer os pés se deslocarem. Por que Stan viera até ali? Ele era passado. Caso encerrado. Escrevera-lhe um bilhete, pedindo para que a deixasse em paz.

– Está bem, mas não acha que deveria me apresentar primeiro? – Stan perguntou, exibindo o sorriso de garoto rebelde que tanto a iludira, anos atrás. – Sou Stan Roch, o marido de Kat.

A pressão sanguínea de Trina subiu para o teto da casa de três andares da mãe.

– Ex-marido – corrigiu ela. – E há muito tempo.

Stan negou com a cabeça, estalando a língua.

– Não exatamente – disse. – Devia ter prestado atenção naqueles papéis. O juiz nunca os assinou.

Trina sentiu o sangue congelar nas veias.

– Mas os papéis estão selados.

– Sim, mas não assinados. Agora que tive um bom tempo para pensar em nosso casamento, estou reconsiderando a divisão de bens.

Aubrey desmaiou.

CAPÍTULO 22

HORRORIZADA, TRINA se precipitou na direção da mãe, segurou suas mãos e começou a lhe massagear os pulsos.

– Acorde, mãe. Acorde. – E relanceando o olhar a Stan. – Não estamos mais casados. Você está enganado.

Harry se juntou a Trina.

– Aubrey, Aubrey, querida...

– Ora, docinho – Stan retrucou. – Não fui eu quem fiz as leis. Apenas tive tempo de sobra para estudá-las.

– Porque estava na cadeia e não podia ocupar seu tempo assaltando lojas de conveniência – Trina rebateu, enquanto as pálpebras de Aubrey começaram a tremular.

Walker deu um passo à frente.

– É melhor ir embora – disse ele a Stan.

– Quem é você? O cara da vez? – O ex-presidiário exibiu um sorriso sarcástico. – Como é a sensação de saber que esteve se deitando com a esposa de outro homem? Isso poderia ser excit...

Trina mal conseguiu pestanejar, antes de Walker atirar Stan contra a parede com um movimento abrupto e imobilizá-lo com uma das mãos fechadas em torno do pescoço.

– Cuidado com o que diz – Walker sibilou.

– Calma, garotão – Stan retrucou. – Tenho o título de propriedade.

Trina entrou em pânico. Stan sempre fora um homem cruel. Não queria que ele ferisse Walker.

– Walker, por favor...

BJ se acercou dos dois.

– Vamos tirar esse seu traseiro sujo daqui e você vai embora para nunca mais voltar.

– Digam o que quiserem, rapazes. Decidi que um acordo de partilha de bens diferente seria mais justo. Isso pode levar um tempo.

– Oh, meu Deus! – Aubrey exclamou.

Trina olhou para a mãe.

– Isso não pode ser verdade. É impossível. Deixamos tudo alinhavado há muito tempo.

– Engraçado – Stan disse com uma risada. – Essa bebê, por lei, também é minha. Qual é o nome dela? Vem com o papai.

Walker desferiu um soco certeiro no nariz de Stan, fazendo o sangue espirrar.

– Oh, meu Deus! – Trina disse. Era como se aquela noite tivesse se transformado em um filme de terror. Aquilo não podia estar acontecendo. Era irreal. – Não! – gritou, se precipitando na direção de Maddie e a erguendo do chão.

– Ela não é sua filha – Walker disse para um ensanguentado Stan. – É minha.

– Oh, meu bom Deus! – Aubrey exclamou, antes de desmaiar outra vez.

COM A ajuda do irmão, Walker arrastou Stan para fora da casa e o atirou sobre a motocicleta. Estava tão furioso que seu desejo era despejar aquele crápula em uma vala. Enquanto o carregavam para fora, o ex-presidiário não argumentou, mas Walker sabia que ele voltaria. Aquele homem era um parasita. Não conseguia acreditar que Trina tivesse sido capaz de se envolver com aquele cafajeste, quanto mais de se casar com ele. Sua mente funcionava a mil por hora, enquanto subia os degraus da casa com BJ a seu lado.

O irmão espalmou as mãos no peito de Walker quando alcançaram a porta.

– É mesmo o pai de Maddie?

Walker sentiu o olhar perscrutador do irmão e deixou escapar um suspiro exasperado.

– Sim. É uma longa história.

– Mas não está cuidado de sua filha. Diabos, nem mesmo a assumiu. Que tipo de pai faz isso?

– Trina não me contou que estava grávida. Eu não sabia até retornar da França.

BJ o encarou por alguns instantes, antes de soltar um xingamento.

– E por que ela não lhe contou?

Walker deu de ombros.

– É difícil de explicar.

– Sou todo ouvidos – BJ retrucou. – Não posso acreditar que não está se responsabilizando pela própria filha.

– Tão logo descobri, tomei providências para estabelecer uma pensão e garantir o futuro de Maddie – Walker informou, passando uma das mãos pelo cabelo. – Mas não estava preparado para ser pai.

– Pensei que tivesse feito uma vasectomia.

– E fiz, mas ao que parece, não foi bem-sucedida.

BJ praguejou outra vez. Em seguida, imergiu em silêncio por alguns instantes e voltou a encará-lo.

– Você tem uma filha. É pai. Tem de arcar com essa responsabilidade.

BJ abriu a porta e entrou, mas Walker permaneceu na varanda da frente, absorvendo as palavras do irmão. Refletiu sobre Stan e sentiu o sangue atingir o ponto de ebulição nas veias. Teria arrancando as cordas vocais daquele patife com todo o prazer. Abriu e fechou os punhos e baixou a olhar para descobrir as juntas dos dedos esfoladas e sangrando. Até aquele momento, estivera apenas experimentando as águas bravias da paternidade. Colocando um pé de cada vez. E, em um segundo, tudo se tornou claro. Trina era sua mulher, e Maddie, sua filha. Entrou na casa, preparado para se deparar com o caos.

Aubrey estava sentada no sofá. Os ombros envolvidos pelo braço de Harry. Quando ele entrou, a mãe de Trina ergueu os olhos estreitados.

– Seu... seu... como foi capaz de destruir a reputação de Trina e abandonar a própria filha? Você não vale o chão que pisa!

– Ele não sabia – Trina interveio, segurando Maddie contra o peito. – Eu não lhe contei.

Aubrey ofegou.

– Como pôde fazer isso? Walker era o pai. Como foi capaz... – Ela deixou escapar um soluço, fazendo que não com a cabeça.

Trina mordeu o lábio inferior.

– Acho melhor eu ir embora. Já é tarde e Maddie está cansada.

– Não antes de explicar como isso aconteceu – Aubrey disse, se erguendo do sofá.

Harry lhe imitou o gesto.

– Calma, querida, acabou de sofrer um choque.

– Carter-Aubrey, como isso aconteceu?

– Da maneira normal. Walker e eu fizemos sexo e engravidei. Não acredito que queira ouvir os detalhes do que fizemos – Trina respondeu, recolhendo as coisas de Maddie. – Estávamos bêbados. Pronto, agora já sabe.

– Oh, Carter-Aubrey, não a criei assim.

– A culpa foi minha – Walker assumiu, se encaminhando na direção de Trina. – Eu a embebedei e tirei vantagem da situação.

Aubrey estreitou o olhar.

– Eu devia ter imaginado.

A mãe cruzou o aposento e estacou em frente a ele, hesitando apenas um instante, antes de esbofeteá-lo. Walker percebeu o movimento, mas não tentou impedi-la.

Trina ofegou.

– Mamãe!

Walker massageou a mandíbula.

– Não, acho que estava merecendo isso. Peço-lhe desculpas por ter comprometido a reputação de sua filha, sra. Roberts. Tentarei compensá-la.

Aubrey cruzou os braços sobre o peito.

– Terá de se esforçar muito.

Walker ouviu o soluço abafado de Trina às suas costas e girou no mesmo instante. Os olhos castanhos brilhavam com as lágrimas contidas. Ela mordeu o lábio inferior e arriscou um sorriso pálido, sem lograr êxito. A tristeza e o choque refletidos naquele rosto delicado lhe dilaceraram a alma.

– Sinto muito por tudo que aconteceu, Danielle e BJ. E você também, Amelia – acrescentou ela, com a voz trêmula.

– Oh, querida, não se preocupe conosco – Danielle respondeu. – Vá para casa e descanse.

Amelia concordou com um gesto positivo de cabeça.

– Banho de Jacuzzi, chocolate e martinis. Quer que eu telefone para Liz e Jenny?

Trina negou com um gesto veemente de cabeça.

– Oh, não. Acho que é melhor eu ir embora.
– Carter-Aubrey, há questões que precisam ser discutidas.
– Não esta noite – Walker retrucou virando o rosto. – Pode esbofetear este lado, se quiser, mas Trina precisa tomar fôlego.

Aubrey comprimiu os lábios.

– Boa noite, então.

Walker se despediu de BJ e do tio com um aceno de cabeça.

– Estou com você para o que der e vier – disse o irmão.

– Eu também – Harry acrescentou.

– Obrigado – Walker agradeceu e seguiu Trina para fora da sala.

Trina se manteve em silêncio até alcançar o carro e colocar Maddie na cadeira infantil de segurança no banco de trás. Em seguida, fechou a porta e contornou o veículo. Só então, girou para encará-lo.

– Conheci Stan em Myrtle Beach, quando completei 19 anos. Ele era um motoqueiro. Não dancei nua na praia nem fui presa em uma festa, usando drogas.

– Você se casou – Walker completou.

– Stan foi meu maior ato de rebeldia – disse ela. – E o pior erro da minha vida.

– Pior do que o que cometeu comigo – Walker retrucou.

Trina concordou com um gesto de cabeça.

– Tive Maddie. Não fiquei com você para provar minha independência.

– Por que ficou comigo?

Trina fez uma pausa.

– Você era noivo de uma mulher de beleza e riqueza invejáveis. Não podia ter escolhido melhor. Eu não podia competir. Não queria desejá-lo. – Trina fechou os olhos ao mesmo tempo em que um sorriso triste lhe curvava os lábios. – Mas desejei.

A tristeza de Trina o atingiu com tanta intensidade que lhe roubou o ar dos pulmões. Em que momento a dor e a alegria daquela mulher passaram a ser as dele? E então, Walker percebeu que amava Carter-Aubrey Katherine Roberts.

– Tudo vai acabar bem – disse ele, envolvendo-a nos braços. – Vou ajudá-la a superar isso.

Trina fez que não com a cabeça.

– Essa batalha não é sua. Não foi você quem cometeu o erro. Fui eu. Não deixarei que ele se aproxime de Maddie, não importa o que tenha de fazer.

Não permitirei que Stan se aproxime da minha filha.

Walker sentiu os músculos da mandíbula se contraírem, mas sabia que tinha de se manter racional para o bem de Trina.

– Ele não quer Maddie. Está apenas tentando infernizá-la para ver se consegue alguma vantagem financeira.

– Tenho um fundo patrimonial que minha mãe instituiu para mim, antes de meu pai perder quase toda a fortuna em processos judiciais. Utilizei-o quase todo para dar entrada em minha casa, mas poderia...

– Nem pense nisso – Walker a interrompeu, engolindo em seco o amargor de saber que outro homem era capaz de colocá-la naquela posição vulnerável. – Não fale com ele. Seria como negociar com um parasita. Deixe-me ver o que descubro primeiro.

Mais uma vez, Trina negou com a cabeça.

– Obrigada, mas esse fardo não lhe pertence. Preciso ir para casa. Quero colocar Maddie para dormir e analisar alguns documentos. Liguei para meu advogado, amanhã, bem cedo.

– Eu a seguirei no meu carro.

Trina lhe encontrou o olhar.

– Não quero que entre esta noite.

– Por quê?

– Pode ser loucura – começou ela, com um suspiro. – Mas nosso relacionamento sempre foi baseado em sexo e, se de fato eu ainda estiver casada, será demais para mim.

– Pretende permanecer fiel a Stan?

– Não. Pretendo permanecer fiel a mim. Portanto, deixe-me resolver essa questão com Stan e se depois ainda estiver interessado...

A falta de confiança de Trina o deixou ainda mais exasperado, mas ele se recusava a descontar a raiva nela.

– Vou segui-la até em casa e depois irei para meu apartamento. Pode me chamar a qualquer hora, do dia ou da noite, mas nunca, em hipótese alguma, aceite conversar com Stan. Se ele bater à sua porta, não atenda. Em vez disso, me telefone.

Trina hesitou por instantes, antes de concordar com um gesto lento de cabeça.

– Obrigada – disse ela, girando e entrando no carro.

E Walker daria qualquer coisa para que ela sentisse que podia contar com ele.

TRINA NÃO conseguiu dormir naquela noite. Após desenterrar a papelada do divórcio há muito esquecida, observou cada documento pelo menos umas 50 vezes. E a cada uma, perdia mais uma parcela da sanidade.

Era incrível, mas Stan tinha razão. O juiz não assinara os papéis.

Caminhando de uma extremidade a outra do próprio quarto, imaginou como aquilo poderia ter acontecido. Como pudera negligenciar aquele detalhe por tanto tempo? E se tivesse se casado? Seria bígama.

Tentada a telefonar para a casa do advogado, decidiu pesquisar na internet primeiro. Desde que ambas as partes estivessem de comum acordo, tudo que precisava era enviar a papelada de volta à vara cível para que o juiz a assinasse.

No entanto, Stan deixara claras suas intenções. Walker tinha razão. Aquele homem era um parasita.

Após se consumir em preocupações durante toda a madrugada, às 5h tomou um banho e se vestiu. Em seguida, bebeu um iogurte acompanhado de alguns biscoitos de chocolate e começou a arrumar Maddie para sair.

Quando transpunha o portão da casa de marcha à ré, encontrou a saída bloqueada por uma motocicleta. O coração de Trina perdeu uma batida. Stan.

O ex-marido desmontou da moto, mas a deixou atravessada na entrada e caminhou na direção do carro. Trina lhe lançou um olhar furioso através do vidro da janela fechada.

– Não sairei daqui até que fale comigo. Não quer se atrasar, certo? – gritou ele.

Trina baixou o vidro menos de meio centímetro.

– Seja breve. Preciso trabalhar.

– Belos pneus – disse ele. – Aposto que pagou uma fortuna por eles.

– Você não seria capaz de pagar nem mesmo o seguro deles – Trina disparou.

Stan deu de ombros.

– Depende. Teve tempo de dar uma olhada nos papéis do divórcio?

Trina mentiu com um movimento negativo de cabeça.

– Estive ocupada.

– Mentirosa – Stan disse, com uma risada. Se seus olhos fossem lasers, teriam incinerado os papéis.

– Se ao menos pudesse fazer o mesmo com você – retrucou ela.

– Kat, podemos tornar isso fácil ou difícil – ele gesticulou na direção de Maddie. – Minha filhinha é uma boneca. Talvez eu posso levá-la para conhecer minha gente durante a visitação determinada pelo juiz.

Desejando esmagar o cérebro de Stan contra o concreto, Trina afundou o pé no acelerador e parou a poucos centímetros da motocicleta.

Stan correu atrás do carro, xingando.

– Que diabos está fazendo?

– Oh! – disse ela em tom debochado. – Não vi sua motocicleta pelo espelho retrovisor. Esse é seu único meio de transporte?

Stan franziu o olhar.

– Sua vadia!

– Se eu fosse você, nem pronunciaria o nome da minha filha, a não ser que queira ver seus pertences destruídos.

– Quero um milhão de dólares – afirmou ele.

O pânico provocou uma onda de náusea em Trina.

– E eu quero ser 10 cm mais alta. É uma pena que nem todos os desejos se realizem.

– Se quiser se ver livre de mim, terá de me dar um cheque com seis zeros. Você é uma herdeira, querida. Não será problema.

– Vá para o inferno. Se não tirar a moto daí dentro de dez segundos passarei por cima dela. Dez – Trina começou a contar, com uma pausa de um quarto de segundo. – Nove.

– Você não estragaria seu carro com minha moto – Stan retrucou.

Trina deixou o carro deslizar mais um centímetro.

– Oito.

– Você é louca.

– Sete.

Stan deixou escapar um xingamento e correu na direção da motocicleta.

Trina se sentiu tentada a passar por cima do piloto e da moto, mas sentia as mãos trêmulas. Nunca bancara a covarde em situações de alto risco.

Stan ligou o motor da motocicleta, acenou para ela e partiu. Aquele era seu modo de dizer que voltaria.

Inspirando fundo várias vezes, Trina tentou se acalmar. Durante o trajeto, tentava se focar na tarefa de dirigir, enquanto lutava contra o pranto.

Sentia-se tola e sozinha. A mesma sensação que teve quando descobriu que estava grávida.

Mas conseguira triunfar, lembrou a si mesma. Aquela era uma sujeira que teria de limpar sozinha.

Quatro horas mais tarde, após uma reunião de emergência com o advogado, Trina fazia cálculos complexos com a mão direita, enquanto colocava amendoins recheados de chocolate na boca com a esquerda.

Ouviu uma batida à porta do escritório e fechou a gaveta onde guardava o estoque de chocolate. Esperava que não fosse Walker, porque sabia que ele não aprovaria o plano que tinha em mente. Recebera vários recados que ele deixara na caixa postal do celular e no telefone do trabalho naquela manhã.

– Entre.

Amelia adentrou com um pequeno buquê de flores em um vaso.

– Pensei que isso alegraria seu dia.

– Você é a melhor. Perfeita – Trina elogiou.

Amelia negou com a cabeça.

– Tem sido maravilhosa comigo. Após presenciar tudo que passou, ontem à noite, percebi que minha situação poderia ser bem pior.

Trina exibiu um sorriso tristonho.

– Como a minha, por exemplo.

Amelia contraiu as feições em uma expressão desgostosa.

– Não quis dizer que sua situação é a pior que poderia haver.

– Mas é uma das piores, certo?

Amelia lhe dispensou um olhar compassivo.

– O que fará?

– O advogado me disse que Stan pode arrastar essa situação por um longo tempo. Se planejasse me casar, ficaria irritada, mas como não tenho planos nesse sentido, posso aguentar o tempo que for necessário.

– Walker não quer se casar com você? – Amelia perguntou.

Trina sentiu um nó na garganta.

– Acho que não. Nosso relacionamento é muito complicado e...

– E quanto a Maddie?

Trina suspirou.

– Ele não queria ter filhos e eu não quero que Walker se sinta obrigado em relação a mim ou a Maddie. Não quero viver dessa forma.

– Walker não parece estar com você por obrigação – Amelia arriscou.

– Quem poderia saber? – Trina retrucou. – Mas preciso me concentrar em como convencer Stan a concordar com o divórcio. Tenho uma parte do meu

fundo patrimonial. Não é uma quantia exorbitante, porque usei o dinheiro para pagar a faculdade e dar entrada na minha casa. Telefonei para o banco e fiquei sabendo que posso conseguir uma hipoteca secundária e um empréstimo, mas, ainda assim, não chega nem perto do que Stan está exigindo.

Amelia a fitou, chocada.

– Vai dar dinheiro para aquele vagabundo?

A assistente era tão cheia de classe que sempre a chocava quando deixava escapar palavras grosseiras.

– Tenho de ser objetiva...

– Está disposta a recompensar aquele verme, endividando-se até a raiz do cabelo?

Trina pestanejou várias vezes.

– Quando coloca nesses termos...

Amelia fez um movimento negativo com a cabeça.

– Tem de haver outra solução.

Trina se debruçou sobre as mãos apoiadas na mesa.

– Não sei o que mais posso fazer.

– Por que não pede ajuda a Walker? Ele é o pai de Maddie.

Mas não quer ser.

– Esse é um problema meu, não dele. Preciso resolvê-lo sozinha.

A resposta não pareceu convencer a assistente.

– Esse me parece o tipo de situação em que tem de contar com os amigos. Acho que Jenny e Liz concordariam.

– ELA NÃO quer falar comigo – Walker disse para Harry, enquanto tomava um gole de cerveja e fingia estar vendo o jogo no telão do bar.

Harry também tomou um grande gole da própria cerveja.

– Aubrey não tem outro assunto. Trina também não quer falar com ela.

– Fui até a casa dela, mas Trina me disse para ir embora, com toda aquela educação refinada de que ela lança mão de vez em quando.

– Aubrey disse que ela é independente para diabo. Sabia que Trina expulsou a mãe da sala de parto e ficou sozinha, com a enfermeira e com o médico?

A revelação de Harry teve o efeito de uma lâmina a lhe transpassar o peito.

– Ela não permitirá que eu a ajude.

– Bem, sabe de uma coisa? Há sempre várias maneiras de se chegar a um objetivo.

Walker estacou com o gargalo encostado aos lábios e estudou o tio. Harry refletia aquela serenidade que reconhecera nele algumas vezes. Quase sempre precedia algo surpreendente, do qual o tio se recusava a receber o crédito.

– Tem algo em mente – Walker disse.

– Talvez. – Walker permaneceu calado, sabendo que o tio apreciaria aquele autocontrole. – Quando BJ se mudará?

– Talvez na próxima semana – Walker respondeu, por ora aceitando a tática defensiva. – Quero que Danielle tenha tempo para descansar.

– Tem tido uma atitude exemplar em relação a essa situação.

– Era o mínimo que podia fazer – Walker retrucou. – BJ está mesmo progredindo. Tenho de respeitá-lo por isso.

– Ele não sabe no que se meteu – Harry disse.

– Algum de nós sabe?

Harry lhe relanceou o olhar.

– O que fará em relação a Maddie?

Aquela pergunta o deixava ansioso, mas teria de se acostumar com a situação.

– Ela é minha filha. Terei de aprender a ser pai.

– Hmmm – fez o tio, em tom casual.

– Obrigado pela confiança entusiasmada que deposita em mim.

– Sempre confiei em você. Lamento que tenha sido pai por acaso, mas acho que pode lidar com isso. – Harry fez uma pausa. – Se quiser.

– Eu não queria quando descobri, mas algo mudou. Quero que Trina e Maddie possam contar comigo.

– Pode ser um bom pai para Maddie, sem ter de se amarrar a Trina. Por que se incomoda com ela?

Walker não conseguiu conter uma onda de raiva.

– Porque quero estar com ela. Quero acabar com toda essa mentira para que possamos assumir o relacionamento sem esconder de ninguém.

– Está parecendo que a considera mais do que uma mera...

Walker agarrou o tio pelo braço.

– Não se atreva a se referir a Trina nesses termos.

Harry lhe sustentou o olhar.

- Parece sério.
- É sério.
- O quanto?
- Eu a amo.

Os lábios de Harry se curvaram em um sorriso, antes de ele tomar mais um gole de cerveja.

- Acho que acabou de sair da sombra do seu papai.

E então Walker se deu conta de que o tio o havia induzido a confessar seu amor.

- Você é um crápula, Harry.

O tio anuiu.

– Tenho alguns amigos que poderiam nos ajudar com Stan. Posso lhes pedir alguns favores. E seria bom se conseguíssemos um juiz que nos desse uma pequena ajuda.

- Quem são esses amigos?

Harry deu de ombros.

– Alguns rapazes do Sul. Gostam de se intitular como “máfia do lixo branco”. São apenas rapazes agradáveis e persuasivos.

– Se Stan alegar que assinou os papéis de divórcio sob tortura, teremos uma bomba nas mãos.

– Ele não alegará nada. Esses caras são excelentes no que fazem. Precisamos apenas de um juiz flexível. Acha que pode encontrar algum?

Walker pensou em uma família que, por sentimento de culpa, poderia ajudá-lo. Em outras circunstâncias, seria inaceitável reviver a grande humilhação que passara. Mas agora, graças ao fato de Brooke tê-lo abandonado no altar, teria a chance de explorar a compaixão dos Tarantino em favor de Trina.

CAPÍTULO 23

Se conhecer um homem cujos beijos a fazem se sentir a mais bela mulher dentre as mulheres, não importa se calçando sapatos de salto alto ou tênis, fisque-o.

NA NOITE de sexta-feira, Trina estava começando a entrar em pânico. Não vira nem tivera nenhuma notícia do maligno Stan e não tinha como contatá-lo para dizer que estava disposta a vender qualquer coisa, exceto a alma e a filha, para que ele lhe concedesse o divórcio.

Stan não lhe dera qualquer número de telefone ou endereço. Como poderia encontrá-lo? Colocando um anúncio nos classificados do jornal? *Procuro o número do telefone de um delinquente condenado. Por favor, me ajudem.*

Havia consumido dois pacotes de salgadinhos de *tortilla* e ainda assim não conseguira se acalmar. Andava de um lado para o outro e observava Maddie arrastar as nádegas acolchoadas pela fralda sobre o assoalho da sala de televisão.

Se a situação com Stan estava péssima, com Walker estava ainda pior. Não tivera notícias dele desde terça-feira. Talvez tivesse conseguido fazer com que ele desistisse dela. A possibilidade fez seu coração se contrair de dor. Mas não podia envolvê-lo naquele problema. Embora soubesse que optara por resolver aquela situação sozinha, não se lembrava de se sentir tão solitária em toda a sua vida.

A campainha tocou, fazendo-a congelar. Talvez, enfim, fosse Stan. Erguendo a filha nos braços, Trina disparou na direção da porta e

perscrutou pelo olho mágico.

O coração deu uma cambalhota no peito. Walker. Uma centena de emoções a invadiram. Tentou manter a rédea curta em cada uma delas, mas era impossível. Inspirando fundo, abriu a porta.

– Olá. É ótimo ver você, mas ainda estou resolvendo...

– Estou aqui no papel de seu mensageiro – Walker a interrompeu, entregando-lhe um envelope.

Confusa, Trina o pegou e abriu.

– O que...?

– É melhor me entregar Maddie – sugeriu ele. – Não quero que a deixe cair.

Trina obedeceu e retirou os papéis do envelope.

– Por que eu a deixaria ca... meu Deus! – sussurrou ela, observando, incrédula, a sentença de divórcio. – Oh, meu Deus! – Trina folheou os papéis, confirmando as assinaturas. Estavam todas lá. Com as mãos trêmulas, ergueu o olhar para encará-lo.

– Como você... como isso...? – Trina se calou, de repente, sem palavras.

– Vamos entrar – Walker sugeriu, abrindo a porta.

– Sim – concordou ela, conferindo mais uma vez a papelada, para se certificar de que não estava sonhando.

Walker liderou o caminho até a sala de televisão.

– Os papéis são legítimos – afirmou. – E não desaparecerão.

– Mas como? Stan estava determinado a conseguir dinheiro. – Um pensamento assustador lhe atravessou a mente. – Você pagou para ele assinar isso?

Walker fez que não com a cabeça.

– Não. Stan mudou de ideia. Entrei em contato com alguém que tinha como influenciar um juiz a apressar o processo. Você assinou os papéis para o advogado na segunda-feira, portanto, era apenas uma questão de convencer Stan a concordar.

Não devia ter sido tão fácil quanto Walker queria fazer parecer. Ela o estudou por alguns instantes.

– Tem certeza de que não lhe deu dinheiro?

– Juro – Walker retrucou.

Trina franziu a testa.

– Então, como diabos conseguiu convencê-lo? Stan me exigiu um milhão de dólares na segunda-feira.

Walker pareceu congelar.

– Você falou com ele?

– Ele bloqueou o portão com a motocicleta, quando eu estava saindo para o trabalho, na manhã de segunda-feira – Trina explicou enquanto observava os músculos da mandíbula de Walker se contraírem. – Abri o vidro da janela do carro apenas meio centímetro.

Walker soltou um xingamento.

– Ainda bem que Stan partiu. Caso contrário, eu o esmagaria...

Todos os alarmes do cérebro de Trina soaram ao mesmo tempo.

– Partiu? Não o matou, certo? Quero dizer, pensei em fazer isso, mas...

– Não. Não o matei.

– Há algo que não está querendo me contar.

– Estou contando o resultado. É tudo que precisa saber.

As mãozinhas de Maddie começaram a vagar pela mandíbula, boca e nariz de Walker.

– Mas não porá um fim a essa situação, se houve um assassinato – Trina argumentou. A expressão determinada no rosto de Walker a assustando.

– Não houve assassinato algum. Stan está vivo, mas partiu da Geórgia e acho que não retornará.

– Por quê?

– Ele não gosta do clima.

Trina estreitou o olhar.

– Walker...

– Temos algo mais importante a discutir.

Trina sentiu a garganta se fechar diante da intensidade daqueles olhos castanho-esverdeados. Não sabia sobre o que Walker queria discutir, mas nunca o vira tão sério.

– Esse divórcio era muito importante – retrucou ela. – Obrigada.

– Não há de quê. Mas eu não posso lhe agradecer por ter dificultado qualquer ajuda que eu pudesse lhe dar.

Trina pestanejou várias vezes.

– O que disse?

– Se vamos ficar juntos, então terá de se acostumar a me deixar ajudá-la.
– Trina tentou captar o sentido daquelas palavras, mas se deteve apenas na frase “vamos ficar juntos”. – Sei que não a apoiei durante a gravidez, mas quero que saiba que sou o tipo de homem com quem se pode contar em qualquer situação. Boa ou ruim.

Trina inspirou, tentando jogar oxigênio para os pulmões, mas o nervosismo a impediu.

– Sempre soube que é o tipo de homem com quem se pode contar. Apenas não queria que visse a mim e a Maddie como uma obrigação. Se isso acontecesse, um dia iria se ressentir de nós duas, o que eu não poderia suportar. Não conseguiria... – A voz de Trina falhou e ela mordeu o lábio inferior, enquanto fechava os olhos. Não queria encará-lo, sabendo que não conseguiria ocultar a emoção que sentia.

– Oh, Trina – murmurou ele, puxando-a contra o corpo. – Por que está tão determinada a pensar que meu interesse por você é motivado pela obrigação?

Trina inspirou, trêmula.

– Nunca se mostrou interessado em mim, antes do fiasco do seu casamento.

– Mas sempre tivemos uma grande sintonia – Walker retrucou. – Desde o início. – Ele esfregou o rosto ao dela. – O que posso fazer para convencê-la de que quero ficar com você?

Trina fez um movimento negativo com a cabeça. Os olhos ardendo com as lágrimas contidas.

– Não sei. Mas o fato de me perguntar já é um bom começo.

Maddie emitiu um som de motor de barco contra o pescoço do pai.

Trina ergueu o olhar e sorriu para a menina. Maddie repetiu o som.

– É difícil manter uma conversa séria diante disso, não acha? – Walker perguntou.

Trina soltou uma risada, ainda sentindo a garganta apertada.

– Acho que sim.

O olhar de Walker encontrou o dela.

– Eu a amo. E quero ficar ao seu lado.

Tudo no íntimo de Trina paralisou.

– Como disse? Poderia repetir a parte do amor?

– Eu. Amo. Você.

Ouvir aquelas palavras e reconhecer a veracidade delas naqueles olhos castanho-esverdeados a fez flutuar. O amor de Walker era um desejo secreto que nunca ousara almejar.

– Espero não estar escutando coisas – sussurrou ela, com o peito tão apertado pela emoção que o simples ato da respiração se tornava impossível. – E quanto a Maddie?

– Também amo Maddie – confessou ele. – E acho que estou começando a conquistar o amor da minha filha, porque ela está deixando que eu a segure sem berrar. – Walker fez uma pausa e lhe tocou o rosto com uma das mãos. – E quanto a Carter-Aubrey Katherine? O que ela deseja?

Aquilo era demais para absorver de uma só vez. O problema do divórcio resolvido. O amor de Walker por ela e por Maddie. Poderia ser verdade? Estaria de fato acordada? Um soluço lhe escapou da garganta, e Trina o fitou, horrorizada.

– Desculpe, mas não consigo... – começou, mas se calou quando a voz falhou e os olhos se encheram de lágrimas. – Oh, não! Estou chorando.

– Tudo bem, querida – Walker disse, puxando-a contra o corpo outra vez. Maddie exprimiu uma queixa em um som ininteligível e puxou o cabelo da mãe.

– Não quero chorar – Trina disse, incapaz de controlar o tremor da própria voz. Assim como não podia conter a avalanche de emoções. Era como se uma represa tivesse se rompido dentro dela. As feições perfeitas de Maddie se encontravam contraídas, e um grito choroso lhe escapou da garganta.

Trina soltou uma risada por trás da cortina de lágrimas diante da compaixão da filha. Em seguida, envolveu Maddie e Walker em um abraço.

– Está tudo bem, bolinho de cenoura. Mamãe está tão feliz que não sabe o que fazer. – Trina tentou se recompor. – Apaixonei-me por você, antes de ter me notado. Walker Gordon era o sonho que eu não me permitia ter, porque nunca se realizaria.

Os lábios de Walker capturaram os dela em um beijo repleto de amor e promessas. Quando ele recuou, a fitou nos olhos.

– Precisarei de alguma ajuda com a questão da paternidade.

– Acho que você possui o que é necessário – Trina retrucou, incapaz de conter uma pontada de curiosidade. – Não posso deixar de perguntar se quer repetir isso.

– Isso o quê?

– Ter outro bebê.

– Você quer? – Walker questionou.

– Não de imediato. Talvez, mais tarde.

Walker a encarou por um longo instante, parecendo caçoar de si mesmo.

– Nunca pensei que um dia diria isso, mas quero. E da próxima vez, estarei ao seu lado o tempo todo. Mas antes, quero me casar com você –

dizendo isso, ele a beijou, antes que Trina começasse a chorar outra vez.

TRÊS SEMANAS depois, outro casamento foi realizado. Dessa vez, no pátio dos fundos da mansão de Aubrey. Os noivos olhavam fundo nos olhos um do outro, enquanto recitavam os votos. Ambos haviam esperado uma eternidade para experimentar aquele tipo de amor e a felicidade que sentiam transbordava, inundando o pequeno grupo de convidados.

Após o padre declarar Harry e Aubrey marido e mulher, Trina atirou um beijo na direção da mãe.

– Nunca a vi tão feliz – sussurrou ela ao ouvido de Walker.

– Ainda não consigo acreditar que Harry está se casando. Pelo que sei, ele foge do matrimônio desde antes de eu nascer.

– Eles não ficam lindos juntos? – Trina comentou. – É como se tivesse sido dada aos dois a chance de um recomeço. Harry se livrou até mesmo daquele penteado ridículo.

– E sua mãe abandonou a arrogância – Walker murmurou. – Ao menos, de acordo com tio Harry.

– Sim, eu sei – Trina concordou, com um movimento positivo de cabeça. – Quando lhe perguntei se estava se casando com Harry por interesse financeiro, minha mãe negou e disse que seu tio é um excelente amante. Mais do que eu desejava saber, mas quem sabe? Talvez fosse esse o motivo do mau humor de minha mãe durante todos esses anos?

Walker soltou uma risada abafada, envolvendo-lhe a cintura com um dos braços.

– Por falar em casamentos, quando pretende me tornar um homem honrado?

Naquele momento, a mãe quebrou a tradição e atirou o buquê na direção de Trina, que o segurou com um reflexo.

Ao encontrar os olhos de Walker, sentiu o coração transbordar de felicidade diante do amor que viu refletido neles.

– Sabe de uma coisa? Acho que, enfim, chegou nossa vez.

CONTINUA...